

AUTORA BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

MAGGIE STIEFVATER

Disney · PIXAR

VALENTE

Um sopro de magia

UNIVERSO DOS LIVROS

Disney · PIXAR

VALENTE

Um sopro de magia

Bravely

Copyright © 2022 by Disney Enterprises, Inc. and Pixar

© 2024 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial

Luis Matos

Gerente editorial

Marcia Batista

Assistentes editoriais

Letícia Nakamura

Raquel F. Abranches

Tradução

Gabriela Peres Gomes

Preparação

Bia Bernardi

Revisão

Ricardo Franzin

Aline Graça

Arte

Renato Klisman

Diagramação

Nadine Christine

Ilustração de capa

Charlie Bowater

Design de capa

Margie Peng

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

S874v

Stiefvater, Maggie

Valente : um sopro de magia / Maggie Stiefvater ;
tradução de Gabriela Peres Gomes. — São Paulo :
Universo dos Livros, 2024.

304 p.

e-ISBN 978-65-5609-349-9

Título original: *Bravely*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Gomes,
Gabriela Peres

23-0835

CDD 813.6

Universo dos Livros Editora Ltda.
Avenida Ordem e Progresso, 157 — 8º andar — Conj. 803
CEP 01141-030 — Barra Funda — São Paulo/SP
Telefone: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br

AUTORA BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

MAGGIE STIEFVATER

Disney · PIXAR

VALENTE

Um sopro de magia

São Paulo
2024

Grupo Editorial
UNIVERSO DOS LIVROS

PARA OS ILHÉUS

PRÓLOGO

Esta é uma história sobre dois deuses e uma garota. Aconteceu muito tempo atrás, quando a Escócia mal havia ganhado esse nome, em um castelo chamado DunBroch.

A primeira deusa, Cailleach, era muito antiga. Na verdade, às vezes era chamada de a “Velha Senhora da Escócia”, embora a maioria dos humanos nunca a tenha visto assumir essa forma. Aqueles dotados de Visão sentiam a presença invisível da deusa em tempestades implacáveis, em quedas d’água caudalosas ou até mesmo na neve derretida que pontilhava os campos recém-arados na primavera. Cailleach era a deusa da criação. Fazia as árvores brotarem. A grama germinar. Os bezerros crescerem dentro das vacas. A fruta amadurecer na videira. Era encarregada da antiga função de criar e renovar.

Ah, mas era uma senhora ardilosa.

A velhota contornava as regras, mudava de forma, pregava peças e distorcia a verdade, sempre disposta a fazer de tudo para conseguir o que queria.

O segundo deus, Feradach, era muito jovem. Não que ele não existisse há tanto tempo quanto Cailleach, pois existia, ainda que à sua maneira. Ao contrário de Cailleach, porém, que assumia a mesma forma física sempre que se tornava visível, Feradach adotava uma aparência distinta para cada pessoa. Por isso estava sempre aprendendo coisas novas, uma atrás da outra, entregue a uma espécie de juventude eterna.

Feradach era o deus da ruína. Era encarregado da antiga função de destruir. A seu comando, incêndios devastavam paisagens, pragas assolavam vilarejos e enchentes aniquilavam civilizações.

Feradach destruía o que havia de obsoleto; Cailleach incitava a renovação.

Juntos, os dois mantinham as coisas em equilíbrio.

Infelizmente, porém, eles nem sempre concordavam sobre o que tal *equilíbrio* significava. Na verdade, era Cailleach que nem sempre concordava. O jovem Feradach tinha um senso de justiça inabalável, pois é mais fácil ser justo quando ainda não se foi anuviado pela experiência. Cailleach, por outro lado, era velha o bastante para ter desenvolvido gostos próprios. Vieses. Preferências. Isso significava que, às vezes, mesmo quando a ruína era o melhor caminho, ela queria que *sua* vontade prevalecesse.

E era nessas ocasiões que costumava trapacear. Vinha pregando peças em Feradach havia séculos.

Em determinados anos, conseguia salvar um guerreiro ou uma família ou até mesmo um vilarejo inteiro da ruína de Feradach. Em outros, contudo, não conseguia salvar uma pessoa sequer. Vez ou outra, quando as peças não funcionavam, ela recorria a um milagre, embora não os tivesse de sobra. Cailleach era uma criatura antiga, mas os milagres pertenciam a uma era ainda mais remota, oriundos das profundezas da Escócia que sempre favoreceram a cura e a criação. Anos milagrosos eram uma raridade.

E esta história se passa em um deles.

Tem início em um dia em que DunBroch, encarapitado em cima do lago reluzente, estava particularmente esplêndido. Naquele inverno rigoroso, tudo o que não era verde e vermelho se mostrava em matizes de preto e branco. Águas negras, margens cobertas de areia branca. Estrada escura que desembocava no castelo, samambaias pontilhadas de branco de ambos os lados. Muralhas enegrecidas, ameias revestidas de branco. Uma camada fina de neve polvilhava as reentrâncias do pátio, deixando-as lustrosas como um pãozinho com glacê. Frutinhas vermelhas adornavam os ramos de azevinho e folhas de louro encimavam as soleiras. Velhos estandartes verdes tremulavam com elegância no topo dos torreões.

DunBroch estava tomado pelos preparativos para um casamento natalino. Sim, eles tinham Natal naquela época, e casamentos também, embora não da forma como conhecemos hoje. Não davam muita importância aos aspectos mais relevantes dos casamentos atuais — a noiva e o noivo, a escolha de flores e vestidos, os chás e as despedidas de solteiro, as daminhas de honra e os pajens, o beijo... Em DunBroch, a cerimônia de casamento consistia em uma rápida troca de alianças ou broches diante de um sacerdote e pronto, acabou. Nada de beijo. Nada de romance. Só uma transação meramente formal. Mas a celebração que acontecia em seguida — isso, sim, era digno de nota. Às vezes se estendia por dias a fio. Teatrinhos e mímicas, danças cortesãs, testes de força, joguinhos bobos e, claro, muita comida. Ah, a comida! Aos olhos modernos, pareceria muito mais um banquete do que um casamento.

O Natal de DunBroch, por sua vez, era mais parecido com seu equivalente dos dias atuais. Era mais provável que houvesse javali ou cisne, em vez do tradicional peru natalino, e os jogos de tabuleiro disputados diante da lareira já foram extintos há séculos, mas os enfeites sazonais eram os mesmos. Guirlandas de azevinho e galhos de hera, viscos travessos e canções alegres, doze dias curtos de inverno regados a presentes, doze noites longas regadas a iguarias e vinho aromático. Era o complemento ideal para a folia do banquete de

casamento.

Quem se casaria naquele Natal era Leezie. A tola, jovem e adorável Leezie, que trabalhava no castelo havia tanto tempo que era quase parte da família. A garota adorava rituais e religiões. Os cristãos, os druidas, os judeus, as bruxas, os cistercienses, os rapazes de Cernuno, as moças de Morrigan, os tironensianos, os cluníacos — ela já tinha experimentado de tudo. Pouco antes, tornara-se devota de Minerva, a deusa romana da sabedoria e das artes, e passara semanas tecendo e compondo canções sobre corujas. Foi um período complicado. Por sorte, logo teve a atenção arrebatada pela astrologia e, depois, pelo casamento. Leezie sempre quis um casamento natalino — a combinação perfeita de ritual e religião — e enfim tinha encontrado um rapaz com quem compartilhar aquele dia. As pessoas de DunBroch o chamavam de Repolho.

E embora repolho não seja algo muito empolgante, ao menos é nutritivo. O rapaz daria para o gasto.

Esta história, contudo, não é sobre Leezie. É sobre outra garota de DunBroch.

Ora, existem três DunBrochs: o *castelo* DunBroch, que se ergue vigilante sobre as encostas arborizadas. O *reino* DunBroch, com seus lagos e riachos, suas planícies verdejantes e terras altas pontilhadas de abrigos, seu conglomerado de montanhas grisalhas debruadas por um filete de mar negro. E o *clã* DunBroch: rei Fergus, rainha Elinor, princesa Merida e os príncipes trigêmeos, Hubert, Harris e Hamish.

Esta história diz respeito à princesa Merida.

Merida não era a princesinha educada que você pode estar imaginando; estava mais para um fósforo em chamas, embora fósforos ainda não existissem àquela altura. Cabelos ruivos, olhos argutos, mente ágil. Feita para começar incêndios, mas não para apagá-los. Era especialista no arco e flecha. Por mais de uma década, antes da chegada dos trigêmeos diabólicos, havia sido filha única. Enquanto outras crianças tinham amigos, Merida tinha seu arco. Dedicava-se à arquearia de forma sôfrega, quase automática, sempre que arranjava um tempo livre entre as aulas de bordado, música e leitura agendadas pela mãe. O arco proporcionava uma quietude que ela não conseguia encontrar em nenhum outro lugar. Sempre que se via diante de um problema sem solução, saía para atirar. Sempre que era tomada por um sentimento que não entendia, saía para atirar. Hora após hora, colecionava calos nas pontas dos dedos e hematomas nos antebraços. À noite, quando se punha a sonhar, ainda mirava por entre as árvores e ajustava a flecha aos ventos implacáveis das terras altas.

Nos meses que antecederam o casamento, Merida pegou seu arco e percorreu o reino. Na primavera, acompanhou os aldeões e seus rebanhos até os abrigos temporários nas terras altas. No fim do verão, foi ter aulas de escrita e geografia

com as freiras em Morventon. No outono, viajou com um punhado dos homens de confiança do pai, que haviam jurado mapear as variações no terreno de DunBroch. No inverno, retornou para o casamento de Leezie. Guardou o arco. Encontrou o castelo seguro e inalterado depois de meses e meses de perambulação.

Merida não sabia que Feradach se aproximava, trazendo o desastre a reboque.

Mas Cailleach sabia. Aquela velha deusa astuta.

Ela também sabia que DunBroch tinha feito por merecer a ruína de Feradach. Mas a deusa era velha, enviesada e nutria um certo interesse pelo clã DunBroch.

Então ela trapaceou. Essa é a história.

PARTE UM

INVERNO

CAPÍTULO UM

TRÊS BATIDAS

Merida estava se empanturrando de pãozinhos havia uma hora quando ouviu a primeira batida.

Os pães estavam deliciosos. Recém-saídos do forno. Crocantes por fora, macios e quentinhos por dentro. Depois de devorar todos que estavam um tantinho tortos, passou a se deliciar com aqueles de formato perfeito. Ainda havia centenas de pãozinhos empilhados sobre a mesa rústica da cozinha, superando em muito a quantidade de convidados esperados para o banquete natalino. Os quitutes faziam parte de um ritual bobo de casamento: a ideia era de que Leezie e Repolho tentassem se beijar por cima das iguarias amontoadas. Merida estava lhes fazendo um favor ao diminuir a pilha.

Leezie, prestes a se casar! Nem parecia verdade.

Enquanto mastigava um naco de pão em meio ao breu da meia--noite, Merida usou o pé descalço para traçar seu nome na farinha que revestia o chão de pedra da cozinha. Como era agradável sentir o toque frio na sola e a calidez da lareira acesa no peito do pé. Como era agradável sentir a maciez do miolo contra o céu da boca e o crocante da casca contra a língua. Como era agradável deixar a mente correr solta, como a mãe costumava dizer, livre para imaginar bobagens como o fato de seu nome ao contrário ser Adirem, o que nem era tão ruim assim. Adirem de DunBroch. Seu reflexo, pensou. Sua sombra. Tão pensativa e sombria quanto Merida era ativa e vívida.

Tracejou *DunBroch* na superfície enfarinhada e viu como ficava ao contrário. Hcorbnud não era lá grandes coisas.

Então veio a primeira batida.

Toc-toc-toc.

Merida parou de mastigar.

Ficou de orelha em pé.

Será que era um dos trigêmeos? Hubert bem que parecia estar tramando alguma coisa quando Merida se despediu deles na hora de dormir.

Mas DunBroch estava mergulhado naquele silêncio típico dos castelos. As pedras impediam que a maioria dos ruídos se propagasse e as tapeçarias tratavam

de abafar o que restasse. Todos, com exceção de Merida, já estavam dormindo, sonhando com o casamento de Leezie e a festa natalina que viria depois. Provavelmente a batida não passara de uma lenha estalando na lareira.

Depois de comer mais um pãozinho, dedicou-se a escolher o próximo. Teve que resistir ao impulso de puxar um da base da pilha só para ver tudo desabar no chão — algo que os trigêmeos certamente fariam. Escolheu um perfeitamente redondo, que depois partiu ao meio para admirar as reentrâncias do miolo. Nos últimos meses, Merida tinha comido um bocado de pãezinhos diferentes, mas nenhum se comparava aos de Aileen, a cozinheira da família. A mulher era cabeça-quente, territorial e desbocada, mas ninguém chegava aos pés dela. A mãe de Merida, Elinor, esmerava-se para descobrir tudo o que havia de mais moderno na gastronomia. Sempre que uma nova receita chegava, muitas vezes trazida da França por um pombo ou mensageiro, Aileen passava dias enfurnada na cozinha, testando e ajustando até enfim permitir que algum membro da família real provasse a iguaria. Bem, mas nem todos conseguiam esperar. Não era a primeira vez que Merida se esgueirava para surrupiar um dos quitutes preparados pela cozinheira.

Enquanto comia mais um pãozinho, pôs-se a pensar sobre seu grande retorno para casa naquele mesmo dia. Tinha sido recepcionada com lágrimas e abraços e todo o resto. DunBroch ansiava por ouvir as histórias e as lendas, então a princesa havia se empoleirado sobre uma das mesas do Grande Salão, rodeada por decorações natalinas, e declamado a Balada do Ano de Merida a plenos pulmões. Os trigêmeos, o pai e Leezie tinham aplaudido, exultantes, enquanto a mãe fingia desaprovar.

Ah, lar doce lar! Como era bom estar de volta aos confortos e mordomias de DunBroch: as lareiras crepitantes e as velas numerosas, as comidas livres de vermes e os banheiros privativos, os cobertores livres de pulgas e os quartos luxuosos. Também era maravilhoso ver que algumas coisas nunca mudavam: o aroma herbáceo da cozinha. Os corredores tomados pelo caos e pelos gritos estridentes dos trigêmeos. Os pigarros percussivos do pai em sua poltrona junto à lareira. O beijo de boa-noite na bochecha da mãe enquanto ela escrevia em seu diário.

Toc-toc-toc.

Por acaso era uma segunda batida?

Parecia que sim. Três toques suaves, como ela pensou ter escutado antes.

— Hubert, sei que é você — sussurrou.

Mas não parecia ser Hubert. Será que vinha da porta? O portão do castelo ficava trancado durante a noite, então ninguém teria conseguido adentrar o pátio. Além do mais, a civilização mais próxima era o pequeno vilarejo de casinhas de

pedra, que ficava a quase meia hora de caminhada mesmo quando a estrada não estava coberta de neve como naquela véspera de Natal.

Merida esperou. Tentou ouvir. Não havia nada. Mordiscou outro naco de pão.

A estranha inquietação que a fizera sair da cama ameaçava voltar à tona.

O que significava?

Não deveria estar se sentindo ótima? Amava a família. Amava seu lar. Nem havia palavras suficientes para expressar tanto amor. Era maravilhoso estar de volta, encontrar o castelo quase idêntico a como o havia deixado.

Em seu quarto na torre, porém, não conseguira pregar os olhos, banhada pelo luar frio que se esgueirava pela tapeçaria da janela. Desejou desesperadamente que não estivesse escuro, pois assim poderia correr para o campo e atirar com o arco até que seu corpo e mente estivessem na mais absoluta calma. Em vez disso, limitara-se a ficar inquieta, se coçando para sair em uma jornada repleta de aventuras.

Exatamente o que havia sentido meses antes, na véspera de sua viagem.

Mas ela já *havia* partido em uma aventura. Algo deveria ter mudado. Ela deveria ter mudado.

Então veio a terceira batida.

Toc-toc-toc.

Com certeza não era o crepitar de uma lareira. O som vinha da porta. Não a principal, mas a feiosinha nos fundos da cozinha, por onde chegavam as entregas, pois assim as carriolas não estragavam a grama do pátio. Mas quem estaria lá fora em uma noite daquelas?

De súbito, Merida foi invadida pelo pensamento horrível de que talvez *fosse* um dos trigêmeos, preso do lado de fora por horas a fio, tão fraco que só conseguira dar aquela batidinha débil. Levantou-se de um salto e atravessou a cozinha, depois girou a enorme chave na fechadura e abriu a porta pesada.

O pátio estava mais claro do que ela imaginava. Por mais que estivesse escondida atrás do castelo, a grande lua fazia a neve cintilar como se estivessem em plena luz do dia. O ar frio esgueirou-se pela cozinha e a envolveu, trazendo consigo o cheiro de madeira queimada. As estrelas brilhavam tanto que pareciam quase úmidas.

Não havia ninguém na soleira. Não havia sequer pegadas na neve. Mas Merida sabia que as batidas não tinham sido apenas fruto de sua imaginação.

Um formigamento muito peculiar começou a ferver em seu interior. Ela percebeu que, durante todo aquele tempo, a sensação estivera escondida entre suas outras inquietações, mas só naquele momento se tornara grande o bastante para que conseguisse reconhecer seu timbre inconfundível. Era como o brilho úmido e intenso das estrelas do céu, mas bem no fundo do peito.

Magia, parecia sussurrar. *A magia se aproxima.*

Fazia muito tempo que não sentia aquele chamado. E foi então que Merida o viu.

Ao lado da parede do castelo, imerso na sombra azulada, havia um ser encurvado, embora não pudesse ter sido o responsável pelas batidas — não havia pegadas no trecho que o separava da porta. A figura se deteve enquanto tirava uma das luvas e permaneceu absolutamente imóvel na esperança de não ser vista.

Não era um visitante. Era um invasor.

— Ei! — gritou Merida. — Estou *vendo* você aí!

A figura não se mexeu.

Por mais que preferisse seu arco e flecha, Merida teve que se contentar com o que tinha à mão: um pãozinho. Com uma pontaria perfeita, acertou em cheio a cabeça do intruso.

— *Ei!* — tornou a gritar. — Identifique-se, estranho!

Ele virou a cabeça. Merida não conseguia ler sua expressão, pois as sombras ocultavam-lhe o rosto.

Procurou algo para servir de arma; a melhor opção era uma pá de lareira. Depois, cruzou o pátio a passos largos.

— Eu disse para se identificar!

A voz do estranho estava carregada de desdém.

— Você não pode me machucar... *Ai!*

Merida o golpeará bem atrás dos joelhos, um truque que não tinha aprendido nos treinos de combate, e sim com seu irmãozinho endemoniado Hubert. O garoto passara semanas escondido debaixo da mesa do Grande Salão aperfeiçoando a técnica em Merida ou em qualquer outra pessoa tola o bastante para se aproximar.

Mas era igualmente eficaz em estranhos misteriosos. O intruso caiu de joelhos, e as mãos enluvadas afundaram na neve. Ele lançou um olhar surpreso para Merida.

— Você não pode me impedir — disse a ela.

Não era a resposta esperada.

— Impedi-lo de fazer o *quê?*

Mas ele simplesmente saiu em disparada.

Em DunBroch, Merida era conhecida por ser cabeça-quente. Ela não achava isso justo, e tinha certeza de que só tinha essa fama por ser menina, já que seus três irmãos eram muito mais propensos a perder a cabeça e nunca tinham sido chamados de coisa parecida. A seu ver, ela era apenas perspicaz. Não demorava muito tempo para reagir. Claro, às vezes essa reação vinha na forma de uma

resposta um tanto ríspida, mas era quase sempre merecida. Por exemplo, às vezes o jeito certo de lidar com um invasor noturno era acertar seus joelhos com a pá da lareira e depois correr atrás dele.

Ouviu, bem lá no fundo, uma vozinha que parecia muito com a de sua mãe dizendo: *Merida, princesas não saem descalças para perseguir estranhos na calada da noite!*

Merida estreitou os olhos.

E deu início à perseguição.

CAPÍTULO DOIS

O CORVO NEGRO

Merida percebeu logo de cara que aquela não seria uma perseguição comum.

Primeiro se viu correr atrás de um homem coberto por um manto tremulante.

Depois, corria atrás de um cervo.

Ou alguma criatura semelhante a um cervo, grande como um, seus flancos prateados à luz das estrelas conforme saltitava pela folhagem e se embrenhava pela floresta revestida de neve.

Não, pensou, devia ser um engano. Com certeza era uma raposa. Viu a cauda cinzenta se agitar em meio à paisagem em preto e branco.

Um lobo, orelhas em riste ao saltar sobre um riacho.

Uma lebre comprida e esguia, incrivelmente ágil.

Um arminho sinuoso, com os dentes cintilando ao luar.

Um coelho rechonchudo se esgueirando nas moitas.

Ah, pensou Merida. É mesmo magia.

Na Escócia, a magia e os gatos-selvagens tinham algo em comum: ambos eram raríssimos, e, a menos que se estivesse atento, era possível passar a vida inteira sem se deparar com nenhum deles. A maioria das pessoas dava tão pouca importância à magia (e aos gatos-selvagens) quanto aos pássaros canoros ou a frutas de formato engraçado, pois coisas mais urgentes demandavam sua atenção. Algumas sequer acreditavam em magia (ou em gatos-selvagens).

Mas Merida acreditava. Tinha que acreditar. Alguns anos antes, ouvira o chamado da magia e se deixara levar por ela. Com isso viera uma enxurrada de problemas e muitos aprendizados. Acabou dando tudo certo, mas ela aprendeu que havia um bom motivo para a divisão entre o mundo dos humanos e o da magia. Seguiam regras diferentes. A mãe lhe dissera que existiam dois tipos de pessoas com a Visão: as que se interessavam por magia e as por quem a magia se interessava. Depois daquela experiência, Merida percebeu que definitivamente não se enquadrava no primeiro grupo.

E, no entanto, lá estava ela outra vez, perseguindo a magia floresta adentro.

Poderia dar meia-volta?

Você não pode me impedir, dissera o intruso.

Ela precisava descobrir o que o homem estava fazendo no pátio do castelo na calada da noite.

Mas estava óbvio que jamais o alcançaria em uma perseguição, então pôs-se a pensar em formas de capturá-lo. O reino DunBroch era *dela*. Merida conhecia as várzeas pantanosas e as súbitas elevações de terreno. Sabia onde as pedras cobertas de musgo se tornavam intransponíveis e onde as árvores se estreitavam tanto que era impossível avançar com rapidez. Conhecia o caminho para um riacho de margens traiçoeiras, onde a água corria tão depressa que entalhava o solo em uma ribanceira íngreme e implacável. Intransponível.

Uma boa armadilha.

Os dois avançaram e se angularam, circundando-se e flanqueando-se. Sua presa cintilante acreditava estar sendo perseguida. Mas na verdade Merida a conduzia. O intruso fugiu pelo campo que desembocava no riacho, e já não era sem tempo, pois os pulmões dela doíam com o ar frio e os pés latejavam de tanto correr no terreno acidentado.

Ela se deteve, apoiou a mão na lateral do corpo e se pôs a observar o estranho, que assumira uma forma canina e saltitava pelo campo. O coração martelava em seus ouvidos, de modo que ela mal conseguia escutar a correnteza de águas frias logo adiante — e estava quase certa de que o farfalhar da grama seca também impedia que o intruso a escutasse.

Dito e feito: o riacho pegou o estranho de surpresa.

Ele escorregou, escorregou, escorregou, as pernas girando pelos ares, e de repente parou. Bem a tempo, quase na beira.

Lentamente, virou-se para encará-la.

Já não era mais um cervo nem uma raposa, nem lebre nem coelho, nem arminho nem lobo. Era um jovem formoso com uma cabeleira loira como a de um pônei selvagem. Seu manto pesado, salpicado de neve, estava preso por um broche entalhado com uma árvore cheia de galhos e raízes. Não havia arma à vista.

— Você... você não tem para onde fugir — declarou Merida, sem fôlego.

Ainda estava ofegante demais para soar autoritária, mas balançou a pá da lareira em uma espécie de ameaça.

— Já vi duas vacas se afogarem neste riacho e nem estavam usando um manto para arrastá-las para o fundo. Agora, me diga: quem é você?

O olhar do estranho recaiu sobre os pés descalços de Merida, vermelhos por causa do frio, depois fitou a arma improvisada que ela trazia em mãos.

— Não sou uma coisa contra a qual você possa lutar — declarou ele. — Por que acha que conseguiria?

— O que você estava fazendo no pátio do castelo? — revidou a garota.

- Como você sabia que eu estava lá?
- Você bateu na porta!
- Como é? Eu não fiz isso.
- Bem, alguém bateu!
- Não fui eu!
- Por que você correu de mim?
- Por que você correu *atrás* de mim?
- Ora, achei que você tivesse batido na porta!
- Eu jamais faria isso! Não era para você ver meu trabalho em ação.
- Que trabalho?

Ele não respondeu.

Com um golpe estrondoso contra a rocha gélida, Merida arrancou a cabeça da pá, deixando a ponta de metal pontiaguda à mostra. Em seguida, apontou-a na direção do estranho. Não como uma espada, mas como uma flecha sem arco, repuxada para trás e apoiada em seu ombro, pronta para ser disparada em cheio no olho do alvo.

— Exijo que me diga o que estava fazendo em DunBroch.

O estranho meneou a cabeça como se espanasse teias de aranha.

— Não. De jeito nenhum, isso não passa de uma distração. É apenas um truque — declarou, embora não parecesse estar falando com ela. — Prometi a mim mesmo que seria mais sábio.

Com um movimento ágil, saltou sobre a ribanceira e despencou no riacho.

Simple assim, sem um pinga de hesitação. A verdade era que não tinha caído na armadilha; detivera-se ali por mera... curiosidade? Mas, de repente, já não estava mais lá.

Talvez Merida devesse apenas voltar para casa.

Talvez estivesse tudo bem.

Mas a batida na porta, pensou ela.

Não tinha sido obra do estranho, pelo que dissera, e ela não conseguia imaginar por que alguém mentiria sobre isso. Mas se não tinha sido ele, então quem seria o responsável? Alguém que queria que ela o visse lá fora, que o pegasse no flagra enquanto fazia... o quê? *Você não pode me impedir*, dissera ele. Ela precisava descobrir. Não tinha jeito.

Então, Merida pulou atrás dele.

Foi loucura, é claro. O riacho, implacável no inverno, parecia disposto a devorar pontes. E, a julgar pela quantidade de detritos na água, o mais provável era que já o tivesse feito. Merida avançou em um nado trôpego. Bateu nas rochas. Trombou nos galhos. A correnteza levou a pá da lareira para viver aventuras em outro lugar.

— Não vou deixar você se safar! — gritou ela para o estranho, a boca se enchendo de água fria, sem saber se ele conseguiria ouvir.

Talvez ele tivesse se transformado em um peixe. De repente, ela ralou o joelho em uma pedra.

— Vamos lá, desista e responda às minhas perguntas agora mesmo!

No instante seguinte, Merida estava *voando*.

Ela caiu...

caiu...

caiu...

Em pleno voo, percebeu que despencava de uma cachoeira. Mas conhecia aquela queda d'água! Já a tinha visto muitas vezes e, à luz do dia, sempre parecera diminuta, peculiar e pitoresca. Naquele momento, porém, não parecia nenhuma dessas coisas. Passou alguns segundos em queda livre, depois atingiu a superfície da água rasa que se empoçava na base da cachoeira e bateu o ombro nos cascalhos que revestiam o leito. A corrente não tinha tanta força por ali, mas era suficiente para arrastá-la sem cerimônia até a margem. A água a deixou com uma sensação arenosa na boca. Estalactites pareciam ter perfurado seus pulmões. Os braços e as pernas estavam dormentes de frio.

Ouviu alguém se aproximar, os juncos estalando a cada passo. O estranho estava a centímetros de distância, o olhar fixo onde Merida jazia, de bruços, sem qualquer resquício da dignidade esperada de uma princesa.

— Logo quando achei que estava começando a entender os mortais... O que você pensa que está fazendo?

Mortais! Foi um choque ouvir isso, embora a perseguição tivesse deixado claro que ele não era um humano comum.

Merida umedeceu os lábios congelados, buscando aquecê-los o suficiente para conseguir falar. A voz saiu fina como gelo quando enfim disse:

— Exijo uma resposta. *Peguei* você.

— Não pegou, não. — Foi a resposta.

Merida estendeu a mão para agarrar-lhe o tornozelo, mas o estranho se esquivou.

Não com o gesto calculado de alguém evitando a captura, mas o salto involuntário para se proteger do bote de uma víbora.

— Acho que você não ia gostar nada disso, princesa — declarou, inflexível.

Princesa! Foi tão chocante quanto ser chamada de *mortal*.

— Por que não? — Quis saber ela.

Levantou-se mais devagar do que gostaria. A dormência ainda não se dissipara de seus pés descalços, que tinham adquirido uma cor preocupante.

— Ou essa é mais uma pergunta para a qual você não tem resposta? Por acaso

só sabe fugir?

— Como você sabe que quer essas respostas? — retrucou ele. — Como sabe que quer sua presa? Por acaso só sabe perseguir?

— Mais perguntas? E, ainda assim, nenhuma resposta — rebateu Merida.

Enquanto falava, porém, pensou que talvez ele *não pudesse* responder. A magia tinha dessas coisas, de acordo com o que aprendera com algumas das mulheres que tinha conhecido nos abrigos das terras altas. À noite, quando se reuniam ao redor da fogueira, tinham-lhe contado muitas histórias inacreditáveis sobre as criaturas feéricas e entidades misteriosas que rondavam o reino.

Nessas lendas, as criaturas mágicas, em especial as que tinham forma humana, quase nunca podiam ultrapassar certos limites. Podiam falar, mas apenas o que já tinham ouvido da boca dos humanos, ou então eram de uma beleza sufocante, exceto por um rabicho feio de rato, ou não podiam encostar na água ou sair ao sol para não virarem pó. Assumir a forma humana sempre trazia consequências. Talvez a magia impedisse o estranho de confessar suas reais intenções. Ou talvez não tivesse nenhuma.

— Talvez você não passe de um bogle travesso — comentou Merida, pensativa.

— Você acha que sou um *bogle*? — devolveu ele, incrédulo.

— Ou uma púca — sugeriu.

— Uma *púca*?

Ela percebeu que tinha pegado bem no calo do estranho, então continuou.

— Um brag, um shellycoat.

Já estava esgotando seu arsenal de criaturas que costumavam assumir a forma humana. Sentiu que os dentes começavam a ranger.

— Um... um... hobgoblin.

Ele crispou os lábios.

— Você quer uma resposta. Aqui está.

Em seguida, o estranho mostrou-lhe as mãos, deixando-a perplexa. Estavam cobertas por luvas primorosas, finas e maleáveis como uma segunda pele, revestidas por uma costura carmesim.

Começou a tirar uma delas. Devagar. Dramaticamente. Merida lembrou-se de que, quando o vira pela primeira vez, ele tentava tirar as luvas.

— Não desvie o olhar, princesa — ordenou.

Com a mão descoberta, o homem agarrou o tronco esguio de uma arvorezinha ao lado. A pele colou-se à madeira, os dedos logo ficaram rosados com o frio cortante. Ele apertou com força.

Merida mal teve tempo de pensar *Espere aí, talvez eu não queira mesmo essa resposta*, quando sentiu uma forte rajada de vento.

Soprava na direção da arvorezinha.

O solo foi coberto por uma camada afiada de geada, quase como ervas daninhas desprovidas de cor. A neve não costumava se formar assim tão rápido, mas em um piscar de olhos já tinha se espalhado ao redor da árvore. O gelo se esgueirou pela madeira tenra. E, o pior de tudo, uma sensação de puro pavor os cercava.

Magia, magia, magia.

A árvore começou a morrer.

À medida que cada resquício de vida se esvaía dela, a casca ficou opaca, depois secou e, por fim, perdeu a cor. As extremidades dos galhos pareciam ter se retraído.

Merida sabia que bastaria encostar no tronco esguio para que tudo desabasse.

A árvore estava morta.

A geada desapareceu. A rajada de vento amainou. O pavor permaneceu.

O estranho tornou a calçar a luva, sem tirar os olhos de Merida por um segundo sequer.

Magia, magia, magia.

Essa não, pensou, sem nem saber por quê. Lutou contra os calafrios. Não queria demonstrar medo, embora o sentisse. *Essa não, essa não*.

O estranho se empertigou. Não havia um fiapo de espanto na voz quando enfim disse:

— Não sou um bogle, nem um hobgoblin, nem uma púca, nem um brag. Meu nome é Feradach e vim trazer a ruína a DunBroch. Venho atrás da podridão e a expurgo para que o mundo possa ter um recomeço. Trago a ruína a tudo que está estagnado e abro caminho para o crescimento. Dizimo o solo e os ossos até que virem terra fresca para que Cailleach possa trazer a renovação. Consegue entender?

Ao mesmo tempo, Merida entendia e não entendia. Uma parte dela, a que conhecia o estranho formigamento da magia, parecia entender muito bem. Para seu lado humano comum, contudo, aquilo era difícil de engolir. Fazia anos que ninguém ameaçava DunBroch. O perigo era algo que a esperava ao final de uma jornada, mas não vinha bater à sua porta.

— DunBroch foi tomado pela podridão — declarou Feradach.

— Você está... você está enganado.

Feradach apontou por sobre o ombro. De onde estavam, mal dava para divisar DunBroch ao longe, uma silhueta recortada no afloramento rochoso. A noite e a distância encobriam os detalhes mais refinados, de modo que só se viam os estandartes esfarrapados, os telhados vergados e as ameias decadentes. Ela viu o castelo pelos olhos de um estranho. Pelos olhos de Feradach. Já parecia mesmo

arruinado.

— Ah, mas não é assim de verdade — protestou Merida, inquieta. — Só precisa de uns reparos, nada mais. Papai bem disse que pretendia dar um jeito naqueles telhados assim que o clima esquentasse, e mamãe vai costurar os estandartes na época de chuvas, quando não pudermos mais nos dedicar ao plantio do lado de fora. E, de todo modo, é só uma construção. Tem as pessoas... Bem, os trigêmeos estão crescendo feito cavalos. Leezie vai se casar. São baitas mudanças.

— Mudar não tem a ver com ficar mais alto ou consertar o telhado. A mudança acontece dentro do coração, no jeito de pensar, de lidar com o mundo. E, se houvesse alguma dessas coisas em DunBroch, eu não teria sido chamado. A mariposa busca a luz, a águia-pescadora busca o rio, o salmão busca o lugar onde nasceu. Todos eles têm sua própria natureza, assim como tenho a minha.

— Você está enganado — repetiu Merida.

— Eu não me engano — retrucou ele, acrescentando com desdém: — E, aliás, olhe só para você.

— O que tem *eu*?

— Você é filha de reis, filha de rainhas. Acha que foi feita para isso e nada mais?

— Passei os últimos meses fazendo uma porção de coisas! — gaguejou ela em resposta. — Você não faz ideia...

— Acompanhou os agricultores até os abrigos nas terras altas. Leu com as irmãs em Morventon. Viajou com os cartógrafos — disse Feradach. Seu tom era paciente. — Sim, estou a par de tudo isso. E por acaso está diferente de como costumava ser? Antes de partir, você era a pessoa disposta a fazer essas coisas. Agora que retornou, é a pessoa que as fez. Que faria tudo de novo. Que marca isso deixou no seu coração ou no mundo? Você passou a vida aprendendo novas habilidades e andando a cavalo de um lado ao outro.

Ele encolheu os ombros antes de continuar:

— Algumas tempestades, por mais estrondosas que pareçam, não movem moinhos.

Merida abriu a boca. Depois a fechou. Nunca tinham lhe dito algo assim antes. Na verdade, as pessoas viviam dizendo o *contrário*, que ela avançava rápido demais, exigia muitas mudanças.

— Este reino passou muito tempo entregue ao torpor — declarou Feradach. — Está na hora de dar chance a uma nova geração. Agora que cheguei, nada pode me deter.

Os dois fitaram a árvore morta que jazia no solo. Merida queria negar tudo aquilo, mas não era verdade que estivera pensando a mesma coisa? Que se sentia

idêntica a como estivera antes de partir?

Pense, Merida, pense. Use a cabeça.

Em DunBroch, havia um jogo de tabuleiro chamado *Brandubh* (era divertido dizer o nome em voz alta. Merida pronunciava o “a” como em “bola”, o “u” alongado como em um uivo, e o “bh” como um “v” — todos juntos, quase rimando com “pond-oove”). O objetivo do jogo era assumir o controle da torre para libertar os prisioneiros. Normalmente, isso era feito com a ajuda dos soldadinhos, mas às vezes era possível seguir com a estratégia arriscada de tentar cair nas graças do Corvo Negro, o *Brandubh*, uma peça que seguia suas próprias regras. Não era uma tarefa fácil, mas assim que ele entrava no tabuleiro, só restava desejar boa sorte ao outro jogador.

O conjunto que havia no castelo já tinha sido esplêndido no passado: peças de soldadinhos atarracados agradáveis ao toque, um *Brandubh* esculpido em ágata com matizes impressionantes de marrom e púrpura, uma placa de ardósia lisa com entalhes intrincados detalhando as instruções do jogo. Certa vez, Elinor contou a Merida que tinham ganhado aquele conjunto de um reino vizinho, e parecia mesmo o tipo de presente que as pessoas guardariam em uma prateleira alta para não sofrer um só arranhão. Mas ninguém fez isso, de modo que o conjunto *passou* por maus bocados — em um ato de rebeldia, um dos trigêmeos fizera uma intervenção artística com tintas e cinzéis (Merida suspeitava de que fosse obra de Hubert; era o único corajoso a esse ponto). Ainda dava para jogar, desde que a pessoa soubesse as regras de cor, e Merida sabia.

Passara um bom tempo com um desempenho lastimável no jogo. Mas então, de uma hora para outra, percebeu que era melhor libertar o Corvo Negro em vez de tentar vencer do jeito normal. A cada partida, sentia um leve formigamento quando estava prestes a arrebatar o *Brandubh*. Depois disso, começou a ganhar todas as vezes, até que a família a proibiu terminantemente de jogar — o que lhe parecia muito injusto.

Brandubh, Brandubh.

De pé na beira do regato, com os olhos fixos naquele deus duvidoso, Merida sentiu o mesmo formigamento que sempre a invadia quando estava prestes a convocar o *Brandubh*. Conhecia as regras do jogo. Feradach, uma criatura sinistra e poderosa. Ela, uma mera mortal. Sabia que já deveria ter sido ludibriada a essa altura, convencida a retornar para o castelo e aguardar a morte.

Mas alguma coisa batera na porta e a conduzira até ali, e não tinha sido Feradach. O deus deveria matá-la, mas ela continuava ali. O equilíbrio entre renovação e ruína tinha sido interrompido, e ele não iria embora até que isso fosse restaurado. Os dados tinham sido lançados.

Pense, Merida, pense. O que é o Corvo Negro neste jogo?

E então ela percebeu.

— Por que se esquivou de mim tão rápido agora há pouco? Foi porque achou que eu morreria ao seu toque, não foi?

Ela deu um passo audacioso na direção dele, a mão fria estendida.

— Então, se tenho mesmo que morrer, por que não acabou logo com isso naquele momento? Por que não faz isso agora?

Feradach tropeçou em sua pressa de fugir de seu toque.

— Não é... Não é assim que deve ser.

— E aquela árvore? — quis saber Merida.

— A árvore?

— É, você matou aquela arvorezinha só para provar que tinha razão. Por acaso tem permissão para sair por aí matando coisas a torto e a direito? Era assim que “deveria” ser?

Percebeu, ao ver a expressão atormentada do deus, que estava no caminho certo.

— Você também alterou o equilíbrio das coisas — continuou. — Então talvez possa fazer algo positivo para compensar.

— Você não pode me pedir para poupar todo o reino de DunBroch por causa daquela arvorezinha — rebateu Feradach. — Isso não é equilíbrio.

— Não, eu não estou pedindo para nos poupar — esclareceu Merida. — Estou pedindo um trato.

— Não faço tratos. O equilíbrio...

Mas antes que ele pudesse concluir a frase, a cachoeira e o regato começaram a mudar de forma.

CAPÍTULO TRÊS

O TRATO

Durante o dia, o lugar era dotado de uma beleza incomum, os regatos cintilando em azul-esverdeado como joias. À noite, eram encobertos por um véu escuro, sereno e misterioso, quase indistintos na paisagem escurecida.

Depois que Merida mencionou o trato, contudo, a água começou a brilhar, como se suas palavras houvessem sido outra pergunta e aquela fosse a resposta. Orbes de luz azulada despontaram na superfície, como se os regatos fossem muito mais profundos do que pareciam. Fogo-fátuo, pensou ela, aquelas luzes misteriosas que atraíam os viajantes para um milagre ou para a perdição. Já tinha se esquecido de como não pareciam reais. De como eram diferentes das chamas das velas ou dos raios de sol.

Magia, magia, magia.

O céu escuro e límpido também começava a se transformar. Um feixe esverdeado serpenteava entre as estrelas como fogo frio. *Na Fir-Chlis!* Os dançarinos celestes! Era assim que chamavam aquele fenômeno em DunBroch. Merida já o tinha presenciado antes, em feixes verdes e roxos, mas nunca tão de perto. O rastro brilhante parecia baixo o suficiente para ser alcançado por um pássaro.

Um lamento baixo e melódico começou a soar, como o vento soprando por entre as rochas. Uivou e sibilou, vindo de cima e de baixo, como se o céu e o rio cantassem em uníssono.

De repente, uma sensação etérea tomou conta do lugar.

E, no momento seguinte, Feradach e Merida já não estavam mais sozinhos.

Havia uma velha parada na margem oposta. Era encurvada como uma árvore antiga, tortuosa como as grandes pedras ao seu redor. Os cabelos, brancos como a neve, estavam emaranhados e dispostos em formatos estranhos. Apoiava-se em um cajado escuro, retorcido como um galho chamuscado pelo fogo. Tinha apenas um olho, tingido com o mesmo redemoinho preto e esverdeado do céu acima.

Merida sentiu o estômago revirar. Podia muito bem ter confundido Feradach com um mero bicho-papão ou goblin, mas era impossível confundir a figura que

assomava à sua frente.

Todas as crianças de DunBroch conheciam as histórias. Seu sopro dava nome aos ventos implacáveis do inverno. Sua aparência encarquilhada, seu cajado enegrecido e seu olho estrelado e multicolorido estampavam uma das tapeçarias dependuradas no Grande Salão de DunBroch. Aquela que trazia a chuva, a vida, a justiça.

— Cailleach — sussurrou Merida, rangendo os dentes.

Mal conseguia se manter de pé, tamanha a perplexidade. A deusa do inverno. A deusa da *Escócia*. Jamais imaginara que se depararia com uma magia de tal magnitude. Ninguém na Escócia já tinha se deparado com algo assim.

Feradach, no entanto, parecia bastante incomodado.

— Ah, era só o que me faltava.

Feradach, disse Cailleach, isso é jeito de me cumprimentar?

A voz da deusa ainda soava como os sibilos melódiosos que prenunciaram a sua chegada. Era um som elementar, selvagem, nada parecido com a voz de Feradach.

— Já devia imaginar que tinha dedo seu nessa história — queixou-se ele, soando particularmente humano. — A batida. Foi você.

Você sabe que esta família me interessa.

— Não vou cair em nenhum truque — declarou Feradach.

É claro que não, respondeu Cailleach, com um quê de divertimento em sua voz. *Merida de DunBroch, vejo que você ficou fora até tarde esta noite.*

Merida não sabia como responder. Já fazia uns bons vinte anos que a mãe vinha tentando lhe ensinar bons modos, mas a presença da deusa não parecia aprimorar seus instintos.

— Fe-fe-feliz Na-na-natal? — arriscou, rangendo os dentes.

Sou de uma época que antecede o Natal, respondeu Cailleach, ainda que parecendo se dar por satisfeita. Em seguida, ergueu o cajado na direção de Merida, que achou que aquilo não passava de uma saudação. De repente, porém, percebeu que um calor agradável inundava todo o seu corpo. Mais magia! A rajada sobrenatural secou seus cabelos e vestido encharcados. Os pés e o nariz, antes dormentes, ficaram quentinhos e adquiriram um saudável tom de rosa. Até mesmo seus pensamentos pareceram descongelar; não tinha se dado conta do caos que os arrebatara.

Graças a isso, finalmente se lembrou de fazer uma reverência.

— Obrigada.

Feradach, o que você faz aqui esta noite?

— Você deve saber que eles fizeram por merecer minha presença, Velha Senhora — respondeu Feradach, ainda contrariado. — É necessário para manter

o equilíbrio.

Equilíbrio! Vai mesmo falar de equilíbrio? Então deve saber que, ao destruir aquela árvore sem propósito, você fez por merecer minha presença, Jovem Rapaz. Que trato é esse que você propõe, Merida de DunBroch?

— Escolha bem suas palavras — sussurrou Feradach para Merida. — Ela vai dar um jeito de distorcer tudo, se puder. É uma velha astuta.

Merida bufou.

— Você queria me matar agorinha mesmo! De repente resolveu me dar conselhos?

— Eu não *queria* matar você — retrucou ele, com rigidez. — É o meu dever.

— *Meu dever* era ser uma jovem dócil e me casar e dar muitos príncipezinhos para o meu marido, mas não fiz nada disso!

— E agora olhe só onde você veio parar!

Merida perspicaz se transformou em Merida cabeça-quente em um piscar de olhos.

— Por acaso está sugerindo que, se eu tivesse me casado, você não estaria aqui?

— Não foi isso que eu quis dizer...

— Pois foi o que pareceu!

— Se você tivesse ponderado um pouco mais sobre as outras opções, talvez...

— começou Feradach, mas Merida logo o cortou.

— Você não parecia disposto a cogitar outras possibilidades...

Silêncio!

Toda a superfície da água cintilou perante o comando de Cailleach.

Proponha seu trato, Merida de DunBroch.

Por mais que não quisesse seguir o conselho de Feradach, Merida sabia que quase tinha metido os pés pelas mãos em seu último trato mágico. Na época, não tinha parado para pensar em como suas palavras e desejos poderiam se voltar contra ela mesma. Do que realmente precisava?

— Tempo — declarou. — É tudo o que peço. Posso fazê-los mudar. Quero uma chance de restaurar o equilíbrio antes de sermos condenados à ruína.

— Eles já tiveram muitos anos — interrompeu Feradach. — Fazem de tudo para não acompanhar as mudanças do mundo que os cerca. Faça chuva ou faça sol, a essência deles permanece inalterada. Não usam a experiência para crescer como pessoas. Por isso, eles devem ser destruídos. Eles...

— Você já deixou sua posição em relação a isso muito clara — retrucou Merida.

A voz de Cailleach pôs fim à discussão.

Por direito, Feradach poderia destruir o clã DunBroch esta noite, mas

Merida talvez não esteja errada. Estou disposta a permitir um trato.

— Nunca fiz algo do tipo — argumentou Feradach. Depois de um momento de reflexão, reformulou: — Nunca houve necessidade de um trato.

Então talvez esteja na hora de mudar, sugeriu Cailleach. O trato vai acontecer da seguinte forma: Merida vai tentar provar seu ponto, de que a mudança não requer ruína. Feradach vai tentar provar o dele, de que a ruína é necessária.

— E quem vai decidir? — Quis saber Feradach. — Você?

Não vou tolerar sua insolência, Jovem Rapaz.

Feradach fez uma reverência.

Durante o trato, Feradach deve mostrar a Merida como traz a ruína em prol da mudança. Merida, por sua vez, deve mostrar a ele como traz a mudança para evitar a ruína. Ao final do trato, vou decidir quem se saiu vitorioso e a natureza se encarregará de fazer o resto. Vocês só podem mencionar o trato um para o outro, e para mais ninguém.

Merida e Feradach mal se olharam, mas era óbvio que nenhum dos dois pretendia passar muito tempo conversando.

— Quanto tempo tenho? — perguntou Merida.

Um ano.

Um ano! Dava para mudar o *mundo inteiro* em um ano, que dirá uma família.

— Ah, muito obrigada.

Não me agradeça tão cedo. Se quiser vencer o trato, cada membro da sua família deve passar por uma mudança. Elinor, Fergus, Harris, Hamish, Hubert e até mesmo Leezie Muireall. Tudo ou nada.

Feradach deixou escapar um som cacarejante e Merida achou que ele pretendia se opor, mas o deus limitou-se a acrescentar:

— E chega de trapaças. Chega de batidas à porta.

Mas isso não foi dirigido a Merida, e sim a Cailleach. Parecia uma resposta um tanto insolente, mas a deusa do inverno adquiriu um ar ligeiramente culpado.

Não vou trapacear. Você aceita esse trato?

— Aceito — respondeu Merida de pronto.

Feradach não parecia nada contente, mas também se pronunciou:

— Se é isso que devo fazer, então aceito.

Um pouquinho de mudança bem que lhe viria a calhar, comentou Cailleach, mais uma vez com um quê de divertimento na voz. *Agora...*

Ela ergueu o cajado, apontando-o na direção da luz verde que serpenteava entre as estrelas. O olho multicolorido cintilou e reluziu com a mesma intensidade.

A magia começou a se mover uma vez mais.

O pavor se dissipou do coração de Merida. Os orbes tornaram a submergir no regato. A luz que serpenteava entre as estrelas se esvaiu.

Feradach suspirou e deu as costas a Merida e a DunBroch.

Os lábios murchos de Cailleach se curvaram em um sorriso astuto e, no momento seguinte, a deusa começou a desaparecer bem diante dos olhos de Merida, como as estrelas que desvanecem com a chegada da aurora. Pouco antes de os dois deuses sumirem por completo, Merida ouviu a declaração de Cailleach:

Então o trato está feito.

CAPÍTULO QUATRO

CARRAPICHO

No dia de Natal, Merida foi acordada por uma alcateia de lobos. Natal! Parecia absurdo que a celebração chegasse como se nada tivesse acontecido, como se Merida não tivesse passado a noite anterior dialogando com duas entidades sobrenaturais. Ainda mais absurdo que começasse como todos os anos, com alguma peça ridícula pregada pelos trigêmeos assim que o dia raiasse.

Lobos!

Não eram lobos de verdade, é claro. Assim que despertou por completo, ela percebeu que não passavam de cachorros. Uma baita matilha, todos ávidos para pular no seu colo e a encher de lambidas. Os três cães de caça preferidos do pai dela tinham permissão para ficar dentro do castelo, assim como os dois favoritos da mãe. Havia ainda uma sexta cadela, mas esta não parecia ser a preferida de ninguém, pois tudo o que fazia era vomitar e, em seguida, se empanturrar com o próprio vômito. Merida nunca chegou a entender por que permitiam que frequentasse o interior do castelo, mas tanto a mãe quanto o pai insistiam que ela tivesse todas as regalias.

— Saiam! — rosnou Merida.

O comando passou batido, e a única resposta foi uma lambida bem na boca de Merida. A cena provocou algumas risadinhas infantis, vindas de algum ponto do quarto. Os trigêmeos. Os irmãos mais novos de Merida mais pareciam três diabinhos arteiros, especialmente quando se juntavam. Hubert fazia as vezes dos pés desmiolados de quase todas as tramoias. Hamish, das mãos incertas. E Harris era o cabeça.

Odeio aqueles pirralhos!, dissera ela ao pai certa vez, dando-se conta, quando as palavras ainda mal tinham saído de sua boca, de que não era verdade.

Vocês são como carrapicho, respondera o pai, achando graça. *Têm um montão de espinhos, mas acabam ficando grudados mesmo quando se espetam. Meus irmãos e eu éramos iguaizinhos na juventude.*

Carrapicho mesmo! Será que os trigêmeos não podiam inventar uma tradição de Natal mais agradável? No ano anterior, tinham despejado um balde de farinha na cabeça dela — ainda era um mistério como haviam conseguido surrupiar a

cozinha bem debaixo do nariz de Aileen. No ano anterior a esse, três gansos, todos tão furiosos quanto Merida — vai saber como tinham ido parar no andar de cima. E, no ano seguinte... nem sabia o que esperar.

Se é que *haveria* outro ano...

Mas era difícil se concentrar no que acontecera na noite anterior enquanto ouvia o que parecia ser um dos cachorros prestes a vomitar em sua cama. Um rabo chicoteou a mesinha de cabeceira e algo caiu, fazendo um estrondo. As cobertas foram torcidas conforme os cães pulavam de um lado para o outro. Ela agarrou o tecido com força. Se os cães lhe arrancassem a coberta, os trigêmeos estariam em apuros. Afinal, ela tinha estendido o vestido encharcado de neve diante da lareira na noite anterior e, sob as cobertas, não vestia nada além de *si mesma*.

Um dos cães pisoteou seu cabelo com tanta força que chegou a levar a cabeça junto, e ela se virou bem a tempo de ver os três pestinhas ruivos parados diante da porta, com sorrisos idênticos.

Foi a gota d'água.

Merida se pôs a berrar. Começou como um uivo ininteligível, mas logo as palavras vieram:

— Ahhhhhhhhhhhhhhh! Espero que vocês ganhem titica de cisne como presente de Natal, seus vermezinhos!

As risadinhas infantis se transformaram em gargalhadas estridentes conforme os trigêmeos se afastavam. Um deles ainda se virou para desejar um “Feliz Natal!”. Só podia ter sido Hamish, pois Hubert com certeza ainda devia estar aos risos e Harris jamais diria algo tão sentimental.

Com um resmungo, Merida saiu da cama, a coberta enrolada nos ombros, e abriu caminho por entre os cães. Percebeu que havia um novo membro na matilha: um filhotinho esguio e magricela de aparência amigável. Era todo rajado, com uma barbicha rala e olhinhos diminutos e intensos que não paravam quietos. Ao contrário dos outros, o cãozinho não tentava encher Merida de lambidas, mas só porque já estava ocupado roendo alguma coisa.

— Ora, quem é você? E o que tem aí? — Quis saber ela.

O filhotinho rajado tentou mostrar o que trazia na boca, mas ao mesmo tempo não parecia querer parar de roer.

— Não sei se isto aqui deveria ser *seu* presente de Natal — comentou Merida quando enfim apanhou o objeto.

O tesouro do cãozinho, ou o que restava dele, era uma colher de madeira decorativa. Entre os entalhes de folhas no cabo, ela viu o nome *Merida*. Ou melhor: *Merid*. O “a” tinha sido devorado.

— A menos que você também se chame Merida.

O cão começou a latir, os ganidos altos e ressentidos de um filhote que se julgava injustiçado.

Ela suspirou. Não que quisesse mais uma colher de madeira (ao que parecia, os pais tinham enfiado na cabeça que a filha as colecionava, o que não era verdade, mas a tinham presenteado com tantas que fora necessário enfileirá-las sobre a cornija da lareira, como se estivesse orgulhosa da coleção, o que gerava um ciclo ainda mais interminável de colheres), mas queria ao menos poder decidir se ficava com o objeto ou se livrava dele.

Em anos comuns, a essa altura ela começaria a planejar sua vingança contra os trigêmeos, algo a ser posto em prática depois do rebuliço que acompanhava a celebração. Ao contrário dos dias de comemorações em família que o antecederiam, o dia de Natal pertencia ao povo. Antes de o dia raiar, o castelo se agitava com os preparativos: cozinhar, limpar e decorar. Assim que o sol se punha, os portões eram abertos e os aldeões, agricultores, vassalos e viajantes se empanturravam e dançavam até não poder mais. A família real de DunBroch contava histórias e festejava e tentava garantir a diversão dos convidados, que faziam de conta, ao menos por uma noite, que também residiam no castelo. Era trabalhoso organizar os festejos, isso sem contar o casamento natalino de Leezie.

E, naquele dia, Merida ainda precisava se preocupar em salvar a família. Não tinha tempo para vinganças.

— Chispem já daqui, lobos! Xô!

Ela pastoreou os cachorros até a escada em caracol e fechou a porta.

— Ai de *mim*!

Para coroar, percebeu que não tinha nada para vestir. Bastou uma olhadinha para ver que o vestido continuava ensopado. Leezie não tinha acendido a lareira pela manhã como de costume (parecia ter deixado todos os seus afazeres de lado naquele dia), então as brasas morrediças só tinham servido para aquecer as costas do vestido. Além disso, estava imundo. A perseguição na floresta enchera o tecido de farpas e espinhos. Merida não tinha outra opção. Assim como a mãe e Leezie, usava a mesma roupa todos os dias; um traje formal nada mais era que uma camada extra de sofisticação. Teria que lavar o vestido sujo.

Mas é claro que a chaleira não estava lá e não havia lenha para acender a lareira. Leezie era a encarregada de abastecer essas coisas, mas não o fizera.

Por uns bons minutos, Merida não fez nada além de esperar. Teria um trabalhão para buscar a chaleira e lembrar onde guardara o sabão depois do último banho, além de acender a lareira e remover os galhinhos enroscados no cabelo para que a mãe pudesse trançá-lo e escondê-lo sob um véu. Não era como se pudesse pedir ajuda, ou teria que explicar por que o vestido estava como estava, e isso ia contra os termos do trato. Que situação ridícula! E pensar que,

na noite anterior, ela tinha achado essas condições tão simples de cumprir.

De repente, Merida ficou furiosa. Com Leezie, por nunca fazer seu trabalho direito. Com a mãe, por sempre deixar Leezie se safar, mas não fazer a mesma vista grossa para os desleixos da filha. Com os trigêmeos endemoniados, por esgotarem grande parte da energia disciplinar de Elinor. Com o pai, Fergus, por não assumir a tarefa de ralhar com os trigêmeos para que a mãe de Merida tivesse mais tempo de ralhar com Leezie. E, por fim, com a lareira, por não ter cumprido com sua única obrigação. Queimar! Queimar! Não podia ser tão difícil assim... Afinal, as bochechas de Merida ardiam naquele exato momento.

— Senhorita, você precisa de ajuda para abastecer a lareira?

Merida teve um sobressalto.

A voz tinha vindo de trás, de algum ponto do quarto. Ao dar meia--volta, ela se deparou com uma garotinha elegante com trajes simples de criada, equilibrando lenhas e produtos de limpeza nos braços.

— Como você veio parar aqui? — Quis saber Merida.

— Entrei com os cachorros, senhorita.

Aquela garota estivera dentro do quarto o tempo todo? Parecia um truque de mágica. Não o tipo de magia como a batida de Cailleach à porta na noite anterior, mas ainda assim inquietante.

— Quem é você? — perguntou Merida.

— Ila, senhorita.

Mesmo com os braços apinhados de coisas, a garota conseguiu fazer uma medida felina e sinuosa.

— Estou aqui para substituir Leezie.

Para.

Substituir.

Leezie.

A frase desencadeou uma pontada de dor — um aperto bem lá no estômago, como se as entranhas se contorcessem em um nó. Sentiu que a própria mente lhe tinha pregado uma peça. Tentara convencê-la de que estava chateada com o vestido imundo ou com a falta de lenha ou até mesmo com o duelo dos deuses, mas na verdade estava abatida por saber que Leezie se casaria naquele dia. *Leezie!* Casada! Com o *Repolho!* Fazia quatro anos que Elinor tinha convidado a garota para ser a governanta do castelo. Durante esses quatro anos, Leezie falhara em absolutamente todas as tarefas domésticas, mas tinha conseguido arrebatado o coração de todos do clã DunBroch. Era como uma irmã para Merida. Uma irmã irritante, confusa e boba, mas ainda assim uma irmã, uma melhor amiga. Leezie se mudaria para o vilarejo de casinhas de pedra, a menos de um quilômetro dali, mas considerando que o resto da família morava em um castelo,

a distância era o de menos.

— Senhorita? — chamou Ila, com cortesia. — Algum problema?

Merida sabia muito bem que estivera fitando o nada, com o cenho franzido de angústia. Tentou adotar uma expressão mais régia e ajeitou as cobertas ao redor dos ombros.

— Estou ótima. Ótima! Ótima mesmo. Foi minha mãe que contratou você? Ei, isso aí é um sabonete?

— É, sim. Também trouxe algumas pinças, senhorita. Vi o estado do seu vestido e pensei que poderiam ser úteis para remover os espinhos. A senhorita precisa de mais alguma coisa?

Merida, que estava acostumada com uma governanta que não sabia governar seus próprios afazeres, não tinha ideia do que pedir.

— Pode me trazer um pouco de água para o banho? Você consegue carregar um balde aqui para cima?

— Sou mais forte do que pareço — respondeu Ila.

Com um movimento hábil, a garota acomodou a lenha na lareira, como se tivesse passado a vida fazendo isso. E provavelmente tinha mesmo. Leezie só tinha começado a trabalhar depois da morte da mãe, mas a maioria dos aldeões já nascia sabendo qual ofício ocupariam no futuro.

— Também sou mais velha do que pareço — acrescentou ela.

— E mais esperta, imagino — respondeu Merida.

— Sim, senhorita.

Ila sequer esboçou um sorriso para indicar que estava brincando. Realmente, era muito parecida com um gato. Astuta. Reservada. Não de um jeito ardiloso, como Harris, apenas daquele jeito felino de guardar os próprios pensamentos para si.

— É claro que é — concordou Merida, enquanto observava a destreza com que Ila alimentava o fogo.

Incrível como uma boa lareira podia ser revigorante para os ânimos. O casamento de Leezie era algo bom. Na noite anterior, o prazo de um ano proposto por Cailleach parecera generoso. Excessivo. À luz forte e radiante da manhã, contudo, parecia óbvio que era só uma forma de os deuses dizerem que esperavam mudanças muito mais abrangentes do que Merida imaginara. Mudanças como o fato de Leezie se casar. A jovem era tão importante para a família que era bem possível que seu casamento provocasse mudanças em todos eles. Talvez a cerimônia já fizesse grande parte do trabalho.

Sim, Merida já começava a se sentir melhor.

— Ila... É isso mesmo, não é? Ila? Enfim, você vai ajudar com os preparativos do banquete e do casamento hoje, certo?

— Isso mesmo, senhorita, mas...

— Não precisa me chamar de senhorita. Só quero saber quanto tempo tenho para limpar meu vestido — explicou Merida. — Será que ferver resolve? O que você acha? Uma vez Leezie disse alguma coisa sobre ferver os lençóis, mas às vezes as ideias dela não davam muito certo.

— Mas, senhorita...

— Pode me chamar de Merida. Guarde essas formalidades para usar com minha mãe. Ela gosta. Bem, acho que meu vestido não precisa estar um brinco, não é? Desde que não esteja todo encardido... Só tenho que dar um jeito nas partes que a túnica não cobre... Preciso manter o foco! Tenho um montão de coisas para fazer antes do casamento, do banquete, da vingança contra os trigêmeos e todo o resto.

— Mas, Merida... — insistiu Ila, com tanta polidez que o “Merida” também acabou soando como “senhorita”. — Então ainda não ficou sabendo?

— Sabendo do quê?

Ila parecia um pouco pesarosa.

— Leezie cancelou o casamento assim que o dia raiou.

CAPÍTULO CINCO

ELES LEVARAM O BANQUETE

Para valer. Leezie tinha cancelado o casamento para valer. Não tinha simplesmente adiado para uma nova data.

Não disse que precisava de mais tempo para pensar. Apenas cancelou o casamento de vez. A bem da verdade, era um comportamento bem típico de Leezie. Às vezes ela simplesmente desistia de fazer alguma coisa de que não gostava ou que lhe parecia muito difícil. Merida teria perdido o sono pensando em todos os projetos inacabados e tarefas malfeitas, em todos os quebra-cabeças largados pela metade e os Repolhos abandonados no altar. Mas Leezie não era assim. Ao contrário da maioria das pessoas, ela não parecia se envolver tanto com as coisas. Passava de um interesse ao outro com maestria, esquivando-se de qualquer obrigação. Afazeres, lições, hobbies. E Elinor a deixava se safar toda vez! *Leezie é assim mesmo*, dizia. Uma ova! Mas Merida sempre tinha que fazer tudo com perfeição, mesmo quando isso lhe torrava a paciência. Mesmo quando era obrigação de Leezie. Se deixasse de fazer alguma coisa, ninguém dizia *Ah, Merida é assim mesmo*.

Não, só diziam isso quando ela perdia as estribeiras, como se ter pavio curto fosse o epítome de sua essência.

Mas ela *não* perdia as estribeiras tanto assim. A questão é que, quando acontecia, não saíam do pé dela.

Mas ela realmente quase perdeu as estribeiras quando soube que o casamento tinha sido cancelado. Acabara de perceber como aquela mudança poderia vir a calhar para o trato, e de repente tudo tinha ido por água abaixo.

Ila, parecendo pressentir a frustração, ofereceu-se para dar um trato no vestido enquanto Merida “assimilava a novidade”. Ajudou-a até a arranjar outra coisa para vestir enquanto o outro não secava — um camisão masculino, surrupiado dos aposentos dos criados. Em seguida, Ila apanhou o vestido imundo enquanto Merida, cheia de gratidão, pegou o arco e escapuliu para espairar com um pouco de arquearia.

Fazia frio do lado de fora, mesmo com o sol a pino, e as rajadas de vento sem dúvida alterariam o curso das flechas, mas Merida já se sentia melhor só de

atravessar o campo branquinho para espanar a neve dos alvos. Tomou certa distância e se virou depressa, disparando uma flecha da aljava nas costas sem se preocupar com a pontaria. A flecha quase atingiu o centro do alvo em cheio, a madeira estalando ao ser perfurada pela seta. Merida sabia que os primeiros disparos seriam os melhores. Dali a um tempo, os dedos estariam congelados demais para sentir a corda, o braço ficaria muito cansado para manter a distância e a mente ficaria exausta de tanto ajustar a mira para compensar o vento.

Mas a arquearia a acalmava. Esvaziava sua mente, que ficava concentrada demais no exercício para se preocupar com qualquer outra coisa. E, em meio àquela calma, as ideias começavam a fluir. Só precisava esperar.

Por isso, disparou flecha após flecha, atravessou a neve para recolhê-las, empilhando as avariadas de um lado e separando as que ainda tinham salvação. Precisava passar outra demão de tinta nos alvos, pensou. Ninguém havia encostado neles desde sua partida, e estavam desbotados pelo bolor e pelos raios de sol. Mas, naquele curto dia de inverno, isso não fazia diferença. Conhecia os alvos como a palma da mão, tão bem quanto conhecia o tabuleiro de Brandubh; conseguiria jogar até sem as marcações. E foi isso que fez. O foco só era perturbado pelos aromas distantes vindos do castelo; mesmo de onde estava, conseguia sentir o cheiro agradável dos quitutes sendo preparados para o banquete. A barriga roncou só de lembrar do pão da noite anterior.

Nada como passar quase um ano fora para fazê-la valorizar a comida de DunBroch.

É isso!, pensou Merida.

O jeito era tirar a família do castelo. Não para sempre. Só por um tempinho. Os trigêmeos nunca tinham botado o pé na estrada. Leezie não viajava desde que viera morar com eles, e parecia pouco provável que tivesse saído em muitas aventuras com a mãe, que trabalhava como parteira. Talvez Merida pudesse levá-la para conhecer as freiras! Fazia anos que Elinor vinha tentando convencer Leezie a aprender a ler, e talvez as irmãs tivessem mais sucesso na empreitada. Talvez a garota gostasse até do convento em si; afinal, era fissurada por religiões.

O corajoso Hubert certamente se daria bem com os cartógrafos, não? Era difícil acompanhá-los, já que acampavam em um lugar diferente a cada noite, mas o garoto não se importava com muito ruído e ação. O tímido Hamish gostaria dos agricultores e de seus bezerrinhos brincalhões. Conhecer novos estilos de vida e novas paisagens e desfrutar das alegrias e dificuldades da estrada sem dúvida seria uma experiência transformadora para todos eles. E quanto a Harris... bem. Poderia embarcar em qualquer jornada que lhe causasse menos desprezo. Mas isso não vinha ao caso. Merida não precisava ter todo o

plano traçado logo de cara, bastava um esboço. Tinha aprendido isso com os cartógrafos. Alcançar o ponto mais ao norte do lago? Feito. Verificar se as pontes não tinham sido destruídas desde a última visita? Feito. Chegar à taverna a tempo de entornar o caneco? Feito. Um passo de cada vez.

Quando o sol invernal já afundava no horizonte, Merida disparou outra flecha. E acertou bem na mosca.

* * *

— Merida, aí está você — disse Elinor quando a filha se juntou a eles um tempo depois. — Gille Peter contou algo muito estranho, mas tenho certeza de que não é verdade. Ele disse ter visto uma pessoa muito parecida com você, mas vestindo um camisão masculino e um manto surrado de caçador, atirando com o arco lá fora na neve. Sei que não era você, pois uma princesa não faria uma coisa dessas em dia de banquete, mas não é curioso?

Os lábios da rainha de DunBroch estavam ligeiramente franzidos. No passado, isso teria causado uma briga entre as duas, mas Elinor e Merida vinham tentando relevar as diferenças para manter a paz. Elinor não conseguia instilar um senso de nobreza na filha; Merida não conseguia instilar um senso de divertimento na mãe.

— Muito curioso mesmo — concordou Merida. — Ele deve ter se enganado.

Elinor deu um tapinha na cadeira ao lado, disposta a deixar o assunto morrer. Merida se acomodou sobre o vestido ainda úmido e cheirando a sabonete, sem dar qualquer explicação.

A família DunBroch inteira estava reunida no salão comunal esfumaçado, como mandava a tradição. A sala de música era igualmente aquecida e tinha menos fumaça, mas Elinor preferia as cadeiras e a iluminação daquele cômodo, o que significava que passavam todos os Natais em meio àquela névoa poética, com os olhos lacrimejando, enquanto desfrutavam de um banquete reservado antes de cear com o restante do povo.

Merida viu fatias de bacon, ovos escalfados em molho aromático, guisado de carne de javali com cebolas e os pãezinhos feitos para o casamento cancelado, todos cobertos de manteiga derretida. Também havia tortinhas douradas recheadas de queijo, cogumelos cozidos em caldo e grelhados com alho-poró e gordura de ganso, tigelas de peras em conserva, figos embebidos em uísque e até mesmo biscoitinhos em formato de coelho.

O banquete familiar sempre consistia em uma variedade de quitutes que tinham desandado durante a preparação daquele que seria servido ao povo. Se aquelas eram as comidas impróprias para o consumo de todos, Merida mal podia

esperar para ver o banquete de verdade. Aileen podia ser rabugenta, mas não dava para negar que tinha mãos de fada.

Os trigêmeos serviram um prato para Merida e voltaram a atormentar Leezie sobre as peças que tinham sumido de seu jogo de Sabujos e Matilheiros. Parecia um Natal como todos os outros, como se o casamento nunca tivesse estado nos planos.

— Leezie — chamou Merida. — Ele ficou muito chateado?

A jovem usava um vestido leve e esvoaçante que ela mesma havia costurado. Parecia ter sido feito com uma cortina ou uma manta para cavalos. A cabeça estava adornada por um apetrecho esquisito, uma coroa de folhas de louro cravejada de flores secas e frutinhas. Os cabelos estavam penteados com certo esmero — tranças exigiam seguir as instruções à risca, algo a que Leezie não estava habituada —, com apenas algumas mechas escapando de um jeito atraente e desleixado. Sempre tinha a aparência de alguém que precisava de ajuda, o que acabava fazendo com que as pessoas sempre a ajudassem, mesmo que ela não pedisse ou sequer percebesse que precisava. Era o jeitinho de Leezie. Era como uma mesa requintada: mais decorativa do que útil.

Leezie é assim mesmo.

— Quem? — perguntou a jovem. — Ah, John?

— É claro! — respondeu Merida. — O Repolho! O noivo! Seu futuro marido! De quem mais estaria falando? Ele ficou chateado?

— O Repolho está ótimo — declarou Fergus, o pai de Merida, em um tom agradável. — Dei-lhe duas novilhas pelo incômodo e ele ficou bem satisfeito.

— Duas novilhas — repetiu Merida. — Ou seja, duas vacas.

— Seria falta de educação dar uma só — esclareceu o pai.

Fergus, um homenzarrão gigantesco, estava esparramado em sua cadeira igualmente gigantesca. A enorme perna de madeira estava estirada de um lado e a enorme perna de carne e osso, do outro. Já tinha sido coroado com uma volumosa guirlanda natalina verde salpicada de frutinhas vermelhas e ramos de azevinho. Era um sujeito grandalhão. Com barba, compleição, personalidade e histórias grandiosas. Conhecer Fergus de DunBroch era a mesma coisa que conhecer a imensidão que ele representava. *Ninguém se torna rei se permanecer pequeno*, ele costumava dizer. Em uma das mãos, segurava uma caneca cheia de uma das melhores tradições do Yule: *whipkull*, uma bebida à base de muitos ovos, açúcar, rum e creme. A barba estava repleta de migalhas de biscoito. Assim como Merida, só se preocupava com sua aparência desleixada *depois* que Elinor reclamava.

— Acho que duas vacas já estavam de bom tamanho, especialmente no meio do inverno — comentou a rainha.

Elinor estava empoleirada em uma poltrona junto da lareira, um lugar que Fergus, que fazia todas as vontades da rainha, tinha conquistado para ela. Ao contrário de seus filhos e marido ruivos, seus cabelos eram lisos e castanho-acinzentados. Era o oposto de Fergus, com corpo esbelto e movimentos controlados, nunca mais barulhenta ou desagradável do que precisava ser. Pensando bem, também era o oposto da filha. Elinor era perfeitamente régia; Merida nem conseguia imaginar algo para mudar na mãe.

— Quantas vacas você daria por *mim*? — Quis saber Merida, a voz tensa.

Com um gesto regado a esplendor real, Elinor mergulhou uma tirinha de pão no ovo.

— Espero que nunca tenhamos que descobrir.

— É mais provável que alguém *nos dê* vacas só para ficar bem longe dela.

O sussurro veio de um dos trigêmeos, mas Merida não conseguiu identificar qual deles. Por mais que estivessem cada vez mais diferentes entre si, as vozes permaneciam idênticas. Divergiam tanto na aparência quanto na personalidade. Aileen tinha acabado de reclamar com Merida, dizendo que era impossível dizer qual era qual, mas eles nunca lhe tinham parecido tão diferentes quanto naquele momento.

Assim como Fergus, Hubert tinha um coração enorme, sentimentos colossais e um vozeirão. No quase um ano que Merida passara fora, o garoto tinha ficado quase um palmo mais alto e começado a trançar as madeixas ruivas ao estilo nórdico. Assim que ela voltou para casa, Hubert lhe disse que pretendia deixar a barba crescer para depois *trançá-la* também. Ao ver a incredulidade da irmã, ele garantiu que já havia até escolhido as duas contas azuis que usaria para arrematar as tranças.

Hamish, por outro lado, continuava franzino. Tinha dedinhos delicados, aracnídeos, pálidos como os de um cadáver. Durante o inverno, gostava de encostá-los no pescoço da irmã, que, desprevenida, sempre soltava um gritinho diante do frio inesperado. Seus cabelos ruivos, mais finos do que os de Hubert e Harris, ficavam encarapitados no topo da cabeça como um dente-de-leão felpudo. Tinha uma constituição demasiado delicada, e Merida vivia tendo pesadelos de que o irmão ficava todo quebrado, um temor que eles pareciam compartilhar.

Harris não parecia nem grande nem franzino; parecia *velho*. Maduro. Passava essa impressão porque sempre se sentava muito ereto e usava os longos cabelos ruivos penteados para trás, o que fazia a cabeça parecer menor. Somando isso a suas feições angulosas e ombros estreitos, parecia menos um garoto doce pronto para um abraço e mais um calculista lorde de trinta anos prestes a tirar a refeição de um vassalo por dever-lhe o dízimo. Também tinha a pinta de sabe-tudo, o que

nunca era uma característica agradável, especialmente quando a pessoa de fato *sabia* tudo, como era o caso de Harris. Outrora, ele e Merida costumavam ter longas conversas reflexivas, mas desde que ela chegara de viagem no dia anterior, o irmão tratara de desprezar todas as suas tentativas de puxar assunto.

A bem da verdade, pensou Merida, as únicas coisas que os trigêmeos tinham em comum eram os cabelos ruivos e o pendor para travessuras.

— Foi uma transação justa — murmurou Harris, de um jeito bem característico, enquanto movimentava uma peça no tabuleiro. O lance lhe traria a vitória, mas nenhum dos irmãos tinha percebido ainda. — Qualquer ressentimento não passaria de ego ferido.

Toda essa conversa fez Merida se sentir um pouco mal por Repolho. Parvo ou não, aquilo parecia golpe baixo.

— E o *amor*, como é que fica?

— Isso! — concordou Leezie, com a voz sonhadora. — *Como* é que fica o amor?

— Você não pode simplesmente repetir o que eu disse — ralhou Merida.

— Ora, não precisa ficar brava — defendeu-se Leezie, quase resvalando a manga do vestido na terrina de molho.

Hubert tratou de tirá-la do caminho bem a tempo (a necessidade de ajudar Leezie era tão forte que afetava até os trigêmeos, um sinal de que era mesmo intensa).

— Eu estava concordando com você — continuou ela. — Por que não esperar até encontrar o amor?

— Você não amava o Repolho? — perguntaram os trigêmeos em uníssono, até mesmo Harris.

Com um sorriso débil, Leezie amassou um dos pãezinhos do casamento até formar uma flor.

— Acho que devo ter ficado entediada, por isso pensei em me casar.

— Tenho certeza de que o rapaz certo vai aparecer para roubar seu coração. Mas ainda não estava na hora — ponderou Elinor.

Algo em suas palavras fez Merida perceber que a rainha sempre soubera que Leezie não prosseguiria com aquele casamento.

Mas que absurdo!, pensou Merida. Anos antes, tinha dito à mãe que não queria se casar tão cedo, o que desencadeara uma briga enorme — a maior de todas — entre as duas. A briga suscitara um dia inteirinho de ressentimentos, algumas maldições mágicas e, por fim, uma reconciliação. Por mais que não lamentasse o ocorrido, pois fizera maravilhas pela relação espinhosa que tinha com a mãe, ver Leezie colher os benefícios do caos sem ter que passar pela tormenta não lhe parecia nem um pouco justo.

— Aquelas duas novilhas com certeza vão roubar o coração do Repolho — gracejou um dos trigêmeos, aos risos.

Os outros dois irmãos se juntaram a ele.

— Meninos — ralhrou Fergus, embora seu tom indicasse que gostaria de poder rir com eles.

Das profundezas do castelo, os cachorros começaram a latir.

— O que eles estão aprontando? — Quis saber Elinor.

Merida se lembrou de perguntar uma coisa:

— Aliás, de quem é o cachorro novo? O que comeu meu presente de Natal.

— Harris! — ralhrou Elinor. — Quantas vezes vou ter que dizer que cães precisam ser adestrados? Seu pai trocou uma ovelha por aquela colher!

Merida teria preferido uma ovelha com seu nome tosquiado na lã em vez de mais uma colher de madeira, mas fez o possível para parecer desolada.

— Mas eu *tentei* adestrar — defendeu-se Harris, em um tom lamurioso. — Brionn é indomável.

— Brionn vem de uma boa linhagem! — exclamou Fergus. — Comgeall disse que era um dos filhotes da ninhada de Sneachda, e não existe cadela mais fiel que ela.

Fez uma pausa antes de acrescentar para Merida:

— Comgeall lembrou como Harris se afeiçoou aos cães dele naquela visita que fez ao castelo, uns três anos atrás. Dá para imaginar? Que memória ele tem, afiada como uma agulha! Mandou Brionn para cá durante o verão. É um baita rapaz.

Harris lançou um olhar aflito para a irmã, como se dissesse que não concordava com alguma parte da história; era um vislumbre das antigas conversas secretas que costumavam ter no passado.

— Vou arranjar outra colher para você — prometeu Fergus.

— Oh, não tem necessidade — respondeu Merida de bate-pronto. — Nem está tão mastigada assim. Só precisa de um pouquinho de...

— Senhora, senhor... — interrompeu uma voz familiar.

A garota nova, Ila, estava diante da porta do salão comunal, com o olhar fixo em Elinor e Fergus. Ainda tinha uma aparência felina, mas naquele momento parecia ressabiada, como um gato com as orelhas para trás e o rabo se agitando com cautela no ar.

— Há alguns homens aqui exigindo falar com os senhores.

— Exigindo? — perguntou a mãe de Merida, arqueando uma sobrancelha cortês. — Ora, eles podem esperar junto da fogueira no pátio. Conversaremos com eles antes do banquete.

— Eles *levaram* o banquete.

Essa voz não vinha de Ila, mas de Aileen, que se juntara à outra garota na porta. Aileen detestava abandonar sua cozinha, então a situação não devia ser nada boa. As mãos retorciam um pano de prato enquanto se punha a explicar:

— Eles jogaram tudo aos cães. Gille Peter levou os cachorros do castelo para o arsenal antes que uma briga estourasse.

Merida, Leezie e os trigêmeos se entreolharam. Os rostos de Hubert e Leezie estavam tomados por expressões perplexas, cada um à sua maneira. Hamish parecia apavorado, é claro. Harris, para a surpresa de Merida, parecia apenas pensativo.

A violência em si não era inusitada. Afinal, apesar de todas as partes boas, o reino era um lugar selvagem e repleto de perigos. Mas violência no interior das muralhas do castelo? Era algo inédito.

Primeiro Feradach, pensou Merida, depois o casamento de Leezie e agora isso! Será que essas coisas contam como mudanças?

Mas ela recordava as palavras de Feradach. Mudanças externas não eram a mesma coisa que mudanças internas.

Fergus se levantou da cadeira.

— Eles disseram se vieram a mando de alguém?

— Do Dásachtach, senhor — respondeu Aileen. — A respeito do...

Elinor abanou o resto das palavras para longe.

— Nós os encontraremos no Grande Salão. Aileen, por favor, leve as crianças para o cômodo das tapeçarias. Ila e Leezie, por gentileza, avisem aos outros criados onde estamos e digam-lhes para não receber ordens de ninguém de fora.

Dásachtach? Uma palavra agourenta, pensou Merida. *O Insano*.

— Venham — chamou Aileen com seu jeitão brusco, enquanto Elinor e Fergus seguiam para um lado e Leezie e Ila para o outro. — Vamos lá para cima.

Levou um instante para Merida perceber que ela fora considerada uma das “crianças”. Depois de ter passado todos aqueles meses perambulando pelo reino, ainda era colocada no mesmo balaio dos bebês. Talvez estivesse começando a entender o que era aquela estagnação a que Feradach se referia; a família não queria abandonar os velhos hábitos. Leezie cancelou o casamento e voltou a ser como era antes, Merida retornou de viagem e continuou a ser tratada como criança.

Ela tomou o caminho oposto no corredor.

— Merida, aonde é que você pensa que vai? — Quis saber Aileen.

— Bisbilhotar, é claro.

CAPÍTULO SEIS

PASSAGENS

Uma das coisas mais maravilhosas a respeito de DunBroch era que o castelo tinha uma infinidade de passagens secretas. Escondidas nas paredes. No teto. No chão. Às vezes era preciso rastejar por elas. Às vezes, escalar. Algumas estavam lá desde a construção do castelo, atrás de prateleiras secretas, e outras foram adicionadas oportunamente ao longo das décadas seguintes, quando algum cômodo era expandido. Algumas eram tão escondidas ou diminutas que nem dava para saber se tinham mesmo sido colocadas ali para esse fim, mas se a pessoa não tivesse medo de altura ou de lugares apertados, poderia atravessar o castelo inteirinho pelas paredes. Quando Merida tinha a idade dos trigêmeos, costumava passar tardes inteiras explorando aquele labirinto de passagens, e só retornava ao final do dia para levar uma bronca da mãe, que não entendia como a filha conseguia ficar tão emporcalhada sem nem ao menos sair do castelo. Merida se perguntava se os trigêmeos já tinham descoberto alguma delas. Harris parecia o tipo de pessoa que sairia atrás de passagens secretas, mas Hamish tinha medo de lugares confinados com bichos à espreita e Hubert não seria capaz de identificar uma porta nem se estivesse bem debaixo de seu nariz.

Merida enveredou por um dos corredores fétidos e deteriorados antes de se esgueirar pela parede atrás do salão comunal e, por fim, chegar ao terraço do Grande Salão, no terceiro andar.

O Salão era a área central do castelo de DunBroch, um cômodo gigantesco e espaçoso usado para receber outros membros da realeza e oferecer grandes banquetes. Mais cedo, quando Merida tinha passado por ele a caminho do salão comunal, parecera quase pronto para a celebração com o povo. Todas as lareiras tinham sido acesas, assim como as velas nos grandiosos candelabros. As mesas estavam adornadas com enfeites coloridos e tigelas para o descarte de ossos e restos de comida. Pães e carnes tinham sido dispostos em pilhas engenhosas, e os criados ficavam de olho para impedir que os cães fizessem uma boquinha. A harpa de Elinor tinha sido acomodada em um dos cantos, e aguardava a chegada dos músicos. O salão estava mergulhado em um silêncio ansioso, como em todos os banquetes noturnos. A melancolia se abateu sobre Merida; ela também queria

aguardar o banquete em um silêncio ansioso, mas a voz lamuriosa de Cailleach e as luvas carmesim de Feradach tinham estragado tudo aquele ano.

E, naquele momento, o Grande Salão parecia tão diferente. As mesas estavam todas bagunçadas. Algumas tinham tombado no chão. Havia restos de comida nos tapetes e espalhados no piso de pedra. E, em vez de um cômodo cheio de foliões, encontrou um embate carregado de tensão. De um lado estavam seus pais, acomodados nos tronos e rodeados pelos guardas reais, ainda adornados com guirlandas e laços natalinos. Do outro estavam os seis homens armados do Dásachtach, todos vestidos com armaduras novinhas em folha e bons pares de botas.

Os cães dos intrusos, animais grandes de pelagem grossa, estraçalhavam o magnífico javali de Natal diante de uma lareira, na qual se via uma tapeçaria em chamas. Era a tapeçaria de inverno de Elinor, aquela com o bordado de Cailleach.

Por mais que nada soubesse a respeito daqueles estranhos, Merida já os detestava.

— Esses sujeitos têm uma energia *péssima* — comentou Leezie.

— Leezie!

Merida levou um susto. Estivera tão concentrada nos desdobramentos do salão que nem tinha notado a aproximação de Leezie. Quantas pessoas pretendiam abordá-la de fininho durante o Natal?

— O que você está fazendo aqui? Aliás, como veio para cá?

Leezie fez os dedos rastejarem pelo chão para ilustrar sua chegada. A coroa de flores tombou em sua cabeça, e Merida não resistiu ao ímpeto de ajeitá-la para ela. Era ridículo que, mesmo em momentos assim, não conseguisse deixar de ajudar a garota. Era ridículo que, mesmo em momentos assim, percebesse que Leezie parecia ter mergulhado em um frasco de perfume, com um aroma tão intenso que provavelmente revelaria onde estavam escondidas. Ridículo que, mesmo em momentos assim, Merida estivesse feliz por Leezie não ter se casado e estar ali ao lado dela, ombro a ombro, espiando os usurpadores pela mureta do terraço.

— Eles tinham que vir justo no Natal? — sussurrou Leezie.

Mas Merida sabia que tinha sido uma decisão deliberada. Aqueles homens sabiam que o clã DunBroch estaria no castelo celebrando a data. Arruinar o banquete fazia parte de seu estratagema.

— Só vamos embora depois que você jurar lealdade ao Lorde mac Alpin — rosnou uma das vozes lá embaixo.

Apenas um dos capangas do Dásachtach se pronunciou; os outros limitaram-se a observá-lo. O porta-voz vestia um manto impressionante, todo revestido de

caudas de lobo, o que o fazia parecer quase tão robusto quanto o pai de Merida e quase tão selvagem quanto os animais abatidos para decorar seu traje. Sua voz mais parecia um rosnado.

— Não queremos causar rebuliço.

— *Mais* rebuliço — murmurou Elinor. — Certamente existia uma maneira mais civilizada de fazer isso.

Elinor mantinha uma pose régia e contida, como se os homens fossem meros convidados, e não intrusos. A rainha não perdia a paciência desde o incidente com magia e ursos anos antes, mas isso não impediu Merida de desejar que a mãe batesse de frente com aqueles sujeitos. Que arrancasse o javali assado da boca dos cachorros. Que botasse todos para correr. Mas sabia que isso era impossível. DunBroch não estava em guerra, então não havia exército de prontidão. Os guardas presentes ali provavelmente eram os únicos que conseguiriam reunir tão em cima da hora, e mesmo eles estavam ligeiramente embriagados por conta do banquete.

— Já faz meses que Lorde mac Alpin envia convocações civilizadas — declarou Rabo de Lobo. — Como vocês ainda não responderam, ele se viu obrigado a tomar uma atitude.

Merida cochichou para Leezie:

— Você ficou sabendo dessa história?

Leezie armou um beicinho lindo. Suas bochechas estavam coradas. A roupa toda desarrumada parecia deslumbrante nela, tanto quanto ficaria se estivesse só um pouquinho bagunçada.

— Vi algumas das cartas quando estava arrumando o quarto da sua mãe, mas não estavam assinadas por “Dásachtach”. Ele as assinou com o nome verdadeiro, Domnall mac Alpin. Bem elegante. Domnall é um nome bonito, não acha?

— *Leezie*.

— Todas as cartas mencionavam algo ruim vindo do sul — continuou a garota. — Uma ameaça. E ele quer dar um jeito de... bem, de impedir. Falou sem parar sobre os soldados que está reunindo e, como prova de lealdade, quer que todo mundo, ou seja, todos os clãs, enviem os filhos para servir ao seu exército.

Merida sentiu o estômago se contorcer de nervosismo.

— Ou seja, os trigêmeos.

Os três não tinham recebido muito treinamento de combate, apenas um pouco por diversão. Em suas andanças, contudo, Merida tinha conhecido famílias que enviavam até os filhinhos mais novos para se preparar para a luta. Conhecera soldados mais novos que ela; meninos que tiveram a pele e os ossos substituídos por pedra e aço. Já era ruim vislumbrar esse destino para Hubert ou Harris, mas imaginar o doce Hamish sendo tratado dessa forma intensificou o aperto em seu

estômago.

— É — respondeu Leezie. — Ou você. As cartas também mencionavam as filhas dos clãs. Não para servir ao exército, mas para se casar com outras famílias e garantir que todos os clãs mantenham relações amigáveis, imagino? Todos unidos contra essa coisa ruim que vem do sul.

Leezie cobriu a boca em uma tentativa de baixar o tom de voz, mas só serviu para tornar suas palavras ainda mais ininteligíveis.

— As cartas perguntavam pelos meninos e por você, e queriam saber por que sua mãe e seu pai não davam nenhuma resposta.

As vozes ainda rosnavam no andar de baixo.

— O que ele disse é verdade? — perguntou Merida. — Sobre ela não ter respondido?

— Não sei. Coloquei as cartas de volta no lugar, mas depois vi as tiras de papel ardendo na lareira.

Com relutância, Merida teve que admitir que essa tendência a evitar coisas desconfortáveis era uma característica intrínseca aos pais. Mas eles nem sempre tinham sido assim. Quando ela era mais nova, a mãe era mais tenaz; julgava rápido, agia rápido. E o pai era mais cheio de nuances: demorava a fazer brincadeiras, demorava a empurrar as mágoas para debaixo do tapete. Naquela época, as discussões eram mais abundantes, mas também havia mais ação. O jeito clássico de DunBroch para lidar com qualquer coisa era tomar a decisão mais rápida e definitiva possível, sem se importar com quantas cabeças teriam que esmagar ou quantos corações teriam que partir. Em algum momento, porém, DunBroch passou a tentar causar o menor tumulto possível e esperar a poeira baixar.

De repente, do alto de seu esconderijo, Merida avistou um exemplo típico do jeitinho DunBroch de lidar com as coisas: um baú enorme, disposto sobre um tapete puído para facilitar o transporte, bloqueava a entrada do arsenal. A passagem costumava ser fechada por uma porta de verdade, mas a neve derretida que se infiltrava pelo telhado havia destruído a madeira e as dobradiças. Por conta da correria da época de plantio — e como a porta só servia para manter os cães presos no arsenal durante a noite —, a família DunBroch simplesmente decidiu usar o baú para bloquear a passagem até a chegada de um momento mais propício. Ele estava lá há anos.

Ao que parecia, DunBroch tinha passado a adotar seu jeitinho para lidar até mesmo com guerreiros poderosos.

Merida recordou as acusações inquietantes que Ferdach fizera na noite anterior.

— Espere aí — disse, quando algo lhe ocorreu. — Como você sabia o que

estava escrito nas cartas? E como assim *você* estava *arrumando* o quarto da minha mãe?

— Pedi a Harris que as lesse para mim — admitiu Leezie. — Depois que dei uma olhada nos trechos que pareciam mais empolgantes. E eu só estava lá porque queria um pouco de tinta para desenhar.

Por isso Harris não tinha ficado surpreso com a chegada dos intrusos. Antigamente, antes de Merida partir em sua jornada, ele teria lhe contado tudo. Era exatamente o tipo de assunto que costumavam discutir em suas longas conversas fraternais.

Lá embaixo, Fergus começava a elevar a voz.

— Seis homens contra a nossa cozinha e um javali assado morto fizeram uma luta justa, mas duvido que você gostaria do resultado se tentasse arriscar a sorte agora.

— Não estamos caçando briga — esclareceu Rabo de Lobo com seu rosnado rouco. — Se formos embora sem uma resposta, garanto que voltaremos em mais de seis.

— Pois saiba que vão embora sem resposta — rugiu Fergus.

Os lábios de Rabo de Lobo se curvaram, conferindo-lhe a aparência dos lobos que revestiam suas costas.

— Não acredito que viemos até aqui em paz, oferecendo lealdade e segurança, camaradagem e companheirismo com seus vizinhos, e você nos recebe desse jeito, sem ao menos um “oi”.

— Seus cães estão devorando meu javali assado e seus pés pisoteiam o banquete natalino do meu povo! Tudo isso a troco de quê? Da paz? Foi tudo pelo ego! — exclamou Fergus.

A voz de Elinor cortou o vozerio, embora ela não tivesse elevado o tom.

— Que tal pensarmos sobre o assunto ao longo da próxima estação e, quando o clima melhorar, enviamos nossa decisão?

— Inaceitável — sibilou Rabo de Lobo. — Partiremos com seus filhos esta noite mesmo, ou ao menos com a mão de sua filha prometida em casamento a outro clã. Caso contrário, retornaremos acompanhados de todo o exército. Não nos alegra dizer isso, mas é a verdade.

Merida viu os pais trocarem um olhar que ela conhecia muito bem. Os intrusos tinham arruinado o banquete, e mesmo assim Elinor e Fergus não levavam a bravata a sério; presumiam que tudo não passava de um blefe, que os sujeitos se esqueceriam de DunBroch enquanto atravessavam a nevasca na longa e perigosa jornada de volta para casa.

O jeitinho de DunBroch.

Com isso, Merida recordou-se do que a motivara a partir em suas viagens: a

Espanha. Um país longínquo, a um oceano de distância, tão quente e tão seco que todas as árvores, animais e pessoas tinham mudado seu estilo de vida para se adequar ao sol implacável. Elinor decidira fazer uma visita. Quando jovem, a rainha tinha ficado encarregada de organizar as rotas comerciais domésticas que ainda abasteciam o reino com repolhos e o Repolho; passado um tempo, já na meia-idade, começou a ter aspirações mais mundanas. Decidiu que viajaria até a Espanha e voltaria para casa com um grupo de meninas que seriam hóspedes do castelo e a quem ela ensinaria sobre a Escócia.

Ah, aí está a minha rainha ambiciosa!, rugira Fergus.

Elinor traçou planos. Consultou mapas. Conversou com comerciantes, soldados e o marido sobre todos os tripulantes e navios e provisões necessários para realizar tal empreitada. Merida começou a se empolgar com a perspectiva da viagem, pois já tinha decidido ir junto. Seria uma baita aventura.

Até que as semanas de planejamento se transformaram em meses e Merida enfim se deu conta: Elinor não iria a lugar nenhum. Só diria que iria. Merida tinha se empolgado em vão.

Aquela foi a gota d'água, depois de muitos anos tendo que engolir o jeitinho de DunBroch.

Naquele momento, ao ver os pais trocarem um olhar cheio de significado, soube que Feradach tinha razão sobre sua família. Tinha *mesmo*. Era incrível como, em menos de um dia, todos eles tinham feito questão de deixar isso muito claro.

Mas a solução proposta pelo deus continuava equivocada. Merida cerrou os punhos.

— Oh, Merida — disse Leezie, com um suspiro.

Sabia, antes mesmo de Merida, que a princesa pretendia tomar uma atitude, e tinha aprendido a aceitar esses rompantes meridanescos, assim como Merida aceitava os leezienescos.

Merida se pôs de pé.

Elevou a voz para se fazer ouvir em qualquer ponto do Grande Salão.

— Eu gostaria de propor um plano.

Todos os rostos se voltaram para ela. Uma expressão preocupada tomou o semblante de Elinor. Fergus, por sua vez, parecia estar com um enxame de abelhas debaixo do manto. Os capangas do Dásachtach pareciam intrigados, como se observassem a colmeia se formar em volta do rei.

Rabo de Lobo levou uma mão à testa, protegendo os olhos da claridade.

— Quem está aí em cima?

— Eu sou Merida de DunBroch — gritou ela com o tom mais régio e confiante que conseguiu proferir. — A princesa que você pretende ver casada.

Posso lhe dizer por que meus pais não concordariam com esse arranjo, mesmo sabendo que isso facilitaria muito a vida deles. Muitos anos atrás, os dois concordaram que essa decisão cabia a mim, então não vão me prometer em casamento contra minha vontade. E os trigêmeos não estão preparados para o campo de batalha, então isso também está fora de cogitação. Mas se vocês vieram mesmo em nome da lealdade, não da coerção, podemos nos entender! DunBroch defende o companheirismo, como vocês bem podem ver.

Ela apontou para os pais, que trataram de adotar uma expressão mais régia para substituir a feição perplexa de animais empalhados. Os dois assentiram.

Rabo de Lobo baixou a cabeça, depois ajeitou o manto sobre os ombros de tal forma que os penduricalhos pareciam eriçados.

— Então você tem uma contraproposta?

— O objetivo é fortalecer a comunidade, certo? A família? — perguntou Merida. — Bem, passei boa parte do ano explorando DunBroch e estou mais do que disposta a ir ainda além em prol da comunidade! Se for do seu agrado, me comprometo a fazer visitas diplomáticas a três territórios para melhorar nossas relações com os vizinhos.

O mesmo plano que ela havia definido mais cedo naquele dia. Como seria maravilhoso matar dois coelhos com uma cajadada só. Resolver a questão com o senhor da guerra e com os deuses assustadores de uma só vez.

— Lorde mac Alpin não vai gostar nada disso — rosnou Rabo de Lobo. — Viajar não é o bastante. Afinal, viemos até aqui em uma missão diplomática e, como você pode ver, não estreitamos nossa relação com DunBroch.

— Mas isso não é tudo — continuou Merida. — Ao final da minha jornada, me juntarei a um reino de minha escolha. Não como esposa, que fique claro, mas como família. Como parente.

Elinor ficou boquiaberta, em um estado régio de choque. Fergus ficou mais vermelho do que já era.

— Oh, Merida! — exclamou Leezie outra vez.

Os homens do Dásachtach cochicharam entre si.

Por fim, Rabo de Lobo se pronunciou:

— Lorde mac Alpin jamais vai acreditar que essa união pode ser tão forte quanto um casamento.

— Levante-se, Leezie — pediu Merida aos sussurros.

A garota obedeceu.

Os homens piscaram, surpresos com a aparição repentina de outra pessoa, e pareceram ainda mais surpresos quando Leezie acenou para eles. Ficaram embasbacados, como as pessoas sempre ficavam, por sua aparência leezienesa. Ainda usava sua coroa de flores festiva e ainda parecia precisar de uma

mãozinha.

Merida envolveu a cintura de Leezie com firmeza.

— Esta aqui é Leezie Muireall, filha de Jonet. Está com a minha família há apenas quatro anos, desde que perdeu a mãe, mas eu a considero uma irmã. Não de sangue, mas de todas as outras formas. Meu coração quase se desfez em mil pedacinhos quando descobri que ela pretendia se casar, porque somos muito próximas. Eu viveria e morreria por ela, do mesmo jeito que faria por meus irmãos.

— Sério? — perguntou Leezie. — Ah, obrigada.

— Os laços de família devem ser conquistados, não apenas forjados — continuou Merida. — Ou podem ser rompidos com a mesma facilidade. Tudo o que peço é uma chance de encontrar uma família disposta a me acolher, para que eu possa acolhê-la de volta.

Os homens encararam Leezie e Merida. Depois olharam para Fergus e Elinor. Por fim, fitaram Rabo de Lobo. Ao fundo, ouviam os latidos estridentes e juvenis de Brionn, a cadela de Harris, que arranhava o baú que bloqueava o arsenal. Merida sentiu o rosto arder de vergonha diante da porta improvisada, mas esperava que os sujeitos interpretassem seu rubor como uma mostra de vivacidade pela proposta apresentada.

— E como vamos saber a quantas anda essa jornada? — Quis saber Rabo de Lobo.

Estava dando certo. Eles estavam considerando a proposta.

— Enviarei uma mensagem de cada território — respondeu Merida. — Vão servir de prova para o seu lorde.

Os pelos dos penduricalhos de Rabo de Lobo pareciam menos eriçados.

— Mas que lugarzinho estranho este aqui.

— A proposta de Merida é mais do que justa — declarou Elinor.

Tinha retomado sua postura contida de sempre, como se estivesse a par das intenções da filha desde o início.

— Você aceita? — insistiu.

— Seria uma tremenda loucura se não aceitasse — comentou Fergus. — Vocês não vieram em nome da paz?

Rabo de Lobo encolheu os ombros.

— Sim. Trato feito.

CAPÍTULO SETE

A FAMÍLIA DUNBROCH

Depois que os capangas de Rabo de Lobo partiram com seus cães feiosos e o que sobrara do javali, a equipe de Aileen retornou ao Grande Salão e se pôs a limpar a bagunça. Merida permaneceu no terraço, com as mãos apoiadas na balaustrada, o coração martelando mais forte do que estivera durante todo o discurso. Leezie acariciava as próprias bochechas, absorta, como se tentasse aquecê-las, seus olhos grandes anuviados, mas cheios de angústia. Merida avistou os trigêmeos do outro lado do Grande Salão, no terraço oposto, observando enquanto a equipe do castelo dava um jeito na bagunça. Hamish estava pálido. Hubert golpeava o parapeito com uma espadinha de madeira. Harris apenas encarava a irmã.

Então, este seria o Natal da família. Merida sentiu o peito murchar. Não suportaria ver os pais diminuindo a gravidade da situação e varrendo tudo para debaixo do tapete. Não depois de tudo o que havia acontecido nos últimos dias.

— Deixem como está! — rugiu Fergus de súbito.

Todos no Grande Salão interromperam o que estavam fazendo. O pai de Merida estava parado no meio da bagunça, os grandes braços pendendo ao lado do corpo.

— Fergus, o que você está fazendo? — perguntou Elinor.

O rei pressionou o punho gigantesco contra a palma de sua mão.

— Não vou permitir uma coisa dessas. É Natal. Não vou permitir que aqueles fedelhos acabem com a nossa celebração. O banquete foi todo arruinado?

— Só as entradas, senhor — respondeu Aileen. — E metade das carnes. Ainda há alguns pratos na cozinha.

Fergus estendeu-lhe a mão como se revelasse um truque de mágica.

— Ainda há alguns pratos na cozinha. Ainda há um banquete. Viram?

— Sim, senhor, mas todos os aldeões foram botados para correr — explicou Aileen. — E o que sobrou é uma mistura só, seria inapropriado servir...

Mas o semblante de Elinor se iluminou de repente, e qualquer traço de confusão se esvaiu. A rainha ajeitou o cabelo ao redor do véu e alisou os vincos inexistentes do vestido.

— Fergus, meu amor, é claro que você tem razão. Aileen, sei que não é o

banquete que você tinha em mente. Mas, por gentileza, leve a equipe para a cozinha e embrulhem tudo para viagem.

— Sim, senhora.

— Gille Peter, sele os cavalos!

Fergus uivou. Merida e Leezie se entreolharam.

— Estamos indo à guerra? — perguntou Leezie.

— Munidos de biscoitos? — respondeu Merida.

Mas, assim que disse isso, percebeu que ir à guerra munidos de biscoitos era bem a cara de DunBroch.

— Meninas! — berrou Fergus. — Chega de lenga-lenga! Desçam já aqui! Meninos! Venham! Nós vamos sair!

E, pouco tempo depois, a família DunBroch cavalgava noite adentro, enfrentando os ventos gélidos de inverno em clima de festa, como se não tivesse acabado de testilhar com os capangas de um senhor da guerra. Os cavalos estavam cobertos de sininhos e guirlandas retiradas das decorações arruinadas do castelo, e tilintavam e badalavam a cada galope. Pôneis de carga vinham logo atrás, equilibrando cestos abarrotados na cernelha. Os trigêmeos entoavam cânticos natalinos do lombo de seus capões, despendendo toda a sua energia para cantarolar em sintonia em vez de trazer o caos. Fergus até permitiu que Leezie trançasse ramos de azevinho em sua barba, e as frutinhas cintilavam em vermelho vivo contra os pelos arruivados. (“As frutinhas são símbolo de prosperidade”, dissera-lhe Leezie. “Ah, é?”, perguntara Fergus. “Provavelmente”, tinha sido a resposta.)

Os homens de armas de Fergus os cercavam de todos os lados, munidos de tochas que cortavam a escuridão da noite.

A família estava levando o banquete natalino para o vilarejo de casinhas de pedra. Todos os convidados tinham dado no pé ao ver a ameaça em potencial que os homens do Dásachtach representavam, então o rei e a rainha estavam determinados a tranquilizar seus súditos, dizer-lhes que o perigo já tinha passado e presenteá-los com a celebração pela qual tanto ansiavam.

Merida nem conseguia acreditar em como as coisas tinham mudado de uma hora para outra; de um dia para o outro. Já não havia mais aquela sensação catastrófica e ameaçadora entremeando a escuridão gélida. Em vez disso, cortavam a noite fria em um festejo íntimo e acolhedor.

Enquanto cavalgava, Elinor emparelhou com Merida e disse:

— Minha Merida, tão valente e temperamental. Que plano mirabolante. Mas saiba que você não terá que se mudar para esses lugares. Seu pai e eu daremos um jeito naquele valentão.

Merida se deleitou com as palavras da mãe, desejando poder acreditar nelas.

— Ardbarrach — disse Fergus, o peitoral da armadura tilintando com o balançar de seu grande cavalo de guerra, Sirist. — É a minha sugestão. Fica a apenas um dia de viagem. Colban fez seu treinamento por aquelas bandas, e tenho certeza de que adoraria voltar para uma visitinha. Eles comandam as coisas com mão de ferro por lá, e aposto que adorariam mostrar a você como fazem. Pode até dar uma passadinha por lá antes da próxima estação, se agir com esperteza... Algo com que se ocupar nos meses sombrios por vir.

Ótimo, pensou Merida. Quanto mais cedo partisse, melhor.

— Eu estava pensando em levar um dos trigêmeos comigo — comentou ela. — Sabe, tirar pelo menos um deles do seu pé.

Elinor fitou os três filhos, que tinham conseguido amontoar seus cavalos mesmo cantando em harmonia.

— Muita gentileza sua! Hubert adoraria Ardbarrach.

— Adoraria mesmo — concordou Fergus. — Que tal visitar Caithness depois disso?

— Oh, não — objetou Elinor. — Caithness é um lugar tão atrasado. Que tal Kinloch?

— Ah, Kinloch! — exclamou Fergus, melodioso. — Minha doce Kinloch, quantas saudades eu sinto, já faz muitos meses desde a última vez... Tem aquele rapaz bonitão por lá, mais ou menos da idade de Merida. Vocês dariam um belo par!

— Fergus! — advertiu Elinor.

— Vou fingir que ele não disse isso — pontuou Merida. — Fica muito longe?

— Alguns dias de viagem, mas seu paizão aqui adoraria acompanhá-la nessa jornada à grandiosa e antiga Kinloch para rever alguns velhos amigos — respondeu Fergus.

Era exatamente o que Merida queria ouvir.

— E a terceira viagem? Para onde vou?

Fergus e Elinor se puseram a sugerir lugares. *Strathclyde? Carrick? Buchan? Fife? Lennox? Mull?*

Ela percebeu que os pais estavam se divertindo enquanto imaginavam os desdobramentos de todas aquelas possíveis viagens. Mas sabia muito bem que o entusiasmo dos dois não duraria muito tempo. Não tinha problema. Aquela missão era dela. Bastava que a ajudassem no início, nada mais.

— Que tal Eilean Glan? — sugeriu Fergus.

Elinor mergulhou em silêncio.

Por alguns instantes, pareceu mais uma estátua do que uma rainha em carne e osso, o rosto imóvel como se esculpido em mármore. Merida se pôs a observar a mãe, pois fazia muito tempo que não a via daquele jeito, incapaz de formular

uma resposta. Eilean Glan. *A ilha cristalina*. Merida nunca tinha ouvido falar do lugar, mas claramente significava alguma coisa para sua mãe.

— Não precisamos decidir isso agora — respondeu Elinor por fim, e então, depois de mais uma longa pausa, reencontrou seu sorriso gentil. — Seu raciocínio rápido nos ajudou, Merida. E o seu também, meu ursão — ela deu um tapinha no braço de Fergus. — O clã DunBroch! Que bom que ainda compartilhamos momentos de prosperidade e alegria.

Sem mais uma palavra, conduziu o cavalo na direção dos trigêmeos. Merida ouviu a voz da mãe se juntar à cantoria, e assim continuaram durante toda a cavalgada para o vilarejo. Os cavalos pareciam se agigantar perto das construções de pedra, que se acocoravam diante das colinas. Pareciam entregues ao abandono, todas as janelinhas e portas fechadas contra o vento, mas Fergus soltou sua gargalhada colossal, contaminado pela alegria do Natal e da cavalgada com a família, antes de seus berros cortarem o ar frio:

— Venham receber seus presentes! Venham, venham todos!

Um a um, os aldeões começaram a sair das casas. A princípio apareceram com armas em riste — então Rabo de Lobo tinha dado uma passadinha por ali, pensou Merida —, mas quando perceberam que era apenas a família DunBroch, as armas deram lugar a bebês de colo.

— Perdão, não queríamos assustar vocês — desculpou-se Elinor com delicadeza, dirigindo-se às mães enquanto distribuía bolos e carne das cestas.

— Obrigado por todo o trabalho — rugiu Fergus para os pais, enquanto distribuía aveia, sal e velas.

— Estes quitutes aqui são os meus preferidos — segredou Merida às crianças, enquanto lhes entregava um punhado de biscoitos de gengibre feitos por Aileen. — É como se nos mordessem de volta.

Os trigêmeos continuaram a cantoria vigorosa enquanto atiravam doces para outros meninos e, por fim, os aldeões também se puseram a entoar velhos cânticos tradicionais. Sob um véu de estrelas frias e cintilantes, Gille Peter e os outros acenderam uma grande fogueira natalina na extremidade da rua principal. Havia lenha suficiente para o fogo arder até o fim do inverno, e não tardou para que dezenas de pessoas se reunissem ao redor das chamas, rindo e cantando, as vozes elevadas e alegres, um baluarte contra a escuridão e o frio, contra a solidão e a violência.

Magia, magia, magia.

Uma magia muito diferente da que emanava de Cailleach ou de Feradach. Uma magia da qual Merida gostava um bocado. A magia mundana e generosa de sua família.

Ela gostava *deles* um bocado.

Apesar de todas as queixas e frustrações, ainda eram a maravilhosa família DunBroch, cheios de uma afeição confusa e apaixonada uns pelos outros e pelo mundo todo. Três viagens a lugares estranhos? Para salvar a família, Merida estava disposta a embarcar em *trezentas* jornadas, se fosse necessário.

Eles se reuniram ao redor da tradicional fogueira natalina, embora dessa vez em um lugar diferente, e Merida se perguntou como, no ano que estava por vir, conseguiria identificar a diferença entre estagnação e tradição. Seria possível mudar apenas o que não estava bom e salvar o resto? Ou corria o risco de perder esses momentos especiais caso a família trilhasse um outro caminho?

Mas a verdade era que qualquer medo a respeito do futuro se apequenava diante do crepitar da fogueira e do clamor das vozes. A incerteza foi consumida até virar cinzas, abafada pela cantoria.

Não era esse o objetivo da celebração, afinal?

Esperança.

CAPÍTULO OITO

A PRIMEIRA JORNADA

— Acho que devemos visitar Ardbarrach durante o Hogmanay, a véspera de Ano-Novo — anunciou Merida na manhã seguinte, enquanto devorava mais alguns pãezinhos do casamento cancelado.

Elinor anotava algo em seu pequeno diário enquanto os trigêmeos alimentavam as chamas da lareira com gravetos. Merida não tinha pregado os olhos naquela noite, preocupada com os dois tratos que pairavam sobre sua cabeça. Estava determinada a pôr o plano em prática o quanto antes.

— Podemos nos vestir como pantomimeiros!

Ela ficaria chateada se tivesse que abrir mão do Hogmanay por alguma outra coisa de menor importância. Em DunBroch, o feriado era celebrado de forma esplêndida, um encerramento ruidoso para a temporada de Yule. Assim como no Natal, às vezes se trocavam presentes no Hogmanay, mas também havia bolas incendiadas, pantomimeiros com máscaras ou galhadas espalhafatosas tocando berrantes e aparecendo nas soleiras das casas para entoar canções e pedir dinheiro para os pobres ou para si mesmos. Algumas pessoas preferiam o Hogmanay ao Natal, o tipo de gente que gostava de ser surpreendida por um coro repentino de *oodley-oodley-oodley*.

— Isso! — exclamou Hubert.

Quase sempre ele era a pessoa que puxava o coro de *oodleys*.

— Nada disso — contrapôs Elinor. — Você é uma princesa, Merida. Não pode se fantasiar feito um bobo da corte. Além do mais, faltam apenas quatro dias para o Hogmanay, então não teremos tempo de enviar uma carta para anunciar sua visita, explicar o motivo, dizer a eles por que devem lhe dar abrigo. A carta deve ser amável, cordial. Existe todo um protocolo a ser seguido. Meninos, saiam já daqui! Vocês estão me deixando louca. Andem, vão procurar seu pai.

Os trigêmeos saíram do cômodo entoando *oodley-oodley-oodley* (com exceção de Harris, que só se juntava ao coro quando estritamente necessário). Por mais que não tivesse se incomodado com o barulho dos irmãos, Merida não podia negar que o salão comunal parecia infinitamente mais silencioso depois de sua saída.

— Daria tempo se enviássemos um pombo — insistiu Merida. — Se partirmos agora, é mais provável que a estrada esteja seca. Você sabe muito bem que logo, logo vai ficar encharcada de neve. E depois disso tem o degelo. Quanto antes partirmos, melhor.

— Ah, Merida, essas coisas não são planejadas do dia para a noite! — respondeu Elinor, enquanto Ila adentrava o cômodo em silêncio para recolher os pratos. — Obrigada, Ila.

— Não há de quê, senhora — respondeu a moça. — A senhora tem uma letra tão linda.

— Oh, só estou escrevendo uma listinha — disse Elinor, parecendo satisfeita com o elogio. — Só para organizar meus pensamentos. Posso ajudá-la com sua caligrafia qualquer dia desses, se quiser.

— Ora, senhora, eu ficaria extremamente grata, se não for muito abuso.

A raiva começou a se apossar de Merida. Estava na cara que a mãe tentava tomar as rédeas do plano. Elinor tratava planos como um cão tratava um osso apetitoso que acabara de farejar. Primeiro o apanhava, depois devolvia ao chão e passava a analisar cada pedacinho. Aí cavava um burquinho no chão e o arrastava para lá como se fosse enterrá-lo, depois mudava de ideia e decidia roê-lo mais um pouco... *Não, Merida, não toque nisso, é meu, MEU!*

— Mãe — interrompeu Merida. — Já viajei por toda parte. Sei como funciona o planejamento.

— Não viajou como um membro da realeza! Você vai representar DunBroch. Então, não pode meter os pés pelas mãos! As coisas precisam ser planejadas com calma!

Ao ver que Ila ainda admirava a caligrafia de Elinor, Merida teve uma ideia.

— Você pode fazer uma de suas listas — sugeriu com astúcia. — Definir tudo o que precisamos fazer e preparar antes de partir. Vamos nos certificar de seguir tudo à risca, tintim por tintim. Eu serei ligeira, você será calma, e juntas seremos ligeiramente calmas.

Elinor suspirou.

— Está bem, Merida, está bem. Você é impossível. Mas olhe só, vou precisar que seu pai dite a carta para mim. É ele quem conhece o lorde daquelas bandas. Para viajar como uma princesa, você vai precisar de uma criada para lhe fazer companhia; Leezie servirá. E você *não vai* se fantasiar como um pantomimeiro. E trate de sair do meu pé. Vou terminar meu café da manhã antes de tomar qualquer atitude. Se precisar ocupar a mente, talvez possa retomar aquele bordado que você abandonou às moscas nos últimos meses.

Sem chance. Merida preferiria costurar os próprios dedos a retomar o maldito bordado na sala de tapeçaria. Decidiu, em vez disso, pegar o arco e sair para

atirar no campo. A mente espiralava. Enfim percebia que as viagens aconteceriam mesmo, e que não eram meras aventuras. Sim, sua mãe havia garantido que dariam um jeito no Insano antes disso, mas Merida não era ingênua. Sabia que precisava se preparar para o pior. Por acaso tinha falado sério sobre se mudar para outro reino? Não havia alternativa. *Algumas tempestades não movem moinhos.*

Argh. Por que as palavras de Feradach não lhe saíam da cabeça? Ela estava, sim, movendo moinhos. Estava se movendo.

No meio da sessão de arquearia, Fergus apareceu para atirar com ela. Não tinha a mesma destreza da filha, pois seu forte eram a espada e a lança, mas o gesto comoveu Merida. Por um bom tempo, praticaram lado a lado, em silêncio, enquanto o curto dia de inverno se transformava em noite.

— Então, passar o Hogmanay em Ardbarrach... — comentou Fergus por fim, soando um tanto casual, como se estivessem conversando sobre o clima.

— Esse é o plano — respondeu Merida, no mesmo tom.

Queria perguntar ao pai por que Elinor ficara tão quieta à menção de Eilean Glan, mas sabia que isso o faria correr de volta para o castelo. Naqueles tempos, os dois não mantinham conversas muito significativas; sempre que o assunto enveredava para o campo dos sentimentos, ambos afundavam em desconforto. Por isso, Merida limitou-se a perguntar:

— Você enviou a carta?

— Ditei-a para sua mãe — respondeu ele. — Pedi que a acolhessem porque você nos dá muito trabalho e come até as paredes, se deixar.

— Pai...

— Eu pedi “por favor”.

— Melhorou.

Merida queria muito que ele dissesse mais alguma coisa, embora não soubesse exatamente o quê. Na verdade, o que queria mesmo era conversar com o pai sobre o fardo pesado de lidar com o trato com os deuses e com o Insano ao mesmo tempo, mas as regras da magia a impediam de mencionar o primeiro e as regras da relação pai e filha a impediam de abordar o segundo. Então, resolveu perguntar:

— Será que vou gostar de Ardbarrach?

Fergus disparou mais algumas flechas nos arbustos cada vez mais escuros. Nenhuma delas acertou o alvo. Por fim, em vez de uma resposta direta, ele disse:

— Nem chega aos pés de DunBroch. Mas nenhum lugar chega, não é? Hubert vai ficar alucinado por lá, disso eu tenho certeza. Ora, este arco é uma porcaria. Só faz o que quer. Deve estar empenado. Sem dúvida está quebrado.

Merida estendeu a mão e, com um sorriso arrendido, Fergus entregou-lhe o

arco. Era um equipamento gracioso, muito melhor que o de Merida, pois estava menos gasto. No dela, os entalhes na madeira já tinham desaparecido com o uso, mas no arco do pai era possível divisar o belo padrão de flores e ursos esculpidos. Tinha sido feito sob medida para o pai, que era mais alto que ela, de modo que a garota teve que subir em um toco de árvore. Em seguida, posicionou uma flecha no arco.

— Quer apostar onde vou acertar, pai? — perguntou, com um sorriso travesso, puxando a corda retesada.

— Não sou tolo — respondeu Fergus. — Sei muito bem onde a flecha vai parar.

— Com esse vento, é impossível afirmar com certeza — argumentou Merida.

Quase disse “Com esse sopro de Cailleach” em vez de “vento”, e só então se deu conta de como uma frase dita centenas de vezes no passado de repente quase parecia quebrar os termos do trato.

O sorriso tinha esmorecido, então tratou de devolvê-lo ao rosto. Mas sabia que Fergus a tinha visto titubear.

— Quando é você que atira, sempre sei que vai atingir o alvo — declarou ele. — Com ou sem vento. Pobre alvo. Sinto muito por ele.

Merida sentiu a brisa acariciar o seu rosto e a ponta da flecha, observou como os galhos ao longe sacudiam ao sabor dela e esperou até que diminuísse. Em seguida, soltou a flecha.

Tump.

— Na mosca — comentou Fergus. Depois de uma pausa, acrescentou: — Você está agindo com muita valentia, Merida. Tudo isso que vem fazendo...

Merida olhou para o pai, seu coração martelando no peito. Era isso que queria ouvir. Bem, ao menos em parte. Também queria ouvi-lo dizer que ela tinha tomado as rédeas e feito uma contraproposta no lugar dele. Queria que explicasse por que Elinor tinha ficado tão quieta à menção de Eilean Glan. Queria que lhe promettesse que não precisaria ir embora, se não quisesse. Queria que lhe perguntasse “Você fez um trato com o deus da morte?”, pois, embora não pudesse responder, poderia ao menos lançar-lhe um olhar pesaroso que transmitisse todos os desafios que ela teria que enfrentar no ano vindouro.

Fergus, porém, limitou-se a dizer:

— Agora, devolva meu arco antes que ele esqueça tudo o que acabou de aprender com você.

E, fácil assim, a conversa cheia de significados morreu. Mas Merida guardou a ternura estampada no rosto do pai bem no fundo da memória, para que pudesse revisité-la mais tarde.

Passados alguns dias, depois de um ligeiro atraso, eles partiram para Ardbarrach em uma manhã límpida e clara de janeiro. O céu estava lindo lá em cima, com nuvens finas e gélidas que mais pareciam escamas de peixe. A paisagem estava coberta de neve, então nada se movia. Cada galho estava revestido por uma camada cintilante de gelo. Quando os cascos dos cavalos atingiam o chão, a neve fina estalava com um delicioso rangido.

Eles nutriam a esperança de chegar antes de a noite cair. Os lobos não ofereciam tanto perigo naquela época, mas ainda existia o risco de se morrer congelado durante a noite. Era imprescindível avançar apenas quando o débil sol invernal dava as caras e esconder-se dos ventos implacáveis quando a noite caía.

Era maravilhoso estar fora das muralhas do castelo. Merida não sabia dizer se era apenas por enfim tomar uma atitude em relação ao trato ou se simplesmente tinha se acostumado tanto com a vida na estrada que parecia estranho ficar parada em um só lugar. De um jeito ou de outro, era incrivelmente satisfatório estar mais uma vez em uma aventura.

Infelizmente, eles avançavam muito devagar.

A cavalo estavam Merida (no lombo de Midge, a jovem égua arredia que ganhara de presente no início de suas jornadas na última primavera) e Gille Peter, um dos guardas mais antigos de Fergus (no lombo de Angus, que já pertencera a Merida e era o único garanhão alto o suficiente para comportar o homem). Os dois pôneis de Elinor, Humor e Valor, puxavam o Caixote Amigável (como os trigêmeos se referiam à velha carroça de DunBroch), onde estavam acomodados Hubert, Leezie e Colban, outro guarda de Fergus. Logo atrás vinha Brionn, o terrível cãozinho de Harris com apetite insaciável por colheres, que tinha saído em disparada atrás da trupe e ignorado todos os chamados para retornar ao castelo.

Midge era bem rápida. Rápida até demais, a bem da verdade, conduzindo e salvando Merida de uma porção de enrascadas. Angus também não era tão ruim, embora já estivesse bem velhinho. As patas compridas cobriam uma vasta porção de terreno quando necessário.

O problema era o Caixote Amigável. Tinha sido feito para percorrer estradas secas, não trilhas cobertas de neve. De quando em quando, tinham que interromper o avanço para desatolar a carroça da neve enlameada ou tomar um caminho mais longo para vadear os riachos congelados. Mas precisavam dela para transportar Colban, tão velho e estaladiço que parecia prestes a estilhaçar em milhares de ossinhos escoceses. Tanta gente disponível e tinham escolhido logo ele como escolta! “Ele conhece o caminho”, dissera Fergus. “Fez o

treinamento lá”.

(“Décadas atrás”, cochichara Hubert.)

(“Séculos”, corrigira Merida.)

Gille Peter era um pouco mais novo que Colban, mas ainda assim tão velho que as palavras tinham morrido em seus lábios havia muito tempo, de modo que só se comunicava por meio de balbucios ininteligíveis. Mas não tinha sido escolhido por suas habilidades de oratória, e sim porque Fergus achava que era quem poderia lhes oferecer maior proteção.

(“Contra o *quê?*”, perguntara Hubert.)

(“Frivolidades”, respondera Merida.)

Como parecia praxe nos últimos tempos, o jeitinho DunBroch para solucionar as coisas se pautava na conveniência e na emoção, jamais na praticidade.

Se continuassem avançando naquele ritmo, jamais chegariam antes do anoitecer. Não fazia muito tempo que Merida tinha quase morrido congelada, e não estava nem um pouco ansiosa para repetir a experiência. Mas nenhum dos outros parecia compartilhar de sua urgência. Gille Peter movia-se com a graça portentosa das pessoas altas. Leezie distraía Hubert com histórias sobre os santos da ilha e seus rituais, e o garoto estava extasiado com os relatos sobre demônios escondidos em baldes de leite e monges enfurnados em barris. Colban parecia alheio à passagem do tempo; a certa altura, tiveram que acordá-lo às sacudidas para pedir informações.

Apenas Merida e Midge pareciam apreensivas conforme a noite se avizinhava. Até que, por fim, ela perdeu a paciência e, instando a égua a um galope acelerado, disse aos outros que seguiria na frente para reconhecer o terreno.

Mal tinha se afastado quando ouviu uma voz vinda das profundezas da floresta nevada:

— Não vai adiantar.

Midge tomou um baita susto com o som inesperado, de modo que Merida teve que se segurar na sela. Em seguida, a garota olhou por cima do ombro.

Feradach.

Entre as árvores, ela avistou o deus, com seu manto escuro e a cabeleira brilhante. As luvas revestiam suas mãos letais. Não parecia tão estranho ali quanto parecera ao luar. As bochechas estavam coradas de frio, como as de qualquer mortal, e a respiração se condensava em nuvenzinhas de fumaça, como a de Merida. Naquela claridade toda, ela percebeu que os ombros largos e felpudos do manto estavam cobertos de pó, depois avistou as pegadas na neve logo atrás, como se ele tivesse caminhado até ali. Se Merida não o tivesse visto antes, tomaria-o por um mero viajante, avançando pela estrada da mesma forma que sua família.

E, no entanto, seu coração sapateava dentro do peito.

Não parecia justo que a mera visão do deus trouxesse à tona as mesmas sensações da noite em que haviam firmado o trato. Terror palpável, pavor. Nada a ver com magia. Um medo natural. Irritada com essa reação espontânea, pediu ao corpo que se acalmasse. Não funcionou, então limitou-se a dizer a Feradach:

— É muita falta de educação! Aparecer assim, sem mais nem menos...

Feradach curvou a cabeça, como se pedisse desculpas.

— Eu deveria ter avisado antes. Boa tarde.

— Você está nos seguindo desde quando?

Merida permitiu que a égua inquieta se afastasse do deus, mas não tirou os olhos dele.

— Você disse a Cailleach para não trapacear. Então, nada de trapagens para você também.

— Não vim aqui trapacear. Só queria ver o que você andava fazendo.

— Saímos para dar uma voltinha.

Para ilustrar, Merida incitou Midge a descer a trilha que a levaria de volta aos outros.

Feradach caminhou ao lado.

— Uma bela voltinha com seu irmão e sua irmã adotiva, tão longe de casa.

Merida teve que pensar por um instante antes de perceber que ele se referia a Leezie.

— O que é longe para um pode não ser para outro... Mas, afinal, o que você quis dizer com “não vai adiantar”?

— Tentar mudar outras pessoas. Você só pode mudar a si mesma.

Feradach observou Midge tropeçar em alguns galhos caídos na estrada; a égua foi arrebatada pelo susto e por uma inquietação raivosa, e só sossegou depois de desenroscar as patas.

— E é isso que deveria fazer. Aprimorar-se. Salvar a própria pele.

Merida tentou manter uma postura majestosa enquanto lutava para se equilibrar sobre a trêmula Midge.

— Você é cheio dos conselhos...

— Só digo a verdade — respondeu Feradach, pendendo a cabeça para o lado.

— Qual é o seu plano?

— Até parece que eu contaria a você!

— Que mal faria? — Quis saber ele. — Não vou detê-la. Não há necessidade. Vou ganhar esse trato sem recorrer a nenhum truque na manga. DunBroch está fazendo todo o trabalho por mim, ao continuar do jeito que está.

Merida, que até então vivia irritada com a família, de repente começava a tomar as suas dores.

— E, ainda assim, você viu quem está naquela charrete lá na estrada? Duas pessoas que não viajavam para tão longe do castelo havia anos!

— A mudança vem de dentro, não de fora — reforçou Feradach, sem ser indelicado.

— Hubert nunca pisou em outro reino — continuou Merida. — O lugar mais distante que visitou foi o vilarejo de casinhas de pedra.

— E se você não gostar da pessoa que ele se tornar?

Midge trotou mais um pouco e Merida, irritada com Feradach, puxou as rédeas sem perceber, atravancando o avanço da égua. Ao se dar conta, afrouxou o aperto.

— Agora você só quer ser do contra. Por acaso não tem nenhum outro vilarejo para arruinar, não?

— Tenho — respondeu Feradach. — Na verdade, tenho mesmo. Você está indo para Ardbarrach?

— Por favor, não vá me dizer que é para lá que você vai!

— Não, mas você também não está indo para lá — respondeu o deus. — Você tomou o caminho errado, sabia?

Merida ficou toda aturdida. Puxou as rédeas até que Midge estacasse no lugar. Tanto a garota quanto a égua fulminaram Feradach com o olhar.

— Por que eu deveria acreditar em você?

— Repito: não preciso de trapaças para vencer — declarou Feradach. — E eu não teria nenhum mérito se você perdesse por ter morrido congelada nesta estrada. Não precisa acreditar em mim, se não quiser. Basta perguntar ao seu guarda.

— Ah! Fanfarich tol de parsesh!

Merida e Feradach se viraram para olhar Gille Peter aproximando-se devagar no lombo de Angus, abrindo caminho entre as amoreiras em que Midge havia tropeçado. As palavras de Gille Peter, como de costume, tinham se misturado até virar algo ininteligível, um antigo dialeto perdido no tempo.

— Drownt mootin dar!

— Isso vai ser um tanto esquisito — sussurrou Feradach em tom de alerta.

— Como você sabe?

— Todo mundo me vê como algo diferente — explicou Feradach. — Não sei como você me enxerga, mas para ele terei outra aparência.

Merida franziu o cenho.

— Como um urso ou algo do tipo?

— Não, só...

— Whush dooyer mutter widish worm! — exclamou Gille Peter, desconfiado, quando enfim os alcançou.

Com certa apreensão, Merida percebeu que as sombras dele e do cavalo, já longas por sua altura, estavam ficando cada vez mais compridas à medida que o dia chegava ao fim.

— Eu vim em paz — declarou Feradach, em tom respeitoso.

— Whart bees nish haften? — Quis saber Gille Peter.

Feradach pareceu achar graça.

— Sua companheira aqui me contou que vocês estão a caminho de Ardbarrach. Estão seguindo pelo velho bosque de carvalhos?

Houve uma breve pausa, e em seguida o rosto de Gille Peter ficou lívido. Nesse instante, Merida percebeu que Feradach dissera a verdade. O guarda de Fergus *tinha* esquecido o caminho.

Em voz baixa, Gille Peter admitiu:

— Ah, ahmosh toot me all quegg ittoo flop.

— Poderia ter acontecido com qualquer pessoa — comentou Feradach, lançando um olhar de relance a Merida.

Não foi exatamente um “eu avisei”, mas quase.

— Kweet fannish! — respondeu Gille Peter. — Goch shave, yung wonk.

— Ora, não sou tão jovem quanto pareço, mas agradeço o elogio. Você acha que consegue encontrar o caminho a partir daqui?

Gille Peter tentou passar um ar de coragem ao responder:

— Narf enkerly...

— Se me permite... — começou Feradach, com os olhos fixos em Gille Peter, mas estava claro que se dirigia a Merida. — Posso sugerir um atalho que os levará até lá antes do anoitecer, se forem depressa.

O deus juntou as mãos enluvadas em um gesto teatral, permitindo que o manto as encobrisse parcialmente. Com isso, deixou clara sua intenção de que não encostassem em mais nada. Merida observou as mãos contidas e a expressão sincera de Feradach. Não queria agir feito uma tola e confiar em um deus que estava fazendo de tudo para ganhar o direito de exterminar todos eles dali a um ano. Mas não dava para confiar na habilidade de Gille Peter em encontrar o caminho certo a tempo.

— Tudo bem — concordou Merida de forma tão malcriada que o guarda a fitou com espanto. Ela respirou fundo e, com um tom mais adequado a uma princesa, acrescentou: — Sua sugestão será muito bem-vinda.

Feradach e Gille Peter travaram uma conversa breve e recheada de descrições, que terminou com o deus desenhando inúmeros diagramas na neve suja e o guarda tracejando outros no ar.

— Coweron, Merida! — chamou Gille Peter. — Lecket toddlers.

Com os ânimos renovados, ele partiu na direção que os outros estavam. Mas,

em vez de segui-lo de imediato, Merida se deteve por um instante. Manteve Midge parada no lugar por tempo suficiente para estreitar os olhos para Feradach, que continuava imóvel em meio à neve, as mãos cruzadas por baixo do manto, com a aparência de um jovem qualquer, ainda que estivesse nas profundezas de uma vasta floresta no meio do nada.

— Eu agradeceria — começou Merida —, mas só vou acreditar quando pisar em Ardbarrach.

Feradach encolheu os ombros.

— E pare de nos seguir — acrescentou a garota. — É desconcertante.

O deus tornou a encolher os ombros.

— E pare de encolher os ombros — concluiu Merida. — Diga alguma coisa.

— Aproveite Ardbarrach — despediu-se ele.

CAPÍTULO NOVE

O CAMINHO PARA ARDBARRACH

Merida havia passado um bom tempo pensando de que forma os trigêmeos poderiam mudar. Antes do trato com os deuses, o simples ato de crescer já lhe pareceria uma grande mudança. Tinha a impressão de que sua infância havia sido recheada delas. Primeiro, o pai perdera a perna por causa do ataque de um urso — um urso! Em seguida, a chegada dos trigêmeos depois de anos como filha única. Depois, a briga com a mãe por causa do casamento e o confronto com uma bruxa. A mudança da ama Maudie para o vilarejo. A chegada de Leezie ao castelo. A viagem aos abrigos nas terras altas com a mãe.

Mas, ao que lhe parecia, a infância dos trigêmeos tinha sido muito diferente. Eram mais de dez anos mais jovens do que ela; Fergus e Elinor eram pessoas diferentes àquela altura. Além disso, havia a mesmice que representavam, a trindade, a forma como compartilhavam uma vida como “os trigêmeos” em vez de Hubert, Hamish e Harris. *Cadê os bebês, dizia Elinor, alguém deveria levá-los para passear. Os trigêmeos precisam treinar caligrafia. Vamos dar de comer aos trigêmeos antes de jantar. Merida, ensine os trigêmeos a jogar Sabujos e Matilheiros.* O quarto dos trigêmeos, os passatempos dos trigêmeos, a educação dos trigêmeos.

Viviam sendo comparados uns com os outros. Refletindo uns aos outros. Concluindo as frases que os outros começavam, pregando as mesmas peças. Qualquer traço único de personalidade era expresso tomando-se um dos outros como comparação. Hubert era mais barulhento que Harris. Harris era mais inteligente que Hubert. Hamish era mais doce que Harris. E assim por diante. Talvez passar um tempo vivendo como um único indivíduo, em vez de parte de um monstro de três cabeças, bastasse para provocar uma mudança.

Fergus tinha sugerido Hubert para a jornada por achar que ele gostaria de Ardbarrach. Merida ficou feliz, em retrospecto, por tê-lo como seu primeiro projeto. Dos três, Hubert era o mais fácil de lidar. Não por ser o mais comportadinho — isso ficava a cargo de Hamish —, e sim por ser o mais parecido com ela. Não conseguiam se concentrar na mesma coisa por muito tempo, a menos que envolvesse uma atividade física, como Merida com o arco e

flecha ou Hubert com os martelos e tábuas. Não se importavam com bagunça nem barulho; na verdade, às vezes isso os ajudava a pensar melhor. Gostavam de explorar a floresta sozinhos, mas também se deleitavam ao voltar para casa e desfrutar de música e boa companhia.

Isso significava que Merida provavelmente conseguiria adivinhar como Hubert se sentiria com Ardbarrach por causa de como *ela* mesma se sentiria.

E foi assim que se sentiram:

— Uau — disseram Hubert e Merida ao mesmo tempo.

Por mais que tivesse viajado um bocado aquele ano, Merida nunca tinha visto nada parecido com Ardbarrach.

Feradach tinha cumprido sua palavra, pois mesmo com a lentidão da carroça, conseguiram chegar à fortaleza cerca de uma hora depois do anoitecer. Os campos ondulados e cobertos de neve de DunBroch tinham dado lugar a uma paisagem pálida, desprovida de neve e de árvores. A trilha estreita e árdua havia desembocado em uma estrada ampla, larga o suficiente para que três carroças avançassem lado a lado. No período que passou com os cartógrafos, Merida encontrou apenas uma estrada como aquela: a principal rota comercial que conduzia direto para Gowrie. Era a única trilha percorrida por gente suficiente para manter o solo batido e espaçoso.

A estrada para Ardbarrach, contudo, era ainda mais impressionante. O solo havia sido escavado e nivelado com perfeição. A água não se empoçava no meio da pista; escorria na direção do acostamento, onde os canais a tiravam de vista. Aquela estrada não tinha sido construída. Tinha sido *projetada*.

E, bem lá ao fundo, ficava Ardbarrach. Assim como a estrada, o lugar não parecia construído, mas projetado. A fortaleza não poderia ser mais diferente do castelo DunBroch e suas formas suaves cobertas de hera. As rochas erodidas de DunBroch pareciam existir desde tempos imemoriais; as muralhas pontudas e intactas de Ardbarrach sem dúvida tinham sido erigidas apenas algumas décadas antes. As torres de DunBroch eram arredondadas, orgânicas; as de Ardbarrach eram agudas, geométricas. Os estandartes verdes de DunBroch estavam puídos e esfarrapados; os vermelhos e dourados de Ardbarrach pareciam reluzentes e intactos. Velas iluminavam de forma acolhedora as janelas desiguais de DunBroch. As seteiras de Ardbarrach eram súbitas e obscuras.

— Parece horrroso — comentou Leezie, a voz trêmula com os solavancos da carroça.

— Parece robusto — disse Hubert.

— Es veffid so — concordou Gille Peter.

O mais importante, porém, era parecer um abrigo contra todo aquele frio. A temperatura despencara vertiginosamente ao cair da noite, e o vento estava duas,

três, quatro vezes mais implacável. Não havia colinas nem árvores para deter seu avanço, de modo que as rajadas fustigavam as orelhas de Merida sem parar. Seu rosto estava machucado de tanto ser chicoteado pelo próprio cabelo. Estava um frio de rachar.

Ela temia que ninguém os visse da muralha despretensiosa àquela hora da noite, mas o portão se abriu assim que se aproximaram, revelando uma fileira de guardas à sua espera. À luz bruxuleante das tochas, os uniformes e posições lhes conferiam uma aparência tão idêntica que Merida não conseguiria dizer qual era qual. Atrás deles, ela avistou um pátio tão amplo e vazio que suas paredes se perdiam na escuridão. Tudo era tão plano, uniforme e perfeito como a estrada que os conduziu até ali. Não havia nem uma sombra fora do lugar.

— Merida e Hubert de DunBroch? — perguntou o guarda mais próximo, conforme Merida apeava da égua.

— Isso mesmo — respondeu ela, surpresa.

— Por favor, aguarde um momento enquanto providenciamos uma escolta para você e seus homens. Pedimos desculpas pela espera.

O guarda puxou a corda de um sino, fazendo-o badalar três vezes. De algum ponto mais afastado do castelo, um sino emitiu as mesmas badaladas. Ainda mais além, outro sino ressoou mais uma vez. Talvez tenha havido mais badaladas depois, mas ela não conseguiu escutar.

No momento seguinte, apareceram mais alguns soldados, acompanhados por um bando de pajens e algumas criadas. Cada ofício era representado por uniformes impecáveis e idênticos, de modo que todos os soldados, pajens e criadas pareciam cópias de seus semelhantes.

Hubert olhou para Merida e limitou-se a murmurar: *Uau*.

Uau mesmo.

Em questão de minutos, Merida e seus acompanhantes foram conduzidos a seus devidos lugares. Tiraram as rédeas e arreios de Midge, Angus e dos pôneis e os guiaram para longe. Ajudaram Colban a descer do Caixote Amigável, depois o conduziram, ao lado de Gille Peter e Hubert, aos aposentos masculinos. Suaram em bicas tentando apanhar Brionn, mas acabaram por desistir. Merida e Leezie foram levadas para um quarto com duas camas estreitas, uma pequena vela e um jantar simples, que consistia em pão e carne; era de imaginar que Hubert e os demais homens tivessem feito uma refeição semelhante em seus próprios aposentos.

Se estivessem em DunBroch, ainda estariam tentando decidir o que fazer com os convidados, mesmo que *fossem* aguardados, e o jantar provavelmente consistiria em sobras de ameixas natalinas açucaradas servidas diante da lareira, ao redor da qual contariam histórias até o amanhecer.

Era assim que as coisas funcionavam nos outros castelos? Até aquele momento, Ardbarrach se mostrara ainda mais eficiente do que as freiras com quem Merida havia se hospedado durante o verão; um feito e tanto. As irmãs gostavam da boa e velha rotina, mas também gostavam de papear, então a experiência se parecia mais com viver em meio a um bando de pássaros barulhentos e organizados do que com um treinamento militar.

Um sino deu três badaladas suaves e a criada que trouxera o jantar avisou:

— Nada de conversas depois que as velas se apagarem, a menos que seja necessário. Em caso de emergência, toquem a sineta.

E, no instante seguinte, elas estavam sozinhas.

A chama da vela já estava quase se extinguindo quando Leezie, com as pálpebras pesadas de cansaço, comentou:

— Este dia pareceu durar uma eternidade.

— Viemos de bem longe — respondeu Merida. — Quero saber como serão as coisas por aqui quando o dia raiar. Será que todos vão continuar parecendo idênticos à luz do sol?

— Não estou no clima para histórias de terror — avisou Leezie.

Em seguida, deu um grande bocejo, quase como se mostrasse que necessitava de ajuda para se deitar, já que sempre parecia precisar de uma mãozinha.

— Como você aguentava fazer isso sempre? — continuou. — Passou um tempão viajando.

— Eu me perdia menos — respondeu Merida, embora não achasse que fosse exatamente por isso.

A experiência de viajar sempre parecia lhe agradar mais do que aos outros, mas em contrapartida sempre era a que mais se frustrava quando tinha que ficar quieta. Enquanto Leezie se aninhava nas cobertas, Merida sabia que teria adorado passar a noite jogando conversa fora, mesmo depois daquele dia árduo que haviam tido. Na verdade, isso teria melhorado sua noite — parecia tão estranho ir direto para a cama, só porque a vela se extinguiu e as deixara mergulhadas em escuridão.

Ela desfez a trança no cabelo e o deixou pender solto. Em seguida, estendeu o véu sobre o cobertor, que já estava dobrado para fornecer uma camada extra contra o frio. Ao contrário de DunBroch, não havia lareira naquele quarto, e o frio era tão intenso que a pontinha de seu nariz estava dormente. Mas era bom estar na estrada outra vez, pensou. Não via a hora de descobrir como era Ardbarrach à luz do dia, de aprender mais sobre sua cultura. Não estava tão cansada quanto Leezie, pensou, pois tinha sido feita para voar de um ponto a outro.

Algumas tempestades não movem moinhos.

Mas que droga, pensou. Não conseguia tirar Feradach da cabeça. Por mais que quisesse odiá-lo com todas as forças, o sentimento havia sido um tanto diluído naquela noite. Era provável que ele tivesse salvado a vida de todos eles ao sugerir a estrada. Será que ele tinha ido mesmo arruinar um vilarejo depois daquele encontro? Talvez, naquele exato minuto, estivesse espreitando a porta de um outro alguém, prestes a tirar uma das luvas.

— Merida? — sussurrou Leezie.

— Shh...

— Esqueci de soltar o cabelo.

Leezie parecia ignorar o aviso de que não deviam conversar depois que a vela se apagasse, da mesma forma que ignorava quando alguém lhe pedia para arrumar o salão comunal. A informação tinha entrado por um ouvido e saído pelo outro.

— Você acha que tem problema dormir com o véu na cabeça?

— Provavelmente vai ficar mais quentinha.

Pouco antes, Merida tinha pensado que Leezie parecia precisar de ajuda para ir para a cama, e de fato precisava. Mas não tinha por que se preocupar. O véu ficaria todo amarrotado depois de uma noite de sono, mas isso já era normal para Leezie.

— Agora, shh! Fique quieta.

— Você acha que Hubert está bem?

— Hubert consegue dormir em qualquer lugar — respondeu Merida. — Agora, *quieta*.

— Quantos sinos será que eles têm aqui?

— Um monte. *Sssh*.

Mas Leezie não queria nem saber.

— Você acha que vou me apaixonar um dia? E me casar?

Merida cobriu os olhos com as cobertas e pressionou-os com tanta força que chegou a ver estrelas.

— Leezie, você estava *prestes* a se casar.

— Eu realmente gostaria de me casar.

Era como se Merida não tivesse dito nada, o que era típico de Leezie; sempre conduzia a conversa da forma que queria, sem se importar com o que os outros diziam. E esse já era um assunto batido. Leezie vivia falando em casamento. Não entrava na cabeça de Merida; ela mesma ainda não tinha conhecido um pretendente que não a entediasse ou frustrasse em questão de horas ou dias, e tinha desistido de imaginar alguém capaz de despertar seu interesse por mais tempo. O mais perto que chegara de entender a devoção que Leezie dedicava ao assunto foi quando, por um breve período, ficou caidinha por um fabricante de

rodas que visitava o convento algumas vezes na semana. Morria de vergonha só de se lembrar de como havia estudado seus movimentos, memorizado suas feições, fantasiado com ele o tempo todo. Sua quedinha pelo rapaz, no entanto, foi sanada por um choque de realidade. Cada vez que ele abria a boca para falar, o feitiço se esvaía um pouco mais, até que ele enfim voltou a ser apenas um fabricante de rodas qualquer, e Merida voltou a ser uma princesa tentando fingir que nunca havia desenhado as feições do rapaz na poeira que revestia o piso do convento.

Merida abriu os olhos e fitou a escuridão que a rodeava.

— Por que você quer se casar?

— “Bom dia, senhora Leezie, aceita uma xícara de leite morno?” — disse Leezie em tom sonhador. — É isso que ele diria assim que acordássemos. E eu o chamaria de senhor fulano de tal. “Oh, sim, eu adoraria, senhor...”

— Repolho — interrompeu Merida. — Senhor Repolho.

Leezie soltou uma de suas risadinhas lindas e estridentes.

Houve uma batida de alerta do lado de fora da porta e as duas garotas ficaram imóveis.

— Boa noite, senhora Leezie — cochichou Merida, passados alguns minutos.

— Boa noite, senhora Merida — sussurrou Leezie em resposta.

CAPÍTULO DEZ

A MULHER DOS SINOS

BLÉM! Blém! Blém!

Mais um sino as acordou pela manhã. Uma criada entrou pela porta e serviu o café; depois, tornou a fechá-la quando uma voz autoritária veio do corredor:

— Voltarei daqui a pouco para buscá-las.

— Olhe só quantos quadrados — murmurou Leezie, parada junto à janela do quarto claro e vazio.

Merida se aproximou. O enorme recinto pelo qual tinham passado na noite anterior parecia totalmente diferente à luz do dia. Ao contrário do pátio de DunBroch, minúsculo, desarrumado e coberto de ervas daninhas, aquele parecia se assemelhar às arenas romanas de que falavam seus livros. As vastas muralhas do castelo emolduravam um pátio gigantesco pavimentado em pedras geométricas. Mas Leezie não se referia aos padrões nas pedras, e sim às pessoas do lado de fora. O pátio claro e ensolarado estava apinhado de soldados dispostos em fileiras incrivelmente alinhadas, blocos e mais blocos de homens agitando braços, pernas e espadas. Os meninos também estavam dispostos em quadrados menores, praticando levantamento de peso e golpes de lutas em perfeita sincronia. Merida procurou por Hubert ou mesmo Colban e Gille Peter em meio à multidão, mas todos pareciam idênticos vistos dali.

Havia alguma coisa eletrizante e intimidadora naquela visão. Empolgava pelo fato de não ter nada a ver com DunBroch, um lembrete de que Merida tinha embarcado em mais uma aventura, mas intimidava pois a lembrava dos soldados que vez ou outra encontrava nessas aventuras. Às vezes eram espalhafatosos e bonachões, apenas homens munidos de espadas, mas também havia aqueles dotados de uma intensidade latente, profundamente dedicados a propósitos com os quais Merida não tinha certeza se concordava e nos quais não sabia se deveria confiar.

— Cadê as mulheres? — Quis saber ela.

Leezie espiou o pátio novamente. Não havia nenhuma mulher à vista.

— Será que somos as únicas?

Não tardaram a descobrir.

Ao badalar de outro sino, a criada que trouxera o café da manhã retornou ao quarto. Estava acompanhada de uma mulher de vestido e toucado escuro e elegante que se apresentou como Madame mac Lagan. Atrás dela havia um punhado de jovens, todas quietas e recatadas, também trajando vestidos escuros e elegantes, os cabelos presos e arrumados sob véus. Leezie parecia muito amarrotada perto delas, e Merida suspeitava de que sua aparência não devia estar muito melhor.

— Você já foi abrigada por outro castelo? — Quis saber a Madame mac Lagan, com a mesma voz autoritária que tinham escutado no corredor.

Abrigada por outro castelo! Embora nenhuma das crianças DunBroch tivesse vivido essa experiência, Merida estava familiarizada com o conceito. A maioria das famílias nobres enviava pelo menos um de seus filhos para adquirir novas habilidades com famílias vizinhas, às vezes por alguns meses, às vezes por anos. Quando criança, Merida abominava a ideia de ser mandada para outro castelo, depois passou a implorar aos pais que a deixassem viver essa aventura, mas por fim voltou a ter calafrios só de pensar nisso. Vivia dividida entre permanecer no conforto de seu lar ou tomar a vida de outra pessoa emprestada por um tempinho. Mas não acreditava que suas jornadas contavam como ser abrigada por outro castelo. Esse conceito se aplicava a crianças, a dependentes, e Merida queria ser vista como uma igual.

— Não — respondeu Merida, acrescentando: —, senhora. Milady.

Nenhum dos dois tratamentos parecia adequado para Merida ou para o rosto da Madame mac Lagan, mas a mulher não teceu nenhum comentário e limitou-se a responder:

— Você terá o dia típico de uma filha adotiva do castelo. Cuidaremos bem de você. Sua criada pode se juntar às outras.

Havia uma segunda fileira de jovens atrás da primeira; estas trajavam vestidos acinzentados e véus brancos. Sem esperar a resposta de Merida, duas delas afastaram-se para o lado para acomodar Leezie. A garota flanou até seu lugar, com o típico sorriso fácil e flutuante nos lábios. Parecia totalmente deslocada naquela fileira alinhadinha, mas se percebeu, não demonstrou.

Blém! Blém! Blém!

— Venham, garotas — chamou a Madame mac Lagan.

E então Merida foi arrastada para a rotina em Ardbarrach. Nas horas seguintes, seus movimentos foram ditados pelos badalos pontuais dos sinos.

Três badaladas: mostraram-lhe os aposentos que ela dividiria com as irmãs e filhas dos guerreiros que treinavam no pátio.

Três badaladas: ajoelharam-se na capela para rezar pelos guerreiros enquanto funcionários uniformizados moviam-se sincronizadamente ao fundo.

Três badaladas: acomodaram-se na sala de costura para bordar capas para os guerreiros vestirem, estandartes para os guerreiros empunharem e mantos para cobrir os cavalos dos guerreiros.

Três badaladas: puseram-se a decorar poesias de guerra na sala de jantar, onde cantariam e recitariam os longos poemas e baladas sobre os feitos dos guerreiros.

Três badaladas: tiveram aulas de línguas estrangeiras, virtudes e bela oratória na biblioteca.

Três badaladas: ajoelharam-se para rezar na área comum, onde ouviriam os músicos e trovadores entoarem histórias do que se passava em terras distantes.

Três badaladas!

Tudo em ordem.

Três badaladas!

Todos se moviam como a engrenagem de uma enorme máquina de combate.

Três badaladas!

Todos os momentos do dia eram programados. Parecia impossível que houvesse uma peça faltando naquela máquina, mas devia haver, pois a Madame mac Lagan tinha feito questão de mostrar o espacinho perfeito, do tamanho de Merida, no qual ela seria encaixada se vivesse por lá.

Três badaladas! Três badaladas! Três badaladas!

— Todo dia é assim? — perguntou Merida para a garota ao seu lado.

O badalar dos sinos ao cair da noite indicava que estava na hora de se exercitar pelos jardins de inverno. Não havia flores, é claro, mas a paisagem continuava magnífica ao sol poente. Assim como o resto de Ardbarrach, o jardim era simétrico e geométrico, com teixos vicejantes e topiarias impecáveis de azevinho ladeando as trilhas bem-cuidadas. A Madame mac Lagan lhe dissera que todas as garotas deveriam andar em um ritmo lento e uniforme, com as mãos cruzadas, enquanto refletiam sobre o papel que desempenhavam em Ardbarrach.

— Claro — respondeu-lhe a menina em voz baixa, antes de se esgueirar para longe.

Foi uma caminhada enregelante. O sol estava quase desaparecendo no horizonte, e apenas algumas tochas iluminavam o jardim. O vento que a fustigara no trajeto para Ardbarrach repetia a dose sobre as jovens conforme caminhavam; em vez de refletir sobre seu papel na cidade, Merida só conseguia pensar em como os seus dedos dos pés pareciam prestes a congelar.

Avançou devagar, sem a menor pressa, até que uma garota a alcançou. Debaixo do véu e do toucado, parecia idêntica à menina com quem Merida acabara de falar. Foi só depois de uma análise detida de seu nariz e boca que se convenceu de que era uma pessoa diferente. Em seguida, tentando puxar conversa, Merida perguntou:

— Então, de onde você é?

— Por quê? — retrucou a garota.

Merida não sabia ao certo como responder.

— Curiosidade?

— Não está na hora de jogar conversa fora — declarou a garota, fitando Merida como se ela fosse estúpida. — É um momento para reflexões.

— Ora, eu estava refletindo sobre a sua origem — respondeu Merida, esboçando um sorriso.

Em seguida, lançou um olhar de esguelha na direção da Madame mac Lagan para se certificar de que as duas não iam se meter em enrascada.

A garota a encarou, confusa.

— Qual é o seu problema? Por favor, pare de me perturbar. Esperei por este momento desde que estávamos na biblioteca.

Seu tom parecia muito sério. Talvez Merida estivesse *mesmo* com algum problema.

— Merida, por favor, saia da fila — pediu a Madame mac Lagan. — Meninas, podem continuar. Daqui a pouco eu as alcanço.

Quando as outras garotas se afastaram, a mulher perguntou a Merida:

— Algum problema?

Merida não sabia muito bem o que responder. Já havia enfrentado muitas experiências desconfortáveis durante suas andanças e estava acostumada a lugares que não eram exatamente do seu agrado. Gostava de se considerar uma pessoa capaz de aturar qualquer desconforto, mas mal tinha passado um dia inteiro ali e já estava prestes a arrancar os cabelos.

— Quando temos um tempinho a sós? — perguntou ela. — Um tempo livre ou algo assim?

Com um gesto, a Madame mac Lagan ordenou que a fila de garotas adentrasse o castelo. Em seguida, segurou o cotovelo de Merida e a conduziu por um corredor separado. Não havia tapeçarias para abafar o som, então suas palavras cortantes ricochetearam nas paredes austeras e vazias.

— Você acabou de ter um tempo livre. Não gostou?

— Eu quis dizer tempo livre para fazer o que nos der na telha. Cavalgar, praticar arco e flecha ou ler.

— A próxima cavalgada está agendada para daqui a três dias — respondeu a Madame mac Lagan. — Praticamos duas vezes por semana para fortalecer as pernas. E já tivemos o período de leitura hoje, e haverá mais leitura e recitação amanhã. E é claro que não há arco e flecha. Você já não é mais criança.

A expressão de Merida deve ter se alterado, pois a mulher tratou de acrescentar:

— Eu entendo que você vem de DunBroch e teve uma criação diferente. As crianças demoram mais a crescer em lugares assim, onde não dão tanta importância às coisas.

— Não dão tanta importância às... coisas?

— Sim, reinos pequenos como DunBroch não dão tanta importância aos costumes e às tradições da sociedade, pois não são reinos de verdade... Não passam de campos com um castelo no meio. Mas as coisas mudam de figura quando o poder do castelo se estende além desse campo. Está tudo bem, não fique com essa cara. Logo, logo você vai entender. Aqui em Ardbarrach você vai deixar tudo isso de lado para ingressar na sociedade como uma mulher-feita. Mais alguma pergunta?

Merida sentiu o rosto arder, embora não soubesse identificar o motivo exato. Fúria. Vergonha. Era isso que todos pensavam de DunBroch? Será que Hubert tinha recebido um sermão semelhante nos seus aposentos? Será que ele acreditaria naquelas palavras?

— Posso ver meu irmão?

Blém! Blém! Blém!

— Não, esse sino indica que está na hora de apagar as luzes — informou a Madame mac Lagan.

Em seguida, pendeu a cabeça para o lado e se pôs a estudar Merida. Pareceu decidir alguma coisa, então conduziu-a na direção de uma janelinha no meio do corredor. Era tão estreita que só permitiria a passagem de uma flecha ou uma lufada de vento gélido.

— Olhe.

Merida encostou o rosto na parede fria e espiou pela vidraça. Do lado de fora, alguns pajens enfileirados atravessavam o pátio em direção aos aposentos masculinos, meras silhuetas na luz azul-escura. Um deles sem dúvida era Hubert; Merida percebeu pelo contorno de seus cabelos rebeldes.

— Hubert! — chamou ela.

A silhueta do irmão se deteve apenas por tempo suficiente para olhar para ela. Deu um aceno alegre, depois ergueu o polegar, quase invisível no lusco-fusco. Em seguida, alcançou os outros pajens e desapareceu na sombra que ladeava a muralha.

— Agora, espero que não haja mais interrupções na programação desta noite — alertou a Madame mac Lagan.

A mulher não disse que berrar pela janela só tinha sido permitido porque eram circunstâncias especiais, mas ficou implícito. Em seguida, deu-lhe dois tapinhas no ombro. *Tap. Tap.* Merida percebeu que deveria interpretar o gesto como uma prova de compaixão; como um sinal de que deveria agradecer.

Por mais que não sentisse a menor gratidão, agradeceu quando a mulher a conduziu de volta ao quarto que ela dividira com Leezie na noite anterior.

— Obrigada.

Parecendo envergonhada, a Madame mac Lagan deu uma resposta brusca:

— Você vai aprender a gostar da rotina.

Leezie chegou bem nessa hora, sem fôlego, equilibrando um toco de vela em uma das mãos e uma bandeja de comida na outra. Merida percebeu que o vestido bordado da amiga tinha dado lugar aos trajes cinzentos das criadas.

— Você trouxe o vestido da princesa? — Quis saber a Madame mac Lagan.

Leezie ergueu um dos braços, quase derrubando a bandeja, para mostrar que havia um vestido escuro estendido ali. Em seguida, adentrou o cômodo em silêncio.

— Nada de conversas depois que a vela apagar — alertou a mulher.

A porta se fechou.

Depois de enfiar um naco de pão na boca, Leezie se jogou na cama, parecendo aliviada. Merida apanhou o toco de vela sobre o cobertor bem a tempo de impedir um incêndio. Em seguida, recolheu o vestido que havia caído no chão. Era escuro e elegante, acompanhado de um véu leve idêntico ao da Madame mac Lagan.

— Eles querem que eu use isto aqui? — perguntou Merida.

— Hum...

— Como foi seu dia?

— Hum...

— Você está bem? Comeu direito? Foi maltratada? Cadê seu vestido?

Mas logo percebeu que Leezie já tinha caído no sono. Dava para ouvir seus roncos suaves. Com um suspiro, Merida tirou o vestido que usava e, com calma, começou a recolher todos os pertences pessoais que ela havia costurado nas bainhas e guardado nos bolsos. Um punhado de moedas. Um broche da mãe para provar sua identidade, se necessário. Um ursinho de pelúcia minúsculo que trouxera para Hubert, caso ele precisasse de uma dose extra de coragem durante a jornada. Dobrou o vestido e o guardou, assim como os pertences, debaixo do colchão de palha. Depois de um momento, também guardou seu arco e a aljava cheia de flechas. Temia que suas coisas tivessem o mesmo destino que o vestido de Leezie. Em seguida, vestiu a roupa que a amiga trouxera. Nem precisou de um espelho para saber que estava idêntica a todas as outras garotas que tinha visto no jardim de inverno.

— Ai de mim — sussurrou bem baixinho.

No instante seguinte, a vela se apagou. O primeiro dia em Ardbarrach havia chegado ao fim.

E as coisas seguiram assim pelo que pareceu uma eternidade. A princípio, Merida não pensou em contar os dias, mas quando enfim começou, percebeu que não conseguia diferenciar um do outro. Todos eles pareciam iguais:

Blém! Blém! Blém!

A rotina. Os sinos. Todos os dias, a execução cronometrada de cada afazer. Todos os fins de tarde, o retorno feito bem a tempo de correr para a janela do corredor e ter um vislumbre do aceno de Hubert. Todas as noites, a certeza de que Leezie pegaria no sono assim que se deitasse na cama.

Blém! Blém! Blém!

— Posso falar com Hubert?

Não, agora os pajens estão cuidando dos potrinhos.

— Posso falar com Hubert?

Não, agora os pajens têm que ficar de guarda.

— Posso falar com Hubert?

Não, agora os pajens estão polindo os escudos.

— Posso falar com Hubert?

Pensou em pedir à Madame mac Lagan que entregasse o ursinho para o irmão, já que ela mesma não podia vê-lo, mas imaginava que a mulher diria que aquilo não passava de um brinquedo infantil e inútil, e que trataria de dar cabo dele “para o seu próprio bem”. Por isso, o bichinho ficou escondido debaixo do colchão, ao lado dos outros artefatos que Merida trouxera de DunBroch.

Blém! Blém! Blém!

O que ela tinha imaginado? Talvez que já a tivessem apresentado ao lorde de Ardbarrach. Que já conseguisse se imaginar como um membro da família. Mas a verdade era que achara que os outros lugares seriam mais parecidos com DunBroch, que havia acolhido Leezie como um dos seus. Estava claro que isso nunca seria uma opção por ali. Seus pais tinham se esmerado para escrever uma carta perfeita para convencer Ardbarrach a aceitar Merida, mas estava cada vez mais óbvio que o reino jamais a rejeitaria. Jamais rejeitaria qualquer visitante, pois havia lugares infinitos para acomodar novos candidatos, cada qual relegado ao seu devido papel, como ela e Hubert haviam sido, sem jamais ser considerados membros da família.

O pior de tudo é que ela tinha certeza de que Hubert estaria morrendo de tédio, mas inalterado em sua essência. Não podia ser de outra forma. Nada mudava por ali. Era assim que as coisas funcionavam em Ardbarrach; e eles tinham orgulho disso. Tudo permanecia igual, dia após dia. Merida queria saber por que Feradach ainda não havia levado a ruína àquele lugar.

Blém! Blém! Blém!

Ela inventou milhares de razões para retornar a DunBroch. O tempo estava passando. A primavera se aproximava. Ela tinha outros irmãos para mudar. Outras viagens a fazer para satisfazer o Dásachtach. Tinham que ir embora. Tinham que ir embora! Mas não parava de pensar no que Feradach dissera, sobre como algumas tempestades não moviam moinhos. Não conseguia tirar a frase da cabeça; logo ela, que vivia se esquecendo de tudo! Mas não permitiria que o deus estivesse certo a seu respeito. Não daria o braço a torcer só porque odiava aquele lugar e não queria abrir mão de suas convicções.

Mas então chegou a noite em que não avistou Hubert em meio aos pajens enfileirados.

Outro dia monótono, outras badaladas, outros passos rápidos pelo corredor para ter um vislumbre do irmão na janela. Naquela noite, porém, Merida não o viu em lugar nenhum. Não havia nem indício das madeixas ruivas volumosas, apenas a silhueta de outros garotos com o mesmo corte de cabelo rente à cabeça.

Blém! Blém! Blém!

Onde estava Hubert?

— Nada de conversa depois que a vela se apagar — lembrou a Madame mac Lagan a Merida enquanto a conduzia de volta ao quarto. Depois, como sempre: — Você vai aprender a gostar da rotina.

Nem parecia perceber que tinha dito a mesma coisa na noite anterior, e na que tinha vindo antes daquela.

Já chega, pensou Merida.

Dessa vez, quando uma exausta Leezie cambaleou em direção à cama alguns minutos depois, Merida agarrou-lhe a manga para detê-la. Ficaram lado a lado no meio do quarto, atentas ao arrastar de passos no corredor e ao ruído de portas se fechando. A vela na mão de Leezie era pouco maior que um pavio.

Por fim, quando Ardbarrach mergulhou em silêncio, Merida declarou:

— Eu odeio este lugar.

— *Sim* — respondeu Leezie em um cochicho aliviado. — Parece até que sou uma cabeça de gado. E não daqueles que têm um vidão, e sim os que...

Ouviram o ecoar de passos no corredor e ficaram imóveis até que o som morresse ao longe.

— Acho que vou enlouquecer se ouvir aquele sino mais uma vez — sussurrou Merida.

— Nem sonhei nas últimas noites e não tive um tempinho sequer para montar um altar ou coisa parecida — comentou Leezie, acrescentando depois, reflexiva: — Nem tive tempo de chorar. Faz séculos que não dou uma boa chorada.

Isso parecia tão pouco interessante para Merida quanto fantasiar com o

próprio casamento, mas Leezie era assim mesmo. E Merida era assim mesmo:

— Nós vamos embora.

— Esta noite?

— Não, nós morreríamos de frio. E precisamos de Hubert e dos outros.

Ela ficou aliviada só de dizer aquilo em voz alta. Tudo seria diferente no dia seguinte. Até que enfim. Na noite seguinte, todos eles já estariam de volta a DunBroch. E talvez, quem sabe, aquela experiência em um lugar tão diferente de seu próprio lar fosse suficiente para inspirar Hubert a trilhar um novo caminho.

— Mas será que vão nos deixar ir embora? — sussurrou Leezie, receosa.

— Não somos prisioneiras — respondeu Merida. — Amanhã bem cedinho, vamos pegar Hubert e dar o fora daqui.

CAPÍTULO ONZE

EXERCÍCIOS DE GUERRA

Parecia muito importante ser mais rápida do que o badalar dos sinos.

Estavam ali em uma missão diplomática, então Merida não poderia ir embora com as relações estremecidas. Tinha chegado como princesa de DunBroch e assim deveria permanecer até o fim, mesmo que não significasse nada para a Madame mac Lagan. Não podia ser uma fuga amargurada; tinha que ser uma despedida educada. Cortês. Intencional.

Merida despertou antes mesmo que as primeiras luzes acinzentadas da aurora espreitassem o quarto. Acordou Leezie, ciente de que teria que acordar a amiga mais uma vez, depois virou o colchão para recolher as coisas que havia escondido ali ao final do primeiro dia. Foi com grande alívio que trocou o vestido escuro de Ardbarrach pelo verde de DunBroch e enfiou o ursinho de pelúcia em uma das mangas. A mãe sempre insistia para que viajasse com uma agulha espetada na bainha do vestido, e, embora Merida houvesse zombado da ideia na época (*ora, quem precisa bordar em uma emergência!*), naquele momento a usou para costurar as moedas e o broche na saia do vestido. Feito isso, pendurou o arco e a aljava no ombro. A Madame mac Lagan certamente torceria o nariz para aquele acessório, julgando-o indigno de uma dama, mas Merida não estava disposta a abrir mão de certas coisas.

Em seguida, ela acordou Leezie mais uma vez.

— Leezie, hora de sair da cama. Temos que arrumar nosso cabelo antes do badalar dos sinos.

O cabelo, o cabelo! A maioria das famílias nobres considerava apropriado que uma mulher simplesmente cobrisse a cabeça com um véu ou toucado quando se mostrasse em público, mas Ardbarrach tinha uma visão mais severa a respeito do assunto, idêntica à do convento em que Merida se hospedara. Nem um mísero fio do cabelo podia cair no rosto da dama. Era necessário trançá-lo todo, depois esconder todas as mechas sob camadas e mais camadas de panos austeros e prender tudo com alfinetes.

Seja majestosa, seja majestosa, pensou Merida.

— Ai — queixou-se Leezie.

— Por acaso você fez um ninho de ratos no seu cabelo? — murmurou Merida, antes de chegar mais perto para enfiar as mechas restantes sob o véu enrolado na cabeça de Leezie.

Era impossível ver, à luz débil e cinza da manhã, se tinha feito um bom trabalho, mas sem dúvida daria para o gasto. De todo modo, não se arriscaria a perder mais tempo, pois temia que os sinos badalassem e as duas tivessem que dar satisfações para a Madame mac Lagan.

— Terminei. Até que enfim. Vamos logo.

Quando já estava na porta, Merida olhou para trás e viu que, em vez de segui-la, Leezie ainda estava parada junto à janela.

— *Leezie!*

— Espere! — respondeu a garota.

De repente, pôs-se a lançar pela janela algumas migalhas de um naco de pão que sobrara do último jantar. Ao ver a expressão perplexa de Merida, ela tratou de explicar:

— É uma oferenda para Lugh, pedindo por um pouco de sorte!

Aquilo também era *tão* típico de Leezie. A garota tinha um ritual ou deus ou religião para todas as ocasiões. Merida nem sabia ao certo quem era o tal de Lugh, mas aceitaria de bom grado toda a sorte que pudessem conseguir.

Em seguida, as duas saíram sorrateiras do quarto. Ainda nem sinal dos sinos.

Quase não dava para ver o corredor silencioso naquele breu; a escada em caracol que conduzia ao pátio estava mergulhada em escuridão. Merida deslizou a palma das mãos pela parede de pedra conforme desciam os degraus e Leezie agarrou-lhe o vestido para não perdê-la de vista. De repente, Merida recordou-se da infância, quando costumava se esgueirar pelas passagens secretas do castelo de DunBroch. Que falha imperdoável nunca ter apresentado aqueles segredos para Leezie, ter guardado tudo para si mesma. Mas àquela altura Leezie já estava velha demais para essas coisas, e Merida também. Não eram mais crianças; estavam se tornando mulheres, então as passagens secretas passavam a ter um propósito diferente. Serviam para se esconderem de visitantes inesperados como Rabo de Lobo, não para que brincassem de esconde-esconde por horas em manhãs chuvosas de primavera.

As crianças demoram mais a crescer em lugares assim, dissera-lhe a Madame mac Lagan, e talvez tivesse mesmo razão. Afinal, Merida sentiu-se horrível ao perceber que a infância se esvaíra por entre os dedos antes que tivesse a chance de mostrar a Leezie as passagens do castelo.

Mas logo a escuridão ficou para trás e Merida e Leezie emergiram na luz: atravessaram a passagem e, assim que puseram os pés no jardim...

Blém! Blém! Blém!

As duas trocaram um olhar triunfante. Tinham conseguido. Quando abrisse a porta do quarto delas, a criada da Madame Mac Lagan não poderia arrastá-las para aquela rotina interminável.

Além do mais, naquela primeira luz fria do amanhecer, enfim podiam ver que não tinham feito um trabalho tão ruim ao esconder os cabelos debaixo do toucado.

— Agora temos que achar Hubert — avisou Merida. — Não vai ser nada fácil em um lugar como este.

— Eu sei onde ele está — respondeu Leezie, confiante.

Merida a encarou. Leezie se empertigou, radiante por ser a entendida, para variar.

— Eu cruzava com o grupo dele toda manhã quando estávamos a caminho das latrinas. É por aqui.

Com ar presunçoso, Leezie as conduziu de sombra em sombra, esquivando-se dos cidadãos de Ardbarrach aglomerados, todos presos em uma rotina ditada pelos sinos, até enfim chegarem a um grupo de pajens no pátio lateral. Os rapazes se moviam como se fossem um só, graciosos como dançarinos, ou como um cardume de peixes, a respiração se condensando em nuvenzinhas brancas conforme levantavam os braços e saltavam e balançavam em barras montadas no local. Tudo indicava que tinham acordado antes de o dia raiar para se dedicar a esses exercícios de guerra. Pois Merida sabia que era exatamente isso que faziam. Nunca os tinha visto em tal escala, mas estava familiarizada com as técnicas. Parecia uma dança ou uma brincadeira, mas na verdade era um treino para quando recebessem ordens para matar outras pessoas. Os músculos e os movimentos lhes seriam necessários em uma batalha de verdade.

Não era muito diferente da proposta que o Dásachtach fizera aos trigêmeos. Treinados para a guerra, alheios a todo o resto, transformados em soldadinhos, sem infância, sem frivolidades; assim como Gille Peter, mas muito mais baixos.

— Oh! Olhe o cabelo *dele* — disse Leezie.

Merida seguiu o olhar da amiga e... lá estava Hubert! O cabelo ruivo rebelde tinha sido cortado tão curto quanto o dos outros garotos. Ele provavelmente estivera junto com os outros na noite anterior, embora Merida não tivesse sido capaz de identificá-lo entre os demais. Com um calafrio, lembrou-se daquela primeira noite, quando percebeu que todos os guardas pareciam a mesma pessoa. Que curioso ela sempre ter conseguido diferenciar Hubert de Hamish e Harris, mas ali, naquele local, mal conseguir encontrar o irmão no meio de tantos estranhos.

Sentiu outra pontada de arrependimento, tão mordaz quanto a que a afligira ao pensar em Leezie e nas passagens secretas. Mas já tinha esperado tempo demais

para perder a paciência com Ardbarrach. Pobre Hubert, obrigado a se encaixar naquele molde.

O cabelo dele vai crescer, disse a si mesma. *Vamos dar o fora daqui.*

Mas só havia um problema.

Hubert não queria ir embora.

O guarda responsável pelo grupo pareceu confuso quando elas pediram para ter uma palavrinha com Hubert, mas acabou cedendo. O semblante do garoto parecia igualmente confuso, mas logo se enfureceu quando Merida lhe disse que estavam partindo naquele exato momento.

— Eu não quero ir — declarou.

— Como assim? — perguntou Merida em voz baixa. — Você está dizendo por dizer? Não tem ninguém ouvindo. Venha, cochiche no meu ouvido.

— Só faz doze dias que chegamos — respondeu ele, olhando para os garotos que ainda se exercitavam.

— Só isso? — murmurou Leezie.

Doze dias, mas centenas de badaladas. Milhares.

— Achei que você estaria louco para ir embora — disse Merida.

— O quê? Por quê? É maravilhoso! Olhe só para isso! Uau! Nossa! Isso!

Ele contraiu os músculos e sorriu para um dos garotos atrás da irmã.

— Por que você não gosta daqui? — insistiu.

Blém! Blém! Blém!

Merida estremeceu. *Por causa de tudo.*

— Por que você *gosta* daqui? — perguntou ao irmão.

Hubert voltou sua atenção para o grupo conforme eles avançavam para o outro lado do pátio, deixando as barras vagas para um segundo contingente de garotos.

— Por causa de tudo!

— Cada momento do dia é programado — queixou-se Merida.

— Eu sei — respondeu o garoto, animado.

— Cada ato é um treinamento para a guerra.

— Eu sei — respondeu o garoto, animado.

— Cada instante da sua vida já foi planejado por eles.

— Eu sei — respondeu o garoto, animado.

Ele estava tão diferente com aquele corte de cabelo. Será que só isso havia mudado? Nem parecia o mesmo garoto que lá chegara, apenas doze dias antes. Merida se sentiu uma tola por ter trazido um ursinho de pelúcia para confortar o irmão. Já fazia um bom tempo que Hubert deixara de ser o garotinho que precisava desse tipo de coisa, e naquele momento parecia mais distante disso do que nunca. Merida nem sabia o que dizer. Por fim, limitou-se a exclamar:

— Você deve ter titica na cabeça em vez de miolos! Jamais imaginei que

gostaria de um lugar assim.

— Eu também não — confessou o garoto. — Se você não tivesse me trazido, eu sequer saberia que existia um lugar assim.

Os dois irmãos DunBroch estavam igualmente perplexos ao perceber que, pela primeira vez... não eram exatamente iguais. Uma tristeza profunda tomou conta de Merida, tão intensa que sentiu vontade de chorar, mas tratou de conter as lágrimas.

— Mas eu não preciso ir embora, preciso? — perguntou Hubert, apreensivo. — Eles disseram que eu poderia ficar o quanto quisesse. Achei que poderíamos continuar aqui até o clima esquentar um pouco, aí papai viria nos visitar para ver como estou me saindo.

Não, ele não precisava ir embora. Essa era a pior parte. Claro que não precisava. Ardbarrach estava mais do que contente em encaixar Hubert em um lugarzinho vazio do tabuleiro. E Merida... tinha que deixá-lo ficar. Sem dúvida o irmão estava passando por uma mudança, e era exatamente isso que ela queria, não? Ao menos, era disso que precisava. Com certeza era melhor perdê-lo temporariamente para aquele lugar beligerante do que perder todos eles de vez quando Feradach levasse a ruína a DunBroch.

— Mas eu não posso ficar — avisou Merida, por fim. — Ainda tenho mais duas visitas a fazer.

— Eu sei.

— Você não vai sentir saudade de casa?

Blém! Blém! Blém!

O sino badalou com mais insistência. Hubert ergueu o olhar e ficou claro que queria voltar para junto do grupo.

— Eles estão me chamando. Por favor, Merida! *Por favor...*

Ela mal conseguia acreditar que tinha ido até lá para uma visita curta, talvez para decidir se juntar àquela família no futuro, quem sabe para abrir os olhos de Hubert para outros estilos de vida, mas no fim estava indo embora sem ele. Parecia que o irmão tinha crescido em um piscar de olhos, assim como acontecera com Leezie... e com a própria Merida também.

— Trate de me escrever, hein? — respondeu ela, odiando cada palavra.

Depois, abraçou o irmão. Estava todo grudento e suado, mesmo no frio. Hubert sorriu para ela, visivelmente aliviado ao ver a expressão se suavizar no rosto da irmã, e então correu para se juntar aos outros. Ele era apenas um garoto, afinal.

E, justamente por ser apenas um garoto, Merida não podia deixá-lo sozinho. Mesmo em um lugar como Ardbarrach, onde tinha certeza de que vigiariam cada passo de seu irmão. Por isso, chamou Leezie e se pôs a procurar por Gille Peter.

Quando o encontrou, nos aposentos masculinos, perguntou se estaria disposto a permanecer ali com Hubert. Ele pareceu animado com a ideia — ou ao menos foi o que Merida entendeu de sua resposta. Até as ajudou a acomodar Colban, com seus ossos caquéticos, na traseira do Caixote Amigável e capturar Brionn, que vinha enlouquecendo os cavaleiros por mastigar tudo o que via pela frente.

— Merida! Você vai nos deixar tão cedo?

A voz da Madame mac Lagan as alcançou quando Leezie se esforçava para conduzir o Caixote Amigável na direção do portão; os pôneis estavam levando a melhor sobre ela. Quando ergueu o olhar, Merida viu a mulher e as outras jovens saindo da capela por uma passarela que encimava a muralha do castelo. Todas as fitavam lá de cima.

— Tenho dois outros reinos para visitar este ano — explicou Merida.

A Madame mac Lagan torceu o nariz, decepcionada. Por mais que a mulher não tivesse facilitado em nada a sua vida, Merida se sentiu estranha por decepcioná-la. De repente, uma ideia lhe ocorreu e ela tratou de acrescentar:

— Tenho um cronograma a seguir, sabe?

A expressão da mulher se suavizou de imediato.

— Oh, sim. Eu não sabia, ou teria ficado feliz em ajudar com os preparativos da partida. Bem, espero que nos visite novamente. Você é promissora. Pode se tornar uma excelente mulher um dia, com o devido esforço.

Merida conseguiu esticar os lábios no que esperava parecer um sorriso agradecido.

De algum ponto atrás delas, vieram as três badaladas mais uma vez.

Blém! Blém! Blém!

Ao pensar na jornada de volta para DunBroch, teve a impressão de que seria muito mais demorada do que a vinda.

Ainda não tinha lhe ocorrido que talvez não gostasse de ver a família mudar.

PARTE DOIS

PRIMAVERA

CAPÍTULO DOZE

TRÊS VISITANTES

Depois que voltaram para DunBroch, tiveram que enfrentar semanas de um mau tempo terrível, o que foi até bom; combinava com o humor de Merida.

Enquanto o céu branco se achatava cada vez mais no horizonte e a neve se amontoava sobre os sinelos e o vento uivava como um amante traído, Merida andava amuada pelo castelo. Por mais que fosse um dos lugares menos encantadores em que estivera, Ardbarrach parecia ter conseguido lançar um encantamento sobre ela, pois tinha passado a enxergar DunBroch pelos olhos da Madame mac Lagan. Um reinozinho atrasado; uma família instruída brincando de faz de conta com coroas e títulos falsos. Por mais que tivesse odiado sua estada em Ardbarrach, ao menos tinha visto todos os aspectos majestosos do lugar que não existiam em DunBroch. Lá, treinavam um exército para proteger o povo. Ensinavam a história do reino a suas mulheres zelosas. Recebiam visitantes para fins comerciais e diplomáticos. Eles ocupavam um lugar no mundo e implementavam mudanças nele e em si mesmos.

DunBroch tinha se apequenado tanto. E a família DunBroch havia encolhido junto.

Como Merida detestava que Feradach a tivesse feito enxergar seu lar daquele jeito.

Como detestava que Feradach a tivesse feito perder um dos irmãos para Ardbarrach.

Como detestava Feradach.

— Você deveria dormir mais — sugeriu Elinor à filha. — Parece até que foi atacada por uma ninhada de ratos. Venha, vamos para o salão comunal; pedi a Aileen que nos preparasse um bolo com as peras maduras que sobraram do Natal.

A reação de Elinor e Fergus à decisão de Hubert de permanecer em Ardbarrach só servira para piorar o humor de Merida. Queria que os pais ficassem tão horrorizados quanto ela, mas em vez disso...

— Acredito que Hubert esteja ocupado demais para sentir saudades de casa... Obrigada, Ila — agradeceu Elinor, enquanto aceitava uma fatia de bolo servida

pela jovem, que continuava tão felina e graciosa quanto antes. — Já fazia um *tempão* que ele dizia que queria treinar mais.

— *Dizia?* — perguntou Merida. Essa informação bem que teria vindo a calhar. — Eu não quero bolo, obrigada.

— Ela só está de mau humor, Ila — explicou Elinor a Ila. — Sirva uma fatia mesmo assim.

Foi o que a jovem fez, despejando uma quantidade generosa de calda sobre a fatia enquanto Elinor assentia em aprovação. Merida limitou-se a fazer cara feia para o tabuleiro de Brandubh. Estava coberto de poeira. Era Hubert quem costumava jogar com Harris. Tudo parecia coberto de poeira.

— Eu sei que você está com saudade de Hubert — disse a mãe. — Eu também estou. Mas logo, logo ele estará de volta... e só os deuses sabem como tentei inculcar um pouco de disciplina nele, então tiro meu chapéu para quem conseguiu.

— Devo dizer que estou explodindo de orgulho por aquele pivete ter tomado uma iniciativa! — declarou Fergus, que acabara de cruzar a soleira, os braços levantados como se sustentasse todo o peso do castelo na palma das mãos. — Ouvi dizer que tinha bolo!

Os pais de Merida sempre aceitavam com alegria e disposição as coisas que não eram capazes de controlar — convenciam a si mesmos de que tinha sido para o melhor, fosse isso verdade ou não. Em geral, Merida admirava essa atitude audaciosa e pragmática. Mostrava que os pais nunca se deixavam abalar por muito tempo, pois sempre acabavam enxergando o lado bom das coisas. Naquele momento, porém, ela via como esse modo de pensar poderia levar alguém a não reagir a certas mudanças.

— Você tem o dom de ouvir um bolo sendo fatiado de longe — comentou Elinor, dirigindo-se ao rei de DunBroch. — Ora, isso já está virando um *ceilidh*. Onde está Leezie?

— Estava descascando maçãs na cozinha — informou Fergus. — Pode caprichar na calda, Ila, por favor.

— Descascando maçãs? — perguntou Merida, incrédula. — A *Leezie*?

— Uma atrás da outra — respondeu Fergus, acomodando-se em uma cadeira e estirando a perna de pau. — Está usando as cascas para fazer aquelas coisas típicas dela, jogando-as por cima do ombro para ver se formam as iniciais do rapaz com quem vai se casar, coisa e tal. Magia de Leezie.

— Ah, isso faz mais sentido — comentou Elinor, complacente. — O Repolho mal tirou as novilhas do castelo e ela já está planejando o próximo casamento!

— Leezie é assim mesmo — concordou Fergus. Para Ila, que ainda despejava a calda de pera sobre a fatia de bolo, ele disse: — Já está bom. Fique com esse restinho para você.

— Oh, obrigada, senhor — murmurou a jovem, embora fosse difícil imaginá-la lambendo os beijos por causa de um bolo de pera ou tendo qualquer comportamento tipicamente glutão. — Aliás, o senhor me pediu que o lembrasse de falar com a rainha... sobre Kinlochy.

— Pedi? — respondeu Fergus.

— Parece mesmo algo que você faria — murmurou Elinor. — Mas não quero saber de ir para lá antes de as chuvas de primavera darem uma trégua. Você se lembra daquela ponte que foi levada pelas águas? Que época foi aquela...

Kinlochy. Em circunstâncias normais, Merida teria ficado radiante em planejar sua próxima aventura, mas seu atual humor tempestuoso não lhe permitia. Quem garantiria que a viagem para Kinlochy não daria tão errado quanto a de Ardbarrach?

— Vai ser estupendo — declarou Fergus, com a boca cheia de bolo. — Merida, você vai adorar. Sua mãe e eu vivemos tantas coisas lá na juventude! Temos tantas histórias de Kinlochy! Kinlochy tem tantas histórias sobre *nós*! Talvez seu conhecimento cartográfico possa nos ajudar a encontrar a melhor rota, filha.

Merida sabia que o pai só a estava elogiando para tentar animá-la, mas isso só a deixou mais contrariada e azedou ainda mais seu humor.

Ela se levantou.

— Já vou indo.

— Não saia para atirar com o arco debaixo dessa chuva — alertou Elinor, com a voz branda. — Seu vestido vai ficar ensopado e você sabe que vai sofrer enquanto não secar. Por que não vai costurar o novo para ter outro de reserva?

Fazia uma eternidade que o vestido novo de Merida, um projeto sugerido pela mãe, estava abandonado às traças na sala de tapeçaria. Era exatamente o tipo de projeto de costura de que Elinor gostava (intrincado, minucioso, demorado) e exatamente o tipo de projeto de costura que Merida odiava (intrincado, minucioso, demorado).

— Não vou sair para atirar — retrucou Merida, embora tivesse pretendido fazer justamente isso.

Decidiu, então, ir ao quarto dos trigêmeos, onde encontrou Harris, de olhos semicerrados, tentando ler um livro.

— Harris — chamou.

— Que foi — respondeu o garoto. Não foi uma pergunta.

O tom do irmão não aguçou a delicadeza de Merida, mas ela fez uma forcinha para ser a mais evoluída entre os dois.

— Venha. Quero mostrar as passagens secretas do castelo.

Ele não tirou os olhos do livro.

— Eu já vi.

— Não acredito em você. Então, me diga onde fica a mais próxima.

Harris piscou devagar, lançando-lhe um olhar prepotente. Nem se deu ao trabalho de responder à irmã. Merida lutou contra o ímpeto de dar uns bons cascudos no pivete, mas a chegada de Leezie a impediu de levar o plano adiante.

— Merida — disse a jovem, beliscando o cotovelo da amiga. — Você viu Ila por aí?

— Ai. Ela está no salão comunal servindo bolo — respondeu Merida. — Ai.

Leezie continuou a beliscar, distraída, perdida nos próprios pensamentos.

— Você sabia que Ila tem a Visão? Ela está me ensinando Sinais e Presságios.

Ao contrário de Hubert, Leezie não parecia ter mudado nadinha durante a estada em Ardbarrach; a viagem, em vez disso, só servira para reforçar sua essência. Lá estava ela se lançando sobre mais uma religião. Tinha passado a reparar se havia vacas amontoadas do lado de fora de sua janela, ou se havia algum pássaro morto na neve quando saía para esvaziar os penicos, ou se as brasas haviam deixado alguma forma na lareira ao se extinguirem pela manhã. E, ao que parecia, tinha usado cascas de maçã para descobrir com quem iria se casar. A desastrosa viagem a Ardbarrach parecia tê-la afetado tão pouco quanto o casamento cancelado. Mais uma vez, Merida desejou ter aquela habilidade de transitar sem esforço entre sentimentos tão contraditórios.

— Ila tem a Visão? — repetiu Merida.

Não sabia por que isso parecia tão surpreendente. Talvez porque a magia fosse algo indomável e imprevisível, e Ila continuava idêntica a como Merida a tinha visto naquela manhã de Natal: aprumada, diligente, organizada.

Parecia improvável que Ila enveredasse pela floresta em busca de fogos-fátuos e confusão. Era quase como imaginar Elinor portadora da Visão.

— Como você sabe?

— Senti isso emanar dela e resolvi perguntar — respondeu Leezie, com grande entusiasmo. — Foi o primeiro Sinal. Pelo jeito, estou mesmo aprendendo.

— Aprendendo a acreditar em tudo — rebateu Harris, com um tom renovado de julgamento e prepotência. — Só crianças acreditam na Visão, e você já é velha, Leezie. *Velha*. Já tem idade para se casar. É *velha*. Será que existe uma religião voltada para gente idosa? Você deveria se converter.

De repente, Leezie irrompeu em lágrimas e saiu apressada do quarto. Dava para ouvir seu choro conforme ela se afastava pelo corredor.

Foi a desculpa de que Merida precisava para enfim estrangular Harris.

— Seu sarnento com cara de meleca! — rugiu ela, lançando-se sobre o irmão. Já fazia dias que queria dar uma sova no irmão. O comportamento do garoto

já estava terrível quando Merida voltou para o casamento, mas tinha conseguido ficar ainda pior. Nem Harris nem Hamish haviam dado um pio sobre a ausência de Hubert, mas viviam brigando. As rugas entre os trigêmeos não eram novidade, mas quando Hubert estava lá, as brigas acabavam virando brincadeira. Sem ele, porém, pareciam não acabar nunca. A apreensão de Hamish aumentava, assim como a insolência de Harris.

— Merida, princesas não agem assim! — gritou Elinor das profundezas do castelo.

Como de costume, parecia conseguir farejar as atitudes reprováveis da filha. Mas de nada adiantou. Por mais que parecesse um lorde de meia-idade, Harris ainda era um irmão mais novo, dotado daquele talento secreto de escapulir bem a tempo de evitar um puxão de orelha.

Depois que as coisas se acalmaram, Merida percebeu que Hamish estivera deitado na cama durante todo aquele tempo, a coberta jogada ao redor dos ombros enquanto desenhava em um pergaminho já cheio de rabiscos.

— Ele estava prestes a levar um puxão de orelha — disse Merida a Hamish.

— Estava mesmo — concordou o garoto.

— Por acaso *you* quer ir explorar as passagens secretas? — convidou ela.

O irmão estremeceu.

— Não, deve ser muito escuro por lá.

Merida soltou um suspiro ruidoso.

O tempo frio e cinzento se arrastava, as rajadas de vento soprando incessantes contra as paredes. Hamish e Harris continuavam a brigar. Leezie continuava a chorar. Elinor e Fergus continuavam sem falar de Kinloch porque ainda não era a hora certa.

Estraguei tudo, lamentou-se Merida. *Mudei uma coisinha só e todo o resto foi por água abaixo.*

Mas então o tempo melhorou, daquele jeito lindo que às vezes acontecia em DunBroch, e a primavera chegou em um piscar de olhos. Ainda fazia frio durante a noite, mas o céu diurno tingia-se de azul em vez de branco, as árvores adquiriam aquele tom cálido que indicava que os ramos estavam prestes a brotar e os pássaros de repente pareciam mais vivazes e animados durante o amanhecer, que chegava cada vez mais cedo.

O clima agradável trouxe visitantes a reboque, e DunBroch recebeu três seguidos.

O primeiro foi o pombo que Elinor enviara para Ardbarrach no início do ano.

Ele retornou ao pombal com uma carta de Hubert presa à perna, pela qual recebeu um banquete composto por pãezinhos amanteigados e algumas folhas de alface fresca. Aileen tinha acabado de preparar creme de ovos para acompanhar as primeiras frutinhas da primavera, então toda a família se reuniu no salão comunal para ler a carta e se deliciar com os frutos recém-colhidos, uma promessa apetitosa do que a primavera tinha a oferecer.

— “Queridos mamãe e papai e Merida e Hamish e Hubert e Leezie, venho por meio desta...” — leu Elinor de sua poltrona, piscando em meio à fumaça.

— Nem parece que foi ele quem escreveu — protestou Hamish.

— É assim que se começa uma carta, meu querido — explicou Elinor. — Veja, é a letra dele.

Virou a carta para que Hamish e Harris pudessem ver por conta própria, mas os dois limitaram-se a acenar para que ela continuasse a leitura. Por insistência de Elinor, toda a família sabia ler e escrever (com exceção de Leezie, que dizia ter dificuldade porque as “letras ficavam todas embaralhadas” quando ela não estava olhando), mas a matriarca ainda era a mais afiada. Além de ter vindo de uma família muito instruída, Elinor tivera os melhores tutores na França; sabia ler e escrever em meia dúzia de idiomas. Era habilidosa o bastante para ler em voz alta na velocidade normal da fala, como fazia naquele momento, mas também tinha o dom de escrever um cartão pascoalino para os aldeões enquanto mantinha uma conversa ou de ser a única da família capaz de vencer naqueles jogos de palavras que eles guardavam nos armários. Fergus tinha muito orgulho do talento da esposa, e às vezes pedia a ela que lesse algumas histórias antes de dormir, embora quase sempre pegasse no sono na metade.

Ela deu continuidade à leitura:

— “Eu estou me saindo muito bem. Vocês nem imaginam como estou forte e como me tornei hábil com a espada longa.”

— Ardbarrach é lugar de gente submissa — declarou Harris, sentado em uma almofada no chão. — Hubert sempre gostou que lhe dissessem o que fazer.

— Fique quieto — retrucou Hamish.

— Fique quieto você.

— Eu falei primeiro.

— E eu falei segundo.

Merida, irritada por Elinor não ter gritado com os garotos, tomou a liberdade para fazer isso por conta própria.

— Será que vocês dois podem parar de pentelhar?

— Silêncio, Merida! — exclamou Elinor (o que Merida achou muito injusto) antes de sacudir a carta e continuar a leitura. — “Hamish não gostaria nem um pouco daqui, mas acho que Harris se sairia bem. Ele é mais esperto do que todo

mundo e poderia passar a perna em qualquer um.”

— Está satisfeito agora? — sibilou Hamish.

Harris se empertigou, envaidecido.

— Por acaso *você* está, desmancha-prazeres?

Sem tirar os olhos de Elinor, e ainda empoleirada com delicadeza no braço da poltrona, Leezie estendeu o braço e deu um puxão na orelha de Harris até o garoto ganir de dor.

— Harris! — exclamou Elinor (o que Merida achou muito justo).

Merida e Hamish lançaram um olhar agradecido a Leezie, mas não disseram nada.

— “Por favor, diga a Merida que não fazemos apenas coisas de guerra. Também estão me ajudando a aprimorar minha escrita e leitura, e estou escrevendo esta carta para praticar...” Nossa, tem um montão de erros aqui, pobrezinho — interrompeu-se Elinor, parecendo tomada por um misto de orgulho e felicidade. — “Espero que vocês venham me visitar quando o tempo estiver melhor, sinto saudade de todos. Meus mais sinceros cumprimentos, Hubert de DunBroch. Ah, acho que Gille Peter também queria enviar seus cumprimentos, mas não consegui entender nadinha do que ele disse. E Angus também está se saindo bem, embora eu também não consiga entender nada do que ele diz.”

— Ah, aí está o senso de humor do garoto! — exclamou Fergus com seu vozeirão. — Acho que podemos ir visitá-lo agora que o tempo melhorou.

— De fato — concordou Elinor.

Esse foi o primeiro visitante.

O segundo chegou a DunBroch alguns dias depois. Este, por sua vez, não foi muito bem-vindo. E, ao contrário do pombo, não pôde se deliciar com pãezinhos amanteigados. Era Rabo de Lobo.

Chegou durante uma daquelas chuvas de primavera que surgem em um dia bonito, decidem se acomodar e continuam a cair por dias a fio. Ensopam o ar. Encharcam o chão. Tudo estava se tornando verde e úmido sob as gotas implacáveis, incluindo Rabo de Lobo e seu grupo de capangas, cavalos e cães, que dessa vez foram barrados no pátio.

Os cascos dos cavalos do Dásachtach afundavam na lama, carregando o peso dos homens lavados pela chuva, com as gotas escorrendo pela barba, como se tivessem sido tirados do fundo do lago. Os rabos de lobo do Rabo de Lobo pendiam sujos e incolores de seus ombros. Seus cães grandalhões estavam amontoados em uma alcova, com uma aparência miserável e muito menos assustadora do que antes.

O rei Fergus de DunBroch estava diante da enorme porta do castelo, os braços

cruzados sobre o corpanzil. Estava tão ensopado quanto os outros, mas parecia tão gigantesco quanto sempre. A água não consegue encolher uma montanha, afinal.

Merida e Leezie entreouviam tudo de um esconderijo seco, mas precário; estavam equilibradas em um único degrau na torre, bem em frente à janelinha estreita.

— A que devemos a honra dessa segunda visita? — berrou Fergus.

— Vou ser bem direto — avisou Rabo de Lobo em seu rosnado habitual. — Vocês nos disseram que DunBroch enviaria um destacamento diplomático para três territórios.

— E honramos nossa palavra — respondeu Fergus. — A prova disso é que estou com um filho a menos. Então, por que voltar a nos incomodar com sua visita antes do fim do ano? Por acaso vieram desfrutar do clima?

Com um gesto sutil, Rabo de Lobo enxugou as gotas de chuva que escorriam de seu nariz.

— Sabemos tudo sobre sua viagem a Ardbarrach e o filho que lá deixou; passamos por lá a caminho de DunBroch. Mas o combinado era de que você enviaria uma carta de cada território, e não foi isso que aconteceu.

Merida sentiu o rosto arder de vergonha. É claro. Tinha ficado tão ocupada com os sinos que havia se esquecido completamente de enviar a carta prometida de Ardbarrach. Mas isso não mudava o fato de aquela responsabilidade ser toda dela.

— Eu também esqueci — sussurrou Leezie, tentando fazê-la se sentir melhor.

Em seguida, encostou o dorso da mão no rosto ardente de Merida, que percebeu que tinha mesmo corado de vergonha.

— Você deveria agradecer por nossa passagem por Ardbarrach ter confirmado sua palavra, ou esta visita poderia ter sido bem pior — rosnou Rabo de Lobo.

Era uma ameaça, mas Fergus manteve uma expressão bem-humorada.

— Esse é um jeito engraçado de dizer que está feliz em saber que temos mantido contato com nossos vizinhos. Mas ouvi sua queixa e devo concordar, de fato prometemos enviar uma carta. Não vamos esquecer novamente. Agora, tem mais alguma coisa a dizer, ou posso retornar para junto de minha lareira?

Rabo de Lobo esquadrinhou o pátio, que havia sido tomado por um desleixo imprevidente ao longo do inverno. O chão esburacado. As telhas quebradas no telhado. As cisternas rachadas nas laterais. O olhar do homem se deteve por tempo suficiente para Merida entender o que o motivava: ele queria que Fergus sentisse seu julgamento. Que sentisse o mesmo que Merida sentira quando a Madame mac Lagan percorreu sobre castelos quaisquer nos campos.

Ela não sabia se aquilo abalaria o pai, mas certamente a abalou. O rosto ficou

ainda mais vermelho.

Finalmente, Rabo de Lobo enxugou as gotas de chuva de suas sobrancelhas e, sem mais uma palavra, cavalgou pátio afora, levando consigo seus capangas ensopados e sua matilha de cães.

— Cinco cachorros — comentou Leezie.

— Quê? — perguntou Merida.

— Quis ver quantos havia. Pode significar alguma coisa. São cinco. Quatro deles, mais Brionn debaixo da carroça, totalizando cinco. Nossa, você ainda está muito vermelha.

— Obrigada. O que cinco cachorros significam?

— Geralmente significa que vai chover.

As duas fitaram a enxurrada que desaguava do céu.

— Viu? — acrescentou Leezie.

Depois, escapuliu pela janela e voltou para o castelo.

Merida continuou onde estava, com os olhos fixos no pai, que também continuou onde estava, com os olhos fixos no bando que se afastava. Era difícil tentar adivinhar seus pensamentos. Ela viu quando Fergus virou a cabeça para olhar a cisterna rachada, depois algumas das telhas. Em seguida, ele deu uma cusparada e voltou para o interior do castelo.

Talvez, pensou Merida, ele estivesse se sentindo um pouquinho como ela. Ou seja: muito mal.

Ela deu uma cusparada pela janela, imitando o gesto do pai. Argh, Rabo de Lobo.

Esse foi o segundo visitante.

E o terceiro visitante, que chegou em um dia muito mais agradável, com muito menos alarde, foi Feradach.

CAPÍTULO TREZE

O DEUS DE MUITAS FACES

Feradach havia chegado ao castelo enquanto Merida praticava arco e flecha nos campos externos, embora a garota não tivesse percebido isso logo de cara. Raspou as botas na soleira para remover a lama, entrou pela porta, apoiou o arco na parede e seguiu na direção da cozinha em busca de algo para comer. Estava tomada por aquela sensação de liberdade e alegria que acompanha uma boa sessão de tiro ao alvo, e tudo parecia possível. Depois de forrar o estômago, pretendia estudar os mapas e traçar a melhor rota para Kinloch.

Qual não foi sua surpresa quando, ao se aproximar da cozinha, ouviu Aileen falar em voz melodiosa. Não era nada comum. Fora da cozinha, a mulher se portava com toda a educação, mas virava uma fera quando alguém a abordava enquanto pilotava o fogão ou mexia uma tigela. Naquele momento em particular, contudo, Merida a ouviu compartilhar a receita de um ensopado de legumes em riqueza de detalhes. E, quando chegou à porta, percebeu que conhecia a voz que murmurava em resposta.

— *Você!* — exclamou.

Porque *é claro* que era Feradach — com suas luvas bordadas em carmesim, o broche de árvore e a cabeleira clara — bem ali, em carne e osso, na cozinha apertada. Estava ao lado de Aileen, diante de uma tábua repleta de legumes picados. A luz cálida que se infiltrava pela janelinha perto do chão iluminava ambos, mas a claridade não era suficiente para dizer qual dos dois causava mais estranheza.

Merida se deteve na soleira, desconfiada.

— O que *você* está fazendo aqui? — perguntou.

Feradach fitou-a sem um pinga de maldade, segurando um nabo em uma das mãos.

— Ora, Merida, que falta de educação! — censurou Aileen.

Merida não se importava em manter os bons modos. Só se importava com o fato de ter apenas alguns meses para dar um jeito naquela confusão e não estava gostando nem um pouco de ver Feradach ali, no lar de sua família, conversando com Aileen, segurando os legumes que pertenciam a *elas*, como se fosse um

sujeito qualquer.

— É que eu conheço... — começou Merida.

— Um homem que me conhece — interrompeu Feradach suavemente. — Agradeço muito pela receita, Aileen. Vou dar uma chance, agora que está na época de cebolinhas.

— Eu vou adorar saber se deu certo, senhora! — respondeu Aileen. — Então a senhora veio aqui atrás de Merida?

Senhora?

— Isso mesmo — respondeu Feradach. — Disseram que eu deveria procurá-la.

Aileen virou-se para Merida, ainda muito mais simpática do que de costume.

— Você vai receber a dama no Grande Salão ou no salão comunal, Merida? Vou pedir a Ila que sirva alguma coisa.

A dama?

Feradach estava com os olhos fixos em Merida, esperando que ela juntasse as peças. Enfim ela se lembrou do que ele dissera: cada pessoa o via como alguém diferente. Esse aspecto da magia parecia estranho, mas irrelevante, quando eram apenas Feradach, ela e Gille Peter no meio do nada. Mas o castelo estava apinhado de gente.

Tudo poderia ir pelos ares em um piscar de olho.

— Não precisa servir nada — avisou Merida a Aileen. — Minha conversa com a *dama* será breve.

Em seguida, conduziu Feradach para o corredor dos fundos, tomado pelo breu. Estranhamente, ainda cheirava a pãozinhos de casamento e Natal, embora já houvesse passado muito tempo desde então. Merida e Feradach estavam mais próximos do que nunca e, àquela distância, parecia impossível que os outros não o enxergassem da mesma forma. Os detalhes pareciam muito precisos. Seus olhos eram cinzentos, com uma borda quase preta. A cabeleira tinha a raiz escura, mas era quase branca nas pontas. Havia uma pequena cicatriz logo abaixo do queixo e, toda vez que ele franzia os lábios, sua boca adquiria uma aparência jovem e pueril. Dois dos dentes de baixo pareciam ligeiramente encavalados, de modo que tinham virado de lado para caber na boca. E aquelas luvas, é claro, com a costura carmesim, tão justas que era possível ver o contorno das mãos por baixo. Detalhes tão minuciosos para algo que não passava de uma ilusão. E sem dúvida era uma ilusão, pois Aileen também parecera totalmente convencida por sua outra aparência.

— Eu disse para você parar de me seguir — sibilou Merida.

— É impossível — respondeu ele —, porque você ainda fede a decomposição. Merida escancarou a boca, pronta para revidar, mas ele continuou:

— Mas não foi por isso que vim hoje. Ou por acaso já esqueceu que Cailleach exigiu que mostrássemos nossos avanços um para o outro?

— Não esqueci — mentiu Merida.

Que vergonha ter se esquecido de enviar as cartas do trato com o Dásachtach e dessa parte do trato com os deuses. Mas a verdade era que nunca tinha levado muito jeito com os detalhes mais complicados e tediosos de um projeto.

Em sua voz mais sublime, ela tratou de acrescentar:

— Só estava torcendo para que você tivesse esquecido. Eu não estava muito ansiosa para vê-lo outra vez.

— Hummm — murmurou o deus. — Achei que gostaria de se vangloriar da mudança de seu irmão Hubert.

O coração de Merida quase saltou pela boca. Primeiro porque significava que Hubert realmente havia mudado, então *existia* uma chance de vencer aquele jogo. Mas também significava, mais uma vez, que o irmão de fato havia passado por uma mudança, então nunca mais seria o mesmo.

— Merida, quem está aí? — perguntou Elinor de súbito.

Quando os dois se viraram, avistaram a rainha parada no fim do corredor. Mesmo que apenas sua silhueta estivesse visível, Elinor conseguia parecer ao mesmo tempo muito majestosa e muito desconfiada, a coluna reta e empertigada, a cabeça inclinada de forma imperial e cautelosa.

Não dava para saber como Elinor enxergava Feradach, então Merida pensou em várias respostas antes de chegar a uma mais neutra.

— Aileen nos enxotou da cozinha.

— Por que o visitante está sendo recepcionado aqui? Não é nada... apropriado.

Merida não sabia dizer se era inapropriado por Feradach parecer de origem muito nobre para ser recepcionado em um corredor qualquer, de origem muito humilde para ser admitido no castelo ou por parecer promissor demais como pretendente para ficar tão próximo de Merida a sós. Feradach, por sua vez, não fez nada para ajudar a resolver o enigma de como Elinor o via. Limitou-se a ficar parado, as mãos enluvadas diante do corpo, alternando-se entre olhar para a mãe e para a filha.

Merida recorreu a uma pitada de astúcia.

— Onde a senhora acha que seria mais apropriado?

A silhueta de Elinor pareceu se irritar.

— Merida, não seja insolente! Tanto você quanto este rapaz sabem muito bem que qualquer lugar é mais apropriado do que um corredor escuro, qualquer que seja o assunto.

Foi aí que Merida entendeu o problema.

— Ele não é um *pretendente* — declarou.

— Mas você continua sendo uma moça e ele, um rapaz — rebateu Elinor, chegando perto o suficiente para que Merida visse sua expressão desconfiada.

Era difícil dizer se não confiava na filha ou em Feradach, seja lá qual fosse sua aparência. Desde aquela briga colossal sobre casamento, anos antes, Merida e a mãe nem tocavam no assunto de pretendentes, então não sabiam a opinião uma da outra sobre a questão.

— Agora, faça o favor de continuar essa conversa no Grande Salão. Este corredor está imundo. Não nos julgue com base nisso, senhor. Lindo chapéu, aliás. O senhor já esteve na França?

Chapéu?

— Foi um presente — respondeu Feradach.

— De muito bom gosto — elogiou Elinor. — Eu não via um chapéu assim desde... Fergus! Ah, aí está você!

O rei acabara de despontar no pé da escada, trazendo um peitoral de armadura em cada mão.

— Eu não estava me escondendo, meu amor! — respondeu. Ao ver Feradach, ele assentiu em aprovação. — Está com uma aparência ótima, vovô, mas já não está muito tarde para se fantasiar de pantomimeiro? Elinor, as espaldeiras sumiram e não as acho em lugar nenhum.

Vovô? Fantasiar de pantomimeiro?

As sobrelanceiras arqueadas de Elinor se franziram, confusas, conforme ela processava as palavras de Fergus.

Ai de mim, pensou Merida.

A visão que Fergus tinha de Feradach certamente diferia muito da versão que aparecia para Elinor. Merida tinha que dar um jeito de levar o deus para longe antes que as coisas saíssem ainda mais de controle. Seria muito mais difícil evitar falar sobre o trato se alguém desconfiasse que havia magia envolvida.

— Vamos para o Grande Salão — ordenou Merida, e Feradach obedeceu. — Então, dama, senhora, vovô... — continuou, assim que estavam fora do alcance dos ouvidos de Elinor.

Manteve a voz baixa, pois, embora o Grande Salão estivesse vazio, as paredes altas podiam reverberar suas palavras para cima e para baixo.

— Uma moça comum para Aileen, um pretendente para minha mãe e um pantomimeiro para meu pai, e quem sabe qual aparência terá a seguir — concluiu.

— Eu avisei que cada pessoa me vê de um jeito — respondeu Feradach. — Que aparência tenho para você?

— Ora, você não sabe?

Quando o deus negou com a cabeça, ela acrescentou, incrédula:

— Sua magia altera seu rosto, mas não lhe conta sua aparência?

Ele mirou os estandartes pendurados no teto do Salão Principal. Não dava para saber se estava mesmo interessado neles ou se só queria ver se não eram peças em decomposição que exigiam sua atenção ruinosa.

— Só descubro minha aparência se a outra pessoa me contar. Sua mãe mencionou um chapéu francês. Seu pai mencionou minha idade, minha fantasia. São pistas.

Um clangor melódico chamou a atenção de Merida.

— Hamish! — exclamou, horrorizada.

O menor dos trigêmeos estava encolhido em um dos cantos do salão, quase escondido atrás de uma mesa. Em suas mãos havia uma pequena harpa, e Merida se lembrava muito bem de ouvir a mãe dizer que não deveria ser tocada. Quando o garoto viu Merida, tratou de esconder o instrumento atrás das costas, mas ela apontou o dedo na sua direção.

— O que você ouviu?

— Quê? — sussurrou Hamish, acanhado.

— Você ouviu nossa conversa?

Ele negou com a cabeça. Ainda tentava esconder a harpa atrás das costas, como se Merida pudesse esquecer sua existência se a perdesse de vista. Mas ela conhecia aquele sentimento muito bem. Por trás das costas, apontou com veemência para uma das portas e esperou que Feradach obedecesse.

— Eu não vou contar para a mamãe — prometeu Merida. — Mas cuidado para não quebrar. Estamos indo lá para fora.

Mas Feradach nem se moveu, alheio ao seu comando. Tudo porque Hamish havia parado de tentar esconder a harpa e o fitava fixamente. Era um olhar tão intenso que parecia haver um fio interligando os dois, e romper aquele vínculo seria indelicado. Por isso, o deus continuou onde estava, permitindo-se ser encarado por Hamish, que mais parecia um coelho paralisado de susto.

Por fim, sem tirar os olhos de Feradach, Hamish levantou um de seus longos dedos aracnídeos e tocou a própria bochecha, em um gesto quase involuntário. Merida percebeu que ele devia estar vendo algum tipo de machucado ou cicatriz no rosto de Feradach, algo grande o bastante para deixá-lo em transe. Elinor teria dito que era muita falta de educação encarar e criar caso sobre qualquer coisa estranha que pudesse ter visto, e Merida teria dito a mesma coisa, se tivesse alguma ideia do que chamara a atenção do irmão.

— Você pode me perguntar — disse-lhe Feradach. — Não vai me ofender.

Hamish olhou para Merida, como se pedisse permissão. Ela deu de ombros.

— Dói? — perguntou Hamish, bem baixinho.

Os dedos de Feradach pairaram sobre a própria bochecha, mas não a tocaram.

— Como está?

— Está com cara de estar doendo — respondeu Hamish, em um tom baixo e reverente, com os olhos arregalados. — Você foi atacado por um lobo?

— Um lobo...

Feradach acariciou a bochecha com os dedos, tracejando uma forma que Merida não viu, estremecendo e buscando alguma coisa. Por fim, seus dedos pousaram bem no ponto onde Hamish tocara a própria bochecha. Os olhos do deus se estreitaram, como se algo tivesse acabado de lhe ocorrer, e então ele disse:

— Cães de briga, não lobos. Mas já não dói mais. Não passa de uma lembrança e, se quer saber, a visão do outro olho é ótima. Não permita que suas lembranças tragam mais sofrimento do que a ferida, meu amigo.

Hamish torceu os dedos, apreensivo. Merida nunca o tinha visto manter uma conversa tão longa com um completo estranho; em circunstâncias normais, ela teria ficado radiante de ver aquela mostra de valentia por parte do irmão, mas não com um deus que tinha planos de dizimar todos eles.

— Guarde a harpa — ordenou Merida a Hamish.

Tinha avistado Ila na outra extremidade do salão e estava determinada a sair dali o quanto antes.

— Não conte à mamãe sobre essa conversa, ou direi a ela que você estava encarando as pessoas. Feradach, vamos lá para fora.

Em seguida, atravessou o cômodo a passos largos e abriu não as grandes portas do salão, e sim a portinha escondida entre elas. Do lado de fora, ela o conduziu às pressas pelo pátio coberto de relva primaveril, passando pelas hortas, pelos canis e pelo galinheiro.

Enfim atravessaram o portão e se viram do lado de fora das muralhas de DunBroch. Fazia frio por conta das sombras que se lançavam sobre o lugar, mas ao menos tinha uma vista linda para o lago cintilante. E não havia mais nada além de pinheiros nos arredores; podiam falar livremente sem ser vistos ou ouvidos.

Quando se virou para apontar para Feradach, Merida esmagou as agulhas de pinheiro sob seus pés e o aroma pungente tomou conta do ar.

— Você acabou de falar que só consegue descobrir sua aparência se a outra pessoa contar.

Feradach estendeu a mão na direção da casca geométrica do pinheiro mais próximo, mas não a tocou.

— E é verdade.

— Mas Hamish não contou nada. Só disse que... o que foi que ele disse mesmo? Ele só perguntou se você tinha sido mordido por lobos. E é óbvio que

você não tinha essa aparência para os outros. É óbvio que não tem essa aparência agora. Então, qual é a verdade?

Feradach tocou o próprio rosto, correu os dedos pela cabeleira loura, mas não parecia entender o que havia por baixo; tentava adivinhar, sem sucesso.

— Foi o suficiente para eu me lembrar.

— Lembrar o quê? — Quis saber ela.

— Eu assumo o rosto daqueles a quem arruinei — declarou o deus.

A beleza do lugar se dissipou em um instante, substituída por um frio tão intenso e profundo quanto o do dia em que Merida o conheceu.

Então os traços do rosto que a encarava naquele instante pertenciam a um homem morto, e eram usados agora pelo deus que o matara.

Mas Merida não se deixaria abalar na frente de Feradach. Por isso, adotou um tom muito impetuoso e despreocupado ao responder:

— Então um dia você pode se parecer comigo.

Feradach estremeceu. Ou melhor, o corpo que vestia estremeceu. Merida não se deixaria enganar outra vez. Havia um monstro por trás daquela fachada.

— Achei que saber que eu não me esqueço de nenhum deles poderia despertar seu interesse. Já que você parece acreditar piamente que essa tarefa me agrada.

— Seus sentimentos não me despertam o menor interesse — retrucou Merida.
— Só me interesse em vencer o nosso trato.

— Bem — respondeu Feradach, com a voz mais fria do que antes. — Então, quanto mais cedo cumprirmos as exigências de Cailleach, mais rápido poderei ir embora.

Se ele fosse humano — se fosse qualquer um daqueles humanos cujo rosto assumia —, Merida teria se sentido mal por tê-lo ofendido. Mas Feradach não era humano, então ela se limitou a dizer:

— Então, me mostre a ruína que você causou.

CAPÍTULO QUATORZE

KEITHNEIL

Mas que *raios* a vida de princesa!

Merida mal teve tempo de sair da sombra das muralhas do castelo antes que a voz de Elinor a alcançasse e a chamasse de volta para o pátio. A mãe teve a audácia de parecer desconfiada — achava que a filha estivera se esgueirando por aí com o rapaz que ela jurava ser um pretendente. Quando Merida disse que só queria sair para uma boa caminhada, Elinor exigiu que Leezie a acompanhasse.

— Eu vou *sozinha*, mãe — insistiu Merida.

— Mais um motivo para levar Leezie com você — respondeu Elinor, antes de acrescentar, em um tom sinistro: — Uma princesa nunca deve andar *sozinha* por aí.

Merida, uma princesa que tinha acabado de passar quase um ano andando de um lado ao outro do reino, não gostou nada daquela ideia. Leezie não seria de grande ajuda se houvesse mesmo um perigo à espreita, mas tampouco seria um obstáculo se Merida quisesse sair às escondidas para um encontro amoroso, já que a garota se distraía com qualquer coisa. Elinor sem dúvida sabia disso. Além do mais, a última coisa que Merida queria era levar Leezie em uma jornada para testemunhar a destruição. Teria que inventar uma desculpa para poder visitar um lugar em ruínas sem mencionar o trato, e já estava farta de mentiras.

Porém, assim que Leezie apareceu no pátio, Merida entendeu por que a mãe tinha sido tão insistente. O rosto adorável de Leezie estava inchado e coberto de lágrimas, e ela parecia, como sempre, precisar de uma ajudinha. Era evidente que havia passado um bom tempo aos prantos. Tinha feito para si uma coroa de folhas perfumadas de murta e beijos-de-freira, e dois ramos pendiam de cada lado de seu rosto, como se o adorno também chorasse.

— Divirtam-se — desejou Elinor antes de fechar a porta atrás de si, deixando as duas garotas *sozinhas* ao sol.

— Por que você está chorando, Leezie? — Quis saber Merida, enquanto ajeitava os galhos soltos na coroa de flores.

— Se eu contar, vou estragar tudo. O choro sempre para quando revelamos o motivo — respondeu Leezie, parecendo mais animada. Assoou o nariz na manga

antes de acrescentar: — Oh, olá, Irmão, quer entrar?

A pergunta fora dirigida a Feradach, que havia se aproximado ao ver a porta se fechar. Ele bateu a cabeça e o rosto com a ponta dos dedos, tentando identificar a própria aparência. Em seguida, saindo ao resgate de Merida, declarou:

— Este monge vai acompanhar a princesa em uma caminhada.

— Ah, que bom — respondeu Leezie. — Três é um número bem mais auspicioso. Vamos andar para muito longe?

Feradach observou-a com curiosidade. Leezie tinha esse efeito nas pessoas. Merida se perguntou se o deus já teria conhecido alguém como Leezie Muireall em toda a sua longa e estranha existência. Depois, perguntou-se se ele já teria matado alguém como ela.

— Nem tanto — respondeu.

Foi bom Leezie não ter perguntado para onde estavam indo, pois Merida não fazia a menor ideia. Para algum lugar arruinado por Feradach.

Só houve um porém: assim que chegaram lá, ela não encontrou a ruína que esperava.

Keithneil era uma aldeiazinha charmosa às margens de um rio largo e idílico. Casas simples de madeira com tetos de palha novinhos em folha assomavam-se de ambos os lados de uma ruela apinhada de galinhas e crianças. Vacas de chifres e pelos longos pastavam nos gramados verdejantes de início de primavera. Gatinhos brincavam com as flores primaveris. As nuvens se esparramavam, altas, arejadas e brancas, contra o azul profundo do céu, lançando lindos reflexos no rio abaixo. Ficava a algumas horas de caminhada de DunBroch, mas Merida nunca havia estado ali antes. Nunca houvera motivos para uma visita. Era apenas uma aldeiazinha comum, pacífica. A única coisa notável era o fato de ser tão pouco notável, sem sinais evidentes de dificuldades ou doenças.

— Tem certeza de que viemos ao lugar certo? — perguntou Merida, desconfiada.

— É aqui mesmo — respondeu Feradach.

— É tão lindo. Dá até vontade de *comer* — comentou Leezie, fungando e assoando o nariz na manga outra vez.

Merida teria se metido em apuros por isso, mas Elinor jamais repreendia Leezie, pois, segundo ela, *alguns hábitos são difíceis de abandonar*.

— É o nome da cidade que está escrito ali? O que diz?

Leezie apontou para uma pedra disposta na extremidade da aldeia. Seus lábios se moveram conforme ela lia a palavra esculpida, sem pronunciá-la em voz alta.

— Keithneil — leu Merida, ciente de que estava fazendo o mesmo que todos os outros: dar a ajuda de que Leezie parecia tanto precisar. — Sabe, Leezie, acho

que você deveria deixar que minha mãe a ensine a ler. Então, provavelmente conseguiria arranjar um partidão bem melhor que o Repolho.

Os olhos e o nariz de Leezie ficaram vermelhos à menção do Repolho, mas a voz exalava pura alegria quando comentou:

— Ila está me ensinando a ler... as nuvens! Está vendo aquelas nuvens espigadas ali adiante, em cima das árvores? Significam que a sorte está chegando para os pescadores. Ou para os peixes. Não me lembro se... — Ela virou a cabeça para o lado de súbito, lançando um olhar repentino e atento a Feradach. — Essa costura vermelha deixa suas luvas muito elegantes! Mas não combinam nadinha com seus trajes... eles não são muito monásticos.

— As luvas foram um presente — respondeu Feradach, repetindo o que dissera a Elinor a respeito do chapéu que Merida não conseguia ver.

Leezie sorriu para ele. Sua habilidade de passar das lágrimas ao riso ficava cada vez mais impressionante.

— Gostei muito delas.

— Obrigado — agradeceu Feradach, solenemente.

O deus tinha evitado conversar com as duas durante o trajeto até Keithneil, algo que, a princípio, Merida recebera de bom grado. Mas conforme percorriam a trilha batida, serpenteando por campos e colinas, o silêncio tornava-se tão carregado que ficou quase palpável. Era como se caminhasse junto a deles. Merida, Leezie, Feradach, o Silêncio Desagradável, quatro companheiros de viagem. Se o silêncio viesse de um dos trigêmeos ou de seus pais, Merida o tomaria por um indício de que estavam mal-humorados ou irritados com alguma coisa. Mas era um comportamento tão banal, tão humano, que ela pensou que só podia estar enganada. Certamente um deus não poderia ficar tão profundamente abalado pela aversão que uma única pessoa nutria por ele.

Mas lá estava ele a encarando bem naquele instante, na entrada da aldeia. Enquanto tentava interpretar o significado daquele olhar, ocorreu-lhe que Leezie mencionara as luvas que ela também enxergava. Por mais que Feradach assumisse um rosto diferente para as duas, as luvas continuavam as mesmas. Depois de escolher suas palavras com cuidado, de modo a evitar qualquer alusão à magia, Merida perguntou:

— Você sempre usa essas luvas, com quem quer que esteja?

Feradach parecia esperar a pergunta, pois tão logo ela terminou de falar ele respondeu:

— Sempre. Não importa o que aconteça, elas sempre estão comigo.

— Devem ser muito importantes para você — comentou Leezie.

Merida percebeu que a ideia agradou a garota; Leezie achava que isso acrescentava um quê de romantismo à história do monge.

— Quem as deu para você? — perguntou a jovem.

— Creio que o nome não terá o menor significado para você — respondeu Feradach. — Sinto muito.

— Ela não quer saber dos fatos — explicou Merida. — Só quer saber da história interessante por trás.

Leezie abriu um sorriso alegre, parecendo linda, indefesa e atraente diante das rosas que brotavam ao redor da pedra na entrada de Keithneil. Merida não sabia se aquilo funcionaria tão bem em um deus quanto nos meros mortais, mas pelo jeito funcionava, pois Feradach tratou de responder:

— É uma história bem simples, na verdade. Eu queria algo para proteger minhas mãos em qualquer estação, mas nenhuma luva parecia servir para isso. Muito tempo atrás, conheci um sujeito que tinha um dom especial, e ele achava que poderia dar um jeito no problema. Então, fez essas luvas para mim, e elas protegem minhas mãos desde então.

Ele não explicou por que queria que as mãos estivessem sempre protegidas e, para alívio de Merida, Leezie não perguntou. Mas acabou fazendo outra pergunta:

— Ele ainda faz luvas assim?

Feradach entrelaçou-as com firmeza.

— Ele morreu pouco depois de ter feito estas para mim.

Houve um silêncio ao final da frase, e Merida tratou de preenchê-lo mentalmente: Feradach tinha matado o fabricante de luvas. Parecia óbvio pelo peso que o silêncio carregava, pela forma como Feradach se afastou e encerrou a história, sem mais nem menos.

— Eu estraguei a história — lamentou-se Leezie para Merida. — Não devia ter perguntado o que aconteceu depois do fim. Nunca pergunte ao menestrel o que aconteceu depois que a canção já acabou, foi isso que aprendi.

Seus olhos pareciam marejados outra vez.

— Esse choro todo é porque se arrependeu de não ter se casado com Repolho? — Quis saber Merida.

— Oh, não — respondeu Leezie. — É de tristeza por quase ter me casado com ele.

— Mas não se casou.

— Mas foi quase.

— Mas *não* se casou.

Com um gesto carregado de tristeza, Leezie tirou a coroa de flores e a colocou sobre a pedra na entrada de Keithneil. Em seguida, tracejou alguma coisa no centro, absorta nos próprios pensamentos, antes de dizer:

— Eu queria ser igual a você, Merida. Sua mãe sempre lhe diz o que fazer. Eu

adoraria que alguém me dissesse o que fazer e como agir, e que depois me apresentasse o homem certo e me indicasse o caminho certo a seguir, em vez de ter que decidir tudo por conta própria.

Merida ficou irrequieta. Leezie resumira, de forma bem sucinta, a origem de todas as discussões que ela tivera com os pais na última década. Se pudesse, trocaria tudo o que tinha pela vida alegre e inconsequente de Leezie em um piscar de olhos.

— Leezie, de que ia adiantar? Você nunca faz o que lhe pedem mesmo...

As duas se encararam por um instante, depois desataram a rir. Em seguida, Leezie começou a cantarolar uma musiquinha boba enquanto saltitava na direção da aldeia.

— Bem, vá atrás dela — recomendou Feradach. — Vá dar uma olhada. Foi por isso que viemos aqui.

— Argh. Já dei uma olhada — respondeu Merida. — O que devo procurar?

— Deve procurar ver como é este lugar.

Merida achava que não levaria muito tempo, mas regras são regras. Cailleach lhe dissera que precisava ver os feitos de Feradach, e embora ainda não conseguisse entender, tudo aquilo era obra dele.

E, no fim das contas, Merida e Leezie se divertiram para valer.

Embora a aldeia não ficasse muito longe de DunBroch, os aldeões tinham apenas uma vaga compreensão de que Merida era sua princesa, o que deixava tudo ainda melhor, já que não se perdiam em medidas e formalidades; trataram-nas apenas como visitantes jovens e abastadas. As duas conheceram os cordeiros e cabritos recém-nascidos. Merida comprou um cachecol para Leezie e os tecelões ensinaram a elas uma canção sobre seu ofício. Merida apostou com alguns dos garotos mais velhos para ver quem conseguiria acertar uma flecha mais longe, e seu desempenho lhe rendeu um sapinho de madeira, que ela quase perdeu minutos depois ao apostá-lo em um jogo de trilha. Leezie aprendeu a linguagem das flores com algumas das garotas mais velhas, depois escreveu poesia cifrada com buquês variados que fizeram todas irromper em risinhos.

A certa altura, os aldeões levaram as duas para conhecer a antiga construção de telhado pontiagudo sobre o *crannóg*, uma ilha artificial construída nas águas do rio. Apesar de todas as suas andanças, Merida nunca tinha visto um com os próprios olhos, e ela e Leezie puseram-se a explorá-lo sem a menor pressa. Leezie, desastrada, escorregou na borda e despencou em um barquinho abandonado que flutuava ali perto. Ela se debateu lindamente lá dentro, deslizando com vagareza rio abaixo, até que os aldeões, movidos pelo ímpeto universal de ajudá-la, foram em seu resgate. Em seguida, resolveram ir além: montaram em seus próprios barcos para ensinar a ela como pilotar. Todos

ficaram felizes com a ideia. Leezie adorava receber ajuda; as pessoas adoravam ajudá-la.

Da margem do rio, Feradach e Merida assistiam ao espetáculo. Ao vê-lo ali, com a cabeleira esvoaçante e os olhos semicerrados pela brisa forte da primavera, ela se deu conta de que o deus gostava de Leezie. E das pessoas. Tinha levado as duas até lá porque queria que elas admirassem a aldeia, pois ele próprio a achava admirável.

Mas isso não fazia sentido. O dever do deus era trazer a destruição.

— Eu sou a única pessoa que o vê do mesmo jeito toda vez? — perguntou-lhe Merida.

— Sim — foi a resposta.

— Por causa do trato?

— Acredito que sim.

— Não é de admirar que você não entenda o conceito de família — comentou ela. — Como poderia, se ninguém o vê com a mesma aparência mais de uma vez? Tirando Cailleach, imagino, mas não sei se ela conta. Você jamais pode ter uma conversa que dure mais de um dia. Não pode lutar mais de uma vez com a mesma pessoa. Não pode se apaixonar. Ninguém pode sentir sua falta. E você também não sabe o que é sentir a falta de alguém. Você não sabe nada sobre o que significa ser humano.

— Mas eu observo os humanos — declarou Feradach.

Merida percebeu que, ao falar, o deus cerrou as mãos destrutivas ao lado do corpo em um gesto inconsciente, como já o vira fazer antes.

— E isso basta?

— Eu os observo com frequência. E tenho uma ótima memória. Lembro-me de quase tudo o que vejo.

Ele mergulhou em silêncio. Depois acrescentou:

— Você vai me dizer que aparência tenho para você?

Ao olhar para o deus, Merida pensou que a figura à sua frente não era bem uma mentira, mas também não era inteiramente verdade. Na teoria, aquela *era* mesmo a aparência de Feradach, pois sempre aparecera assim para ela. Mas também *não* pertencia a ele, pois não tinha que conviver com as consequências ou benefícios que ela lhe trazia. Não tinha se esforçado para ganhar aqueles músculos; não sentira a dor do ferimento que havia deixado a pequena cicatriz em sua mandíbula; não tinha escolhido seu corte de cabelo; não sabia como sua beleza tinha mudado ao passar de menino para homem. Ele não merecia aquele rosto. Não tinha vivido atrás dele. Não tinha sido moldado por ele.

Então, aquela não era mesmo a aparência dele. Merida meneou a cabeça.

Como se já esperasse essa resposta, Feradach limitou-se a dizer:

— Então vamos em frente. Quero mostrar o fruto do meu trabalho antes que fique muito escuro para a viagem de volta.

— O que mais há para ver?

Ela olhou para Leezie, ainda distraída com os aldeões no meio do rio.

— Magia — respondeu Feradach. — Leezie vai ficar bem. Não vamos demorar.

Ele conduziu Merida de volta para a grande pedra esculpida com o nome da aldeia. O sol havia avançado pelo céu primaveril e, com ele, também a sombra, deixando o lado oposto da pedra totalmente visível. Havia uma marca de mão bem no centro, tão funda que a rocha parecia ter a mesma consistência de argila.

Feradach apontou para a marca. Se fosse outra pessoa ali que não ele, Merida teria presumido que a mão tinha sido entalhada na rocha com a ajuda de ferramentas, da mesma forma que o nome do lado oposto.

— Imagino que seja sua — arriscou ela.

— É.

Uma mão capaz de se entranhar na pedra. Impossível. Mas também era a mesma mão capaz de evocar uma nevasca para dizimar uma arvorezinha. Merida tentou desanuviar o clima.

— Eu lhe pediria para colocar a mão ali para ver se encaixa, mas imagino que seja uma mão diferente da que você tinha naquela época, certo?

Feradach inclinou a cabeça.

— De um jeito ou de outro, é a sua mão que vai pousar ali agora. Pressione a palma contra a rocha.

Merida hesitou.

— Não vai doer — assegurou-lhe Feradach. — Embora vá revelar a verdade, que às vezes pode ser bem mais dolorosa do que imaginamos.

Merida continuou reticente.

— É apenas magia — declarou o deus.

Isso não ajudou em nada.

— Merida de DunBroch — começou Feradach —, eu já a vi ser muitas coisas desde que comecei a observá-la, mas covarde não é uma delas.

Merida colocou a mão sobre a marca. No fim das contas, não era muito maior que a sua. Por algum motivo, isso lhe conferia um aspecto ainda mais assustador.

— Pedra — ordenou Feradach —, mostre a ela tudo o que você testemunhou.

CAPÍTULO QUINZE

A ALDEIA ROUBADA

Quase no mesmo instante, Merida sentiu que havia sido levada para outro lugar.

Para outra *época*.

Por mais que fitasse a mesma pedra, o mesmo rio e a mesma paisagem, não havia construções à vista.

As árvores eram mais frondosas. Os animais, mais estranhos. O rio era mais implacável.

As noites se transformaram em dias, os dias se transformaram em noites; o tempo avançava depressa diante de seus olhos.

As pessoas chegaram. Primeiro se assentaram em acampamentos rudimentares, dormindo ao lado do gado que conduziam. Depois construíram choupanas redondas de pedra. Plantaram, pescaram, construíram mais casas. E celeiros para proteger o gado das intempéries. E santuários de adoração para deuses que Merida não conhecia.

Construíram *crannógs* para pescar no rio. Era difícil estabelecer fundações sólidas naquele lugar, mas deram um jeito. Conseguiram construir uma comunidade.

Dias e noites se passaram, depois mais outros, e a comunidade prosperou.

De repente, as coisas mudaram: homens muito parecidos com aqueles treinados em Ardbarrach chegaram em fileiras organizadas, com armas imaculadas. O fogo assolou a aldeia, e os recém-chegados fizeram coisas tão terríveis aos aldeões que Merida teve que fechar os olhos. Quando tornou a abri-los, a paisagem havia mudado.

As casas na aldeia pareciam mais suntuosas, decoradas com itens trazidos de longe. Havia mais construções. Mais gente. Uma existência mais próspera se obtinha agora da terra por mãos muito mais numerosas, pois era evidente que as mulheres e crianças que não haviam perecido no ataque tinham sido escravizadas.

A terra cedeu mais e mais.

Dias e noites continuaram avançando. O solo tornou-se feio e irregular, reduzido a nada pelo gado que pastava na região. Os escravizados cultivavam

feno e carregavam os fardos nas costas para manter os animais vivos. A aldeia nem precisava de tudo o que produzia; baldes de leite azedavam na rua enquanto crianças que nunca haviam conhecido a liberdade equilibravam baldes e mais baldes sobre os ombros.

Vez ou outra uma rebelião estourava; vez ou outra um massacre público ocorria nas ruas e o sangue se misturava ao leite derramado.

Merida sentiu um embrulho no estômago.

Então, uma figura surgiu na calada da noite. Não tinha a mesma aparência que ela conhecia, mas ainda assim a identificou. Reconheceu aquelas luvas com a costura carmesim, presentes de alguém que sabia como fazê-las aderir a um deus de muitas faces, de muitas mãos.

Feradach caminhou pelas ruas, olhando de cima a baixo.

Ele tirou a luva. Colocou a mão na pedra. Merida viu quando afundou na superfície da rocha, exatamente como ela havia imaginado, macia como argila sob o toque do deus. Em seguida, ele andou alguns metros e, sem hesitar, pôs a mão onde o sangue e o leite se misturavam na rua. Deu mais alguns passos até chegar ao local onde jazia o corpo da líder da última rebelião, ainda de bruços. Demorou-se um pouco mais ali do que nas proximidades da rocha e das poças de sangue, enquanto observava o cadáver. Em seguida, pousou a mão na nuca da mulher.

Merida *sentiu* a ruína emergir.

A noite virou dia e Feradach não estava mais lá, mas tinha deixado um rastro de ruína para trás. Merida podia sentir o destino da aldeia. Ouviu a primeira vaca tossir e soube que era fatal. Viu os dias darem lugar às noites, trazendo mais e mais mortes. Primeiro as vacas, depois os bezerros, depois os bois, depois as pessoas mais fracas da aldeia, por fim as mais fortes.

E então a aldeia passou um bom tempo em ruínas. Grama e raízes se alastraram aos poucos e derrubaram as casas. A chuva e o rio varreram os cadáveres para longe. As estações passaram, levando consigo a doença que começara com uma mera tosse. Pouco a pouco, os aldeões originários saíram dos esconderijos que haviam escavado ao lado das tocas dos texugos e raposas. Reconstruíram o primeiro *crannóg* com todo o cuidado, depois aguardaram a chegada dos invasores. Mas todos os invasores estavam mortos. Então reconstruíram a rua principal e buscaram o resto do povo nas colinas e, pouco a pouco, conforme os dias e as noites se intercalavam, a aldeia voltou a prosperar e se tornou o lugar que Merida e Leezie tinham acabado de conhecer. Keithneil.

Os dias e as noites continuaram seu avanço até que Merida retornou ao exato instante em que pousara a mão sobre a rocha. Ela viu os próprios cabelos ruivos pendendo em cachos nas costas. Os cotovelos do vestido puídos pelo movimento

de puxar a flecha no arco, o ombro direito gasto de tanto carregar a aljava. De onde estava, viu que tinha a boca da mãe e os olhos do pai.

E, no momento seguinte, ela sumiu de seu campo de visão. Estava apenas ali, ao lado de Feradach, observando a aldeia roubada que tinha sido devolvida a seus fundadores.

Sentia-se indisposta. A brisa parecia soprar com mais vagareza sobre sua pele. Os minutos pareciam se arrastar por uma eternidade em contraste com a ligeira passagem de tempo que ela acabara de testemunhar.

— Era a única forma de provocar a mudança? — Quis saber. — Não poderia ter partido de um líder capaz de fazer o povo enxergar seus próprios erros?

— Você acha mesmo que não esperei isso acontecer? — perguntou Feradach. — Agora deve ter visto como sou paciente. Consegue entender a importância do meu trabalho?

— Não — respondeu Merida, embora já não soubesse mais se entendia *qualquer* coisa que fosse. Sentiu vontade de chorar, mas se recusava a fazer isso na frente dele. — Mas pelo menos entendo por que você acha que precisa fazer o que faz.

— Por enquanto, isso basta — declarou Feradach.

CAPÍTULO DEZESSEIS

MÃE E FILHA

Merida passou a ver DunBroch com outros olhos quando retornou de Keithneil. Tinha visto toda a história de uma aldeia — desde o nascimento até a morte e o renascimento — se desenrolar em questão de minutos. Quando voltou ao castelo, não conseguia parar de pensar em qual estágio da vida DunBroch estava. Feradach sem dúvida parecia acreditar que estava prestes a ruir, então devia enxergar o castelo da mesma forma que Merida enxergara a aldeia roubada e abarrotada de gente.

Mas a maldade e o egoísmo haviam se infiltrado naquela aldeia. Os supostos crimes de DunBroch pareciam mais mundanos. Tudo bem, o pátio já não era mais tão bem-cuidado e repleto de ervas primaveris quanto antes. O Grande Salão já não sediava um festival havia um tempo. O salão comunal esfumaçado não tinha sido reformado, e seus móveis não tinham sido levados para a sala de música. Mas eram apenas lapsos e omissões, nada mais. Além disso, ela tinha visto uma porção de coisas decrépitas em Keithneil, e Feradach não parecera disposto a destruí-las em um rompante.

Para Merida, o ímpeto de destruir DunBroch não passava de um capricho do deus.

Ainda assim, depois de tudo que havia testemunhado, era difícil não ver Feradach com outros olhos. Por mais que quisesse acreditar que não passava de uma criatura cruel e vilanesca, a verdade era que o comportamento dele sempre contrariava suas expectativas. Depois de pensar que o deus pretendia forçá-la a testemunhar morte e destruição, ele apenas a levava para um lugar adorável e cheio de vida. Antes de pousar a mão na nuca daquela rebelde morta, Feradach havia observado o corpo com uma expressão que parecia quase compassiva. No fim das contas, talvez eles *realmente* quisessem a mesma coisa.

Merida finalmente estava pronta para embarcar em sua jornada rumo a Kinloch.

A primavera parecia ter vindo para ficar, então os preparativos haviam começado para valer. Merida tinha sugerido que partissem assim que as estradas não estivessem mais cobertas de neve derretida; Fergus apresentara a

contraproposta de partirem um dia depois da Páscoa, pois “todos estariam se sentindo mais hospitaleiros”. De fato, o clima ficava muito austero e religioso nos quarenta dias que antecediavam a Páscoa (quase o extremo oposto do Hogmanay em todos os aspectos), e as coisas se tornavam mais leves e festivas depois, então Merida entendia a lógica por trás daquele argumento.

Estava ficando cada vez mais empolgada.

Sabia que o verdadeiro motivo da viagem era provocar mudanças em sua família, mas não conseguia evitar a felicidade por se ver na estrada outra vez. Não estava nem um pouco ansiosa, no entanto, para ouvir os gracejos do pai sobre o tal do príncipe que ele julgava um bom partido. Fora isso, mal via a hora de embarcar em mais uma aventura.

— Merida, você está me deixando nervosa com todo esse vaivém — disse Elinor, levantando-se de sua poltrona no salão comunal. — Será que o clima está agradável lá fora? Vamos sair para tomar um ar? Sim, acho melhor mesmo. Ila, você deveria vir também.

A jovem estava ocupada espanando a fuligem dos entalhes ao redor da lareira, um processo que demorava uma eternidade e tinha que ser repetido sempre que ateavam fogo nas lenhas, mas logo baixou o espanador e respondeu:

— Obrigada, senhora.

Elinor lançou *o olhar* a todos os presentes.

Isso acontecia toda vez que Ila era educada, ou seja, o tempo todo. Era como se Elinor estivesse se segurando para não dizer: *Viram, crianças? Vocês também poderiam ser educadas assim.* Porém, como sabia que soaria muito desagradável, limitava-se a lançar aquele *olhar*.

Harris revirou os olhos e voltou a escrever algo em letras miúdas em seu lugar diante da lareira.

Os cantos dos lábios de Hamish se curvaram para baixo e ele se dirigiu, emburrado, para a sala de música, onde começou a produzir ruídos estridentes com a harpa.

Merida soprou o ar com a boca, fazendo os lábios tremelicarem com um sonoro *phbbbbbbbt*. Elinor agiu como se nada tivesse acontecido, limitando-se a dizer:

— Leezie, você também vai nos acompanhar para tomar um ar fresco? Vamos caminhar até a muralha.

Leezie estava deitada de bruços, toda desmazelada, o vestido perigosamente perto do fogo, enquanto folheava um livro que Elinor havia decorado com flores prensadas. O cabelo ao redor do rosto estava todo enrolado depois de cair na água. De tempos em tempos, ela apanhava amêndoas cobertas de mel de uma bandeja ao lado, lambendo a ponta dos dedos depois de levá-las aos lábios.

Merida nunca tinha visto uma pessoa menos propensa a sair para um passeio.

— Levem meu espírito com vocês — respondeu Leezie. — Toda a minha energia reside nele. Mas depois me digam quantas pombas viram entre o chão e a lua. Preciso registrar essa informação.

Não levaram o espírito de Leezie, mas passaram na cozinha para levar alguns pãozinhos quentes com especiarias. Merida apoiou a iguaria em sua bochecha enquanto caminhavam para fora do castelo. Ila envolveu seu pãozinho nas duas mãos. Elinor arrancou nacos do seu e os devorou enquanto seguiam na direção da torre de vigia que conduzia ao topo da muralha.

— A primavera finalmente veio para ficar — comentou Elinor, fitando o horizonte enquanto emergiam no topo da escada.

A observação não dizia respeito ao frio, por mais que ele ainda estivesse presente, e sim aos raios de sol, que continuavam ali mesmo quando a noite já se avizinhava. Os dias curtos de inverno estavam se alongando aos poucos, antes de se tornarem aquelas horas eternas e elásticas que povoavam o verão, e era uma sensação boa, como se estivessem sendo agraciados com uma dose extra de tempo.

— Sempre me esqueço de como a vista é bonita daqui de cima.

A muralha, que contornava uma parte da lateral de DunBroch, tinha sido construída por defensores de outrora para afastar invasores de outrora, e toda a sua extensão era dotada de uma passarela alta que deveria ser patrulhada por guardas. Naqueles dias, porém, era patrulhada apenas por esquilos e arminhos. E por Elinor. Quando o clima estava ameno (ou seja, quando as rajadas de vento não eram fortes a ponto de derrubar alguém da amurada), Elinor caminhava pela muralha para “tomar um ar”. A mãe da rainha tinha morrido de alguma moléstia causada pela falta de ar fresco, ao que parecia, então Elinor adotava medidas literais para evitar o mesmo destino.

Costumava insistir com os trigêmeos para que a acompanhassem, mas eles reclamavam tanto da duração do passeio que ela sempre acabava por desistir. E não tinha como negar que, uma vez iniciada a caminhada, era impossível não ficar à mercê da passarela. Havia torres de vigia a cada cem metros ou mais, mas não eram limpas havia décadas, de modo que as escadarias estavam tomadas por amoreiras e samambaias e todas as criaturinhas que faziam delas sua morada. Apenas uma torre em cada extremidade era mantida sob controle para permitir a passagem.

— Esse clima vai ser muito bom para viajar — comentou Ila.

Ainda segurava o pão, intocado. Merida havia amassado o seu em vários formatos diferentes. Aileen teria ficado irritada ao ver que a princesa não tinha gostado dessa versão leve e aerada, mas Merida preferia pãozinhos densos e

glutinosos.

— Sim, acho que você vai se divertir, filha — declarou Elinor.

Merida caminhou por vários metros antes de se dar conta do que a mãe dissera.

— Eu vou me divertir?

Elinor respirou fundo, sentindo o aroma terroso da muralha, toda coberta de musgo e hera úmida.

— Sim, acho que vai.

Merida repetiu, em um tom um pouco mais ameaçador:

— *Eu* vou me divertir? Você também vai.

Elinor continuou a caminhar, seu tom inalterado:

— Eu sei que você nos ouviu discutir sobre essa questão. Seu pai e eu decidimos que um de nós precisa ficar para cuidar dos assuntos do reino. É uma época muito atribulada, não dá para delegar essa tarefa a outra pessoa por tanto tempo assim.

Merida sabia que isso não passava de um truque, tão sagaz quanto os de Cailleach.

— Eu não ouvi coisa nenhuma. Você sabia que a viagem seria nesta época quando concordou em ir!

— Eu estava esperançosa — respondeu Elinor. — Otimista, na verdade. Mas a realidade veio como um balde de água fria.

— Talvez a senhora possa ir no lugar do rei — sugeriu Ila. — Eu ficaria de olho nas suas coisas.

Elinor deu uma risada leve e enganchou o cotovelo no de Ila enquanto caminhavam.

— Isso é muito gentil de sua parte, Ila. Mas o rei ama Kinloch. Não posso privá-lo dessa viagem.

Elinor sempre fazia isso. Sempre inventava uma desculpa inevitável. Merida deveria ter se lembrado do que acontecera com a viagem marcada à Espanha. Naquele momento, porém, estava pensando na última viagem que fizera com a mãe, aos abrigos nas terras altas.

Havia ocorrido muito tempo antes, quando ela tinha mais ou menos a idade dos trigêmeos. Embora tivesse passado muito tempo cavalgando pelos campos no interior do reino, nunca fizera dele sua morada. Não sabia nada sobre os súditos que seus pais governavam: os lavradores, os pescadores, os leiteiros e os tecelões. Naquela época, Merida achava que todo mundo morava em um castelo. Era o único mundo que conhecia e, até onde sabia, todos que trabalhavam dentro e nas redondezas do castelo voltavam para seus *próprios* palácios ao final do expediente.

Certa primavera, porém, Elinor disse a Merida que estava na hora de descobrir quais eram os deveres de uma rainha. Depois de arrumarem as malas para uma longa jornada, as duas partiram na primeira viagem da vida de Merida. Foi um espetáculo.

Os abrigos nas terras altas eram sazonais. Todo outono, os lavradores conduziam seu gado para as pastagens mais abundantes nas terras baixas, bem perto da aldeia, e os animais devoravam a grama até não sobrar nada. Na primavera, os lavradores conduziam as vacas magras para os abrigos nas terras altas, com suas pastagens montanhosas, para que a grama voltasse a brotar perto da aldeia.

Não era apenas um lugar. Era um estilo de vida. Durante os meses mais quentes, as famílias se acomodavam em cabaninhas simples com feixes de urze como cama, alimentavam-se de aveia, queijo, manteiga e leite das vacas que pastoreavam, entoavam canções e contavam histórias sob as estrelas. Era o melhor que uma vida simples tinha a oferecer, ainda que tão diferente do melhor que a vida do castelo lhe oferecia.

Merida floresceu. Já não precisava esconder os cachos sob véus e toucados. Todo dia era diferente do anterior. Não precisava fingir ser alguém que não era.

Mas, o que foi ainda mais surpreendente, *Elinor* floresceu. A delicada e culta Elinor, tão talhada para a vida de rainha, mostrou-se uma verdadeira força da natureza nos abrigos nas terras altas. Merida nunca a tinha visto tão poderosa quanto naquele verão, vestindo uma túnica simples, o cabelo preso em um coque bagunçado para manter os fios afastados da manteiga que ela batia ao lado de outras mulheres. Durante o dia todo, onde quer que ela estivesse, as pessoas a procuravam para pedir conselhos, traçar planos e resolver discussões. Elinor nunca dava ordens, mas, por ser tão inteligente e justa, acabava liderando a todos nos abrigos — não por ser sua rainha legítima, mas sim por sempre saber como dar um jeito em tudo.

Merida nunca tinha se achado muito parecida com a mãe, mas, naquele verão, nunca quis tanto ser como ela.

E uma partezinha dela esperava que a viagem para Kinlochry trouxesse aquele sentimento de volta.

Enquanto percorria a muralha ao lado da mãe, contudo, percebeu que havia se esquecido de que Elinor parecia cada vez mais reticente a sair de DunBroch.

Merida insistiu:

— Mãe! Venha comigo, *por favor!*

Ila comentou, com seu tom gracioso:

— A senhora disse que fiz um ótimo trabalho. Disse que, graças a isso, seria mais fácil dar um pulinho em outro lugar, não foi, senhora?

Merida trocou um olhar conspiratório com Ila ao perceber que a jovem estava do seu lado.

— São só algumas semanas! — acrescentou Merida.

— Se Aileen não tiver que cozinhar para a família toda, vai ter tempo de sobra para ajudar no resto do castelo — argumentou Ila.

Elinor se pôs a admirar a paisagem cada vez mais escura. Dali havia uma boa vista para o lago, cintilando em dourado ao lusco-fusco. Ainda restavam alguns cisnes, que deslizavam feito dragões negros pela superfície da água. Uma raposa regougou em algum lugar ali perto.

— O momento não é propício, meninas.

Merida não conseguiu se conter.

— A senhora sempre faz isso! Sempre dá um jeito de se esquivar!

— Não seja tão explosiva — respondeu Elinor, sem levantar a voz. Fazia anos desde a última briga entre as duas, e ela não estava disposta a começar outra. — Veja, bem ali, duas pombas para Leezie. Não se esqueça de dizer a ela.

— Estou pouco me lixando para as pombas! A senhora me deixou acreditar por todo esse tempo que iria junto e agora finge que eu já deveria saber que não iria desde o começo! Sempre inventa uma desculpa!

A voz de Elinor ficou um pouco mais incisiva.

— Ser rainha não é uma desculpa. É um dever.

Foi como se uma onda de fúria arrebentasse sobre Merida. Seus ouvidos sibilaram. A mente se inundou de imagens da Madame mac Lagan dizendo o que Ardbarrach achava de DunBroch. Suas bochechas arderam tanto quanto naquele dia.

— E qual é o dever de uma rainha, mãe? O que a senhora faz o dia todo? Para quem escreve tantas cartas? O que aconteceria se parasse?

— Merida! — exclamou Elinor, bruscamente. Depois, com um esforço palpável, tratou de acrescentar em um tom mais calmo: — Merida. Isso é muito inapropriado.

— Desde quando é inapropriado dizer a verdade? A senhora não faz mais nada! Só faz de conta que é rainha! Meu pai faz de conta que é rei! O mundo inteiro está rindo da nossa cara! Nós não estamos...

Merida se conteve para não dizer “mudando”, porque não queria violar os termos do trato. Em vez disso, acrescentou:

— Fique brava, ande! Fique com raiva! Grite! Faça alguma coisa!

Mas Elinor não perdeu a paciência. Apenas fitou a filha, com uma expressão triste e doce estampada no rosto.

— Eu não estou brava, minha querida. Estou decepcionada por saber que você me vê assim, só isso.

Nos velhos tempos, isso teria desencadeado uma briga enorme, mãe e filha fariam as pazes e chegariam a um acordo, e as coisas teriam sido diferentes. Naquele momento, porém, era como se Elinor estivesse simplesmente cedendo.

O sibilar nos ouvidos de Merida se transformou em um rugido.

— E eu estou decepcionada por você ser assim! — gritou.

Depois, deu meia-volta e saiu batendo o pé.

Parecia impossível que um dia voltasse a desejar ser como a mãe.

PARTE TRÊS

VERÃO

CAPÍTULO DEZESSETE

OS LOBOS DO VERÃO

— Mas que bela estação! — rugiu Fergus.

Estavam a caminho de Kinlochy, até que enfim! Com algumas semanas de atraso, sim, mas o plano original havia passado por várias mudanças, reviravoltas, cachorros com ossos, cachorros com colheres de madeira. No fim das contas, eram apenas Fergus, Hamish, Merida e Brionn, o filhote comedor de colher. Harris deveria ter se juntado a eles, mas estava de castigo por ter mordido o irmão; como punição, teria que passar um mês trabalhando como escriba. E Elinor continuou a ser ela mesma. Merida ainda não tinha voltado a falar com a mãe.

— Eu irei na próxima — dissera Elinor, pouco antes de a família partir.

De todas as coisas que ela poderia ter dito, aquela era a mais dolorosa. Claro que não iria na próxima. Jamais sairia de DunBroch. Por que insistia em prometer algo que sabia que não cumpriria? E se *quisesse* mesmo ir, por que simplesmente não se *juntava* a eles?

Merida não respondeu nada.

— Mas que país glorioso, que terra mais nobre! — continuou Fergus.

— É lindo mesmo — admitiu Merida.

Por mais que estivesse aborrecida com o atraso na partida, não tinha como negar que isso lhes permitira cavalgar pela versão mais amistosa da Escócia. Os longos dias de verão se estendiam infinitamente, transformando-se em uma curta noite cinzenta por algumas horas antes de o sol raiar outra vez. As árvores vicejavam em todas as tonalidades de verde: os freixos cálidos, os pinheiros azulados. Havia pássaros por toda parte. Já tinham avistado tetrazes chamativos com sua plumagem exuberante, gaviões de rabo afunilado, codornizes de pernas compridas, gralhas de aparência maléfica e pequenas andorinhas alegres.

Ao contrário do que ocorrera na jornada para Ardbarrach, agora avançavam depressa, sem nenhuma carroça para lhes atravancar o caminho. Não viajavam com guardas nem criados. Graças à presença do pai, Merida não precisava de uma dama de companhia e Fergus não precisava de alguém para lhe indicar o caminho até Kinlochy. O rei havia deixado seus soldados protegendo o castelo e

pedido a Merida e Hamish que usassem trajes modestos durante a viagem, evitando parecer membros da realeza. Não queria chamar ainda mais atenção para o fato de que estava longe de seu castelo e de sua rainha.

Então, cavalgaram sem demora, sem adornos majestosos, pelos melhores dias que a Escócia tinha a oferecer, a caminho de uma cidade vibrante amada pelo rei.

Merida não tinha do que reclamar.

De repente, uma grande sombra lançou-se sobre o pescoço de Midge.

— Vejam! — gritou Merida, apontando para o céu.

Uma enorme águia-rabalva, grande como um dos trigêmeos, sobrevoou o grupo. Deu um rasante tão baixo que a égua, sempre ávida por uma desculpa para se assustar, deu uma guinada para o lado. Com o movimento, Merida teve a oportunidade de admirar cada uma das penas marrons que revestiam as asas da ave e ver de perto o bico grande e amarelo, entreaberto de forma oportuna.

— Mas que animal esplendoroso. Um campeão. Rei como eu. Rei do ar. Você tem o domínio dos céus, meu camarada, e eu vou cuidar deste aqui embaixo, combinado? Segure-se na sela, Hamish! — disse Fergus, entre risos. — Você seria um lanche apetitoso.

Hamish guinchou de medo.

— É uma piada — tranquilizou-o Merida. — Hamish. É só uma piada.

Pensando bem, talvez Merida tivesse, sim, do que reclamar. Mas era uma coisinha de nada. Hamish já tinha tomado um baita susto naquele dia ao ver Brionn emergir de uma moita. Estava no lombo de Humor, um pônei que raramente se assustava, mas o medo instilado em seu grito tinha sido tão convincente que o animal havia disparado a todo galope. Merida tivera que ir atrás dele. Depois disso, tinham decidido que Hamish seguiria na frente de Fergus, no lombo de Sirist, enquanto ela conduzia Humor atrás de Midge, o que de certa forma lhes permitiu apertar o passo. Já não precisavam parar de tempos em tempos para garantir que Hamish continuava montado no pônei; Humor era apenas um animal de carga desafogado àquela altura. Em outros tempos, Fergus teria ficado muito zangado com toda aquela história, mas já tinha convivido com o filho por tempo suficiente para saber que Hamish era assim mesmo.

Uma lista resumida dos medos de Hamish: tudo e qualquer coisa.

Tinha medo do escuro. De barulho. De doninhas e lobos. De insetos com ferrões. Tinha medo até de tesourinhas, que não tinham ferrão, mas pareciam ter. Tinha medo de ficar com espinhos presos na pele. De ficar com comida entalada na garganta. De altura. De profundezas. De trovões. De raios. De muita gente reunida. De pouca gente reunida. E tinha medo de Harris.

Esses eram medos que Merida conseguia entender. Eram coisas que de fato poderiam machucar ou assustar. Poderia até tentar tranquilizá-lo quanto a todos

esses temores. Mas Hamish também tinha outros medos que ela não entendia: conceitos e situações que não pareciam nem um pouco amedrontadores. Ele tinha medo do terceiro degrau que levava à sala de música, então sempre o pulava. Tinha medo da armadura disposta no terraço do Grande Salão, então sempre chorava baixinho quando lhe pediam que buscasse algo no segundo andar. Tinha medo de como os cisnes abandonavam o lago todo verão para passar o resto do ano em outro lugar e passava dias enfurnado em seu quarto depois que o último deles alçava voo. Tinha medo de virar a última página de um livro, então nunca sabia o fim de nenhum deles, a menos que alguém lesse para ele.

Merida não sabia como tranquilizar o irmão quando se tratava desses medos.

O estranho era que nem sempre tinha sido assim; ele *havia se tornado* uma pessoa medrosa. E mais estranho ainda era o fato de não conseguir pensar em nada que pudesse ter desencadeado isso. A impressão era de que ele deveria ficar menos medroso com o passar do tempo, não mais, pois levava uma vida cercada de segurança.

Mas lá estava ele, com medo de águias.

Sem nunca ter sido arrebatado por uma.

— Pai — chamou Merida, pensativa, enquanto cavalgavam pela trilha batida.
— Quando foi que mamãe parou de ir aos lugares?

— Como é? — respondeu Fergus com seu vozeirão. — Mas ela vai a um montão de lugares.

Merida nem se deu ao trabalho de responder.

— Sua mãe gosta das coisas boas da vida — declarou Fergus, por fim. — Viajar nem sempre proporciona isso.

— Ela me levou para os abrigos nas terras altas — argumentou Merida. — Não existem regalias por lá.

Fergus permaneceu em silêncio por um tempo. Quando não conseguia dizer algo em voz alta, muitas vezes preferia se abster. Parecia irrequieto. Acomodou Hamish na sela à sua frente. Coçou a perna de pau, distraído, mas então pareceu se lembrar de que a havia perdido anos antes e tratou de coçar a outra. Depois alisou a barba. Por fim, rompeu o silêncio:

— Acho que ela pode ter se esquecido de como era boa nesse tipo de coisa. Às vezes nos apegamos a certas convicções, não é?

— Foi isso que aconteceu com você, Hame? — perguntou Merida. — Agarrou-se ao medo de águias?

Hamish apenas a encarou, sem reação, na segurança dos braços do pai. Não podia ser instigado a um ato de valentia, e já estava acostumado demais a seus medos para sentir vergonha disso. Ele era daquele jeito, simples assim.

Merida não estava disposta a largar o osso, mas de repente percebeu que as orelhas de Midge estavam se agitando para lá e para cá. Não do jeito ranzinza de sempre, mas em um gesto carregado de urgência e cautela. Ao olhar para trás, Merida viu que Humor também parecia agitado, seu rabo erguido como se estivesse pronto para sair em disparada. Era o tipo de pônei que não se preocupava com nada além de um bom torrão de grama, então era estranho que parecesse tão disposto a se pôr a galope ainda de barriga cheia.

Merida ouviu uma troada vinda da floresta quando alguns pássaros levantaram voo, grasnando em advertência. Os pelos de Brionn se ouriçaram conforme ele arqueava as costas magras. Seus olhinhos brilhantes, que quase nunca se detinham em um ponto só, estavam fixos na floresta.

— Pai... — chamou Merida.

— Eu ouvi. — Foi a resposta.

— Ouviu o quê? — Quis saber Hamish, apreensivo.

— Eu acho que é melhor nos...

— Sim — concordou Fergus. — Solte a rédea de Humor, se for necessário. Ele virá atrás de nós!

Ele pressionou os flancos baixos de Sirist com ambas as pernas e Merida fez o mesmo com Midge. Os dois se puseram a galope.

Bem na hora, a matilha de lobos emergiu das profundezas da floresta.

As pessoas tendem a acreditar, de forma equivocada, que os ataques de lobos ficam ainda piores durante a escassez do inverno. Açam que, por não haver muito alimento disponível, os animais se voltam para os humanos. Mas a verdade é que é mil vezes pior ser encurralado durante um belo dia de verão quando a matilha teve um bom ano. Nesses casos, há muitas bocas novas para alimentar e as lobas estão famintas depois de amamentar seus filhotes. Além disso, querem mostrar aos mais novos como é que se caça. E existe forma melhor de fazer isso do que perseguir alguns viajantes?

Foi o que aconteceu com o padre e aquele rapaz que tinham levado um jogo de tabuleiro para DunBroch. Devorados por lobos. Aquela dama francesa teve o mesmo destino, mas seu acompanhante escapou por um triz e, segundo Elinor, acabou se juntando a um mosteiro para tentar esquecer o que viu. Foi movido pela experiência, não pelo medo, que Hamish adivinhou o que havia causado as cicatrizes no rosto de Feradach. Por um bom tempo, Fergus e os monarcas de reinos vizinhos convocaram caçadores de lobos, que voltavam ao final do verão com sacos recheados de rabos peludos, sendo pagos por cada um.

Merida sempre tinha visto aquela prática como pura barbárie, até se ver encurralada por uma matilha. Lobos e humanos travavam uma batalha havia séculos, e às vezes uma espécie levava a melhor sobre a outra, e depois as coisas tomavam o rumo inverso.

Por isso, Merida, Fergus e Hamish galoparam sem parar.

Os lobos moviam-se em silêncio conforme fechavam o cerco para encurralar a família, ao contrário dos cães que Fergus levava em suas caçadas. Os lobos eram mais espertos, tentavam atrair os cavalos para fora da trilha, assim como Merida havia feito com Feradach tantas semanas antes. E, além de tudo, eram rápidos. Os cavalos também eram, mas já haviam passado o dia em movimento depois de uma primavera ociosa.

— Eu vou ficar para trás para enfrentá-los, Merida! — gritou Fergus. — Você leva Hamish!

— Eu não vou deixar o senhor aqui, pai! — exclamou a garota.

Os olhos de Hamish estavam arregalados de medo. Brionn disparava entre as patas de Humor, e não tardaria para que os dois tropeçassem. O cãozinho não conseguia decidir se tinha coragem suficiente para enfrentar os lobos ou se deveria enfiar o rabo entre as pernas e buscar um esconderijo. Merida entendia completamente.

Pegou seu arco, mas antes que pudesse decidir em qual lobo atirar primeiro, uma trombeta soou.

Os lobos hesitaram.

A trombeta soou outra vez.

Merida e Fergus incitaram as montarias a andar em círculos, buscando a origem do som.

Logo veio o terceiro ressoar.

De repente, uma criatura gigantesca coberta de espinhos emergiu da floresta e se posicionou entre os cavalos. Começou a rugir. Flechas respingaram ao seu redor. Um dos lobos uivou e fugiu em disparada. Mais uma vez, o som desenfreado da trombeta. Midge empinou; Sirist escoiceou. O caos tomou conta.

— Estamos aqui! — gritou alguém. — Vocês estão seguros agora!

A comoção tinha sido causada por um grupo de pessoas vestidas com armaduras de couro e túnicas rústicas. A criatura coberta de espinhos, por sua vez, não passava de um cão da mesma raça daqueles que os homens do Dásachtach haviam levado para DunBroch, mas vestindo uma armadura de couro engenhosa revestida de fragmentos de galhada. A trombeta era um instrumento imponente e robusto, capaz de comandar o cão e aterrorizar os lobos, que entendiam claramente o que significava. Todos eles eram liderados por um sujeito de cabelos muito escuros e sobrancelhas negras e espessas. As

costas de sua armadura também estavam revestidas de espinhos, assim como a do cão, que voltou para junto do homem todo saltitante, com a língua pendurada para fora.

O líder foi o primeiro a se dar conta de quem eles haviam acabado de resgatar. Primeiro arqueou as enormes sobrancelhas, depois caiu de joelhos em uma jura de lealdade.

— Peço que me desculpe, meu rei — disse o homem, ainda com a cabeça baixa. Tinha o sotaque carregado dos camponeses. — Não o reconheci com esses trajes simplórios.

Os outros homens também se puseram de joelhos.

Merida e Hamish observaram, com perplexidade, a fila de homens ajoelhados; era uma visão incomum e até um pouco desconfortável. Aquelas pessoas tinham acabado de salvar a pele deles, e logo depois pareciam prestes a implorar por seu perdão.

— Levantem-se, homens, levantem-se. Eu é quem devo me ajoelhar.

Fergus soltou sua risada estrondosa, apeou de Sirist e ajudou Hamish a desmontar, para grande angústia do garoto. Em seguida, o rei se dirigiu ao homem de armadura espinhosa.

— Qual é o seu nome e como podemos lhe agradecer?

O homem ficou de pé e, enquanto fazia carinho nas orelhas cheias de cicatrizes do cão, respondeu:

— Meu nome é Maldouen, o braço direito do *earl* de Strathmannon. E não há necessidade de nos agradecer. Será uma honra acompanhá-los para onde quer que estejam indo.

— Nosso destino fica bem distante ao leste — respondeu Fergus. — Kinloch. Não esperamos que nos acompanhem para tão longe, mas nos juntaremos a vocês para uma refeição, se assim desejarem.

— Faremos o que o senhor quiser — declarou Maldouen.

Os homens os conduziram até sua pequena aldeia, um povoado formado por *clocháin*. Essas casinhas peculiares eram construídas com pequenos blocos lisos de rocha empilhados, o que lhes dava a aparência de uma colmeia, talvez uma pinha. Tinham portinhas quadradas e, às vezes, janelinhas do mesmo formato. O conjunto da obra se assemelhava ao que uma criança desenharia se alguém lhe pedisse para desenhar uma casa. Merida já tinha ouvido falar daquelas construções e ficou encantada ao vê-las com os próprios olhos.

— Olhe só para isso — disse Merida para Hamish, tentando lhe passar um pouco de sua empolgação, enquanto envolvia seus ombros magros com um dos braços. Percebeu que o garoto ainda tremia de medo. — Já tinha visto algo assim antes?

Hamish não respondeu; apenas manteve o corpo apoiado no da irmã, fitando as casas em formato de colmeia com uma expressão vazia. Merida pegou o ursinho que levava a Ardbarrach para Hubert e o entregou a Hamish, que o aceitou em silêncio. Irmão e irmã ficaram ali, lado a lado, enquanto o garoto acariciava as orelhas rotas do urso, Merida acariciava-lhe os cabelos e Fergus era apresentado ao superior de Maldouen, o líder da aldeia. *Earl* Godfrey de Strathmannon. Um nome grande demais para uma aldeia tão pequena, e Merida logo se lembrou, com incômodo, do que a Madame mac Lagan dissera sobre o faz de conta dos reinos do interior. Os súditos do *earl* consistiam em algumas dezenas de aldeões franzinos com pouca carne nos ossos e ainda menos luxos à vista, com exceção de sorrisos. Esses eram abundantes. Uma visita do rei já teria sido empolgante por si só, mas uma visita do rei depois de uma perseguição arriscada de lobos? Os ânimos da aldeia estavam nas alturas; as histórias seriam boas naquela noite.

Godfrey aproximou-se de Hamish e Merida a passos lentos. Embora fosse o *earl*, em nada se distinguia de seus súditos, e tinha o mesmo sotaque carregado de Maldouen.

— Você deve ser a princesa.

— Eu mesma — respondeu Merida.

— E este é o príncipe — continuou Godfrey.

Em seguida, franziu os olhos e se pôs a observar Hamish, que ainda estava visivelmente amedrontado. No mesmo instante, a expressão do homem se suavizou em compaixão. Era assim que as coisas aconteciam com o irmãozinho de Merida. Da mesma forma que as pessoas se sentiam impelidas a ajudar Leezie, algo em Hamish as impelia a confortá-lo.

— Oh, príncipezinho, você está a salvo agora. Os lobos estão bem malvados este ano, mas Maldouen e a Velha Flor aqui sempre os mantêm afastados. Veja só. Flor, venha cá conhecer o garoto.

Godfrey chamou o animal com a armadura espinhosa para perto de Hamish.

O príncipe, já pequeno, parecia ainda menor. Mas Godfrey não sabia que não havia nada que ele pudesse fazer para melhorar a disposição de Hamish — e que o simples ato de lhe dirigir a palavra tornava tudo pior. Hamish ainda estava com medo dos lobos, e de repente também passara a ter medo do cão de armadura e de conversar com Godfrey.

Ao ver a cena, Fergus disse:

— Merida, por que você não vai dar uma olhadinha nos cavalos e nos nossos pertences depois daquele galope todo... Você sabe como é. Leve Hamish junto para que ele cuide de Humor. E faça alguma coisa a respeito daquele cachorro vesgo do Harris.

— Achei que tivesse dito que ele vinha de uma boa linhagem — retrucou Merida.

Ela e o pai olharam para Brionn, que corria em círculos ao redor da Velha Flor, soltando latidos estranhos que mais pareciam ganidos anasalados.

— Não conte ao Harris que o chamei de vesgo — pediu Fergus. — Mas esse cachorro nasceu com a pá virada, tenho certeza.

Os aldeões se ofereceram para fazer o trabalho no lugar da princesa, é claro, mas Merida os dispensou. Sabia qual tinha sido a intenção do pai com aquela sugestão, que não se limitava a tratar dos cavalos exauridos.

— Você já viu nosso pai fazer isso antes? — perguntou Merida ao irmão.

Hamish ainda estava ao lado dela no alpendre, obediente, os olhos ainda aterrorizados, os dedos ainda trêmulos. Teria sido fácil perder a paciência se ele estivesse chorando, mas parecia tentar engolir o medo e fazer tudo o que ela lhe pedia. Merida olhou de esguelha para ver se ele ainda carregava o ursinho — carregava — e continuou a tagarelar amenidades na esperança de distraí-lo.

— Ah, claro que não — continuou. — Você nunca tinha viajado com ele antes. Esta aldeia não faz parte das rotas comerciais e, de todo modo, não tem nada a ofertar. Eles tiram o sustento da terra. Podem até ter um punhado de cabras e talvez um ou dois pôneis. Produzem o alimento e estocam uma parte para o inverno. Então, vamos dar nossas coisas para eles, todas as guloseimas que trouxemos. Foi por isso que papai nos mandou tratar dos cavalos.

Com uma expressão séria, Hamish a observou pegar uma braçada de frutas açucaradas, carnes em conserva e pãezinhos com especiarias, todos os luxos reais que eles haviam empacotado para a jornada.

— Mas seja discreto... Aja como se não soubéssemos que eles não têm essas coisas, tudo bem? — acrescentou Merida. — Não podemos ferir o orgulho deles.

Mais tarde, quando ainda estava claro, acomodaram-se ao redor de uma grande mesa rústica e saborearam uma refeição ao ar livre. (Merida suspeitava que o interior das casinhas fosse muito apertado e escuro para permitir um jantar agradável, e os aldeões talvez não quisessem gastar juncos e banha animal para iluminá-las.) Já parecia ser tarde da noite, embora fosse difícil dizer as horas com precisão. Os dias de verão duravam uma eternidade, e só começava a escurecer depois da meia-noite. Fergus sentava-se à cabeceira da mesa, o *earl* na extremidade oposta e os aldeões se aglomeravam nos bancos de ambos os lados e em alguns trechos de grama. A história dos lobos já havia sido contada várias e várias vezes. A cada uma delas, Velha Flor ganhava mais um naco de carne. Era rápida, apesar do tamanho, e por mais que Brionn tentasse interceptar o petisco voador, a cadela sempre chegava primeiro, para grande alegria de todos. Bem, todos menos Hamish, que ainda se pelava de medo dela.

Mas ao menos o garoto parecia um pouco mais calmo. Com seus grandes olhos, pôs-se a observar os aldeões se deleitando com todas as iguarias que ele tomava como garantidas. Também fitou o alaúde encostado no banco a alguns metros dali.

A mulher ao lado do instrumento interceptou seu olhar, mas foi esperta o bastante para não dizer nada a respeito. Em vez disso, apenas agradeceu:

— Obrigada por essas delícias, homenzinho.

Hamish a encarou, atônito. A mulher virou-se para Merida, que apenas encolheu os ombros.

— Mas que alegria a sua companhia — acrescentou a mulher, pegando o alaúde. — Mais gente para me ver tocar!

Quando ela começou a dedilhar o instrumento, a mesa irrompeu em um coro de vivas. Alguns dos aldeões batucavam com os copos na mesa, seguindo o ritmo da melodia. Merida viu os dedos frios e aracnídeos de Hamish moverem-se, inconscientes, ao ritmo da canção. Como ele amava música. Só precisava ouvir uma melodia uma ou duas vezes antes de conseguir reproduzi-la.

— O príncipe sabe tocar? — perguntou a mulher com o alaúde.

— Hamish é uma criaturinha que leva jeito com tudo que tenha cordas — comentou Fergus. — Pena que aqueles lobos não tinham.

Assim que ouviu isso, a mulher entregou o alaúde para Hamish. Ele não estendeu os braços a tempo de segurá-lo, então ela simplesmente o deixou cair em seu colo.

— Eu troco uma música por sua porção de peras — disse ela.

Hamish continuou onde estava, uma criaturinha paralisada com olhos arregalados.

O medo e o alaúde pressionavam-no contra o banco.

Ah, como Merida queria que ele conseguisse tocar na frente de todos sem o menor receio. Não para o bem deles, mas para o de si próprio. Quando foi que seu senso de diversão tinha sido substituído por todo aquele medo?

— Você poderia tocar “Cruzes e Quadrados” — sugeriu-lhe Merida, aos sussurros.

Ele continuou imóvel.

— Você não acha que deve uma canção à Velha Flor por ter salvado sua pele? — perguntou Maldouen.

Não passava de uma brincadeira, mas, sem perceber, o homem tinha acertado em cheio. Aquela era a única forma de motivar Hamish: apelar para o dever. Hamish podia muito bem se deixar dominar pelo medo, mas nunca à custa dos outros.

— Tudo bem — sussurrou o garoto, que então se virou para a cadela e

acrescentou: — Madame.

A mesa irrompeu em gargalhadas.

Hamish começou a tocar o alaúde.

Os aldeões começaram a bater palmas no ritmo da música. A canção ficou mais rápida. As palmas também. Hamish se pôs a dedilhar o alaúde e os aldeões se levantaram para dançar no ritmo da célebre melodia. Com o alaúde na mão e a melodia cada vez mais energética, quase dava para acreditar que o medo de Hamish havia se dissipado, mas Merida não se deixaria enganar. Era sempre assim. Quando seu irmão tocava para os outros, parecia virar uma pessoa diferente. Mais empertigada, mais confiante. Mais parecida com Hubert ou Harris. Era tudo parte do show, afinal, e ele se sentia no dever de fazer um grande espetáculo para a Velha Flor.

De repente, ocorreu a Merida que, na verdade, Hamish era bem mais valente do que ela. Por mais que ela vivesse fazendo coisas arriscadas, nunca sentia medo. Hamish, por sua vez, ficava apavorado antes de fazer qualquer coisa, mas seguia em frente mesmo assim.

Merida queria acreditar que tocar diante daquelas pessoas seria o suficiente para mudar seu irmão. Para convencê-lo de que não havia razão para temer o que vinha depois, porque nada de ruim lhe aconteceria durante a jornada. Mas então a melodia chegou ao fim, e era como se a música tivesse sido a responsável por mantê-lo de pé. Assim que acabou, Hamish voltou a se retrair e devolveu o alaúde. Evitou o olhar de todos e fez tudo a seu alcance para simplesmente desaparecer.

Merida não tinha ideia do que seria necessário para mudá-lo.

CAPÍTULO DEZOITO

O LUGAR DE DORMIR

Merida achou graça da empolgação do pai à medida que se aproximavam de Kinlochy. Fergus começou a apontar monumentos e a gesticular muito enquanto contava reminiscências que logo eram interrompidas quando ele se dava conta de que nenhum deles estivera lá, então não queria se dar ao trabalho de contextualizá-las. Lembrava um pouco Hubert quando ficava naquele estado, disperso e feliz, empolgado demais para se concentrar em qualquer coisa. Bem, talvez lembrasse o *antigo* Hubert, antes de Ardbarrach, o garoto que Merida sempre achou que cresceria à imagem e semelhança do pai, grande como uma casa, com cabelos fartos e barba nórdica. Mas ela já não conseguia mais imaginar o futuro do irmão, uma vez que havia raspado o cabelo e abandonado as contas azuis que certa vez escolhera para adornar-lhe a barba.

— *Kinlochy!* — exclamou Fergus, entusiasmado, enquanto cavalgavam na direção da cidade.

Alcançaram os arredores de Kinlochy quando o longo dia de verão estava quase chegando ao fim. As noites curtas pareciam ainda menos duradouras ali do que em DunBroch, porque Kinlochy era um reino costeiro e o sol nunca parecia deixar seu posto sobre o oceano. Ali, a noite não passava de uma versão mais acinzentada do dia. Embora Merida não conseguisse ver o oceano de onde estava, podia sentir a maresia, aquele aroma fresco, písceo, e podia vê-lo no céu. À beira-mar, os céus sempre tinham aquela aparência estranha, ampla, como se a luz viesse de todas as direções e as nuvens não soubessem diferenciar cima e baixo, baixo e cima.

Merida encheu-se de alívio ao descobrir que a cidade de Kinlochy em nada se assemelhava a Ardbarrach. Não tinha o mesmo ar rigoroso. Embora estivesse bem-preserveda, a muralha claramente remontava aos tempos antigos, quando os romanos haviam marchado para o norte antes de bater em retirada, deixando para trás nada além de nomes estranhos. As construções no interior da muralha pareciam modernas e produtivas aos olhos de Merida: lojas e fábricas, lugares para comprar itens e outros lugares para fabricá-los, lugares para armazenar coisas em carroças e transportá-las para outras cidades, e lugares para

descarregar mercadorias vindas de outras cidades. Havia placas e faixas dispostas diante de cada edifício de pedra cinza, mostrando e descrevendo os ofícios que representavam. Uma torre elegante e suntuosa assomava sobre a cidade; a sinuosa viela principal desembocava em sua silhueta à beira-mar. A cabeça de Merida ferveu só de pensar na quantidade de transações comerciais prósperas que deviam ter acontecido para construir uma cidade de tal magnitude.

Era tudo encantador. Pacífico.

Enquanto cavalgavam em direção à torre, Merida tentou se imaginar morando em um lugar como aquele. Como seriam as pessoas? Ainda não tinham cruzado com ninguém.

— O hidromel que eles têm aqui é dos deuses — contou Fergus aos filhos. — E há uma bebida que chamam de cerveja Kinlochy, mas que na verdade é feita à base de ovos. Tão forte que é capaz de derrubar até um urso.

O som dos cascos dos cavalos golpeando os paralelepípedos ricocheteava nas construções que ladeavam a viela.

Brionn corria para cima e para baixo, farejando tudo o que via, com o rabo em riste. Ainda não tinham visto ninguém nas ruas. Talvez fosse por conta do horário? Em DunBroch, as pessoas esperavam o sol de verão se recolher para fazer o mesmo. Em Kinlochy, porém, talvez tivessem um horário de dormir mais rígido. Afinal, todas as casas pelas quais passavam estavam com as cortinas fechadas.

A voz de Fergus reverberou pelas ruas vazias, mas continuou falando cada vez mais alto, como se de alguma forma isso pudesse abafar o eco.

— E, Hamish, você vai adorar a música local. Uma vez recebemos um grupo de músicos daqui lá em DunBroch. Você não deve se lembrar, pois ainda mal tinha saído dos cueiros, mas...

— Um harpista — disse Hamish, de bate-pronto. — Com uma barbona pontuda. E aqueles três gaiteiros. E o músico que tocava um alaúde de dois braços.

— Por Cailleach, como é que você se lembra de tudo isso? Era apenas um filhote na época!

Hamish nunca se esquecia de nada relacionado à música.

Mas onde estaria a musicalidade de Kinlochy? Naquele momento, não se ouvia som algum, apenas o grasnar das aves marinhas quando enfim alcançavam o topo da torre. A silhueta avultava de forma impressionante contra o céu oceânico logo atrás, cercada de gaivotas brancas em pleno voo. A torre parecia observar sua chegada em silêncio.

— É mesmo formidável — comentou Fergus, com a voz mais suave do que de costume, sua fanfarronice amainada pela calma das ruas pelas quais

passavam.

A porta da torre estava entreaberta. Não escancarada, apenas um pouco encostada.

Fergus apeou de Sirist e se aproximou. Chamou em voz alta e, passado um momento, empurrou a porta.

Merida prendeu a respiração, imaginando o que poderia haver do outro lado.

Mas eram apenas um homem e uma mulher, entregues a um sono leve nas cadeiras logo atrás da porta. Vestiam trajes suntuosos que condiziam com a elegância do lugar. Havia alguns fios de ouro trançados na barba do homem. Uma teia de pérolas adornava o cabelo da mulher. Mas os dois estavam sentados preguiçosamente, e nem se empertigaram ao perceber que estavam sendo observados.

— Quem está aí? — perguntou a mulher, com a voz sonolenta.

— Fergus de DunBroch, aqui para ver seu velho amigo Ronald de Kinloch! Pode bater umas panelas para acordá-lo, se for preciso!

A mulher apenas fitou-o, inexpressiva. Sem muito entusiasmo, perguntou ao homem com a barba trançada com fios de ouro:

— Você sabe do que ele está falando?

O homem meneou a cabeça, depois bocejou. Parecia tão interessado em cumprimentar os viajantes quanto Leezie em cumprir seus afazeres domésticos.

— Ora, levante-se, homem! — rugiu Fergus. — Não vê que viemos de DunBroch? Não sou um camponês, mas sei muito bem que você deve informar ao seu rei de que outro rei chegou com metade de sua prole! Ande, vá!

Disse tudo isso com seu vozeirão bem-humorado, e era o tipo de coisa que teria feito as pessoas rirem e obedecerem. Qualquer outro rei teria simplesmente berrado com aqueles dois por tanta insolência.

E talvez Fergus devesse ter feito exatamente isso, pensou Merida, porque o homem e a mulher apenas se entreolharam como que dizendo “fazer o quê?” antes de enfim se arrastarem para as profundezas da torre. Moviam-se com tal morosidade que era difícil dizer se pretendiam seguir as ordens de Fergus ou se estavam apenas indo embora para que ele parasse de importuná-los.

Depois que sumiram de vista, Merida disse:

— Mas que falta de educação!

Embora a falta de educação não fosse o único aspecto que chamasse a atenção naquele comportamento.

— Antes também era... assim? — perguntou.

— A disciplina nunca foi o forte deste lugar — admitiu Fergus, parecendo um tanto decepcionado.

Quando viu Hamish apoiar o rosto sonolento na crina de Humor, tratou de

acrescentar:

— Não caia no sono. Haverá uma festa quando formos recepcionados por Ronald. Aquele homem sabe promover um banquete como ninguém. Todas as noites são uma aventura com ele e Caitrina. Baldes e mais baldes de hidromel. Cantoria até o dia raiar. Duelos de espadas em cima da mesa. Artistas vindos da Espanha.

O tempo se arrastou.

A cidade continuou mergulhada em silêncio.

Assim como o castelo.

Os cavalos começaram a se inquietar. Merida espiou o interior escuro da torre em busca de qualquer indício de que o homem e a mulher estavam voltando.

— Algum sinal deles, minha ursinha donzela? — perguntou Fergus.

Merida negou com a cabeça.

À medida que a noite acinzentada os cercava e a cidade mergulhava em um silêncio cada vez mais profundo, Merida e Hamish finalmente apearam dos cavalos. Fergus colocou Hamish em seus ombros.

Em seguida, os três conduziram os cavalos na direção do castelo.

CAPÍTULO DEZENOVE

O PRÍNCIPE DESAMPARADO

Osalão de entrada da torre estava tomado pelo breu. A única luz vinha das janelas decorativas nas laterais, de modo que era difícil identificar a dimensão do lugar. O eco causado por seus passos, no entanto, sugeria que era enorme. Os cascos estrondeavam contra o chão, e Merida não conseguia acreditar que ninguém tinha aparecido para repreendê-los. Cavalos! Dentro de uma torre como aquela!

Mas talvez *não houvesse* ninguém ali para repreendê-los.

— Talvez aqueles dois não passassem de fantasmas — teorizou Merida, bem baixinho.

Por mais que não acreditasse em fantasmas, já tinha presenciado e feito coisas mais estranhas, como um trato com dois deuses. Tudo era possível.

— Como saberíamos? — insistiu.

— Você não estaria me perguntando isso se tivesse sentido o cheiro daqueles dois — respondeu Fergus, enquanto se embrenhavam na escuridão. — Espíritos não têm sovacos fedidos daquele jeito.

Merida acreditou nele, mas continuou estranhando aquela torre obscura. Intimidadora. Já havia passado muitas noites ao relento, mas nos descampados a escuridão parecia uma mera consequência da noite. No interior de uma torre, porém, era apenas um vazio. Havia velas e candeeiros nas mesas e afixados nas paredes, mas todos estavam apagados. As pessoas que viviam ali podiam recorrer à luz, mas tinham escolhido a escuridão.

— Senhoras! — exclamou Fergus, com seu vozeirão.

Finalmente haviam avistado algumas mulheres. Criadas, talvez. Ou cortesãs. Assim como os outros dois, as damas ostentavam trajes suntuosos de festa, mas não pareciam celebrar coisa alguma. Estavam apenas apoiadas na parede, como se esperassem por alguma coisa.

— Onde está sua rainha? — continuou Fergus, a voz ainda mais bonachona. Apelar para o bom humor era seu jeitinho DunBroch de resolver aquela situação peculiar; estava disposto a ser alegre, mesmo que mais ninguém o fosse. — Onde estão os cavaleiros? Vejam só, tivemos que trazer nossos cavalos a seus

salões por falta de boas-vindas!

As criadas o observaram com uma expressão que, a princípio, Merida tomou por desprezo, mas depois percebeu que era apatia. Algumas delas até viraram de costas, com um ar entediado.

Merida e Fergus trocaram um olhar. Hamish, ainda nos ombros do pai, abraçou-lhe o topo da cabeça, com uma expressão apreensiva no rosto. (Outra coisa de que ele tinha medo: criadas que não respondiam a perguntas diretas.) Humor encostou o focinho na mão de Merida, um lembrete de como toda aquela situação parecia absurda. Pôneis dentro de um castelo. Criadas alheias à presença de um rei. Uma cidade vazia em uma linda noite de verão.

Depois de uma longa reflexão, Merida resolveu perguntar às criadas onde estava o rei. Em francês. Estava um pouco enferrujada, mas Elinor insistira com ela para que aprendesse o suficiente para conversar com os nobres que o preferissem como língua da corte.

E, para sua surpresa, foi agraciada com uma resposta vaga: uma das criadas apontou para o interior do castelo.

Fergus assentiu de leve com a cabeça, demonstrando sua aprovação. Merida ficou estranhamente tocada com a pequenez do gesto do pai, tão diferente de seus costumeiros modos expansivos. Nunca tinha duvidado do amor que Fergus nutria por ela, mas era como se, pela primeira vez, o pai a visse de uma forma que nunca vira em DunBroch: como uma adulta, não uma criança.

Como uma igual.

Depois de se embrenharem ainda mais no castelo, avistaram uma vela bruxuleante rodeada por um punhado de soldados. Assim como os outros, vestiam-se com toda a suntuosidade e pareciam igualmente desinteressados pela família DunBroch. Por fim, um dos soldados indicou-lhes um ponto ainda mais afastado do castelo, mas ninguém se ofereceu para acompanhá-los.

— Esta não é a Kinloch de que me lembro — comentou Fergus.

Eles enfim chegaram a um grande salão iluminado por tochas dispostas em toda a extensão das paredes. Agora, havia luz suficiente para que Merida pudesse ver a suntuosidade do lugar. Mesas esculpidas com maestria e incrustadas em mármore. Tochas de chão com grandes pés de ouro em forma de garras de pássaro, rabos de peixe e patas de animais. Tapeçarias e estandartes pendiam do teto elevado, com detalhes intrincados bordados a ouro. Instrumentos musicais simples e exóticos acumulavam poeira em um palquinho elevado (a atenção de Hamish logo se voltou para eles).

Havia algumas pessoas espalhadas pelo salão, mas pareciam tão inertes quanto os instrumentos. Estavam encolhidas ao lado das harpas ou apoiadas nas mesas, usando os mesmos trajes refinados que todos os outros. E, assim como os

outros, também não deram muita importância à presença da realeza estrangeira e ao fato de haver cavalos bem no meio de seu salão.

Merida queria gritar: *Qual é o problema de vocês?* Mas de certa forma sentiu que seria uma falta de educação tremenda, pior do que o descaso com que vinham sendo tratados. Parecia haver algo muito errado naquele lugar, mas escancarar isso seria pura crueldade, pois as pessoas já pareciam cientes disso. Todas elas traziam expressões sombrias e distantes no rosto.

— Podemos ir embora, pai? — sussurrou Hamish. — Não podemos simplesmente ir embora?

— Será que é um feitiço? — perguntou Merida. Lembrou-se do que tinha visto na rocha em Keithneil. — Ou será que estão doentes?

— Temos que encontrar Ronald — declarou Fergus. — Por ora, isso é tudo o que importa.

Em uma biblioteca mais ao fim do corredor, encontraram um rapaz da idade de Merida, o queixo apoiado em uma das mãos. Diante dele via-se um livro que parecia estar aberto na mesma página havia um bom tempo, pois a tinta estava tão desbotada que mal dava para distinguir as letras, embora o rapaz o fitasse como se conseguisse entender.

— Rory! — exclamou Fergus, atônito.

Mas não demorou para recuperar a alegria de antes. Como os pais de Merida sempre faziam ao se deparar com uma situação desagradável, Fergus tentou transformar aquilo em algo positivo. Primeiro tirou Hamish de seus ombros e o acomodou ao lado da mesa.

— Olhe só como você cresceu desde a última vez que nos vimos. Veja só essa barba! Onde está o seu pai, o rei Ronald?

Aquele era o jovem que Merida vinha se preparando para evitar? Ora, não era um pretendente. Mais parecia uma estátua que ganhara vida.

Lentamente, Rory ergueu o olhar. Devia ter sido bonito em algum momento do passado, mas àquela altura mal se notava, pois o cabelo e a barba pendiam, sem vida, ao redor da pele macilenta.

— Estamos conferindo os livros — explicou o rapaz.

Tinha uma voz monótona, engessada, como se, em vez de conversar, estivesse repetindo um poema ou um hino que já havia escutado à exaustão.

— Estamos procurando as receitas — continuou. — Entrarei em contato. Enquanto isso, pode levar uma mesa ou uma cadeira ou uma escultura como pagamento. Vou procurar seu nome nos registros contábeis. Vou encontrar.

— Ora, Rory, não vim aqui tratar de negócios! — bradou Fergus, espalhando as manzorras de cada lado do livro. — Viemos para uma visita real regada a diversão e conversas! Você não se lembra de mim, daquele verão com os fogos

de artifício? Onde está a sua mãe? E seus compatriotas? Por que não há mais música, por que não há mais luz?

— Não há mais luz? — repetiu Rory. Pareceu confuso por um instante, depois acrescentou em um tom monótono: — Não temos como arcar com os custos. Tivemos que abrir mão dela. Deve ter sido um erro de contabilidade. Só pode ser. Alguma anotação errada. Estamos devendo mundos e fundos para todo mundo. Apenas pegue o que você acha justo.

Fergus contornou a mesa e pôs Rory de pé.

— Levante-se, homem. Não sei o que aconteceu com você, mas não é assim que se resolve. Venha, leve-nos ao seu pai.

Sem titubear diante daquela intervenção física, Rory fez o que Fergus pediu, seu corpo rígido e desacostumado ao movimento.

Enquanto atravessavam o corredor, seu olhar encontrou o de Merida e ela estremeceu com o que viu. Havia alguma coisa oca e reflexiva nele, como os olhos de um animal vistos à luz de tochas, que se tornam vazios e apáticos quando voltam a mergulhar na escuridão.

O rapaz nem pareceu se abalar quando viu que cavalos eram conduzidos pelos salões de seu pai. Em vez disso, apenas liderou o caminho, sem olhar para trás para ver se estava sendo seguido.

Merida envolveu Hamish com um dos braços enquanto caminhavam. Sua mão resvalou no pescoço do irmão, e ela percebeu que seus batimentos estavam tão acelerados quanto os dela. Por mais que o medo não inundasse sua mente, o corpo de Merida parecia estar se preparando para travar uma batalha invisível.

Continuaram em frente, cada vez mais, seguindo Rory por corredores amplos com telhados elevados. Mas que castelo! A torre que tinham visto era apenas uma parte. O resto da construção se estendia a perder de vista em direção ao mar, que Merida podia ver pelas janelas. Aquele labirinto escuro devia ter sido grandioso na última visita de Fergus, com centenas de soldados, comerciantes, artesãos e membros da corte. Passaram por um quarto onde crianças cochilavam junto de uma babá, depois por um cômodo onde anciões debruçavam-se sobre livros contábeis, e ainda por mais uma profusão de salas repletas de cortesãos aconchegados em almofadas e poltronas cobertas de pó.

Nenhum deles ergueu o olhar quando os viajantes de DunBroch passaram.

Por fim, chegaram a um grande pátio de pedra com vista para o mar lá embaixo. Era quase tão grande quanto toda a aldeia com casinhas em formato de colmeia, mas o chão era pavimentado com lindos azulejos coloridos. Um parapeito arqueado servia como proteção contra a queda vertiginosa nos penhascos rochosos. Na extremidade do pátio, centenas de degraus rústicos conduziam a uma praia de areias brancas, nas quais se viam alguns navios

mercantes encalhados, além de um punhado de velhos barcos a remo. A maresia dominava tudo. Não o cheiro fresco e salino que Merida sentira ao se aproximarem do oceano, mas o odor fétido e pestilento de peixe podre.

Hamish suspirou, a respiração entrecortada. Era a primeira vez que via o mar.

Rory se deteve, depois acariciou a têmpora, os olhos confusos e vagos.

— Sinto muito, não consigo me lembrar...

— Rapaz — chamou Fergus, em tom preocupado, antes de pousar a mão no braço do jovem. — Não perca a esperança.

A voz de Fergus soara tão comovente que Hamish e Merida pararam para olhar. Fazia tanto tempo que o pai se portava de forma tempestuosa, barulhenta, expansiva e alegre que Merida se convencera de que sempre tinha sido daquele jeito. De repente, porém, pareceu recordar-se de que ele costumava ter outro lado. Não mais suave, e sim mais complexo, como o que vinha se desenvolvendo pouco a pouco ao longo daquela jornada. Hamish caminhou na direção de Fergus, que ainda tentava livrar Rory de seu estupor. O garoto parecia tão fascinado por aquela nova faceta do pai que Merida se esforçou para lembrar se ele já tinha idade suficiente para se lembrar de como era Fergus quando ela ainda era uma garotinha.

Mas antes que pudesse se aprofundar na reflexão, percebeu que já não estavam mais sozinhos no pátio.

Uma figura tinha acabado de galgar o último degrau da escadaria rústica que conduzia à praia lá embaixo. O vento do oceano chacoalhou seu manto, assim como a túnica e a cabeleira clara.

As mãos estavam cobertas por luvas de costura carmesim.

Enquanto Merida observava, ele tirou uma das luvas e pressionou a palma desnuda no parapeito de pedra.

CAPÍTULO VINTE

EU SOU A NATUREZA

— O que você está fazendo aqui? — gritou Merida.

Uma expressão atônita cruzou o rosto de Feradach.

Ele recolheu a mão com um gesto brusco, como se o parapeito estivesse em chamas, mas ambos podiam ver que seu trabalho estava feito: havia uma marca profunda na superfície da pedra. Em seguida, com uma voz que ela nunca o ouvira usar antes, o deus rosnou:

— *Saia daqui agora!*

E foi aí que tudo começou a desandar.

Não foi como a destruição que Merida testemunhara em Keithneil, onde a fome e a doença levaram semanas para arruinar os aldeões.

Dessa vez, porém, o estrago foi imediato.

Um grito se desprende das profundezas do castelo. O cheiro de fumaça invadiu as narinas de Merida. Não parecia *certo*. Não era o aroma agradável e aconchegante de lenha queimando, e sim o odor acre e estranho de telhas e tapeçarias em chamas.

Era o cheiro da violência.

— Este lugar está condenado — sibilou Feradach. — Salvem-se!

— Fique quieto, seu bicho-papão desalmado! — retrucou Merida, enquanto se debruçava sobre a borda do pátio para ver se conseguiriam fugir pelo mar. — Oh!

Muitos metros abaixo, o oceano negro se agitava em frenesi, parecendo ter engolido a faixa de areia. As ondas lambiam os penhascos, avançando com avidez na direção da escadaria íngreme. Um redemoinho havia se formado um pouco adiante e Merida podia ouvir seus sibilos mesmo daquela distância. O turbilhão abocanhava os navios naufragados e os velhos barcos a remo, destruindo qualquer possibilidade de fuga pelo mar.

— Uma plataforma rochosa perto da costa desprende-se e despencou na água — esclareceu Feradach com a voz impassível.

Merida sabia que ele estava ofendido por ter sido chamado de bicho-papão desalmado, mas não era exatamente isso que ele era? Um deus insensível que

usava o rosto que roubara de um ser humano?

— Acabou abrindo uma caverna cheia de ar — continuou ele —, criando um redemoinho com toda a água que foi arrastada para seu interior. É um fenômeno raro. A maioria das pessoas jamais vai testemunhar algo assim.

— Não vamos conseguir fugir por mar, Merida! — gritou Fergus de algum ponto afastado do pátio. Estivera pensando o mesmo que ela. — Ninguém vai conseguir passar por lá!

Um grande estrondo reverberou pelo pátio quando o telhado de uma torre desabou. As chamas tomaram a construção em ruínas e tudo o que havia em volta, alastradas pelos fortes ventos que sopravam do oceano.

— Será que podemos voltar por onde viemos? — gritou Merida em resposta.

— Não sei! — respondeu Fergus, ainda esquadrinhando a costa em busca de uma rota alternativa.

Tudo irrompia em caos.

— Deixaram uma tocha acesa muito perto de uma tapeçaria e o vento entrou pela janela — continuou Feradach. — Ninguém reabasteceu a água de banho nas torres. Deixaram a roupa estendida no varal por semanas, e agora está seca o bastante para alastrar as chamas. A rainha gostava de colecionar palmeiras envasadas que comprava nas rotas comerciais ao sul e mantinha centenas delas espalhadas pelo castelo, mas ninguém cuidou delas, então morreram e murcharam. As muralhas estão repletas de ninhos de pássaros e ratos por onde o fogo pode se espalhar.

— Mas que bela junção de eventos — rosnou Merida.

— Por anos eles se empanturraram de riquezas sem nem saber de onde vinham e beberam e beberam até cair no sono — respondeu Feradach. — Você não sabe quantas pessoas tiveram que morrer para sustentar o luxo que cerca este lugar. Os habitantes deste palácio merecem o que o destino lhes reserva.

— E você não hesitou em dar isso a eles! Eu vi você tirar a luva!

— Você sabe o que faço — declarou Feradach. — Sabe quem sou. Eu lhe contei.

Merida se afastou dele.

— Pai, nós temos que ir! — avisou Hamish, lamurioso.

— Eu sei. Rory — chamou Fergus, voltando sua atenção para o príncipe que os levara até o pátio. — Você conhece este castelo, então vai ter que tomar a dianteira. Pegue o pônei de Hamish.

Rory parecia ter recuperado um pouco da vivacidade, mas apenas porque a luz da torre em chamas devolvera um pouco de rubor a suas bochechas.

— Não me lembro de como se monta — disse.

Não entrava na cabeça de Merida que o rapaz pudesse permanecer tão

impassível diante daquele desastre bruxuleante.

— Então nos leve a pé! — tratou de responder o rei.

— Mas nada disso é real — contestou Rory.

— Rapaz — começou Fergus —, agora não é hora de deixar a sua mente fluir por aí.

Por um breve momento, ficaram nesse vaivém, enquanto Fergus tentava incutir algum senso de urgência em Rory, que nem conseguia formular uma resposta. Então, com um poderoso grunhido, Fergus desviou sua atenção do rapaz e, elevando a voz para se fazer ouvir sobre o redemoinho, o vento e o fogo crepitante, disse:

— Padre, pegue o cavalo e venha conosco.

Merida precisou de um segundo para entender que ele falava com Feradach, que estava a vários metros de distância, parado diante do parapeito. *Padre?* Era assim que Fergus o via?

Merida abriu um sorriso desdenhoso para Feradach, desafiando-o a aceitar a bondade de seu pai.

O deus continuou onde estava.

— Obrigado — agradeceu, em tom educado —, mas vou tentar a sorte no mar.

— Será que todo mundo enlouqueceu? — bradou Fergus. — Seu deus pode salvá-lo de muitas coisas, mas não vai salvá-lo da estupidez. Não tenho tempo para convencê-lo a mudar de ideia, pois tenho que cuidar dos meus filhos. Merida, suba no cavalo!

Os animais estavam amarrados ao parapeito e pareciam prestes a enlouquecer. Enquanto Merida libertava Midge, Fergus murmurou:

— Oh, eu não posso simplesmente...

E desmontou para acomodar Rory na sela de Humor. Depois voltou para o lombo de Sirist, ainda com as rédeas do pônei bem firmes em suas mãos. Em seguida, acomodou Hamish à sua frente na sela antes de sair a galope, embalado pelo som de cascos se chocando nas pedras. Merida montou em Midge e se deteve por um instante para lançar um olhar sombrio a Feradach.

— Vá embora enquanto há tempo — disse-lhe o deus. — Não quero vencer o trato desse jeito.

A égua relinchou alto, externando seu pavor; o som se mesclou aos gritos aterrorizados que irrompiam do castelo.

— Como você pode ser tão cruel? — perguntou Merida.

O rosto de Feradach permanecia impassível.

— Não sou cruel, Merida. Eu sou a natureza.

A ruína foi absoluta.

As chamas consumiram o castelo. O pior aconteceu por toda parte. O teto desabou no ângulo exato para bloquear a porta do cômodo onde estavam os anciões, impedindo-lhes a passagem. Lufadas de vento repentinas balançavam as tapeçarias, fazendo o fogo se espalhar pelos corredores. Cômodos que pareciam muito pedregosos e robustos para se tornarem armadilhas mortais estavam apinhados de palmeiras, que ardiam em chamas.

Veza após veza, Fergus e Merida chegavam a um corredor quando já não dava mais para atravessá-lo ou impedir o avanço da destruição. As portas se dissolviam em brasas incandescentes a centímetros de seus dedos. As vigas do telhado se partiam e desabavam às suas costas.

— Este lugar é um maldito labirinto! — praguejou Fergus. — Por que você está parando, Merida?

— O berçário! — gritou ela de volta, apeando de Midge.

Havia uma pilha de pedras bloqueando o que ela pensava ser a porta do berçário. Tentou levantar algumas, mas não conseguiu. O cômodo parecia mergulhado em silêncio. Ou talvez o som, se houvesse algum, estivesse abafado pelo caos da destruição. Era horrível.

— *Merida!* — berrou Fergus.

Seu tom não lhe dizia por que agir, mas indicava o que devia ser feito: Merida deu meia-volta e se esquivou.

Bem a tempo.

Uma parede desabou bem atrás dela. Brasas encheram o ar, lançando fagulhas por todo canto. De uma hora para outra, o corredor ficou irreconhecível. O céu se escancarava logo acima. Será que estavam do lado de fora? O telhado tinha desabado?

Humor passou por Merida a todo vapor, sem cavaleiro; Midge disparou atrás dele. Merida fitou os arredores em busca de Sirist. Para seu alívio, Hamish ainda estava equilibrado na sela do enorme cavalo de batalha. Seu pai estava um pouco mais adiante.

— Cadê o Rory? — gritou Merida.

— Morreu — gritou Fergus de volta, parecendo exausto.

Estava com uma queimadura feia em um dos braços, bem no ponto onde as chamas haviam lambido a manga de sua túnica e de seu manto.

— Ele saiu de lá e ficou parado enquanto tudo desabava — continuou. — Ele ficou parado lá, sem fazer nada!

— Pai, venha para cá, por favor! — chamou Hamish, assustado.

Seu rosto estava branco, todo manchado de lágrimas. Ele estava cercado por seus piores medos. Todos estavam.

Talvez morressem ali mesmo, pensou Merida.

De súbito lhe ocorreu que era horrível não ter feito as pazes com a mãe antes de partir.

E, de repente, o chão desabou ao redor de Fergus.

— *Pai!* — uivaram Merida e Hamish em uma só voz.

O fogo e os escombros impediam que enxergassem com clareza, mas parecia que a passarela tinha simplesmente desaparecido sob seus pés. Seu pai estava lá e, em um piscar de olhos, não estava mais.

O desespero tomava conta de Merida como o abismo deixado no chão. Sem hesitar, Hamish instou Sirist a um galope. O enorme cavalo baio alcançou a borda do precipício em um, dois, três passos largos. Hamish o conduziu até a beiradinha, que ainda desmoronava.

Merida nem conseguia respirar. A mão colossal de Fergus emergiu do buraco e agarrou o peitoral de couro de Sirist.

— Para trás — gritou Hamish para o cavalo de guerra, com a voz trêmula. — Recue, recue!

Era um garoto franzino, então jogou todo o seu peso nas rédeas até que Sirist começasse a obedecer, puxando Fergus para fora do buraco.

O chão continuou a desabar, mas Sirist ainda recuava, e Hamish pressionou-lhe os flancos até o cavalo girar e saltar para longe. Fergus foi arrastado por mais alguns metros, a perna verdadeira chacoalhando contra o piso enquanto a de pau quicava logo atrás, até que conseguiu se posicionar na sela. Fergus virou-se por tempo suficiente para encontrar o olhar da filha, para ter certeza de que ela estava logo atrás.

E estava.

Havia uma brecha na destruição que se estendia adiante; Merida conseguia ver Humor, Brionn e Midge através dela. Avançou aos tropeções e, ao lado da família, enfim cruzou a entrada arqueada da torre em ruínas e chegou à viela de paralelepípedos.

Estavam frente a frente com a verdadeira Kinloch.

A cidade inteira era consumida pelas chamas. Cada telhado, cada parede. Uma cortina de fumaça encobria o céu.

Fergus puxou Hamish para um abraço repentino, esmagador.

— Você me salvou, garoto.

Mas não era o momento para celebrações. O trabalho de Feradach ainda não tinha terminado. Só terminaria quando não restasse pedra sobre pedra. Midge se esquivou de Merida, então ela tomou as rédeas de Humor.

Depois de tossir para expelir a fumaça de seus pulmões, ela perguntou:

— Você tem certeza de que Rory está morto?

— Todos eles estão mortos — declarou Fergus, severamente.

Ainda cercados pelas chamas, galoparam pela viela de paralelepípedos, àquela altura irreconhecível. Passados alguns minutos, Fergus e Hamish cruzaram o portão pelo qual haviam entrado mais cedo naquela noite, seguidos por Midge e Brionn.

Assim que se juntou a eles, Merida sentiu que o ar estava diferente. Mais fresco. Menos abrasador. Uma noite de verão como qualquer outra, nada como o inferno que se instalara atrás das muralhas de Kinloch.

Em seguida, ela ouviu algo que a fez estacar. Espiou por cima do ombro. Com um aperto terrível no peito, percebeu a natureza do som: eram gritos. Uma das construções de pedra mais impressionantes da cidade havia desabado e as chamas começavam a devorá-la. Os vãos entre os escombros eram largos o bastante para que braços desesperados emergissem aqui e ali. Seria impossível tirá-los de lá. As pedras desmoronadas eram enormes, quase tão grandes quanto vacas. E sem que as vítimas em seu interior percebessem, a enorme torre de vigia também era lambida pelas chamas. Tremulava para lá e para cá, prestes a desabar sobre os escombros e pôr fim àquilo tudo.

A ruína seria completa. Total. Inevitável.

Merida não sabia se podia fazer alguma coisa para ajudar. Parecia errado simplesmente dar as costas e ir embora, sabendo que ainda havia pessoas vivas na cidade.

— Merida, não há nada que possamos fazer! — gritou Fergus, de um ponto mais afastado da estrada. — Venha, filha. Proteja seu coração, pois isso é tudo o que nos resta!

Merida avistou uma figura parada atrás das muralhas do castelo, observando, a poucos metros do inferno chamejante. Feradach. São e salvo. *Não sou uma coisa contra a qual você possa lutar.*

Merida não conseguiria levantar os escombros, mas Feradach... era imortal; era um ser mágico. Sua mão deixava marcas em pedras. Ele poderia tê-los salvado, todos os habitantes de Kinloch, se quisesse.

Mas o deus não fez nada além de fitar os braços estendidos daquelas pessoas agonizantes. As chamas iluminavam e sombreavam sua pele enquanto devoravam tudo ao redor com avidez.

Um dia, ele poderia tomar para si o rosto de um daqueles moribundos.

CAPÍTULO VINTE E UM

O POÇO SAGRADO

O clima ficou diferente em DunBroch depois disso.

O próprio *Fergus* parecia diferente, e era um homem tão grande, uma parte tão colossal de DunBroch, que todo o resto também mudava para se adequar a ele. Em circunstâncias normais, ele teria vociferado ao narrar o que tinham vivido em Kinloch. Entoaria baladas e canções, épicas e folclóricas, sobre resgates dramáticos e fugas trágicas.

Mas não vociferou desta vez. Não elevou a voz. Em vez disso, mergulhou de cabeça nos seus deveres como rei. Derrubou todos os estandartes esfarrapados que pretendia remendar havia séculos e guardou todas as tapeçarias que não eram limpas havia anos. Convocou trabalhadores dos campos para ajudá-lo a carregar toda a mobília do salão comunal para a sala de música. Feito isso, chamou outros homens para se esgueirarem pela chaminé e descobrir o que estava bloqueando a saída da fumaça; depois, colocou ainda mais homens para substituir as telhas quebradas.

Passou semanas sem dizer quase nada. Mas o barulho incessante das obras logo preencheu o silêncio deixado por ele. Todos reclamavam da fuligem, das marteladas e do vaivém, mas *Fergus* manteve-se firme em sua decisão. Ordenou que os estábulos fossem limpos e organizados de ponta a ponta. As ervas daninhas nas torres de vigia da muralha deveriam ser extirpadas e suas portas e janelas, abertas. O sistema de calhas que bombeava a água do lago para o castelo deveria ser desobstruído e consertado.

Por mais que *Fergus* não a tenha dito em voz alta, a mensagem era clara: DunBroch jamais teria o mesmo destino de Kinloch.

Porém, embora as coisas melhorassem em DunBroch, Merida se afundava mais e mais. Passava o máximo de tempo possível na campina onde praticava arquearia, esplêndida depois que *Fergus* mandara consertar e repintar todos os alvos, disparando flecha após flecha. Mas a mente continuava agitada.

— Você deveria perguntar às Damas da Paz se não tem como dar um jeito nessa tristeza — sugeriu *Leezie*, trazendo-lhe o jantar (um gesto comovente, apesar de a garota ter beliscado o prato no trajeto até lá).

— Eu não estou triste — respondeu Merida. — Estou irritada! Não aguento mais esse barulho todo. Não tive um segundo de paz para refletir desde que cheguei.

Por mais que tivesse tentado se refugiar do barulho, ele não tardou a alcançá-la. Fergus tinha decidido que não gostava do corrimão de madeira da escadaria do quarto de Merida, então tudo estava sendo arrancado e substituído. Além disso, havia contratado um artesão de Keithneil para construir uma nova cama para ela. Toda cheia de entalhes, como as colheres que lhe adornavam a cornija.

Merida sabia que deveria ser grata por tudo aquilo, mas não conseguia evitar de se sentir atormentada, em desalinho. Fez o possível para se isolar do barulho e escreveu uma carta ao Dásachtach para contar que havia visitado Kinlochty em vão, pois a cidade já não existia mais. Então, levou a carta até o vilarejo de casinhas de pedra, entregou-a a Comyn, o mensageiro, e voltou para o castelo ruidoso. Saiu para atirar mais um punhado de flechas. Revirou-se na cama à noite, inquieta.

Parecia que tudo mudava rápido demais, e, embora isso fosse exatamente o que ela queria, a sensação era de nunca ter saído daquele corredor em ruínas em Kinlochty. Não conseguia encontrar um terreno sólido sobre o qual se apoiar. Quando voltou para casa, viu que sua casa já não estava mais lá.

— Ah, como é bom ver seu pai tão obstinado outra vez, não é? — comentou Elinor.

A rainha tinha convencido Merida a se juntar a ela, Leezie e Ila para “tomar um pouco de ar fresco” no poço sagrado, que ficava a uma longa caminhada do castelo, longe o bastante para fugirem do barulho das obras.

O dia estava lindo. Geralmente chovia todos os dias em DunBroch, mas não o dia *todo*, e o aguaceiro já havia caído pela manhã. Tudo parecia luminoso e desbotado, como era costume no fim do verão. Toda a grama já havia semeado, todas as flores já haviam desabrochado, todas as folhas das árvores já haviam se estirado ao máximo em direção ao céu, tudo resplandecia em tons de verde antes que o inverno voltasse para mergulhar o mundo em escuridão. Enquanto elas caminhavam, faisões saíam das moitas e cervos enveredavam para a floresta. Era uma paisagem idílica. Um bom ar fresco.

— Mas será que não dá para ele ficar obstinado com alguma coisa mais silenciosa? — retrucou Merida. — Ou reformar um cômodo ou torre por vez? Isso é loucura! Ele deu um passo maior do que a perna! Nunca vai terminar antes de o inverno chegar.

Merida tinha voltado a falar com a mãe depois daquela viagem perturbadora, mas, como não houve uma reconciliação propriamente dita, ainda estava um pouco ressentida e tudo o que dizia soava petulante, mesmo quando não era sua

intenção.

— Você não sabe como seu pai fica quando encasqueta com alguma coisa — respondeu Elinor em tom caloroso, como se Merida tivesse sido gentil. — Quando ele põe na cabeça que precisa motivar os outros, é capaz de mover montanhas.

— E não é que moveu mesmo? — comentou Leezie. — Vocês viram que começaram a pavimentar o pátio? As primeiras pedras foram colocadas hoje. Vou traçar algumas runas nelas.

— O que vamos fazer sem toda aquela lama incrustada? — murmurou Elinor, e Merida percebeu que a mãe estava contente.

Por que ela também não podia ficar contente? Fergus estava mudado. Hamish também. Merida teria imaginado que a confirmação de seus maiores medos deixaria o irmão ainda mais medroso, mas não tinha sido assim. Era como se, depois de testemunhar coisas ruins de verdade, as sombras no corredor já não causassem o mesmo impacto. Hamish passou a andar mais ereto. Já não se retraía tanto. Ficava mais valente a cada dia, e Merida sabia que Feradach perceberia isso quando viesse verificar o andamento de seu trabalho.

A ideia de ver o deus novamente a enchia de pavor.

Não lhe saía da cabeça a imagem daquelas mãos estendidas, tentando se libertar das chamuscas que se alastravam, enquanto Feradach observava tudo de braços cruzados. O lado bom e humano do deus que ela pensava ter visto em Keithneil não passava de uma farsa, uma projeção do que ela própria queria enxergar. Ele talvez não tivesse escolhido seu dever divino de levar a ruína, mas tampouco o rejeitava. Tinha dizimado toda a população de Kinlochry sem demonstrar um pinga de piedade ou misericórdia, certificando-se de que ninguém conseguisse escapar.

Eu sou a natureza.

Merida não podia esquecer que ele não hesitaria em levar o mesmo destino a DunBroch. Não haveria sobreviventes.

— Há três gralhas ali, Leezie — comentou Elinor.

Leezie, que estivera rodopiando enquanto fazia uma guirlanda de margaridas, deteve-se de súbito, com uma expressão perturbada no rosto.

— Parei de contar sinais. É muito deprimente. Em vez disso, resolvi me juntar às Damas da Paz. Estou tentando convencer Merida a fazer o mesmo.

Elinor franziu o cenho.

— São aquelas que ficam na aldeia com os bolos?

— Isso, mas às vezes também se reúnem no poço para lamentar — explicou Leezie.

— Fico feliz que tenha encontrado um novo interesse — respondeu Elinor. —

Ah, isso me lembrou de uma coisa. Merida, por acaso você e seu pai conheceram algum harpista durante a viagem?

— Por quê? — retrucou a garota, soando combativa sem nem ao menos tentar.

— O Ursinho me perguntou se eu achava que ele poderia virar um harpista quando crescesse. Perguntei-lhe de onde havia tirado essa ideia, e ele respondeu que tinha sido por causa da viagem, mas não especificou o quê.

— Imagino que vá dizer que ele não pode virar harpista — retrucou Merida, irritada.

Elinor pareceu reflexiva ao responder:

— Não é uma ocupação muito digna de um príncipe.

— Mas ele é o mais novo dos três, não é, senhora? — perguntou Ila.

— É, de fato é — concordou Elinor. — Por pouco.

— Isso significa que ele pode fazer o que quiser, não? — insistiu Ila. Depois, tratou de acrescentar, em tom educado: — Senhora. Ele não se tornará rei, certo?

Mais uma vez, Merida teve a impressão de que Ila estava do seu lado.

— Não enquanto a sorte durar. Hubert e Harris são mais velhos que ele — respondeu Elinor. — Em geral, o mais novo acaba se tornando padre, ou erudito, ou um soldado, mas um harpista... Fergus provavelmente arremessaria uma mesa longe. Ah, mas quem poderia ensiná-lo a tocar? Antes eu teria sugerido que o enviássemos para Kinlochty como aprendiz, mas creio que isso já não seja possível, não é?

Merida nem conseguiu responder. Talvez *devesse* considerar se juntar aos lamentos das Damas da Paz de Leezie.

Elinor tentou amenizar o clima, pois logo comentou:

— Vejam só como fica lindo nesta luz.

Tinham chegado ao poço sagrado. Se não fosse pela marcação que o distinguia, aquele lugar de onde fluía a água — fresca, límpida e clara — teria passado despercebido. Em um passado remoto, porém, alguém havia construído uma borda de pedra em seu entorno e acrescentado uma fonte vertical entalhada com o rosto de uma mulher. A água vertia de sua boca e caía na poça abaixo. Florzinhas brancas pontilhavam o musgo ao seu redor.

A alguns metros de distância havia um menir cheio de ranhuras. A pedra, que tinha o dobro da altura de Merida, era toda coberta por espirais entalhadas. No primeiro dia do solstício de primavera, o sol lançava um feixe de luz perfeito conforme se alçava ao céu; era mágico. Merida costumava visitar a pedra quando começara a explorar as florestas de DunBroch no lombo de Angus; o monumento era tão impressionante que ela tivera que voltar várias vezes para se dar conta de que era por causa do poço sagrado, e não da pedra, que aquela trilha era tão bem cuidada.

Leezie se pôs a dançar em volta do poço. Trouxera fitas, porque ela era assim mesmo, e as rodopiava ao redor da própria cabeça em movimentos complexos. Era difícil dizer se era um ritual de verdade ou apenas um ritual tirado de sua imaginação.

— As Damas da Paz mencionaram o poço em nosso último encontro! — contou ela.

Elinor pareceu achar graça, mas guardou para si.

— É mesmo? E o que disseram?

— Que é um poço feminino! Sagrado para todos, mas acima de tudo voltado para tratar de assuntos femininos! De mentes femininas! Corações femininos! Basta jogar uma oferenda, moeda, comida ou a flor mais bela de seu jardim, fazer um pedido à senhora do poço e ela realizará o seu desejo!

— E as Damas da Paz dizem que o poço pertence a quem, senhora? — perguntou Ila, com a voz um tanto aguda.

— A Bridget — respondeu Leezie. — Acho. Ou talvez Maria.

— Humm — limitou-se a dizer Elinor.

Na mesma hora, Ila indagou:

— A quem *você* diz que pertence, senhora?

— Certa vez me disseram que este era o poço de Cailleach — respondeu Elinor.

Merida, que até então fitava a superfície do poço, ergueu a cabeça à menção do nome. Cailleach! Nunca tinha ouvido falar da associação da deusa com o poço, embora sua mãe lhe tivesse contado uma porção de histórias de ninar sobre Cailleach. Bem, mas a verdade é que ela nunca tinha perguntado a Elinor por que o poço era considerado um lugar sagrado; era o tipo de assunto que interessava mais a Leezie.

— Disseram-me que, se você oferecesse algo precioso a Cailleach, em troca ela lhe concederia um desejo. É por isso que as pessoas jogam coisas dentro do poço — explicou Elinor. Depois acrescentou, um tanto acanhada: — Eu fiz um pedido aqui uma vez, e ele se tornou realidade.

Leezie parecia fascinada.

— O que a senhora pediu?

— Oh, não é aconselhável repetir seus desejos em voz alta — respondeu Elinor. — Dá azar.

— E a pedra, Leezie? — perguntou Merida. — As Damas da Paz disseram algo sobre ela?

— É uma pedra — respondeu Leezie, desinteressada. — Eu gosto mais daquele círculo de pedras que fica ao norte de DunBroch. Tem um montão de murta do pântano em volta. É bom para afastar os mosquitos.

— Esta é a pedra de Feradach — declarou Ila. — É esse o seu nome.

Merida sentiu as mãos suarem de apreensão.

— Quem é Feradach? — Quis saber Leezie.

— Você não consegue descobrir com sua Visão? — perguntou Ila.

— Acho que a Visão não é capaz de me dizer — respondeu Leezie.

Depois, deu de ombros, como se quisesse mostrar que pouco se importava, mas o gesto tinha sido tão exagerado que acabou revelando o contrário.

— Afinal, é só uma bobeira — concluiu.

— Talvez ele fosse o chefe de alguma tribo — teorizou Elinor. — Um filho que morreu, alguém que merecia uma pedra de solstício como homenagem.

Enquanto as outras se curvavam sobre o poço, Merida se pôs a estudar a pedra outra vez. Toda a superfície era coberta de pequenas espirais desgastadas e interligadas entre si, exatamente como ela se lembrava. Mas, naquele momento, sob uma análise mais detida, avistou um novo sulco bem perto da base.

A marca de uma mão, profundamente entranhada na pedra, desgastada pela ação do tempo.

Feradach.

Tentou adivinhar quantos anos a marca teria. Que terrível destino havia se abatido sobre aquele lugar por causa do deus? E que destino se abateria sobre ele outra vez se Merida não conseguisse encontrar uma forma de mudar Elinor, Harris e Leezie?

Deixou a mão pairar sobre a marca na pedra, lembrando-se de como Feradach lhe havia mostrado o passado de Keithneil. Em seguida, ao se lembrar de que ele dissera que não a tomava por uma covarde, tocou a superfície da rocha.

Mas nada mudou. A pedra continuou ali, fria e gasta sob sua palma, sem conduzi-la por uma viagem no tempo e na memória.

— Eu desejo me apaixonar — disse Leezie, agachada na beira do poço. — Ah, raios, revelei o pedido em voz alta... E agora, preciso fazer outro?

— Creio que sim — respondeu Elinor.

Leezie soltou um suspiro, depois jogou mais uma lasca de biscoito no poço e fechou os olhos. Suas bochechas ficaram ligeiramente coradas, então Merida imaginou que o novo pedido não deveria ser muito diferente do anterior.

— Você também vai fazer um pedido, Merida? — perguntou Ila quando a princesa se juntou a elas na beira do poço.

Por mais que quisesse desejar a segurança de sua família, Merida sabia que isso não satisfaria o equilíbrio exigido pelo trato. Cailleach já fizera tudo que estava a seu alcance. Cabia a Merida fazer o resto.

Enquanto fitava a superfície da água, tornou a se lembrar dos escombros de Kinloch, as mãos erguidas em desespero. Dessa vez, porém, era DunBroch que

estava em ruínas e sua família que agonizava.

Era tão difícil carregar aquele fardo sozinha, ter que arcar com o peso daquela possibilidade...

Não chore, pensou ela, furiosa. Mas chorou mesmo assim.

Uma única lágrima caiu dentro do poço. Elinor não a viu, mas notou a ondulação na superfície da água e perguntou, em tom firme:

— Merida, o que aconteceu?

Ela queria dizer que tinha medo de que Elinor jamais voltasse a viajar e acabasse morrendo. Assim como toda a família. Queria dizer que tinha presenciado tantas e tantas mortes, e que era fácil demais imaginar o mesmo destino se abatendo sobre DunBroch. Queria dizer que estava morrendo de medo de fracassar.

— Mãe, por favor — começou Merida. — Por favor, por favor. Venha comigo na última viagem? Mas não diga que virá para depois mudar de ideia. Venha mesmo, por favor. Sinto muito por ter sido tão horrível. Mas, por favor, venha comigo.

Para seu constrangimento, mais lágrimas verteram no poço. Não apenas um pouco, mas muitas delas. Todas as lágrimas que ela quis chorar por Kinloch, mas não conseguira.

Ila jogou uma flor sobre elas, escondendo as ondulações na superfície.

— Ah, Merida — disse Elinor.

Ela enxugou as lágrimas da filha antes de envolvê-la em um abraço. Por um bom tempo, apenas a aninhou em seus braços, e Merida sentiu o perfume característico da mãe: rosas e um leve toque esfumaçado do salão comunal.

— Tudo bem — continuou Elinor. — Estou falando sério desta vez. Eu irei com você. Vou levá-la para Eilean Glan.

Dessa vez, Merida acreditou.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

NINGUÉM SABE QUE VOCÊ EXISTE

Uma das reformas de Fergus agradou Merida logo de cara.

Ele havia determinado que alguns homens se encarregassem de restaurar a muralha de DunBroch e, como resultado, tornou-se possível acessar a passarela a partir de muitos pontos, já que todas as torres de vigia haviam sido desobstruídas. Longos trechos da muralha, antes desagradáveis, passaram a ser verdadeiros oásis, assomando muitos metros acima dos mosquitinhos que infestavam o solo.

Enquanto Elinor se dedicava a planejar a longa jornada para Eilean Glan, uma ilha distante em algum ponto da costa, Merida se dedicava a caminhar pela muralha. Precisava ocupar a mente, tão apreensiva com a possibilidade de Elinor desistir como fizera nas viagens à Espanha ou a Kinloch. Mas a mãe havia tomado as rédeas dos campos de treinamento, ordenando que um contingente de soldados de Fergus praticasse arco e flecha e aprimorasse suas habilidades.

Merida não sabia se conseguiria suportar mais uma desistência de Elinor.

Por sorte, perambular pela muralha funcionava tão bem para espairecer quanto praticar arquearia, especialmente durante a hora dourada daquela estação dourada. A luz cálida que antecedia o anoitecer cintilava como água. À medida que o outono se avizinhava, os bramidos dos cervos-vermelhos perfuravam a floresta, ferozes como ursos. As folhas ainda não tinham começado a mudar de cor, mas pareciam mais portentosas e pesadas, uma plenitude que podia ser ouvida quando balançavam ao sabor da brisa. O verão seguia, seguia, até desabar no outono, e a jornada era de tirar o fôlego.

Encarapitada no topo da muralha em uma dessas noites, Merida se pôs a escutar os sons de DunBroch, naturais ou não. Além dos cantos dos pássaros e dos bramidos dos cervos, havia também o som ondulante de Hamish dedilhando a harpa de Elinor, os lamentos que Leezie praticava perto da horta e o martelar incessante dos trabalhadores de Fergus. Por mais que não conseguisse ouvir o pai, escutava a risada de Elinor, e sabia que ele devia estar por perto, pois era o único capaz de motivar aqueles risos.

Merida se perguntou o que Hubert estaria fazendo naquele momento. O irmão

tinha enviado mais cartas dizendo que pretendia voltar com Gille Peter e Angus para passar o Natal em casa, o que a preenchia de uma sensação agrídoce. Se não conseguisse cumprir sua parte do trato, Hubert voltaria para DunBroch bem a tempo da destruição. Isso facilitaria o trabalho de Feradach.

Merida pressionou os olhos com as mãos. Tinha passado mais um ano viajando, mas sentia que ainda precisava ir a algum lugar e fazer alguma coisa. Não aguentava mais esperar de braços cruzados. Não sabia o que havia de errado com ela, nem o que queria. Só queria sentir que estava fazendo alguma coisa. Mas de fato *estava*. Sem dúvida estava vivendo. Por que não podia simplesmente sossegar e aproveitar as poucas semanas que lhe restavam em DunBroch antes da terceira viagem? Por que não podia ficar quieta?

De onde estava, percebeu que podia ver Harris. O irmão não passava de uma silhueta diminuta lá embaixo, do lado de fora da muralha, abrindo caminho entre as árvores que margeavam o lago. Brionn o seguia de perto, agitando o rabo para lá e para cá.

Merida se perguntou o que ele estaria fazendo. Harris tinha conseguido ficar ainda mais irascível durante as reformas no castelo. Sempre soltava um comentário cortante ou mordaz sobre como teria feito tudo diferente ou como aquelas reformas não acrescentariam nada à vida deles. Quando não estava botando defeito em cada detalhe do projeto, estava implicando com Hamish ou enterrando o nariz nas páginas de um livro. Merida nem se lembrava da última vez que tivera uma conversa a sós com o irmão, muito menos sobre um assunto importante.

Ele teria que ir junto para Eilean Glan, mas Merida sabia que seria uma luta convencê-lo disso. Afinal, tudo era motivo de briga para ele naqueles dias.

Como se pudesse sentir o olhar da irmã, Harris se virou na direção do castelo. A minúscula silhueta protegeu os olhos do sol enquanto esquadrihava a muralha.

Mas enquanto permanecia ali, com a postura ereta e desconfiada, Merida percebeu que não era para ela que o irmão olhava. Seu olhar fixara-se em um ponto mais afastado da muralha e, mesmo de longe, ela viu quando Harris meneou a cabeça e voltou a se embrenhar mata adentro.

Merida se virou para ver o que havia capturado a atenção do irmão, se é que havia alguma coisa, e ali, a vários metros de distância, empoleirado no topo de uma torre de vigia, estava Feradach.

Ela sentiu o estômago revirar.

A silhueta do deus se projetava escura e imóvel em meio ao crepúsculo, trazendo à memória sua aparência em Kinloch, rodeado por brasas em vez de feixes de luz dourados.

De repente, ele começou a se aproximar de onde ela estava.

Como você pode ser tão cruel?

Não sou cruel, Merida. Eu sou a natureza.

— Vá embora — disse-lhe Merida.

Ele se deteve a poucos passos de distância, as mãos enluvadas cruzadas diante do corpo. Estava mais parecido com o Feradach que Merida tinha visto na viagem a Keithneil, não com a silhueta divina que testemunhara em Kinloch, mas ainda assim ela não pretendia baixar a guarda.

— Não tenho o menor interesse em conversar com você, e não há motivos para estar aqui a essa altura. Se estivesse com meu arco agora, eu acertaria uma flecha bem no meio do seu olho. Tanto faz se é ou não é imortal, eu faria isso para ter o gostinho de cravar seu rosto no chão com uma flecha.

— Acha isso justo? — perguntou-lhe Feradach. — Acha justo me julgar por ter me visto cumprir o que você sabe muito bem ser meu dever? Por acaso julga Cailleach por semear o solo? Por acaso eu a julgo pelo que está tentando fazer com a sua família?

— Estou pouco me lixando para o que é justo ou não. Eu não quero ver você na minha frente. Não quero ver seu rosto e lembrar que ficou de braços cruzados enquanto aquelas pessoas morriam queimadas! — vociferou Merida.

— O que você queria que eu fizesse?

— Faça o que bem entender. Só não quero ver você na minha frente.

Sentiu raiva das lágrimas que ameaçavam vir à tona outra vez, então girou sobre os calcanhares e marchou na direção da torre de vigia pela qual havia chegado. Estava com a terrível suspeita de que logo se desmancharia em lágrimas, como fizera perto do poço sagrado, e não se permitiria chorar na frente dele.

— Merida, eu vim até aqui porque preciso — disse Feradach a suas costas. — Cailleach determinou que eu viesse. Faz parte do trato, eu não ditei as regras. E você... você também precisa ver o que tenho feito.

Merida se virou.

— Não acha que já vi o *suficiente*?

— Você não deveria estar lá... em Kinloch.

— Como você não sabia que eu estava lá?

— Eu não sei tudo — respondeu Feradach. — O equilíbrio é tudo o que conheço, a menos que eu decida sair em busca de respostas, assim como você. Não fico controlando cada passo que você dá.

— Você me localizou quando eu estava a caminho de Ardbarrach.

— Foi diferente. Estávamos bem no começo. Fiquei curioso e quis ver se...

Ele desviou o olhar, lançando-o sobre a beira da encosta coberta de

samambaias da muralha, até chegar à trilha de salgueiros que desembocava no lago de águas douradas, onde os gansos deslizavam sob o longo entardecer de verão. Não havia nem sinal de Harris ou Brionn.

— Escolhi mostrar a você a ruína que sabia que conseguiria entender. Escolhi uma ruína que pertencia ao passado, pois assim você poderia ver o que veio depois. Mas sabia que você não veria o valor por trás disso... como poderia? Apenas um monstro seria capaz de amar a destruição por ela mesma. Não existe glória na ruína; o importante é o que vem depois. Não era minha intenção que você testemunhasse o que aconteceu em Kinloch. Não sei o que você estava fazendo lá. Justo naquele lugar. Justo naquele dia.

Feradach mergulhou em silêncio.

— Então você está aqui porque é uma exigência de Cailleach — disse Merida, por fim. — E o que encontrou?

— Vejo que seu pai está fazendo mudanças no castelo — respondeu Feradach. — E em si mesmo. Vejo que seu irmão Hamish se encontrou. Você está progredindo.

Mas Merida já estava ciente dessas duas coisas, então não sentiu a menor satisfação ao ver que ele as reconhecia.

— E, ainda assim, se os outros não mudarem a tempo, você condenará DunBroch ao mesmo destino a que condenou Kinloch.

Feradach limitou-se a menear a cabeça, mas não para negar, e sim como se perguntasse “o que você quer que eu diga?”.

— Para manter o *equilíbrio* — declarou ela friamente. — Para cumprir seu *dever*.

— Há consequências se o equilíbrio não for mantido — respondeu Feradach, com aspereza. — Há consequências se eu não cumprir o meu dever. Tenho me encarregado disso há séculos. E há séculos venho lidando com as consequências. Eu sou Feradach. Esse é o meu papel. Não serei repreendido por uma *mortal*.

Os dois se encararam, ainda no topo da muralha elevada.

Por fim, Feradach perguntou:

— Você me acompanhará para ver o que tenho feito, como exige o trato? Amanhã, se eu voltar?

— E por acaso tenho escolha?

Era apenas uma pergunta retórica, como a dele havia sido. Ela tinha que ver a obra de Feradach. Ele tinha que ver a dela. Mas continuava irritada por ter que fazer isso, por isso respondeu:

— Eu vi a sua pedra. A pedra de Feradach.

O corpo dele se retesou.

— Viu?

— Vi, sim. E quer saber de uma coisa? Ninguém se lembra de nada a seu respeito, apenas do seu nome. Ninguém sabe quem você é — disse Merida. — Cailleach... ela, sim, é conhecida por todos. Mas você, não. Ninguém sabe que você existe.

Como você pode ser tão cruel?

Feradach fitou-a por um bom tempo, a expressão impassível, as mãos enluvadas cruzadas diante do corpo, até enfim responder:

— Você sabe.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CENNEDIG DE FIFE

Merida tentou se preparar para o retorno de Feradach, mas ele não apareceu no dia seguinte, nem no que veio depois. Na verdade, tantos dias se passaram sem o menor sinal do deus que Merida começou a se perguntar se havia conseguido mantê-lo afastado e se isso poderia afetar o trato que tinham feito.

Quase duas semanas depois do encontro na muralha, contudo, ela despertou pela manhã (depois de sonhar que testas tinham passado a ser consideradas vulgares e, portanto, se fazia necessário escondê-las com o cabelo para manter o decoro), colocou o vestido de montaria que Elinor terminara de costurar durante a viagem a Kinloch, deu um jeito de descer as escadas (o que significava galgar os degraus até a sala de tapeçaria, cruzar o sótão e depois descer pela sala de música e pelo quarto dos trigêmeos, pois todas as outras escadas estavam em reforma) e de repente descobriu que Feradach não apenas estava no castelo, como já havia socializado com quase todo mundo.

Na cozinha, ele conversou com Elinor, que o viu como uma freira e lhe perguntou sobre o poço sagrado e suas opiniões a respeito.

Na escadaria de uma das torres, engajou-se em uma conversa animada sobre carpintaria com o sujeito encarregado de reformar a escada do quarto de Merida, que o viu como um artesão muito alto.

No salão comunal, jogou uma partida de Brandubh com Harris, que disse nunca ter visto uma senhorinha tão brutal no jogo e atribuiu a essa surpresa toda a culpa de sua derrota.

Na sala de música, Hamish o viu como um garotinho que também nutria grande interesse por instrumentos e pelo fato de as mudanças no clima e no espaço afetarem a afinação das cordas.

Para Leezie, apareceu como um membro ocioso e desconhecido da equipe da cozinha, que folheou todos os livros de flores prensadas da garota e fez perguntas sobre cada uma delas.

No jardim, surgiu como um senhorzinho gentil que parou para ajudar uma das auxiliares de Aileen a colher ervilhas.

Nos estábulos, um cavaleiro o viu como um jovem robusto e, depois de sua

partida, passou a comparar seus músculos aos dos outros cavaleiros.

— Você conversou com todas as pessoas de DunBroch hoje ou ainda faltou alguém? — perguntou-lhe Merida, zangada, quando enfim o encontrou.

Para ela, é claro, Feradach tinha a mesma aparência de sempre, aquele jovem rapaz com o broche de árvore e uma cabeleira clara.

O deus abriu um sorriso leve e Merida estava inclinada a acreditar que ele só tinha socializado com tanta gente para contrariar sua alegação de que ninguém sabia quem ele era.

— Não valeu, todos o viram como alguém diferente — murmurou a garota, sabendo que soava mais infantil do que cruel.

— E que aparência eu tenho para você? — perguntou-lhe Feradach.

Ela não tinha a menor intenção de responder e ele sabia disso, pois não esperou por uma resposta antes de acrescentar:

— Vou precisar de um cavalo emprestado. Mudei de ideia sobre o que quero lhe mostrar e é mais longe do que eu imaginava.

— Pegar um cavalo emprestado! De que adianta ser imortal? Por acaso não pode usar magia para se locomover por aí?

— Só se quiser que eu chegue lá muito antes de você. Posso até lhe dar umas instruções e algumas horas de vantagem, se preferir.

— Prefiro mesmo — respondeu Merida.

Mas Feradach permaneceu impassível até que ela cedesse. Por fim, os dois partiram, ela no lombo de Midge e ele montado em um capão relutante, pois Merida não quis emprestar-lhe um cavalo que o deixasse com um aspecto nobre.

— Cada cavalo vê você de um jeito também? — Quis saber Merida.

— Nunca perguntei a eles — respondeu Feradach.

Ela não sabia se ele estava falando sério ou não.

— Você consegue *conversar* com cavalos?

— Imagino que eles tenham um deus próprio com quem prefiram conversar.

Cavalgaram rumo ao sul até que os arredores de DunBroch dessem lugar a uma paisagem mais pitoresca. Merida não ficou surpresa quando seu destino se revelou uma cidade quase tão agradável quanto Keithneil, com casinhas de sapé aglomeradas como se fossem velhas amigas. O solo parecia ideal para o cultivo, mais fértil que o terreno rochoso que cercava DunBroch, e a prosperidade do vilarejo era um indício de como isso tornava a vida mais fácil. Cada casinha tinha seus próprios patos, cabras e hortas.

— Bem, agora acho que você vai me mostrar o dia em que matou todas as crianças que viviam aqui — comentou Merida.

Feradach lançou-lhe um olhar cheio de tristeza e a conduziu até uma casinha que ficava um pouco mais afastada do que as outras. Também era a mais

diferente entre elas. Não que fosse mais suntuosa, parecia apenas que... quem morava ali se esmerava um pouco mais que os outros, embora todas as casinhas fossem muito bem cuidadas. Mas o jardim da frente era maior e mais florido, e o caminho que levava a ele era mais sinuoso e delineado, com pedrinhas dispostas em ambas as margens. Além disso, havia uma casinha de madeira para os passarinhos, e a porta principal era toda pintada de vermelho e adornada por sinos de vento. Havia um poste moldado à imagem de dois porcos lutando por uma argola de ferro, no qual Merida e Feradach amarraram os cavalos.

Era um lugar adorável, e uma parte de Merida desejou que ela estivesse *ali* para buscar abrigo, pois a meiguice do lugar a enchia de ternura. Mas outra parte dela sabia que, depois de algum tempo, seus pés logo começariam a coçar para ir embora.

Feradach fez menção de bater na porta da frente, mas Merida o deteve.

— Com essas mãos aí, talvez seja melhor eu bater.

A porta se abriu, revelando um senhor com uma enorme cabeça cheinha de cabelos brancos, todos penteados para cima, mas sem barba, o que lhe conferia a aparência de uma criancinha muito alta. Ele fitou os visitantes com um misto de divertimento e descrença. Merida não sabia como o homem via Feradach, mas sabia como a via: a princesa de DunBroch. Mesmo seus simples trajes de montaria eram mais suntuosos que as roupas mais refinadas da maioria das pessoas.

— Cennedig de Fife? — perguntou Feradach. — Eu trouxe a princesa de DunBroch para vê-lo. Tem um tempo livre para conversar com ela?

— Uma princesa e um anão não eram o que eu esperava para hoje — respondeu Cennedig, que logo acrescentou, divertido: — Qual de nós pode negar uma conversa com a princesa de onde quer que seja?

— A própria princesa — respondeu Merida, de imediato.

— Oh, você é esperta — comentou Cennedig, em tom de respeito. — Entre, Alteza.

Os olhos de Merida recaíram sobre uma bela harpa, e logo pensou que Hamish daria tudo para poder tocá-la. A caixa de ressonância era enorme e retorcida, como uma árvore ou um animal de cócoras. As cordas eram reluzentes e convidativas, até mesmo para Merida, que só aprendera a tocar algumas peças de dança patéticas por insistência da mãe.

O resto da casinha não era tão impressionante quanto a harpa, mas ainda assim parecia aconchegante e bem cuidada. As paredes eram adornadas com colheres de madeira como a que Brionn havia devorado no Natal e todas as superfícies possíveis pareciam ter recebido uma demão de tintas em cores vivas. Alguma criança havia desenhado padrões circulares no piso empoeirado, semelhantes aos

que revestiam a pedra de Feradach; os dois visitantes tomaram cuidado para não pisar neles. No quintal, Merida avistou um grupo de criancinhas brincando com um cachorro e — teve que franzir os olhos para confirmar — um porco.

— A princesa precisa comer alguma coisa? — perguntou Cennedig, parecendo divertido outra vez e direcionando a pergunta a Feradach em vez de Merida.

Parecia confortável com o fato de ela ser uma princesa, mas também versado nas regras de etiqueta que acompanhavam tal ocasião; não parecia inibido na presença dela, mas sabia que era necessário tratá-la com certa cortesia. Sem dúvida era alguém que já havia morado em outros lugares que não aquele pequeno vilarejo, concluiu Merida. O senhor devia ter passado um tempo na corte.

— A princesa gosta muito de frutinhas — respondeu Feradach.

— A princesa é mesmo muito sábia — comentou Cennedig —, pois meu jardim está carregado de frutinhas. Só um momento, por favor. Vou apanhar algumas.

— Não tenha pressa — tranquilizou-o Feradach. — Viemos sem ser convidados.

Assim que Cennedig saiu pela porta, Merida sussurrou:

— A princesa mal liga para frutinhas!

— Eu sei — respondeu Feradach —, mas precisava tirá-lo daqui. Rápido, venha! Vamos dar uma olhada na harpa.

Juntos, saíram em direção ao instrumento.

Feradach inclinou-se e apontou para a base.

— Veja o que tem ali embaixo.

Merida segurou a lateral do vestido e se ajoelhou, mas já imaginava o que iria encontrar. E lá estava, bem na base da caixa de ressonância: uma marca de mão.

— Rápido — repetiu Feradach.

Merida estava tão curiosa que sequer hesitou. Espalmou a mão sobre a marca na harpa e notou, com interesse, que se encaixava quase perfeitamente; a quem pertencera o rosto que Feradach assumira ao deixar aquela marca?

— Harpa — sussurrou Feradach —, mostre a ela o que você viu.

Merida só teve tempo de pensar: “Ah, então foi por isso que não funcionou quando tentei na pedra de Feradach”, antes de ser arrebatada para uma outra vida, vendo tudo pelas lentes daquela harpa. Primeiro viu Cennedig, muito mais jovem, adquirir o instrumento e aprender as canções que viria a tocar nos quatro cantos do reino. Precisou de muitas horas de estudo com um harpista mais velho, depois ainda mais horas de prática silenciosa, mas Cennedig não parecia se importar. Praticava hora após hora, sem se cansar.

E todo aquele esforço valeu a pena: ele se tornou um harpista famoso. Viajou

o mundo. Merida o viu tocar em DunBroch em diversos banquetes. Viu a si mesma, uma coisinha diminuta, mal prestando atenção aos músicos. A cena mudou e ela viu Hamish, tão pequenino, mal fazendo outra coisa que não prestar atenção aos músicos. Viu Cennedig tocar em festejos semelhantes em muitos salões. Viu-o levar a harpa para leste, norte, sul, oeste. Todos conheciam seu nome. Tocou diante de reis e mais reis e ainda mais reis. Viajou para o exterior e tocou para guerreiros nórdicos e mouros nobres, para cortesãos franceses e dignitários bretões.

Merida viu Cennedig viajar para tantos lugares que mal conseguia saber onde estava. Ela o viu se faltar de bebida e comida enquanto falava e comia e bebia e falava sem nunca, nunca parar. Estava sempre se divertindo. Sempre rindo. Nunca em silêncio. Ele viajava e viajava e viajava.

Então, enquanto Cennedig estava distraído, divertindo-se com estranhos que jamais voltaria a ver, Feradach surgiu. Não tinha a mesma aparência que Merida conhecia, mas ela o reconheceu mesmo assim pelas luvas refinadas com costura carmesim.

Feradach tirou uma das luvas, depois pressionou a mão sobre a harpa.

As coisas desandaram.

Não por conta de uma doença, como em Keithneil, nem por conta do fogo, como em Kinloch.

Em vez disso, choveu e choveu sem parar.

Cennedig, já a caminho de seu próximo destino, guardou a harpa na carroça e a cobriu com algumas mantas. Mas a chuva não deu trégua. Continuou a cair enquanto ele viajava para o norte. Continuou a cair enquanto ele perdia o senso de humor. Continuou a cair enquanto a ponte pela qual passava era arrastada pela correnteza.

As vigas da ponte foram levadas para um lado. A carroça, para outro. O cavalo, para um terceiro. Cennedig hesitou, sem saber se nadava na direção da margem ou da harpa. No fim, acabou escolhendo a harpa.

Sempre escolhera a harpa.

Ele nadou contra a correnteza, com um dos braços enganchados no instrumento e agarrado à beirada da carroça flutuante. Tinha conseguido.

Bem nessa hora, a correnteza mudou como se por capricho. A carroça rodopiou. Cennedig não soltou. A harpa enganchada no braço impeliu a carroça adiante. Juntas, a correnteza e a harpa a empurravam pelas águas.

Enquanto a chuva continuava a cair, a carroça pesada se chocou contra as margens rochosas, esmagando Cennedig. Esmagando as mãos de Cennedig.

O som dos ossos estalando foi horripilante e definitivo.

— Ser forçado a parar foi a melhor coisa que me aconteceu — disse

Cennedig.

Com um sobressalto, Merida se afastou da harpa, sentindo-se culpada.

Parado na soleira, Cennedig observava os dois. Foi só então que Merida viu que as mãos que seguravam a cesta cheia de frutinhas eram um tanto tortas e deformadas, e ainda sofriam as consequências do trauma que Feradach lhes infligira. Sentiu o coração martelar dentro do peito. Assim como acontecera da última vez, o tempo parecia verter como mel, lento e luxuriante em contraste com a sucessão de eventos que ela acabara de testemunhar.

— Essa harpa aí tem vida própria — comentou Cennedig.

Parecia achar que Merida e Feradach não tinham feito nada além de admirar o instrumento, o que bem vinha a calhar.

— Não conseguir mais tocá-la... — continuou. — Bem, o modo mais gentil de dizer é que perambulei por meses até por fim me estabelecer neste vilarejo. Foi então que finalmente me lembrei de como era ficar entediado, praticar com afinco e me apaixonar. Foi aí que arranjei minha família. Sinto uma falta tremenda da música em si, mas poder parar, ter que parar, sem precisar me perguntar se deveria voltar para a estrada... Na época não me dei conta, mas foi um verdadeiro milagre.

Um milagre. Aquele acidente catastrófico, um milagre.

Merida não sabia se deuses gostavam de se gabar, mas não procurou descobrir. Aquela viagem, assim como a ida a Keithneil, tinha sido planejada para limpar a barra de Feradach; nem um pinga de agonia iminente, apenas finais felizes. Sem gritos, sem mãos erguidas para o céu. Feradach devia estar muito enganado se achava que Merida esqueceria tão facilmente o que o vira fazer em Kinloch.

Mesmo assim, resolveu lançar-lhe um olhar de esguelha. Ele parecia mesmo estar se gabando.

Ela franziu os lábios para ele antes de abrir um sorriso mais gentil para Cennedig.

— É uma linda harpa.

— É mesmo — concordou Cennedig —, perto ou longe de mim. Minha velha amiga. Agora, princesa, me diga: o que a trouxe até aqui? Veio atrás dessas frutinhas?

Dessa vez, Feradach não respondeu por Merida. Apenas deixou a gabarolice de lado, baixou o olhar e se pôs a fitar suas próprias mãos letais e enluvadas. Não ofereceu uma explicação para o que os levava até ali. Então, coube a Merida inventar uma desculpa.

De repente, uma ideia lhe ocorreu.

— O que acha de ter um novo aluno?

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

O PRESENTE

Merida não juntou todas as peças logo de cara e, quando o fez, sentiu-se muito obtusa por ter demorado tanto a perceber. Cennedig, a mudança no clima depois que ela voltou para DunBroch... tudo. Mas estava tão ocupada com os preparativos para a longa viagem a Eilean Glan que mal tinha tempo para dar atenção ao clima, quanto mais para refletir sobre possíveis conexões. Mais tarde, ela se lembraria da enxurrada de tempestades de verão nos fins de tarde e dos ventos implacáveis em uma época em que o clima costumava ficar cada vez mais seco para receber o outono. Enquanto acontecia, porém, só conseguia pensar na melhor forma de garantir o máximo de conforto possível na viagem para que Elinor não mudasse de ideia.

Não queria levar uma carroça, pois só atrasaria seu avanço, especialmente porque diziam que as estradas rumo ao norte eram ainda mais precárias do que no resto do país. Por isso, pediu a ajuda de alguns artesãos para construir cestos de vime que pudessem ser acomodados no lombo dos pôneis de carga. Depois, abasteceu-os com cobertores, travesseiros de plumas e alguns pares de botas secas. Pediu à equipe de cozinha que preparasse iguarias que não estragassem durante a viagem. Merida pretendia que um dos cavalos carregasse apenas cerveja e água. Tentou se lembrar de todas as situações desconfortáveis que já havia enfrentado em suas viagens para antecipar possíveis soluções. Depois, traçou um plano.

Queria garantir que não houvesse um motivo sequer para Elinor ficar com receio de viajar.

Também deu um jeito de chantagear Harris para que as acompanhasse nessa última jornada. Depois de muito pensar sobre a melhor forma de convencer o irmão, por fim decidiu jogar o jogo dele. Era mais fácil do que tentar persuadi-lo na base da conversa. Para isso, reuniu todos os objetos preciosos que Brionn havia mordiscado, incluindo a colher que ela ganhara de Natal e os sapatos de casamento de Elinor, e ameaçou mostrar tudo aos pais como uma prova de que Harris não sabia adestrar seu cão, a menos que ele se juntasse a elas e promettesse cuidar de qualquer incumbência da mãe durante a viagem.

A bem da verdade, Harris parecia até grato — ainda que com relutância — por seus esforços para chantageá-lo.

De todo modo, ele concordou em viajar com elas.

E foi bem em meio a esses preparativos que a harpa chegou.

— O que é isso? — perguntou Merida, atônita.

O instrumento estava disposto no centro do Grande Salão, e logo atrás se via Hamish, com os olhos brilhando de emoção. Havia muitas outras coisas no cômodo, como cestos de tecido e caixotes de nabos, mas Merida só tinha olhos para a harpa. Era mais simples do que a da sala de música, mas também mais nova, mais leve e robusta, ideal para ser levada para todos os cantos. As grandes portas do salão estavam escancaradas, revelando uma carroça mercante que se afastava pela paisagem outonal. A ajudante de cozinha corria atrás dela, jogando pãozinhos e soltando gritinhos de alegria.

— A harpa nova do Ursinho — respondeu Fergus com seu vozeirão. — Bem a tempo da primeira viagem dele para encontrar Cennedig de Fife!

Merida estava tão perplexa com a informação quanto com a aparência da harpa. Instrumentos assim não eram fabricados da noite para o dia e, mesmo que não tivesse sido feita especialmente para Hamish, as carroças mercantes demoravam uma eternidade para ir de um ponto a outro.

— O senhor que mandou trazer?

— Bem que eu gostaria, mas não posso colher os louros — respondeu Fergus.

— Veio parar aqui por acidente. Os comerciantes estavam a caminho de Moray, mas disseram que as enchentes os obrigaram a desviar de sua rota e vieram parar aqui. Então, decidiram perguntar se queríamos algumas de suas mercadorias. E claro que queríamos, não é, meu garoto?

O sorriso de Hamish tomava-lhe todo o rosto.

Harris revirou os olhos atrás do irmão.

— Tudo aqui é um acidente.

— Nem comece — advertiu Merida. — E pare de ser tão azedo. Você nem vai estar mais aqui amanhã.

— Já vamos partir amanhã? — perguntou Elinor, aflita.

Merida sentiu uma pontada de ansiedade, que logo virou irritação, depois voltou a ser ansiedade. Elinor não seria capaz de desistir àquela altura, seria?

Claro que seria. Já tinha enganado Merida antes, quem garantiria que não o faria de novo?

— A senhora mesma definiu a data — lembrou Ila, que havia aparecido do nada carregando uma pilha de lençóis. — E a senhorita Leezie ficaria muito chateada se a senhora adiasse.

De acordo com um calendário arcano que Leezie tinha encontrado, o dia

seguinte seria auspicioso. O vilarejo de casinhas de pedra recebera a visita de três padres, e a garota tinha desembolsado quase todo o seu dinheiro para comprar uma estatueta de um santo carrancudo de alguma região exótica do sul. Diziam que o amuleto garantiria uma passagem segura sobre a água, algo de que precisariam para chegar a Eilean Glan.

— Vocês não precisam me olhar com essa cara! — exclamou Elinor, ruborizada. — Só perdi a noção dos dias, nada mais!

Antes de sair para dar uma última conferida nos suprimentos da cozinha, Merida lançou um olhar cheio de gratidão para Ila.

Elas iam mesmo. Era verdade. A última viagem. O último trigêmeo. A última estação antes que o outono se transformasse em inverno e o Natal chegasse trazendo a condenação ou a salvação de DunBroch.

Foi um último dia intenso. Aileen preparou um grande banquete de despedida. Fergus presenteou Elinor com uma bela capa nova para a viagem, forrada com uma estola preta lustrosa. Elinor presenteou Merida com um terceiro vestido para substituir aquele que ela tanto usava, com os cotovelos puídos de tanto atirar com o arco. Hamish tocou a harpa nova sem parar. O garoto cabisbaixo e inseguro desaparecia quando ele se punha a dedilhar as cordas do instrumento, dando lugar ao garoto que havia salvado a vida do pai enquanto o mundo desmoronava sob seus pés.

Velha amiga, dissera Cennedig ao se referir à própria harpa.

Merida tinha certeza de que Hamish acabara de começar uma amizade duradoura.

Mais tarde naquela noite, depois de verificar todos os preparativos à exaustão, Merida se deitou para desfrutar de seu último descanso em uma cama decente. Ficou deitada ali enquanto ouvia os ratos perambulando debaixo da cama e observava as sombras familiares de seus pertences de infância, perguntando-se se a mãe seria capaz de desistir no último minuto. Cogitou buscar um gato para acalmar os ratos, mas depois pensou que também teria que encontrar algo para acalmar o gato. Em seguida, pensou um pouco mais sobre a viagem.

E, entre uma coisa e outra, de repente a mente se esgotou de pensamentos e ela enfim se deu conta de que a harpa devia ter sido obra de Feradach. Sentiu-se estúpida por não ter percebido logo de cara. O deus sabia que Hamish queria ser harpista porque viera visitá-la logo após o retorno de Kinloch. Havia programado uma jornada totalmente diferente, mas tinha mudado de ideia depois de ver como Merida estava chateada; a viagem à casa de Cennedig tinha sido feita no improviso, daí a demora para vir a seu encontro e a necessidade de tomar um cavalo emprestado. Mas por que tinha decidido levá-la justo a Cennedig? Sim, a história do harpista era delicada, mas, em retrospecto, parecia

evidente que garantir um tutor para Hamish sempre estivera nos planos do deus. Como se não bastasse, uma inundação inexplicável havia conduzido aquela harpa diretamente para a entrada do castelo um dia antes de Merida partir. Por acaso comerciantes já tinham ido parar em DunBroch por acidente? Não que ela se lembrasse.

Tinha um dedo de Feradach naquela história, embora a marca da mão não estivesse visível.

Ao juntar todas as peças, fazia sentido.

Mas, ao mesmo tempo, *não* fazia.

Feradach não tinha movido um dedo para salvar aquelas pessoas agonizantes em Kinloch. Mas tinha movido montanhas para garantir que a mudança em Hamish se firmasse antes de Merida partir para Eilean Glan.

Por quê?

Bem lá no fundo, ela sabia por quê. Tão claramente quanto se lembrava dos horrores de Kinloch, também se lembrava do choque de Feradach ao vê-la lá. Sua expressão abatida quando Merida gritou com ele no topo da muralha. O deus sabia que existiam coisas que ela não suportaria testemunhar e, por mais que tivesse se esforçado para protegê-la, não tinha conseguido.

O que ele poderia ter dito a Merida para atenuar seus sentimentos em relação ao rumo que as coisas haviam tomado?

Nada.

Mas Feradach poderia fazer alguma coisa para ajudar a salvar um dos irmãos de Merida. Das garras dele.

Era um presentinho peculiar vindo de um deus arrependido.

PARTE QUATRO

OUTONO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

UMA VIAGEM REAL

No fim das contas, Elinor surpreendeu a todos.

Todos aqueles longos dias de planejamento, toda aquela preocupação de que ela desistisse no último minuto, todos aqueles preparativos para garantir o conforto da mãe para que ela esquecesse os infortúnios de viajar... tinham sido em vão.

Pois na manhã seguinte, quando Merida, Harris e Leezie se reuniram para partir, descobriram que o pátio estava tomado pelo caos. Havia cavalos, pessoas e carroças espalhados por toda parte. Soldados marchavam. Mulheres passavam apressadas com suprimentos nos braços. Aileen berrava ordens. E no leme daquele navio fervilhante estava Elinor, rainha de DunBroch, com a aura naturalmente majestosa que a envolvia quando fazia qualquer coisa. E, nesse caso em particular, a coisa em questão era ter passado semanas dedicada a organizar, sem alarde, um séquito grandioso e apropriado para uma viagem real pelo interior do reino.

Não seria o passeio lento e sacolejante que Merida fizera no inverno em uma carroça puxada por pôneis. Tampouco a viagem improvisada que Fergus fizera com dois de seus filhos. Seria uma viagem adequada para a diplomacia, para ser vista de fora.

Elinor tinha reunido um contingente de soldados para protegê-los de bandidos e vizinhos mal-intencionados (eram os mesmos que tinham impedido Merida de praticar arquearia no campo de tiro). Tinha contratado um grupo de caçadores para protegê-los dos lobos (por que Fergus não tivera a mesma ideia?). Tinha pedido a Aileen que coordenasse uma equipe feminina para carregar e preparar comida durante a viagem. Cavalariços estavam de prontidão ao lado dos pôneis de carga e das carroças de suprimentos. Lavadeiras e suas aprendizes terminavam de guardar seu equipamento em cestos de junco e caixotes de madeira. Um time inteiro de batedores já havia selado os cavalos para sondar a estrada e montar as tendas de pernoite (tendas, um luxo sem tamanho para viagens!). Havia pôneis para carregar colchões forrados de urze e outros para carregar cervejas feitas de urze. Pôneis para transportar todas as coisas que eles

quisessem levar para Eilean Glan e outros para carregar todas as coisas que pudessem querer trazer de volta. Quem não saía do lado de Elinor durante todos esses preparativos era Ila, com seu jeito felino de sempre, um sorriso discreto nos lábios e os diários e livros da rainha nas mãos.

Merida teria ficado mais chateada por todo o seu esforço ter sido em vão se não estivesse tão impressionada com aquilo tudo. Nem sabia que ainda havia tanta gente morando em DunBroch. Todo aquele frenesi diante do castelo recém-reformado conferia-lhe um aspecto de novinho em folha.

Ardbarrach não poderia julgar todos aqueles preparativos como obra de um farsante do interior, pensou Merida.

Não imaginava que a mãe fosse capaz daquilo tudo.

— Ah, aí está a minha rainha viajante — disse Fergus. — Não se meta em encrencas.

— Estarei de volta antes que você se dê conta — respondeu Elinor.

Merida não estava acostumada a ver a mãe daquele jeito, toda corada e afobada e animada.

— E daqui a alguns dias Hubert estará aqui com você, bem a tempo para a Caça ao Inominado — continuou.

Essa última parte talvez fosse o indício mais gritante de que Fergus tinha mesmo mudado. A caça era uma prática comum em DunBroch. Caçavam para comer: coelhos, cervos, perdizes. Caçavam para obter peles e para controlar a população de doninhas antes que devorassem todos os ovos dos galinheiros. Caçavam para se proteger contra os lobos nos anos que os mercenários não apareciam para lucrar por cada animal abatido. Caçavam por justiça: alguns anos antes, um homem no vilarejo tinha sido acusado de esmagar a cabeça do cunhado com uma pedra, o que estava longe de ser ideal, e passados alguns meses resolvera perfurar alguns aldeões com uma espada e fugir para a floresta berrando que iria reunir um exército de fadas para matar todo o resto, o que estava ainda mais longe de ser ideal. Até que então sua irmã apelara a DunBroch na esperança de botá-lo na linha. Fergus organizou um grupo de caça composto por centenas de homens e, por fim, o vilão foi encontrado no meio da floresta e levado a julgamento.

Por muito tempo, porém, a Caça ao Inominado foi o evento cinegético mais célebre de DunBroch, uma tradição anual que havia minguado até se tornar uma lembrança distante. Os reis vizinhos e seus homens se juntavam e, por um dia e uma noite, caçavam pela floresta com seus cães, rastejando por toda parte e fazendo a maior algazarra. Nunca retornavam com uma carcaça. Mas sempre retornavam com histórias do Inominado. A cada ano parecia maior. Era do tamanho de um pônei, depois de um cavalo, depois de um boi. Tinha dez, depois

vinte, depois quarenta pontas na galhada, que mais se assemelhava aos ramos de um carvalho espalhados sobre uma colina. Não existia outro animal como ele. Com que astúcia o cervo escapara dessa vez, saltando sobre uma cerca, uma rocha, sobre a lua.

Merida tinha demorado a entender que o intuito não era capturar o cervo. Talvez o animal sequer existisse, pois os homens vinham empreendendo a Caça ao Inominado desde que ela era criança, e sem dúvida o cervo já estaria velho e fraco àquela altura, preocupado em comer mingau e reclamar dos bons tempos da juventude, e não em saltar sobre a lua. Mas isso não fazia a menor diferença. O objetivo era a caçada. A busca. Não a captura.

Naquele ano, Fergus decidiu organizar a Caça ao Inominado mais uma vez, a ser sediada enquanto Merida saía em sua própria jornada para perseguir uma tarefa inominável.

O outono parecia-lhe mais carregado que de costume. O tempo que Cailleach lhe dera de presente estava se esgotando; era como se houvesse despejado quase toda a calda no bolo até que não restasse quase nenhuma gota.

Na capela recém-reformada do castelo, Merida rezou para a estatueta de santo de Leezie. *Por favor, que não haja catástrofes.*

Mas ela sabia que não era disso que precisava. Mas era o que queria. Suspirou e pediu por aquilo de que realmente precisava na viagem. *Por favor, que isso os faça mudar.*

E lá foram eles rumo ao desconhecido.

Viajar com a mãe e com o pai eram experiências totalmente diferentes. A viagem com Fergus tinha sido feita sem cerimônias, sem expectativas e sem promessas. Sem confortos, sem atrasos. Viajar com a mãe, porém, era como se deslocar de um cômodo a outro de DunBroch. Parecia que haviam colocado cada aspecto de suas vidas na mala. As regras de etiqueta ainda deviam ser obedecidas. O cabelo de Merida ainda precisava ser penteado. As refeições eram feitas no horário certo. As orações aconteciam como de costume. Harris tinha que dedicar uma parte do dia aos estudos, mesmo em uma carroça sacolejante. Paravam em cada vilarejo e em cada propriedade por onde passavam para averiguar as condições, enquanto Elinor assentia e fazia anotações em seus registros de contabilidade.

Não era de admirar que a mãe tivesse desejado adiar a viagem. Aquilo não era brincadeira. Merida nunca tinha visto um trabalho tão intenso.

Mas, ah, as noites eram magníficas. Era quando a companhia armava as tendas gigantescas e acendia fogueiras enormes para afugentar os animais. Guardas ficavam de prontidão. Músicos apanhavam seus instrumentos. Bardos começavam a recitar. Elinor, rainha de DunBroch, ficava no centro de tudo.

Ainda melhor que isso, no entanto, eram as horas tranquilas depois dos festejos, quando Merida, Elinor, Leezie, Harris e Ila se retiravam para a grande tenda real para uma conversa íntima e sonolenta à luz de velas. Falavam dos mais diversos assuntos, alheios à lógica e ao dever graças ao bruxulear das chamas e ao sono cada vez mais próximo.

Depois de vários dias de jornada, a Visão voltou a figurar entre os assuntos.

— Como eu já disse — começou Elinor —, existem dois tipos de pessoas. As que procuram a magia e as que são encontradas por ela. Qual você é?

— O primeiro tipo, senhora — respondeu Ila.

— O segundo — disse Merida.

— Eu também — concordou Elinor.

— Nenhum dos dois — retrucou Harris. — Eu sou o tipo de pessoa que acha essa conversa uma grande estupidez. Vou lá me juntar aos guardas. Preferia ter ficado em casa...

Saiu batendo o pé, tanto quanto era possível no interior de uma tenda.

— Ah, garotos... — comentou Elinor, impassível. — Leezie, você certamente é do primeiro tipo.

— Eu gostaria de ser do segundo — respondeu a garota, com melancolia.

— Por quê? — Quis saber Merida. — Parece muito mais divertido ser um cavaleiro da magia do que o coelho que é alvo dela na calada da noite.

Mas Leezie nem quis se aprofundar.

— É necessário acreditar em si mesma para ser o primeiro tipo de pessoa, senhora — declarou Ila. — É preciso ter uma Visão poderosa, ou vai passar a vida perseguindo bobagens até encontrar sua própria ruína e ser alvo da zombaria das outras pessoas... E você vai acreditar nelas. Precisa decidir por si mesma o que é ou não é importante, pois não existem tantas pessoas assim com quem se comparar ou conversar. As pessoas do segundo tipo, aquelas que são encontradas pela magia, não são necessariamente poderosas. São apenas receptáculos do poder. Não escolheram nada. Foram escolhidas.

Merida nunca tinha escutado Ila falar tanto. Foi um discurso prático, sem inibições, uma garota tão elegante e segura de si naquela tenda à luz de velas quanto era no castelo. Pela primeira vez, Merida realmente achou que Leezie tinha razão: Ila tinha a Visão.

— Quando você põe as coisas desse modo — começou Elinor, com um leve risinho —, eu também gostaria de ser do primeiro tipo! Leezie, por que você está

querendo ser o que não é? Isso é coisa da minha filha.

— Ei! — protestou Merida.

— Para a senhora é fácil dizer que gostaria de ser o primeiro tipo de pessoa, aquela que precisa ser poderosa — respondeu Leezie. — Veja tudo o que faz. Essa tenda, essas pessoas, essa viagem... é isso que a senhora faz quando decide agir. É poderosa o tempo todo. Eu sou apenas Leezie, nada mais. Passo a vida perseguindo bobagens.

Merida apoiou o braço no ombro da amiga.

— Bobagens e repolhos — gracejou.

— Merida — repreendeu Elinor, mas Leezie soltou uma risada lacrimosa e deu um soquinho no braço da amiga.

A chama da vela estava quase se apagando. A conversa já começava a se esgotar, como costuma acontecer quando fica muito tarde ou o assunto fica muito sério.

— Você sabe que tem — declarou Ila, por fim. — Sabe muito bem disso, Leezie Muireall. Você me contou que sua mãe tinha e sabe que também tem. Todas aqui são muito parecidas com a própria mãe, não?

Um silêncio profundo se instalou. Merida não sabia se isso era mesmo verdade. Elinor também não parecia muito convencida, pois tratou de dizer:

— Muito bem, meninas, acho que está na hora de irmos dormir. Se continuarmos nesse ritmo, vamos acabar passando a noite em claro, e temos que acordar cedo. Andem, podem ir para suas tendas.

Merida e Leezie partiram em direção à delas e, uma vez lá, remexeram as brasas quase extintas da fogueira em que haviam preparado o jantar, levantaram a pesada aba na porta da tenda e se enfiaram nos sacos de dormir depois de verificar se nenhuma outra criaturinha escocesa havia se escondido no fundo. Merida nunca tinha se deitado em um saco de dormir tão confortável quanto aquele, tudo graças ao colchão de urze que Elinor havia colocado debaixo de cada um. Merida nunca teria pensado em levar algo do tipo em uma de suas viagens.

Quando já estavam engolfadas pela escuridão, Merida perguntou:

— Você acha que o que Ila disse é verdade? Sobre você ser parecida com a sua mãe?

Leezie não respondeu de imediato, e Merida não sabia se era porque tinha caído no sono, ou porque não sabia, ou porque achava muito difícil tocar no assunto. Fazia apenas cinco anos que a mãe de Leezie morrera, o que parecia muito e pouco ao mesmo tempo. Merida não chegou a conhecê-la; pertenciam a mundos distintos. Leezie tinha passado a infância inteira no vilarejo de casinhas de pedra antes de ir trabalhar e morar em DunBroch e, de alguma forma, se

tornar um membro honorário da família real.

— Não sei — respondeu Leezie por fim. — As pessoas diziam que ela era uma pessoa boba. E acho que dizem o mesmo de mim.

— Você é um pouco boba mesmo — concordou Merida. — Mas à sua maneira.

— Eu só sou assim, não sei ser de outro jeito.

— Se alguma pessoa lhe disser isso de forma maldosa, pode deixar que vou puxar o cabelo dela por você.

Merida tentou se lembrar de tudo que Leezie já havia lhe contado sobre a mãe. Nunca tinha revelado muita coisa, além do fato de ter sido parteira.

— Sua mãe tinha a Visão?

Leezie mergulhou em silêncio mais uma vez e Merida voltou a pensar que talvez tivesse caído no sono. Mas, de repente, ela murmurou:

— Ela acreditava que as pessoas retornavam várias e várias vezes à vida. Em corpos diferentes. Ouviu isso de um homem careca vindo de algum lugar ao sul. Ela sempre dizia que a primeira coisa que um careca lhe diz é verdade e a última é sempre mentira.

Merida achou graça.

— E a primeira coisa que ele disse foi que as pessoas retornam várias e várias vezes?

— Isso, que minha mãe vai retornar no corpo de um bebê e fazer tudo de novo, o que parece bem complicado — comentou Leezie. — Mas é bom ter outra chance de experimentar tudo pela primeira vez, eu acho.

— Qual foi a última coisa que o careca disse para ela? Você sabe?

— “Você terá um ótimo Natal este ano” — respondeu Leezie. — Ela morreu no Samhain.

Dois meses antes do Natal.

— Sinto muito — lamentou-se Merida.

— Obrigada. Eu sempre quis conhecer um homem careca para ver se isso era mesmo verdade, mas eles são bem mais difíceis de encontrar do que você imagina. Oh, aquele monge que nos acompanhou a Keithneil... será que ele conta como careca?

Feradach.

— Qual foi a primeira coisa que ele disse a você? — perguntou Merida.

— Que Keithneil não ficava longe — respondeu Leezie. — E era verdade.

— E a última?

Leezie refletiu um pouco.

— Que ele esperava me ver outra vez. Bem, isso não tem muita graça.

O silêncio tomou conta da tenda. Merida virou-se de lado para dormir, mas

não conseguiu.

— Boa noite, senhora Leezie — sussurrou ela.

— Boa noite, senhora Merida. — Foi a resposta.

Merida passou um bom tempo refletindo sobre aquela conversa. Parecia importante entender Leezie e o motivo de seus lamentos ao longo daquele ano, mas as duas eram tão diferentes entre si que colocar-se no lugar da amiga era sempre uma grande complicação. Quando ela finalmente entendia o que motivava Leezie a agir de determinada maneira, a garota já tinha partido para outra e Merida retornava à estaca zero. Até aquele momento, tudo o que ela não entendia podia ser explicado com um “Ah, Leezie é assim mesmo”.

Mas se quisesse mesmo ajudar a amiga a mudar, isso não bastaria.

Meu tempo está acabando, meu tempo está acabando.

Achou que nunca ia conseguir pregar os olhos, mas deve ter dormido, porque de repente foi acordada por um barulho. E é impossível acordar sem antes dormir.

Ela abriu os olhos, mas não havia nada para ver além do breu que dominava a tenda escura.

Então o som se repetiu, vindo do lado de fora:

— *Psst.*

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CONSEQUÊNCIAS

— *Psst.*

Era um som deliberado, com o intuito de atrair quem estava na tenda para o lado de fora. Mas quem as estaria chamando com um assovio? Harris não era de assoviar. E Ila certamente não conseguiria assoviar sem acrescentar um “senhora” logo em seguida.

Quem pode ser?, perguntava-se ela. *Estamos no meio da noite.*

Na verdade, era *exatamente* meia-noite.

Merida se levantou em silêncio. Não precisou se vestir nem calçar as botas, pois tinha ido dormir sem tirar as roupas que usara durante o dia. Não apenas porque era uma noite fria, mas também porque estava acostumada a viajar sem o conforto e a segurança proporcionados por Elinor, de modo que sempre tinha de estar alerta. Talvez a mãe não se importasse de deixar a própria segurança na mão dos soldados, mas Merida não conseguiria se acostumar com isso tão cedo.

Depois de se virar para espiar o outro saco de dormir, afastou a aba da tenda e tentou enxergar o que havia lá fora.

Não havia ninguém. Os resíduos da fogueira diante da tenda ardiam em vermelho. Os sons dos cavalos resfolegando noite adentro eram quase inaudíveis graças ao farfalhar sibilante das folhas ao sabor da brisa. Não muito longe, Merida podia ouvir um dos soldados batendo os pés para espantar o frio.

Então, quem tinha assoviado para ela?

Ela avistou, na floresta, um vulto seguido por uma luz. Primeiro achou que fosse aquele estranho brilho esverdeado de Cailleach, do fogo-fátuo, mas depois percebeu que era apenas o reflexo das chamas nos olhos de algum animal.

Brionn.

— Brionn — sibilou ela.

O cão franzino a fitou com aquela expressão confusa e distraída, cada olho apontando para um lado, como de costume. Depois, deu meia-volta e saltou na direção da floresta. Alguns metros depois, ele se deteve e espiou por cima do ombro para ver se Merida o estava seguindo.

Ela cogitou sair em busca de Harris, mas logo se lembrou daquele som.

Psst.

Dois tipos de pessoas: as que procuram a magia e as que são encontradas por ela.

Um assovio do lado de fora de uma tenda era quase a mesma coisa que uma batida na porta.

Aquela floresta era diferente do bosque nevado pelo qual havia perseguido Feradach no Natal, na primeira vez que se encontraram. Ali, as árvores estavam estaladiças por conta do outono, cheias de galhos afiados e espinhos secos. Sua perseguição perturbou cervos-vermelhos e corujas, e as folhas secas farfalhavam em sua fuga. De tempos em tempos, um dos cervos soltava seu bramido aterrorizante, alto como o de um urso. Mas, assim como a floresta, Merida estava à caça. Estava atrás de Brionn, que, por sua vez, estava atrás de... quem? A Caça ao Inominado. O que ele perseguia? Merida não fazia ideia. Mas tinha que descobrir.

Os passos de Brionn finalmente começaram a desacelerar e Merida percebeu, atônita, que havia adentrado uma clareira morta.

Não vazia. Nem ressequida. Nem desmatada pelo homem.

Morta de verdade.

Ao contrário dos bosques outonais que a cercavam, a clareira parecia estar em pleno inverno. O solo estava duro e congelado, e todas as árvores já tinham perdido as folhas, permitindo que o luar banhasse a cena.

Embrenhando-se mais fundo na clareira, Merida percebeu que aquela não era uma morte causada pelo inverno. Era a morte da seca, de uma queimada angustiante, de uma catástrofe. Até mesmo os lariços perenifólios haviam perdido todas as suas folhas, o que não era comum.

Merida estremeceu, mas não foi de frio. Pendeu a cabeça para trás e se pôs a admirar as estrelas, quase esperando ver os Dançarinos Celestes cintilando entre elas, embora ainda fosse cedo. Mas as estrelas pareciam opacas e distantes. A noite inteira parecia desbotada.

Brionn soltou um ganido baixo quando encontrou a sua presa.

Já estava caída, estirada no solo da peculiar ravina morta.

Merida reconheceu aquelas luvas refinadas com a costura carmesim, embora nunca as tivesse visto daquele jeito, as mãos inertes sobre a relva morta.

— O que você está fazendo aí no chão? — indagou ela.

Feradach tentou se virar, mas não conseguiu. Não estava apenas estirado no solo; estava com a cara enfiada no chão. Isso era o pior de tudo. Era evidente que havia caído ali. Ninguém se deita naquela posição. Ninguém se rende daquela maneira. Não, o jeito como estava, o rosto voltado para o chão, as costas viradas para o céu, os braços estirados para baixo e as palmas viradas para cima... ele

tinha caído de cara no chão, sem conseguir usar as mãos para amortecer a queda.

— Achei que você fosse impossível de ferir — declarou Merida em tom acusatório.

Parecia errado ver seu adversário daquele jeito, os cabelos salpicados de serapilheira, o corpo fraco.

Ela começou a puxar o manto para virá-lo de barriga para cima, ou ao menos tentar tirar seu rosto da terra.

— Não... toque... em mim — alertou Feradach. — Minhas mãos...

— Ora, deixe de ser estúpido! — respondeu Merida. — Você não matou o cavalo que lhe emprestei quando fomos a Cennedig. E ainda está de luvas. Não vou encostar nas suas mãos.

A sensação de tocá-lo foi um pouco enervante, mas, como já desconfiava, não a matou. Foi mais fácil do que ela esperava. A cabeleira farta e o manto forrado de pele o faziam parecer maior do que realmente era, mas a verdade era que tinha o corpo de um jovem rapaz, nem mais velho nem mais pesado do que ela.

— O que aconteceu com você? — Quis saber Merida. — Você foi atacado?

Por mais que não pudesse ver nenhuma ferida, notou que o musgo sobre o qual ele jazia também estava morto, assim como os pequenos brotos de grama espalhados ao redor. Os cogumelos também pareciam tão esturricados quanto feixes de feno.

— Consequências — sussurrou ele.

— Consequências de quê? — perguntou Merida, afastando Brionn com um dos braços.

— De... não... arruinar.

Feradach fechou os olhos por um longo segundo e depois os abriu outra vez, com esforço evidente. As sobranceiras escuras estavam franzidas.

— De... não... arruinar... nada... desde a última vez que nós... desde que vi... Cennedig.

— Você não arruinou nada desde que me viu pela última vez?

Feradach assentiu de leve.

— Queria... dar uma... chance... a eles... e eu...

Ele desistiu de falar e cravou a luva sobre o peito, respirando com dificuldade.

Merida não sabia o que fazer com aquela informação. Acima de tudo, estava irritada. Como ele se atrevia a ser seu inimigo e depois mudar de ideia e fazer coisas *assim*? Primeiro a harpa. Depois isso, o que quer que fosse, quebrando regras muito maiores que ambos, tentando fazer o que ela dissera ser o certo em vez do que ele vinha fazendo desde sempre. Ele deveria ser um deus, e ela apenas uma garota, e suas palavras não deveriam ter o poder de machucá-lo.

— Não é assim que quero vencer o trato — disse ela.

A cabeça de Feradach tombou para o lado.

— Merida! — chamou a voz de Leezie, ao longe. — Merida, o que você está... Merida, isso *não é nada seguro*!

Leezie adentrou a clareira morta a passos cautelosos. O cabelo estava despenteado, os olhos inchados de sono; ela parecia, como sempre, precisar de um pouquinho de ajuda. Mas sua voz parecia muito desperta e, quando Merida a avistou, viu um pequeno brilho esverdeado reluzir em seus olhos, como o das estrelas de Cailleach.

Oh.

A Visão. As pessoas que procuravam a magia.

Merida estava bastante desorientada.

— Como você me encontrou?

— Eu tive um... um sonho — respondeu Leezie. — Sonhei que você precisava de mim.

E precisava mesmo. Merida precisava de alguém que soubesse algo sobre os deuses para lhe dizer como agir, e Leezie era sua melhor opção.

— O que você vê? Para o que você acha que estou olhando?

Leezie hesitou por um instante, e Merida percebeu que parecia um pouco trêmula, como Hamish. Seus lábios formaram uma palavra, mas ela não a disse em voz alta, como quando tentara e desistira de ler a pedra em Keithneil. Por fim, sussurrou:

— Não quero que pareça que estou atrás de bobagens.

— Eu não vou julgá-la por isso, Leezie, pode acreditar em mim. Principalmente este ano! — declarou Merida. — Mas me diga o que você está vendo! O que é isso aqui na minha frente?

Leezie meneou a cabeça, como se não pudesse acreditar no que estava prestes a dizer, mas então respondeu:

— Um *deus*. Ou algo tão poderoso quanto um. Algo com que é melhor não se envolver!

Merida a observou por um instante. Não podia contar nada por conta do trato, então limitou-se a lhe lançar um olhar de súplica.

— Mas você já está envolvida, não é? — continuou Leezie, embora não fosse realmente uma pergunta. — Ai, Merida! O que foi que você fez?

Merida também não sabia como responder. Quando enfim falou, sua voz soou mais desesperada do que ela pretendia.

— Eu não sei o que fazer.

— Essa é uma ideia muito, muito ruim — disse Leezie, enquanto se ajoelhava para dar uma olhada em Feradach. — Oh, pobre criatura. Quem é você, garoto? Oh, você está assustando Merida. Ei, olhe só essas luvas. São iguais às do monge

que... oh.

Ela se virou para Merida, suas lindas sobrancelhas franzidas enquanto a mente tentava processar aquela informação. Pousou as mãos no rosto. Parecia tanto precisar de ajuda, mas era Merida quem precisava ser ajudada. O rosto emprestado de Feradach estava cada vez mais parecido com as coisas mortas que o rodeavam, incolor e inerte.

— Sabe se há algo que possamos fazer, Leezie? — perguntou Merida. — Algum de seus rituais ou orações ou poções ou até mesmo sua Visão?

— Não tenho nada capaz de ajudar com isso — respondeu a garota. — Não consigo ver tão bem assim. É melhor chamar Ila.

— Leezie, por favor — implorou Merida. — Não tempos tempo. Por favor, apenas tente. Pelo menos uma vez, não desista quando as coisas ficam difíceis. Sou o tipo de pessoa que a magia encontra, não a que a procura. Por favor, é *importante e não posso fazer nada*. Eu preciso de você! Por favor!

Leezie se empertigou, e Merida nunca a tinha visto desse jeito. Ela jogou os cabelos despenteados para trás com audácia, depois se pôs de pé. Então começou a rodopiar daquele jeito bem típico dela. As mãos pareciam palpar o ar. O farfalhar das folhas nas árvores lembrava o lamento na voz de Cailleach e Leezie se juntou a ele. Não parecia boba. Nem parecia Leezie.

O brilho do fogo-fátuo voltou a reluzir em seus olhos.

— Ele é um deus da... ruína — declarou Leezie, baixinho, e Merida sentiu um calafrio percorrer seu corpo. — Sim, é um deus jovem e cometeu um erro. — Leezie abriu os olhos. — E está morrendo.

— O que mais? — disparou Merida.

— Ele não é o primeiro deus da ruína — continuou Leezie, parecendo impressionada com seu próprio conhecimento. — Existiram outros antes dele. Se não cumprir seu dever, ele morrerá, e outros deuses da ruína tomarão seu lugar.

— Ele vai retornar? — Quis saber Merida. — Como sua mãe costumava dizer? Ele vai renascer?

Leezie pareceu perplexa com a pergunta.

— Haverá outro.

— Mas o que vai acontecer com *este*? O que está *nesse* corpo? É ele quem vai voltar?

As mãos de Leezie pairaram sobre o corpo de Feradach outra vez, depois se retraíram.

— Não sei. Eu não sei como explicar, Merida! Não é algo que possa ser dito em palavras. É só que... ele mal existe de verdade. Só tem essa aparência, esse corpo, por nossa causa. Para que possamos vê-lo. E quando não há nenhum mortal olhando para ele, volta a ser apenas um... *sentimento*. Ele não é nada além

do próprio dever, e quando isso é tirado... O que resta dele?

— Então ele vai simplesmente desaparecer? — perguntou Merida.

— E um novo deus tomará seu lugar, isso — respondeu Leezie. — Este vai desaparecer. É diferente de nós, mortais.

A mera ideia pareceu intolerável para Merida. Lembrou-se do que lhe dissera na muralha, que ninguém o via mais de uma vez. E ele tinha dito que *ela* o via. E então, em sua tentativa de agradá-la, Feradach acabaria tendo até mesmo aquela existência ceifada. Uma existência que só ela conhecia.

E, claro, o equilíbrio. O equilíbrio. Merida sabia que tinha passado a acreditar no deus: ele causava a ruína por um motivo, e o equilíbrio era necessário para que a renovação pudesse acontecer.

Mas essa informação não parecia tão urgente quanto o deus moribundo bem ali, quase sucumbindo em seu corpo emprestado. Morrendo por causa dela.

— O que você quer fazer, Merida?

— Temos que ajudá-lo a fazer o que deve ser feito — respondeu Merida. — Por favor, me ajude a levá-lo para onde ele precisa estar. Ajude-me a levá-lo para onde a ruína é necessária.

CAPÍTULO VINTE E SETE

O RIO ENCONTRARÁ SEU CAMINHO

A magia era mesmo algo muito estranho.

As duas não teriam conseguido carregar o corpo de Feradach para longe enquanto estivesse com a aparência conhecida por Merida. Por mais que fossem fortes, não eram páreo para as colinas íngremes e a floresta densa.

Mas a forma que o deus assumira para Leezie, qualquer que fosse, devia ser muito pequena, porque depois que perceberam que Merida não conseguiria carregá-lo, Leezie conseguiu. E, graças a toda a estranheza da magia, Merida o via como o Feradach que ela conhecia, mas também como o Feradach que Leezie devia ver. Assim como naquela primeira noite de perseguição, o deus parecia mudar de forma ao luar. Quando Leezie se deteve para descansar os braços e buscar o local para onde sua Visão lhe dizia para levá-lo, Merida o viu como o jovem de cabelos louros com quem estava acostumada. Enquanto Leezie o carregava, ele assumia a forma de um garotinho ruivo magricela, com uma expressão tensa e os lábios crispados em preocupação, o que fez Merida pensar em Hamish.

Em qualquer forma que assumisse, porém, estava à beira da morte.

Merida tentou abafar a sensação ruim que a consumia, dizendo a si mesma que o garotinho não passava de mais uma das vítimas de Feradach, e por isso o deus vestia-lhe o rosto, mas era uma verdade complicada que não trazia alívio nenhum. O amanhecer começava a iluminar o céu quando enfim chegaram ao lugar que deveria receber a ruína de Feradach, o lugar que ele se abstivera de destruir. Por mais que a sensação peculiar e cerosa que havia maculado a clareira morta ainda pairasse sobre tudo, era uma paisagem de tirar o fôlego.

Um rio amplo entrecortava o bosque. Salgueiros resvalavam seus dedos na superfície da água enquanto cisnes flutuavam em um torpor adormecido. A relva avermelhada e as flores silvestres suspiravam ao sabor da brisa que soprava na direção de uma cabana de pedra. Parecia uma casinha saída de uma história, pacata e pacífica.

Enquanto Leezie carregava Feradach (aos resmungos de que o braço estava ficando dormente) com Brionn rondando seus calcanhares, Merida esgueirou-se

até a cabana e espiou para ver o que havia lá dentro.

Era a cabana de um erudito. As paredes estavam forradas de prateleiras de livros e pergaminhos. A mesa estava apinhada de manuscritos, tintas e penas. Os livros deviam valer uma fortuna; levava uma eternidade para produzir um daqueles. O que ela via, pela penumbra da janela, eram anos e mais anos de trabalho. Mas também via o erudito — uma mulher, para surpresa de Merida, pois conhecia poucas mulheres que sabiam ler e escrever tão bem quanto a mãe, e certamente nenhuma que pudesse ter produzido tudo aquilo. Mas a mulher sem dúvida tinha nascido para se dedicar àquele dom, e vice-versa. Estava apoiada na escrivaninha, dormindo, o cabelo comprido cascadeando sobre os ombros, os dedos manchados de tinta não muito longe da pena.

Merida se perguntou o que a erudita teria feito para atrair a presença de Feradach. Tentou imaginar o que o destino lhe reservava.

Sabia apenas que seria justo, qualquer que fosse.

— Sinto muito — sussurrou Merida, e seu hálito embaçou a vidraça à sua frente.

— Tem alguém lá *dentro*? — sibilou Leezie.

— Coloque-o aqui — sibilou Merida em resposta, esquivando-se da pergunta anterior. — Depois pegue Brionn e se afaste. Vá para bem longe. Não sei fazer essa parte. Ei, não me olhe assim! Você já ajudou tanto, não quero que se machuque por ser boa no que faz.

Feradach jazia ao lado da cabana, quase colado à parede, passando de uma forma à outra aos olhos de Merida. Leezie recuou para bem, bem longe, quase sumindo de vista nas margens do rio.

Merida respirou fundo, tentando reunir um pouco de coragem, e estendeu a mão para tocar a luva de Feradach.

— Não!

Ela estremeceu. O protesto foi o primeiro indício de que o deus ainda estava consciente.

Os olhos de Feradach se abriram e, mais uma vez, Merida o viu como o rapaz que se tornara tão familiar.

Com grande esforço, ele conseguiu dizer:

— Não faça isso.

— Nós o trouxemos para onde você deveria estar — sussurrou Merida, irritada. — Eu entendi o que estava tentando fazer, mas não vai dar certo. O equilíbrio não vai permitir. Eu entendo. Cumpra o seu dever. Quero que você faça o que está destinado a fazer.

— E farei — respondeu Feradach, a voz diminuta e exaurida. — Mas não... toque...

Merida entendeu o que ele quis dizer e recuou. Com uma lentidão agonizante, o deus começou a despir a luva. Demorou-se uma eternidade e, por um instante, parecia fadado ao fracasso, pois de tempos em tempos precisava descansar as mãos no peito antes de continuar.

Finalmente, quando o sol se esgueirou pela copa das árvores e lançou raios adamantinos sobre o rio amplo e sereno, Feradach conseguiu tirar uma das luvas. Escondia uma mão tão comum. Tão letal.

Ele hesitou.

Merida segurou-lhe o cotovelo, o qual pôde tocar com segurança graças à manga que o revestia, e ergueu o braço de Feradach.

O deus pousou a mão na lateral da cabana, afundando-a na pedra.

Em um piscar de olhos, Merida sentiu uma melhora na atmosfera. A estranha sensação cerosa se dissipou e tudo voltou a ser como era. Mesmo que algo terrível estivesse prestes a acontecer, o mundo não parecia mais tomado pelas trevas.

Os pássaros continuaram a cantar. Os cisnes continuaram a flutuar. O rio continuou a fluir. Mas, de alguma forma, tudo parecia diferente. Como deve ser, pensou Merida, ter uma noção constante desse equilíbrio? Não era de admirar que Feradach se sentisse tão impelido a mantê-lo. Como deve ter sido estranho suportar os equívocos de DunBroch por um ano inteiro; não era de admirar que tivesse ficado abalado com a ideia do trato.

Quando Merida se virou, percebeu que Feradach já havia calçado a luva. Estava agachado e, aos poucos, parecia voltar a si. Os olhos estavam fixos em Merida, uma expressão peculiar estampada no rosto.

— O que vai acontecer com ela? — Quis saber a garota, tentando esconder o sentimento peculiar que também a invadira.

Feradach limitou-se a responder:

— O rio encontrará seu caminho.

Ele não agradeceu e Merida não lhe disse que o tinham salvo.

Apenas ficaram ali por um instante, embalados por aquele sentimento peculiar que nada tinha a ver com o *equilíbrio* instável entre ruína e renovação, e sim com o equilíbrio instável entre um deus e uma garota, até Feradach enfim dizer:

— Você deveria ir embora. O tempo está se esgotando e você ainda tem um trabalho a fazer.

CAPÍTULO VINTE E OITO

A ILHA DAS GAROTAS PERDIDAS

Depois disso, aquele sentimento peculiar tomou conta de tudo. Não que fosse ruim; muito pelo contrário. Tudo corria às mil maravilhas. O lógico seria a incerteza reinar à medida que se afastavam de casa e se embrenhavam nos campos cada vez mais selvagens da Escócia. Mesmo que nada tivesse dado errado, ainda era uma longa jornada em um terreno inexplorado, com direito a um trajeto de barco em um mar caprichoso de outono.

Em vez disso, porém, era idílico. Perene. Feliz. Vibrante. A comitiva real seguiu até os confins da terra, em um porto remoto chamado Tarvodubron, e de lá zarpou em barquinhos rumo a Eilean Glan. Merida nunca tinha feito uma viagem daquelas e parecia impossível, assustador, maravilhoso estar no meio do oceano com terra à vista de um lado e quase indistinguível do outro, cercada de nada além de água e vento. Criaturas de pele cinza e olhinhos inteligentes, tão grandes quanto um humano, saltavam ao lado dos barcos, para a alegria, divertimento e espanto dos passageiros. Merida tinha a impressão de não estar viajando para outro reino, e sim para um sonho.

Assim que desembarcaram em Eilean Glan, tornou-se óbvio que era um reino muito diferente de Ardbarrach, Kinloch ou até mesmo DunBroch. Não havia castelos colossais à vista, nem corte, nem suseranos, nem vassalos. A verdade era que simplesmente não havia terra nem pessoas suficientes para comportar algo assim. Eilean Glan era uma das poucas ilhas desnudas que emergiam do oceano, toda orlada por penhascos pálidos. Só se viam as relvas ondulantes, o sol escaldante e as rochas planas. As árvores eram escassas e preciosas; como poderia haver mais? O vento era implacável.

Era a parte mais memorável da ilha, o vento. Mas não parecia incomodar Elinor.

Desde o momento em que desceu do barco e pisou na ilha, parecia flutuar. Os olhos estavam arregalados, admirando toda a paisagem. Confiante, conduziu toda a comitiva desde o porto até uma estradinha côncava, protegida do vento por sebes e muretas de pedra, até chegar a um aglomerado de casas baixas e construções, todas escavadas na terra para não serem levadas pelo vento.

Estavam dispostas de forma complexa, mas Elinor parecia se deixar guiar pela intuição. Ela logo os levou até a construção principal, que, embora grande, era achatada como todas as outras. Tiveram que se abaixar para passar pela porta.

Lá dentro, velas de junco iluminavam fileiras e mais fileiras de garotas, todas com os cabelos bem presos no topo da cabeça, estranhamente semelhantes ao coque que Elinor usava naquele e em todos os outros momentos, presos sob o toucado e o véu. Estavam debruçadas sobre livros, os dedos deslizando por cada linha. Algumas escreviam. Merida nunca tinha visto tantas garotas em um só lugar, quanto mais tantas garotas que sabiam ler.

Na extremidade do cômodo estava uma mulher de cabelos claros, mais ou menos da idade de Elinor, vestida com o mesmo esmero e asseio que as garotas. Tamborilava a pena seca na palma da mão, distraída, mas assim que pôs os olhos na mãe de Merida exclamou:

— Oh! *Elinor*!

Para a surpresa de Merida, as duas se abraçaram como irmãs, e a mulher riu e enxugou a lágrima que verteu junto com o riso.

— Olhe só para você! — continuou a mulher. — Por acaso Máel Muire já a viu?

Elinor negou com a cabeça, também em meio a lágrimas e risos.

Merida e Leezie trocaram um olhar intrigado. Os olhos de Harris se estreitaram, confusos, como se buscassem uma resposta.

Mas ainda não havia tempo para respostas. A mulher loura pediu às garotas que continuassem o trabalho, depois acrescentou algo em um idioma diferente e, por fim, arrematou com outra coisa em um terceiro idioma (ou talvez tenha dito a mesma frase três vezes, em três línguas distintas). Em seguida, levou Elinor e os outros para explorar os arredores. Aqui estava uma construção onde mais garotas com cabelos penteados e vestidos simples observavam atentamente uma mulher sovar uma massa de pão. Ali, outra onde um grupo de garotas bordava padrões elaborados na costura. Mais adiante, um grupo de garotas tocava bandolim. Ainda além, um grupo de garotas aprendia a tratar de pôneis, outro aprendia a falar com clareza. Aqui havia garotas rezando, ali trançavam o cabelo umas das outras, mais adiante lavavam a roupa. Aqui e ali, por toda parte, uma profusão de garotas, todas empenhadas em aprender uma coisa nova.

As garotas fitaram o grupo com curiosidade, especialmente Harris, que estava deslocado. Ele não retribuiu os olhares. O garoto vinha tratando todos com frieza desde a conversa sobre a Visão e ficou ainda pior durante o restante da viagem. Enquanto ainda exploravam os arredores, ele inventou uma desculpa para ir esperar junto de Brionn e dos soldados que os escoltavam.

Merida não tinha tempo para convencer o irmão a ser mais participativo, então

resolveu se preocupar com ele mais tarde.

— Que lugar é este? — sussurrou ela para Leezie enquanto andavam apressadas atrás de Elinor, Ila e a professora, todas fustigadas pelo vento.

Que papel ela desempenharia ali se decidisse ficar? Professora? Seria como a mulher que conduzia Elinor alegremente pelo complexo? Ou voltaria a ser aluna?

— Órfãs — sussurrou Leezie de volta.

Mas é claro, pensou Merida. Depois que Leezie mencionou, parecia óbvio. Garotas de todas as idades e esferas da vida, algumas mais confortáveis com os afazeres do que outras. Aquilo era um orfanato. Uma escola. Uma ilha para garotas perdidas. Claro que Leezie se veria nelas.

Por fim, chegaram a uma salinha onde havia apenas três garotas debruçadas sobre bancadas de trabalho, concentradas no que faziam. Uma esculpia. Outra pintava. A terceira encaixava cuidadosamente pecinhas de madeira de formato intrincado. Merida ficou radiante ao perceber que estavam fazendo um tabuleiro de Brandubh.

Havia ainda uma mulher mais velha, mas não esculpia como as outras. Em vez disso, dedicava-se a escrever com uma caligrafia fluida e familiar, cada letra precisa e adorável. Embora fosse bem velha, tinha a postura de uma jovem. Cheia de confiança, dignidade e força. Ainda exalava poder. O cabelo era cingido por um aro fino e simples de ouro. Devia ser a rainha daquele lugar, se é que havia uma.

— Máel Muire? — chamou Elinor, em um tom de voz muito diferente do que Merida estava acostumada.

— Elinor, minha filha — respondeu a mulher. — Recebi sua carta esses dias mesmo, mas não ousei nutrir esperanças de que realmente viesse.

Ela ficou de pé, estendeu os braços e segurou as mãos de Elinor, que baixou o olhar, envergonhada, e foi então que Merida percebeu...

Sua mãe tinha crescido ali.

Enquanto as duas mulheres conversavam em voz baixa, Merida fez o possível para reconstituir a linha do tempo em sua mente. Sabia que os avós tinham morrido antes de ela nascer, mas por algum motivo, graças a histórias ouvidas pela metade, sempre imaginara que tinha acontecido quando Elinor já era rainha de DunBroch, não em um passado tão remoto. Não quando a mãe não passava de uma garotinha. Nunca tinha imaginado que Elinor pudesse ser órfã.

De repente, pensou na rapidez com que a mãe tinha acolhido Leezie. Na rapidez com que passara a treinar Ila.

Mas Elinor vinha de uma família nobre, tinha estudado com tutores na França...

— Merida — chamou-lhe a mãe. — Merida.

— Você nunca contou a ela — constatou Máel Muire.

— Não é que eu tivesse vergonha... — respondeu Elinor, bem baixinho.

Máel Muire interrompeu:

— Não guardo ressentimentos, Elinor. O futuro sempre será um objeto de estudo mais importante do que o passado. E você está aqui agora. O lugar faz jus às suas lembranças?

— Está ainda melhor — respondeu Elinor. — Tem tantas meninas aqui.

— Até demais — observou a velha rainha, levando-as para fora da pequena construção.

Enquanto as conduzia até os alojamentos das garotas, contou sua história para Merida.

— Quando meu marido, o rei, morreu, percebi que havia muito o que fazer nestas ilhas, mas pouca gente para me ajudar. Decidi acolher algumas das órfãs de Skara Brae, de Hoy e até de Tarvodubron. Mas então se espalhou a notícia de que eu tinha começado a ensiná-las a ler e escrever, a ter um ofício e a serem damas, e passei a receber órfãs de lugares cada vez mais distantes. Eu achava que as dificuldades estavam limitadas a estas ilhas, mas a verdade é que onde quer que haja crianças, também haverá pais que morreram. Recebi meninas pobres e filhas de lordes e até mesmo crianças como Elinor, filha de uma rainha recém--enviuada que acabara morrendo no parto. Você sabe onde suas irmãs foram parar, Elinor?

— Na França — respondeu a rainha de DunBroch.

— Isso, França — disse Máel Muire. — É, faz sentido. Então eu as treino, e algumas ficam para me ajudar a treinar outras, e sempre há mais filhas órfãs por aí.

Merida estava sem chão. Por mais que tentasse encaixar essa informação em tudo o que sabia sobre a mãe, era como se ela ricocheteasse feito uma flecha sem ponta. Sua mãe, perfeita e majestosa, não tinha adquirido seu amor pela leitura, pela língua e pela educação em uma corte francesa, e sim naquela ilha. Sempre que repreendia Merida e dizia para se esforçar mais e ser mais feminina, não a estava comparando a princesas e mulheres de lugares como Ardbarrach, e sim às garotas esforçadas e multifacetadas daquela ilha. Quando dissera que só queria um futuro melhor para a filha e tentara arranjar-lhe um casamento para que tivesse sua própria família, tinha em mente aquele lugar, um berço de dificuldades e lares desfeitos.

E talvez o mais difícil de assimilar fosse todo o segredo por trás. Era uma parte tão importante da mãe, e ela jamais sequer tinha cogitado.

Merida se lembrou da briga entre as duas antes de sua partida para Kinloch.

Como você pode ser tão cruel?

Sentiu o rosto arder.

— Eu sei que você veio até aqui para me oferecer Merida como ajudante — disse Máel Muire a Elinor —, e eu a aceitarei se ela concordar, mas tenho outra proposta, se estiver disposta a ouvir.

Tinham chegado a uma construção baixa que ficava mais perto da costa do que as outras. Havia camas enfileiradas por todas as paredes e pequenos bichinhos de pelúcia estavam espalhados aqui e ali.

Elinor deu um suspiro profundo, perdida nos próprios pensamentos.

— Oh, meus antigos aposentos.

— Elinor, de rainha para rainha — começou Máel Muire, pousando as mãos nos ombros dela —, já estou com a idade avançada, e você me faria um enorme favor se levasse algumas dessas garotas e as criasse em DunBroch.

Elinor se virou para encará-la.

— Eu sei que você é capaz — continuou a velha rainha antes que Elinor pudesse responder qualquer coisa. — Você sempre foi excelente com papel e pena. Tem modos impecáveis. É forte como uma rocha. Eu não deixaria minhas garotas nas mãos de muita gente, mas tenho certeza de que você faria um excelente trabalho com elas se tivesse tempo e espaço para recebê-las.

Elinor olhou para Merida e Leezie. O semblante estava tomado por uma expressão confusa e radiante, comovida pelo elogio e apreensiva com o pedido.

— Nem pense muito — encorajou Merida. — Apenas aceite.

Depois, a garota olhou para trás, para aquela maravilhosa velha rainha que, em um piscar de olhos, a fizera entender tanto sobre a mãe.

— Ela vai ser tão boa nisso — acrescentou.

— Sim — concordou Leezie, enfática. — Sim!

— Ela nasceu para isso — comentou Ila.

De todas as coisas que tinham dito, foi essa que fez Máel Muire sorrir.

— Sim, eu sei.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

DÁSACHTACH

A volta foi mais demorada do que a ida, mas Elinor tinha se preparado para isso; sabia que o clima estaria mais impiedoso e que os dias já seriam mais curtos durante a viagem de volta. Fizera os preparativos com base em algumas pesquisas e em tudo de que se lembrava de sua última jornada a Eilean Glan. Tinha planejado a distância que percorreriam todos os dias e as paradas que fariam todas as noites.

Merida percebeu que o pai havia se enganado em relação aos receios de Elinor em viajar. Não era que a mãe precisasse que as coisas fossem confortáveis. Precisava que fossem perfeitas, e isso era quase impossível em uma viagem. Ela tinha perdido a confiança em suas habilidades, mas já estava começando a recuperá-la.

No início, a viagem de volta correu às mil maravilhas. Enveredaram pelas florestas densas sem atrair lobos. Acamparam em clareiras que desembocavam em riachinhos secretos. Deliciaram-se com refeições quase tão suntuosas quanto as do castelo, acompanhadas por salmão pescado nas corredeiras. Acomodaram-se ao redor da fogueira para contar histórias. Desfrutaram de vistas maravilhosas do topo de penhascos e Merida foi arrebatada pela beleza do mundo. O sol se punha e a névoa tomava seu lugar; o sol nascia, dissipava a névoa e eles voltavam a viajar.

O clima continuava agradável, embora o cheiro e o som das folhas de carvalho estaladiças enchessem Merida de apreensão, um lembrete de que o Natal se aproximava.

— Alguma coisa vai dar errado — disse Harris a Merida. — Não tem como continuar desse jeito.

— Quando foi que você ficou tão pentelho? — Quis saber Merida. — É novidade ou você sempre foi assim? Ela está fazendo um ótimo trabalho.

— Isso não tem nada a ver com nossa mãe — retrucou Harris, com frieza. — Nem tudo é uma crítica, sabe? Eu só estava tentando ter uma conversa normal, mas já devia ter imaginado.

— Aqui, imagine *isto* — respondeu Merida, dando um puxão no cabelo dele.

Harris tascou-lhe uma mordida.

— Oh, muito maduro — retrucou Merida.

— Você só está com dor de cotovelo porque eu mordi primeiro — rebateu Harris. — *Venha, Brionn!*

O cão, como sempre, não deu ouvidos e continuou a atormentar os pôneis de carga.

— Estou vendo uma coisa dando errado agorinha mesmo — provocou Merida, lançando um olhar na direção de Brionn. — Quem não tem teto de vidro que atire a primeira pedra...

Mas, como de costume, Harris estava certo. Ou, no mínimo, não inteiramente errado.

No primeiro dia, não cobriram a distância estipulada por Elinor.

No segundo, o local em que pretendiam passar a noite estava inundado, de modo que tiveram que montar acampamento a vários quilômetros dali.

E então, no terceiro dia, encontraram uma cidade completamente destruída.

— O que aconteceu aqui? — Quis saber Elinor.

Pela postura da mãe, Merida podia ver que estava cada vez mais incomodada. Parecia mais rígida, mais majestosa. Quando não entendia uma situação nem sabia como contorná-la, Elinor começava a ditar mais regras e ordens a cumprir.

— Eu quero uma resposta! — acrescentou.

Era uma pergunta sem sentido, pois a cidade falava por si só. Não tinha sobrado pedra sobre pedra. Havia barricadas nas portas e os telhados tinham sido incendiados. O gado fora abatido. Os pinheiros tinham sido derrubados e esfaçalhados. Os poços tinham sido salgados. Quem havia sobrevivido fora deixado para trás para morrer, e de maneira horrível. A intenção era causar uma morte lenta. Tudo fedia a destruição.

Os batedores que haviam alertado a rainha sobre a cidade arruinada não responderam. Tampouco tinham uma resposta para a verdadeira questão: *Quem fez isso?*

Enquanto se embrenhavam pela cidade, Merida sentiu o estômago revirar. Antes, tinha culpado Feradach pela destruição de Kinlochy, mas depois de ver a crueldade com que haviam assolado a cidade ao seu redor, conseguiu entender a diferença.

Feradach era a natureza.

Aquilo ali era obra humana.

O deus havia arruinado a cidade apenas ao nível necessário. A destruição que se estendia diante de Merida, porém, era muito mais semelhante à brutal invasão inicial que acontecera em Keithneil. Tinha sido pilhada sem nenhuma consideração pelo que viria no futuro.

Por fim, Elinor fez um gesto para dispensar os soldados que a escoltavam e, em seguida, articulou a pergunta irrespondível:

— *Quem fez isso?*

Uma voz clara se elevou entre os poucos pinheiros remanescentes.

— Fui eu.

Ao erguer o olhar, Merida avistou um homem montado a cavalo, ombros jogados para trás, cabeça erguida. Havia mais alguns guerreiros logo atrás, espalhados pelo bosque desmatado de pinheiros. Um deles usava uma capa revestida de rabos de lobo.

— Diga-me quem você é — exigiu Elinor, sem fraquejar a voz nem por um instante.

— Sou Domnall mac Alpin. — Foi a resposta.

Harris lançou um olhar para Merida. As coisas tinham dado muito, muito errado.

Pois ali estava o Dásachtach.

Merida não imaginava que o Dásachtach seria tão jovem. Por algum motivo, achava que seria um senhor de guerra velho e abatido, poderoso e encarquilhado. Um homem que tinha perdido a compaixão em algum ponto do caminho. Um homem que, aos poucos, havia conquistado o respeito ou o medo de todos à sua volta.

Mas, na verdade, era apenas um rapaz.

Apenas um pouco mais velho que Merida, se é que chegava a tanto. Tinha feições agradáveis. Sérias. Não parecia o tipo de pessoa capaz de suscitar medo, e sim alguém de quem se busca aprovação.

Não parecia, no entanto, exercer esse efeito sobre a mãe de Merida, pois ela tratou de acrescentar, com o mesmo tom imperioso de antes:

— Explique-se!

Ele não fez bravata, não disse que não devia respostas a ela nem a mais ninguém. Não lhe pediu que provasse seu direito de exigir qualquer coisa dele. Apenas fez exatamente o que Elinor pediu. Explicou que aquele reino vinha se desentendendo com os vizinhos havia gerações. Roubando gado. Roubando mulheres. Recusando-se a ajudar quando os nórdicos chegaram. Permitindo que os reformistas perseguissem o clero. Diminuindo seus recursos e desperdiçando tudo sem compartilhar com os outros. Aquelas árvores não durariam para sempre, afinal.

— Pedi a eles que se adequassem várias e várias vezes — contou o

Dásachtach. Estava com uma aparência soturna. Deprimida. — Só uma pequena prova de lealdade. Qualquer coisa bastaria. Enviar-me seus filhos; casar suas filhas com os vizinhos, que tanto medo tinham deles. Queria que nos dessem uma alternativa. Qualquer uma. Mas...

Ele estendeu a mão, impotente, e mostrou a cidade em ruínas, como se tivesse sido sua única opção.

Se ainda não houvesse fumaça saindo das ruínas da cidade, aquele gesto poderia ter denotado mais compaixão. Ao que parecia, porém, não era o suficiente para convencer a rainha de DunBroch.

— Não é assim que se muda o coração de alguém — repreendeu Elinor. — Existem muitas outras maneiras.

Nesse ínterim, mais homens tinham aparecido no bosque de pinheiros. Não era um exército inteiro, mas sem dúvida em número suficiente para dizimar os viajantes de DunBroch se uma batalha estourasse. Ao contrário da dignidade rigorosa dos regimentos de Ardbarrach, o bando do Dásachtach parecia se mover de forma livre e orgânica, sinuosa e feroz. Se as forças de Ardbarrach se equiparavam a uma máquina bem treinada, as do Dásachtach mais se pareciam com um ninho de cobras, enrodilhadas e recurvadas umas sobre as outras. Eram astutos e ágeis e, de alguma forma, pareciam muito mais perigosos.

Harris os observava atentamente.

— Ah, como eu queria que isso fosse verdade — respondeu o Dásachtach, com tristeza. — Como eu queria... Minha cara dama, ainda não me disse seu nome.

— Elinor de DunBroch — respondeu a rainha, e Merida encheu-se de orgulho ao ver a coragem da mãe, que não estava caindo na conversa do sujeito. — Acabamos de voltar de uma viagem para Eilean Glan, conforme nosso combinado com um de seus homens, e vamos abrigar algumas das garotas órfãs em DunBroch.

— Que maravilha saber que vocês estão se esforçando em prol da união — declarou o Dásachtach. — Essa deve ser sua filha. E oh... quem é esse?

Um cachorro curioso rodeava as patas do cavalo do Dásachtach, o rabo se agitando no ar. Pouquíssimos cavalos gostam de ser importunados por cães desconhecidos, especialmente em época de lobos, e aquele não era diferente. O animal rodopiou, balançou a cabeça e escolheu, mas o cachorro era maleável como geleia quente e simplesmente deu um jeito de se esquivar do perigo.

— Tsssss! — sibilou Harris por entre os dentes.

Porque é claro que o cachorro em questão era ninguém menos que Brionn. Claro.

— Harris — sibilou Merida.

— Um dos seus? Mas que animal esplêndido — comentou o Dásachtach.

Sem se deixar abalar, o homem tratou de acalmar o cavalo e, com um movimento hábil, apeou e agarrou a coleira de Brionn. O cão se debateu, com a expressão apatetada de sempre, os olhos se virando para todos os lados, a língua de fora, mas não conseguiu se livrar das garras do Dásachtach. O senhor da guerra esquadrinhou as pessoas enfileiradas logo adiante e, mesmo a vários metros de distância, parecia capaz de identificar o culpado, pois seu olhar se deteve em Harris e sobre ele ficou.

— Está tudo bem. Venha buscá-lo.

Harris cruzou o descampado com a cabeça erguida e os ombros empertigados. Merida sabia que o irmão estava envergonhado com o comportamento de Brionn, mas não deixava transparecer. Parecia muito mais velho do que era, como sempre, enquanto atravessava o descampado sob o olhar atento da comitiva real de Elinor e dos homens do Dásachtach. Não olhou para os lados. Não tremeu; os dedos não se contraíram para trair a apreensão. Harris não era assim. Ele simplesmente caminhou na direção do senhor da guerra que acabara de dizimar uma cidade inteira e inclinou a cabeça em uma mostra sutil de gratidão.

O Dásachtach não soltou Brionn logo de cara. Em vez disso, permaneceu onde estava, inclinou a cabeça e se pôs a observar Harris de DunBroch. O garoto continuou impassível, adotando a costumeira expressão fria com ar ligeiramente superior que tão pouco revelava.

— Este cachorro é seu? — perguntou o Dásachtach.

— Foi um presente — respondeu Harris, com seu jeito distante.

— Você não acha que o comportamento de um cão reflete o do seu dono?

— Acho.

— E você acha que o comportamento desse cachorro faz jus ao seu, garoto?

Era uma crítica, e Harris não lidava muito bem com esse tipo de coisa, a menos que nutrisse um respeito muito grande pela outra pessoa. Nesse caso, porém, limitou-se a responder:

— Ainda fará.

Isso fez o Dásachtach sorrir. Ele estendeu o braço como se quisesse exhibir Harris para seus homens.

— Vejam só que bela criatura. Posso até ver a mente ágil cintilar por trás desses olhos — declarou, depois virando-se para Elinor. — Este é um dos seus filhos? Ora, rapaz, você não quer vir embora conosco? Temos um cavalo perfeito para você.

Merida sentiu vontade de vomitar.

— Agradeço a oferta — respondeu Elinor friamente —, mas já enviamos um

de nossos filhos para Ardbarrach e devemos pensar com calma antes de enviar outro, pois também temos que nos preocupar em proteger nossas fronteiras.

— De fato — concordou o Dásachtach. — A senhora ilustrou muito bem o meu ponto. A senhora envia um filho, eu envio outro. Assim, não ficará desamparada. Juntos, seremos uma família. A senhora não hesitaria em enviar seu filho para passar um tempo com a família nem ficaria triste em receber um membro da família no lugar dele. Mas será que a família sempre se dá bem? De jeito nenhum, nem sempre concordam entre si. Mas cuidam uns dos outros. E eu estou formando uma família. Tem certeza de que não quer mandá-lo conosco? Estamos trabalhando muito nesta viagem, e acho que ele gostaria de ver.

A um gesto sutil da rainha, os soldados ficaram de prontidão, com espadas e lanças a postos. A voz de Elinor parecia dura como aço quando respondeu:

— Ele não vai se juntar a você.

— Como quiser — declarou o Dásachtach.

Em seguida, inclinou-se e cochichou algo para Harris, que permaneceu impassível. O garoto pegou a coleira de Brionn, segurou-a com força enquanto o cão tentava lambê-lo e caminhou rigidamente até a comitiva de DunBroch.

Então, o Dásachtach estalou os dedos e disse:

— Carrapicho.

— O que foi que disse? — perguntou Elinor.

— Eu estava tentando me lembrar de onde conhecia seu nome — respondeu Dásachtach. — Elinor de DunBroch. A senhora era a rainha diplomata, não? A Pacificadora. Ainda contam muitas histórias sobre você. E não era isso que a senhora dizia naquela época quando assentava as tribos? Carrapicho. Eles espetam uns aos outros, mas permanecem grudados. Você e eu não somos tão diferentes assim.

Merida, Leezie e Harris olharam para ver qual seria a reação de Elinor.

Naquele momento, porém, ela estava um tanto parecida com Harris. Fria e distante.

— Adeus, Domnall mac Alpin — despediu-se com sua voz mais régia. — Espero nunca mais vê-lo.

Ao ouvir isso, o Dásachtach sorriu.

CAPÍTULO TRINTA

GUERRA E PAZ

Merida não foi a única que ficou perplexa ao conhecer esse outro lado notório de Elinor. Primeiro o choque ao descobrir, dos lábios de Máel Muire, a verdade sobre a infância da mãe, depois isso. Merida começava a acreditar que não a conhecia.

Quando montaram o acampamento naquela noite, longe o suficiente da cidade para não sentirem o fedor das ruínas deixadas pelo Dásachtach, ela e Leezie se juntaram para tentar descobrir mais sobre o assunto. Acomodaram-se ao redor da fogueira, bem ao lado da tenda da rainha, e tentaram convencer Elinor a compartilhar sua história.

A princípio, a rainha não quis arredar o pé. Limitou-se a tomar providências em relação ao encontro com o Dásachtach. Enviou um batedor a cavalo para DunBroch para informar Fergus e outro ao sul para informar Ardbarrach sobre a cidade incendiada. Enviou um terceiro batedor para um vilarejo nas redondezas para descobrir se os aldeões estavam bem e armá-los contra o Dásachtach, caso fosse necessário.

Ela era uma rainha.

Mesmo enquanto fazia tudo isso, continuava imponente e agitada, e tratou de se acalmar ao dar um longo sermão em Harris sobre o comportamento de Brionn e sobre como as coisas poderiam ter ido de mal a pior. Aqueles homens podiam ter cortado a goela do cachorro bem diante de seus olhos ou até a *dele* próprio diante dos olhos dela para servir de lição. Oh, se ele tivesse visto todas as coisas que ela viu!

Harris levou a bronca com sua serenidade habitual até que, por fim, Elinor estava calma o bastante para se sentar diante da fogueira, com um prato de comida nas mãos, enquanto Ila arrancava espinhos de sua saia com delicadeza. Foi aí que Merida e Leezie começaram a fazer perguntas e mais perguntas sobre seu passado, às quais ela estava decidida a não responder.

Mas então um dos soldados se empertigou, o corpo apoiado na lança, e disse:

— Minha irmã se chama Elinor em homenagem à sua mãe, princesa.

— Ainda me lembro de vê-la cavalgando por nosso vilarejo depois que foi

libertado — comentou um dos outros soldados.

— Na cidadezinha em que nasci, fizeram uma música sobre como a rainha deu um basta nos assassinatos entre os clãs Gregor e Concobar! — contou uma das ajudantes de cozinha de Aileen, a voz alegre enquanto enchia o copo de Elinor.

A rainha franziu os lábios e respondeu:

— Ora, quanto exagero.

Mas as histórias não pararam por aí. Foram ficando cada vez mais longas e elaboradas até que, por fim, quase toda a comitiva estivesse reunida ao redor da fogueira, contando histórias de como Elinor era antes de se tornar mãe. Finalmente, a própria rainha começou a rir com doçura e acrescentar detalhes que eles tinham deixado de fora.

— Eles nos chamavam de Guerra e Paz — contou ela, partindo um bolo em pedacinhos delicados. — Ninguém acreditou quando seu pai e eu ficamos noivos! Ele passou a juventude arrumando brigas e eu passei a minha tentando dar um basta nelas!

— Você fez tudo isso quando tinha a minha idade? — perguntou Merida, incrédula.

— Isso mesmo — respondeu Elinor. — Às vezes parece uma versão totalmente diferente de mim. Como se eu tivesse vivido duas vidas inteiras. Ah, que época foi aquela...

Merida não conseguia acreditar que a mãe tinha cavalgado por toda a Escócia quando tinha a sua idade. Por mais que ela própria tivesse viajado para cima e para baixo, sabia que não inspiraria canções e baladas só por ter lido um punhado de livros em um convento, ajudado a criar algumas vacas e acompanhado o trabalho dos cartógrafos.

Uma onda de desconforto a invadiu ao se lembrar daquela frase que sempre a assombrava, dita por Feradach: uma tempestade incapaz de mover moinhos. Sua mãe os tinha movido.

E, durante todo esse tempo, Merida vinha julgando *Elinor* por ficar de braços cruzados.

Ela fechou os olhos e pensou na cidade em ruínas e no fedor da carnificina. Pensou em como o Dásachtach tinha salgado os poços para inutilizá-los, em como tinha desmatado o bosque de pinheiros para evitar que fossem usados para reconstruir a vida naquele lugar. Era o completo oposto da destruição deliberada e justificada de Kinloch, da destruição brutal e incisiva das mãos de Cennedig.

A ruína causada por Feradach deixava uma porta aberta para a renovação; a do Dásachtach a fechava de propósito.

— Mas por que a senhora parou com isso? — Quis saber Leezie. — Sem

dúvida ainda é um trabalho necessário! Em vez disso, temos aquele homem insano à solta por aí, fazendo valer a vontade dele.

— Não é uma tarefa para quem tem uma filha e três filhos pequenos! — respondeu Elinor. — Eu virei mãe.

— Poderia ter me levado nas costas — protestou Merida. — Eu teria adorado.

— Sei que teria — concordou Elinor —, mas naquela época eu ainda acreditava que você se tornaria uma dama respeitável quando crescesse.

Ela sorriu para amenizar o golpe, depois continuou:

— E os trigêmeos... Bem. Já foi difícil trazê-los ao mundo, e manter os três aqui é um trabalho em tempo integral.

Depois disso, também sorriu para Harris para amenizar o peso dessas palavras, mas ele continuou impassível sentado diante da fogueira, seus olhos inescrutáveis, a boca imóvel.

Merida queria tanto saber o que o Dásachtach havia cochichado para o irmão, mas claro que ele tinha respondido a suas perguntas com uma dose de desdém e silêncio. Harris sempre tinha gostado de guardar segredos, antes mesmo de partirem naquela jornada, e não havia mudado nadinha durante a viagem.

E não havia muito tempo de sobra.

CAPÍTULO TRINTA E UM

MUDANÇAS DE OUTONO

Merida se sentiu fora de prumo quando retornaram a DunBroch. Isso se devia, em parte, ao fato de estar tudo diferente. As estações haviam mudado quando chegaram de Eilean Glan, já nos dias lastimosos de fim do outono, quando os poucos raios de sol os saudavam com um sorriso de escárnio avarento. O sol também estava diferente. Passava o dia amuado, quase escondido no horizonte, mal dando as caras antes de tornar a desaparecer. Isso conferia um aspecto eternamente noturno à atmosfera, uma sensação de sempre esperar, mas nunca receber.

A ausência do sol trouxe o frio a reboque, como não poderia deixar de ser, e o aroma de turfa queimada emanava das chaminés no vilarejo das casinhas de pedra e das choupanas dos vassallos nos campos. As chamas dominavam as lareiras de DunBroch, deixando-o ainda mais diferente. Merida sabia que as mudanças físicas no castelo contribuíam para sua inquietação. Era evidente que Fergus tinha colocado todos para trabalhar para terminar as reformas antes do retorno da rainha. Todos os cômodos estavam um brinco. Todas as vigas quebradas tinham sido substituídas. Todas as tapeçarias sujas e puídas tinham sido limpas e remendadas. Todas as escadarias estavam novinhas em folha. Não havia nada envergado nem desalinhado. As mesas do grande salão eram novas, assim como as camas. Os armários e as lixeiras da cozinha tinham sido trocados; o arsenal estava apinhado de armas novas do tamanho perfeito para Hubert.

O salão comunal já não estava mais tomado pela fumaça. A mobília tinha sido levada para a sala de música e o ar parecia cintilar.

Ah, e as vidraças, as *vidraças*! Fergus tinha vendido sabe-se lá quantas vacas e peles para envidraçar todas as janelas do castelo. Antes, limitavam-se apenas aos cômodos de hóspedes. As demais janelas ficavam abertas para o ar, cobertas por uma ou duas ou quatro tapeçarias para afastar os mosquitos no verão e o frio no inverno. Mas Fergus tratara de colocar vidraças, com vidro de verdade, em todas as janelas, e muitas vezes em cores lindíssimas. O interior do castelo estava mais quente do que nunca, mas também era um pouco desconcertante, porque já não se podia mais ouvir com clareza tudo o que acontecia no pátio do lado de fora.

Em vez disso, havia dois DunBrochs: o de dentro e o de fora, dois mundos que só podiam ser acessados ao se atravessar uma porta, em vez de coexistirem como um só.

O pátio também tinha sido pavimentado com esmero, os estábulos e as dependências tinham sido reforçados. Para se exhibir para seu velho amigo, o rei de Ardbarrach, e para todos os outros membros da realeza que tinham comparecido à Caça ao Inominado, Fergus não medira esforços para acelerar as obras. E foi bom ele ter reformado todas as dependências, pois duas órfãs da idade dos trigêmeos chegariam de Eilean Glan dali a alguns dias, além de outras seis que viriam antes da próxima estação. Elinor precisaria de todo o espaço disponível para abrigá-las. Aileen, para sua alegria, fora promovida para o sótão recém-reformado, que sempre tinha sido o cômodo mais quentinho do castelo. A família DunBroch desistiu de fingir que Leezie não era um deles — e que algum dia cumpriria seus afazeres de governanta — e mudou a cama da garota para a sala de tapeçaria, que ficava logo acima do quarto de Merida. Os documentos oficiais foram alterados para incorporá-la à linhagem familiar e houve uma celebração regada a bolo.

Leezie já não falava mais sobre se apaixonar; em vez disso, discorria sobre o poço sagrado, os deuses da ruína e a Visão, e como não conseguiu encontrar uma sacerdotisa capaz de lhe ensinar mais sobre o assunto, juntou-se às alunas de Elinor para aprender a ler, pois assim poderia tirar aquelas informações dos livros da rainha. Ainda desistia de muitas coisas no meio do caminho, mas não de *todas*: ela havia mudado.

Hubert voltou para casa por um tempo e, para grande alívio de Merida, não estava tão irreconhecível. Não era o mesmo de antes — estava mais obediente e menos ruidoso —, mas o bom humor e a gargalhada estrondosa continuavam lá. Assim que voltou, tratou de soltar todos os cachorros no quarto de Merida enquanto ela dormia, então ela percebeu que não o tinha perdido totalmente para uma vida adulta rígida e prematura.

Hamish, por outro lado, quase não parava em casa, pois vivia viajando com Gille Peter para alguns dias de imersão musical com Cennedig — isso quando o velho harpista não aparecia para se hospedar em DunBroch. Curiosamente, Hamish tinha ficado um pouco mais parecido com o Hubert dos velhos tempos. Como já não se deixava mais abalar tanto pelo medo, ficou mais bobo, mais barulhento e mais grandalhão. Ainda parecia alguém que havia passado muito tempo longe do sol, passível de sair voando se ninguém o amarrasse, mas seu sorriso iluminava os cômodos escuros durante o inverno.

O castelo inteiro estava vivo, fervilhante. Tudo mudava mais e mais.

Menos Harris. Merida ainda parecia incapaz de se aproximar do irmão.

— Você está muito inquieta — reclamou Aileen certa noite. — Por que está zanzando pela minha cozinha?

— Estou procurando alguma coisinha para comer — respondeu Merida.

— Ora, você já achou seis opções diferentes. Escolha uma. Ou todas. Mas chispe já daqui!

Merida fez menção de pegar os pãezinhos. As nozes torradas. Nessa mesma época, no ano anterior, Leezie achava que estava prestes a se casar. Merida se perguntou onde estaria o Repolho. Será que ela deveria levar Harris em outra viagem? Será que o Dásachtach se daria por satisfeito por DunBroch ter abrigado meninas adotivas, ou será que ficaria incomodado por Merida ainda não ter escolhido um novo reino para chamar de lar?

Se Harris não mudar, nada disso faz diferença, e não posso pedir ajuda a ninguém. Estou tão...

— Merida! — vociferou Aileen. — Estou ficando cansada só de olhar! Pare de andar de um lado para o outro! Escolha alguma coisa! O que você está esperando?

O que ela estava esperando? Estava farta de esperar. Exausta. Apática e fraca com tanta espera.

— Olhe só, vou levar essas bebidas para o Salão Principal e depois aproveitar meu intervalo. Acho bom você já ter dado o fora daqui quando eu voltar — ralhou Aileen, que saiu batendo o pé.

Mas Merida não escolheu nada para comer. Em vez disso, enfiou-se na despensa e começou a chorar. Só um pouquinho. Não era de seu feitio chorar daquele jeito, encolhida no chão enfarinhado da despensa, em meio a nabos, cevada e traças, longe da alegria noturna que tomava o castelo, incapaz de transformar sua situação em uma espécie de jogo ou desafio; não chorava desde aquele dia no poço sagrado, meses e meses antes.

Mas o castelo parecia tão completo e ela se sentia tão distante. Nenhum deles sabia que, se ela não desse um jeito de entender Harris, todos morreriam. E aquele sentimento que a invadia, essa espera interminável e eterna e incessante...

Toc, toc, toc.

Houve uma batida na porta.

Um som educado. Sem urgência. *Com licença*, parecia dizer, *tem alguém aí?*

Ela enxugou as lágrimas. Leezie sempre dizia que adorava se desmanchar em lágrimas, mas o rosto de Merida parecia uma massa de pão sovada, de tão inchado. Quando se levantou, a manga do vestido resvalou em um saco de aveia e derrubou um pote cheio de cravos. Elinor e Leezie deviam tê-los usado para decorar as laranjas dos centros de mesa e Leezie nunca se dava ao trabalho de tampar as coisas direito. O aroma a envolveu. Natal, parecia gritar, Natal. Natal e

o possível fim de tudo.

A porta.

Merida foi até lá e, antes de pousar a mão na maçaneta, lembrou-se daquela noite fria quase um ano antes, quando achava que não veria ninguém do outro lado.

Quando abriu a porta, porém, havia alguém diante da soleira. Uma figura familiar: a cabeleira loura. O manto de ombros largos. As mãos entrelaçadas, revestidas com luvas de costura carmesim.

— *Você* — disse Merida.

Mas sua mente dizia: *Até que enfim*.

Estivera esperando por isso. Por *ele*.

Os primeiros flocos de neve do ano caíam ao redor do deus. Merida podia ouvir os rugidos ferozes do vento, quase tão implacáveis quanto em Eilean Glan.

Era o início do fim.

— Pode me mostrar o que mudou? — perguntou Feradach.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

UM ROSTO FAMILIAR

— Você não precisa que eu lhe mostre — respondeu Merida ao deus. — Consegue sentir a mudança, não consegue? Provavelmente poderia me dizer muito mais do que sei só ficando aí, parado no pátio.

— Cailleach disse que você deveria me mostrar — declarou Feradach —, então acho que é isso que deve fazer.

— Bem, eu acho que você só quer uma desculpa para fugir do frio.

— Posso entrar? — pediu ele.

Merida assentiu.

Lá estava ele, de pé na cozinha, parecendo um humano qualquer, como quando tinha conversado com Aileen na primavera. Seus olhos esquadriharam o ambiente, e Merida se perguntou se ele conseguiria perceber como a cozinha estava mudada. Mas nem sabia se isso faria diferença, afinal. Ele não se importava com mudanças externas.

— Quer uma fatia de pão? — ofereceu ela. — Você come?

Por algum motivo, passara a sentir-se tímida na presença dele. Talvez porque, em seu último encontro, o deus quase tivesse sucumbido à morte.

— Como, sim. — Foi a resposta. Ele fitou os arredores. — Está mais quente do que antes.

— Agora há vidraças em todas as janelas — explicou Merida. — Fazendo tudo direitinho dessa vez, como disse meu pai. Bem-vindo ao mundo moderno. Agora todas as velas são feitas de cera de abelha... nada daquelas velas de sebo com cheiro de vaca. E há lamparinas a óleo no Grande Salão e no salão comunal. Por um futuro mais brilhante! — gracejou.

— Mudou mesmo — concordou Feradach. — Agora, mostre-me o resto.

— Tem muita gente aqui — alertou Merida. — Você vai ter que pensar rápido quando virem suas mil e uma faces.

— Sempre penso.

Sim, Merida imaginava que ele já devia estar acostumado com isso.

— Quer pendurar seu manto ali?

— Sempre quis saber como ele era — comentou Feradach, retirando-o e o

admirando, como se fosse a primeira vez.

E de fato era, percebeu Merida com uma pontada estranha no estômago. Feradach lhe dissera que não sabia que aparência tinha; não até que alguém lhe contasse o suficiente para se lembrar de a quem pertencia o rosto que vestia. Sua aparência estava nos olhos de quem o via. De certa forma, Merida tinha conjurado o manto, que àquela altura já estava pendurado atrás da porta da cozinha.

Magia, magia.

Mas o manto não devia tê-lo ajudado a identificar a quem pertencia o rosto, pois ela o viu apalpar a própria mandíbula discretamente antes de se virar de costas. Por sua expressão, percebeu que não tinha conseguido.

— Ande, venha ver tudo o que você gostaria de arruinar — disse--lhe Merida.

— Eu não *quero*... — começou Feradach, mas logo percebeu que ela só o estava provocando.

Em seguida, apanhou o pãozinho que ela atirou para ele e se deixou conduzir por DunBroch pela terceira vez. Não foi como na primeira, quando Merida o tirou da cozinha às pressas por medo de Aileen, sem saber como o jogo iria se desenrolar. Depois de todo aquele tempo, Feradach tinha se tornado, de muitas maneiras, seu confidente mais próximo. Era o único que sabia tudo o que ela vinha enfrentando. Era uma relação estranha e cheia de sentidos opostos.

Intimidade; cautela. Segredos compartilhados; objetivos contrários.

Quem sabia da existência dele? Merida.

Quem sabia da existência dela? Feradach.

Ela decidiu lhe mostrar todo o castelo. Em cada cômodo, tentava detalhar como era a disposição anterior e quais tinham sido as melhorias feitas por Fergus, mas percebeu que acabava se desviando do assunto. Enquanto tentava pensar em um jeito de descrever o cômodo, frequentemente se lembrava dos momentos vividos ali, e foi só no meio do caminho que percebeu que sequer tinha mencionado as mudanças.

— Naquele verão, papai disse aos trigêmeos que daria um torrão de açúcar para cada rabo de rato que eles pregassem nesta tábua com o nome deles três — contou Merida, em um dos corredores. — Falando agora, parece bem violento, mas você tem que entender que, naquele verão, os ratos tomaram conta do castelo. Estavam por toda parte: debaixo das nossas cobertas na cama, ao lado dos nossos pratos na janta... Às vezes, quando estendíamos a mão para fazer carinho em um cachorro, acabávamos acariciando uma pilha de ratos.

Hamish não tinha matado nenhum, disso ela tinha certeza, mas ainda assim sempre havia ratos presos sob seu nome na tábua. Certa vez, Merida viu Hubert e Harris dividindo seus espólios para pregar alguns em nome do irmão.

— Vai saber o que Hamish teve que prometer em troca de tal favor, mas na hora achei que foi muita gentileza da parte deles — continuou Merida, meneando a cabeça. — Puxa, nem contei como este cômodo era antes.

— Pode continuar com as histórias — respondeu Feradach. — Consigo ver a mudança. Consigo senti-la.

Então, Merida continuou a contar uma história diferente em cada cômodo. No salão comunal, contou-lhe sobre como sua mãe tinha encontrado Leezie bem ali, adormecida em uma poltrona junto ao fogo, ainda segurando um dos livros de flores prensadas. Ela tinha acabado de começar a trabalhar no castelo. Depois, Merida contou sobre como Harris havia escalado a janela da torre até chegar à sala de música, depois passado horas ali, dependurado na corda, orgulhoso demais para pedir ajuda. Na sala de tapeçaria, contou-lhe sobre a briga feia que tivera com a mãe pelo direito de escolher com quem pretendia se casar e da tapeçaria remendada que ainda jazia na parede, uma promessa de que nunca permitiriam que a raiva as separasse outra vez. No Grande Salão, mostrou a ele onde as cabeças de animais empalhados costumavam ficar, todas horivelmente mutiladas, pois, quando criança, ela passava horas praticando arco e flecha nelas em segredo, na calada da noite. Contou-lhe histórias de Fergus e de Hubert e de Hamish e de todos eles juntos, e Feradach ouviu todas elas enquanto a noite avançava do lado de fora e o vento uivava cada vez mais alto.

E então uma coisa extraordinária aconteceu.

Mas só foram se dar conta disso depois.

Primeiro, Elinor os avistou enquanto subia as escadas para o sótão, com as duas órfãs logo atrás.

— Merida — perguntou —, o que esse rapaz está fazendo aqui a essa hora?

A rainha o fitou com atenção, e o que quer que tenha visto dissipou sua expressão desconfiada.

Merida pensou rápido e decidiu recorrer a uma versão da verdade.

— É um rapaz que conhecemos na estrada para Ardbarrach. Ele nos deu instruções sobre o caminho. Agora estava de passagem por DunBroch e queria ver como tínhamos nos saído.

As meninas ao lado de Elinor também observavam Feradach, tanto quanto a educação lhes permitia. Merida torceu para que não o estivessem vendo como uma mulher ou um mendigo cego, para não estragar sua história.

— Bem, trate de arranjar um caneco de cerveja quente para ele — disse Elinor. — Está um gelo lá fora. Suas luvas são esplêndidas, senhor.

— Obrigado — agradeceu Feradach. — Foram um presente.

A coisa extraordinária tinha acontecido, mas Merida e Feradach ainda não tinham se dado conta. Também não se deram conta quando toparam com Fergus,

Hubert e Gille Peter no arsenal, entregues a uma diversão barulhenta conforme consertavam cabos de lanças e contavam histórias enquanto os cães roíam ossos (a cadela sem dono já estava vomitando o osso para devorá-lo outra vez, como sempre fazia).

— Como podemos ajudar, minha querida? — perguntou Fergus enquanto Merida bloqueava a porta para evitar que os cachorros escapassem por entre suas pernas (sim, havia uma porta nova, depois de tantos anos! Nem mais sinal do baú).

— Hum, eu...

— Oh, eu não tinha visto você aí — disse Fergus a Feradach. — Seu broche é... Por acaso você é de Breadalbane?

Feradach seguiu o olhar de Fergus até seu peitoral, depois seus dedos tocaram o broche que Merida sempre o vira usar, redondo e com uma árvore no meio, tanto os galhos quanto as raízes visíveis. Enquanto o deus tateava o objeto, Merida percebeu que ele o tocava pela primeira vez, embora estivesse claro que a descrição não o tinha ajudado a identificar o rosto que assumira. Por isso, Feradach apenas disse o que já repetira tantas vezes:

— Foi um presente.

— Como está o tempo lá fora? — perguntou-lhe Fergus. — Tenho a impressão de que escutei o vento uivar.

— O clima está mudando rápido — concordou Feradach.

Mas Merida e Feradach ainda não tinham se dado conta da coisa extraordinária que vinha acontecendo.

Também não se deram conta na sala de música, onde um Hamish extasiado ouvia Cennedig contar uma história de sua época na estrada, os dois com as harpas apoiadas no ombro como se pudessem começar a tocar a qualquer momento. Eles olharam para Merida e Feradach. Hamish já o tinha visto antes, é claro, com a aparência de alguém com uma cicatriz no rosto, mas não deu o menor sinal de que o tinha reconhecido.

— Só estamos de passagem. Estamos indo para o andar de cima — explicou Merida, tentando desviar a atenção de Feradach para que os dois músicos não percebessem que tinha uma aparência distinta para cada um deles. — Não queremos atrapalhar.

— Ora — começou Cennedig. — Meu rapaz, por acaso você tem parentes perto de Cairnlee? Você me lembra de uma família que eu conhecia por aquelas bandas, pelos olhos e essa cabeleira rebelde, claro.

O harpista sorriu e afofou sua própria cabeleira rebelde.

— Ouvi dizer que tenho — respondeu Feradach.

— Com licença, temos que ir — interrompeu Merida, levando-o para longe

antes que viesse outra enxurrada de perguntas.

Se continuassem daquele jeito, logo, logo ficariam enrolados com tantas versões diferentes da mesma história.

Foi só quando encontraram Elinor outra vez que Merida e Feradach entenderam a coisa extraordinária que tinha acontecido. Que ainda estava acontecendo.

A rainha emergiu no corredor, vinda da direção oposta. Não tinham como escapar. Merida teria que dar um jeito de explicar onde tinha arranjado um segundo visitante em uma noite implacável como aquela. Para a surpresa de Merida, porém, quando Elinor apareceu com as órfãs, dessa vez seguidas por Ila, limitou-se a dizer a Feradach:

— O tempo mudou mesmo, então você vai passar a noite aqui, certo? De onde disse que era mesmo? É de Ardbarrach ou estava a caminho de lá?

— Nenhum dos dois — respondeu Merida, bem devagar. — Nós o conhecemos a caminho de Ardbarrach. Ele nos deu instruções.

Então Elinor o via com a mesma aparência de antes.

— Bem, a menos que ele more no vilarejo, não conseguirá chegar muito longe esta noite — comentou a rainha. — Já viram como estão as coisas lá fora?

Não tinham visto. As tapeçarias cobriam as janelas. Mas quando as afastaram para o lado, perceberam que o pátio tinha se transformado em uma paisagem branquinha e reluzente. A neve revestia tudo, e os flocos ainda caíam do céu.

— Cailleach deve estar lavando o manto — murmurou Feradach.

Para a surpresa de Merida, Elinor caiu na risada.

— Fazia séculos que eu não escutava isso.

— O que significa? — Quis saber Merida.

Feradach se encarregou de responder.

— A lenda diz que, quando a primeira nevasca chega, é sinal de que Cailleach está lavando seu manto em Corryvreckan. E, quando ela termina, o manto está branco como a neve e a Escócia também, pois o inverno chegou.

Elinor abriu um sorriso lisonjeiro a Feradach, satisfeita com a forma como ele contara a história.

— Ila, pode fazer a gentileza de arrumar uma cama para o nosso visitante no solar?

— É claro, senhora — respondeu a garota.

— Qual é o seu nome, rapaz? — perguntou a rainha. — Eu não ouvi antes, desculpe, estou fazendo três coisas ao mesmo tempo...

Nem Merida nem Feradach tinham a menor ideia de como responder a isso.

— É Feradach — disse Ila.

Merida encarou-a, perplexa.

— É Feradach, não? — repetiu Ila. — Nós já nos encontramos antes.

O deus parecia completamente chocado. Merida nunca o tinha visto tão atônito. Por fim, ele se recompôs e disse:

— Desculpe, que falta de educação a minha. Só estava tentando me lembrar de onde nos conhecemos. Desculpe mesmo.

— Você era um pouco diferente na época, senhor — respondeu Ila, antes de abrir um sorriso felino para Merida. — E eu também. Nem sempre tive essa idade, sabe!

— Sim, nossa Ila aqui é antiquíssima — gracejou Elinor. — E ela vai deixar o solar pronto para receber o senhor. Merida, certifique-se de que ele tenha tudo de que precisa. Feradach! Como a pedra... um ótimo nome. Desculpe, tenho que correr ou não vou conseguir descansar esta noite. Vamos nos reunir no salão comunal mais tarde para bebericar *whipkull* e jogar conversa fora, Merida, se quiser se juntar a nós. Venham, meninas.

Elas saíram apressadas, deixando Merida e Feradach, ainda confusos, para trás. A coisa extraordinária estava ganhando forma na mente dos dois, e suas suspeitas foram confirmadas quando toparam com Cennedig outra vez.

O harpista se encaminhava para os aposentos dos hóspedes, vindo do Grande Salão.

— Já não sou jovem como antes — disse ele aos dois, como quem pede desculpa. — Foi-se o tempo em que conseguia ficar acordado até tarde socializando. Este velho aqui gosta de uma boa noite de sono. Sabe, você é realmente igualzinho aos MacAusland de Cairnlee, rapaz. Eles tiveram um montão de filhos, e todos eles eram a sua cara.

— É mesmo? — perguntou Feradach, sem muito entusiasmo.

— Ora, não fique assim, rapaz — disse Cennedig, aos risos. — Foi um elogio. Eles eram todos bonitos. Boa noite, vocês dois.

Quando ele fechou a porta, Merida e Feradach voltaram para o Grande Salão, àquela altura vazio, e ficaram parados diante da lareira.

— Eles reconheceram você! — cochichou Merida.

Feradach negou com a cabeça, mas estava claro que era um sinal de perplexidade, não de descrença.

— Eles viram você com a mesma aparência de antes — insistiu Merida. — *E* eu acho que todos eles estão vendo você do mesmo jeito. Do mesmo jeito que eu vejo.

— Isso é impossível — contestou Feradach, seus dedos tateando o broche que Fergus havia mencionado no arsenal. — Isso nunca aconteceu antes.

Ele estreitou os olhos e se pôs a fitar a janela antes de acrescentar:

— Tenho minhas dúvidas se isso não é obra de Cailleach. Ela sempre tem um

truque na manga.

— Como isso pode ser um truque? — Quis saber Merida.

O deus tornou a menear a cabeça.

— Como você me vê?

Diferente de como o via antes.

— Acho que DunBroch não é a única coisa que está mudando por aqui —
declarou Merida.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

FERADACH, FERADACH

Feradach não foi embora.

A neve caiu e caiu sem parar, e Feradach não foi embora. Certamente a nevasca não teria sido empecilho para ele, mas não foi embora.

Por lá permaneceu, mais e mais, e Merida podia ver o rosto do deus tornar-se imóvel e inexpressivo toda vez que ouvia o próprio nome — o que acontecia o tempo todo, pois a magia que permitira que todos o vissem sempre com a mesma aparência continuava lá. Então, era uma sucessão de “Feradach, quer jogar uma partida de Sabujos e Matilheiros?”, “Feradach, quer comer mais alguma coisa?”, “Feradach, você sabe tocar flauta? Precisamos de alguém para a melodia!”, “Feradach, é provável que você tenha de passar mais dias aqui conosco, espero que seus negócios não sejam afetados”.

Em cada uma das noites de nevasca, ele se juntava à família no salão comunal e participava do ritual de contar histórias, bebericar o doce e cremoso *whipkull* e provar todas as iguarias que Aileen estava testando para o grande banquete natalino. E, todas as noites, Merida o observava entrelaçar as mãos enluvadas com força enquanto ouvia seu nome ser repetido sem parar: Feradach, Feradach, Feradach.

— Você é muito boa nisso — elogiou ele, algumas noites depois.

Estava jogando uma partida de Brandubh com Merida, a primeira que ela jogava em anos. O tabuleiro era novinho em folha, para combinar com o castelo recém-reformado, e viera de presente com as órfãs de Eilean Glan.

— Nós a proibimos de jogar — contou Hubert. — Ela sempre ganha.

— Sempre? — perguntou Feradach.

— Sim, ela é uma trapaceira — murmurou Harris, sem tirar os olhos do livro.

Merida, lembrando-se muito bem do que Feradach achava das trapaças de Cailleach, protestou enquanto movia uma peça:

— Não sou, não! Só sou muito boa no jogo!

— Eu também — declarou Feradach, movimentando uma de suas próprias peças, as mãos ainda enluvadas em segurança. — Nunca fui derrotado.

— Aproveite o sofrimento inevitável — respondeu Harris.

Mas Merida não ganhou. Ou, pelo menos, não logo de cara. Ela repetiu os movimentos de sempre, Feradach moveu suas peças, e houve alguns avanços para cima e para baixo sem ganhos razoáveis para nenhum dos lados. Harris e Hubert desistiram de suas próprias distrações e se acomodaram perto do tabuleiro para assistir. A partida continuou.

Elinor adentrou o cômodo e quis saber:

— Quem está ganhando? Oh, Merida está no jogo, então já sei quem é.

— Mas ela não está ganhando! — respondeu Hubert.

— Mas também não estou perdendo — protestou Merida.

Ela e Feradach ficaram nesse vaivém.

Hamish e Fergus chegaram com suas bebidas e, ao ver Merida diante do tabuleiro, o rei comentou:

— Ora, então decidimos afugentar Feradach para a nevasca, é isso?

— Ela ainda não ganhou — informou Elinor. — Tudo pode acontecer.

Leezie apareceu na porta vestindo um grande xale de Yule que havia confeccionado com plantas espinhosas.

— Achei que Merida estava *proibida* de jogar isso! Oh! Ela não está ganhando?

Bem nessa hora, tanto Merida quanto Feradach fizeram a jogada necessária para convocar o Corvo Negro.

— Impossível! — exclamaram Hubert e Hamish em uníssono.

— Improvável — corrigiu Harris.

Feradach se pôs a fitar Merida sobre o tabuleiro de Brandubh, os olhos alegres.

— Empatamos. E agora?

Assim que ele disse isso, Brionn irrompeu no salão. Com uma precisão absurda, saltou direto para a coisa que todos no cômodo — humanos e deus — estavam olhando: a peça do Corvo Negro.

Ele o apanhou com a boca e fugiu em disparada.

— *Brionn!* — exclamou Harris, levantando-se de um salto, enquanto seus irmãos caíam na gargalhada.

— Parece que vocês dois foram derrotados por um cãozinho lebre que sabia exatamente o que fazer com o Corvo Negro — disse Fergus a Feradach e Merida. — Espero que tenham mais sorte da próxima vez.

— É bom ver Merida com um oponente à altura, para variar — comentou Elinor.

Naquela noite, Leezie apareceu na porta do quarto de Merida e sussurrou:

— Por acaso Feradach é o deus, Merida? Aquele que resgatamos na floresta?

— Você o reconheceu?

— É claro que sim! — respondeu Leezie, indignada. — Tenho estudado muito sobre deuses e magia. E comecei a ler um pouquinho sobre o assunto.

— Você está lendo! — exclamou Merida, radiante.

— As letras ainda ficam todas embaralhadas — continuou Leezie, irritada —, mas já melhorou. Você sabe o que Feradach está fazendo aqui? Quer demonstrar gratidão por você ter salvado a vida dele? Será que vai nos conceder um desejo? Em circunstâncias assim, às vezes os deuses fazem esse tipo de coisa.

Merida obviamente não podia responder por que Feradach estava lá, pois não podia mencionar o trato. E, a bem da verdade, nem sabia se esse era o motivo de ele ainda estar no castelo.

— Ele não me parece o tipo de deus que sai por aí concedendo desejos — desconversou Merida, tentando dar uma resposta segura. — Ele tem aquela pedra, não o poço.

— Você acha que ele ficaria ofendido se eu perguntasse sobre a pedra? — questionou Leezie, embora ela mesma respondesse logo depois: — Acho que é melhor eu fingir que nem sei quem ele é. Nas histórias, eles parecem preferir isso, a menos que estejam prestes a revelar sua identidade para todo mundo. Acho que vou só deixar uma oferenda para ele. Eles também gostam desse tipo de coisa.

— Leezie... — começou Merida. — Deixa para lá. Faça o que achar melhor. Aliás, está gostando de ficar na sala de tapeçaria?

— Claro que estou — respondeu Leezie. — Os fantasmas de lá são muito bonzinhos.

Nem se deu ao trabalho de explicar; simplesmente foi embora aos rodopios, como sempre fazia.

Pela manhã, porém, a oferenda de Leezie parecia ter surtido efeito, pois Merida procurou Feradach por todo o castelo e o encontrou bem a tempo. Quando o viu, o deus acabara de apanhar seu manto atrás da porta da cozinha e o jogava sobre os ombros. Fazia dias que não vestia o manto, e algo naquele gesto parecia decisivo e fatal.

— Você está indo embora? — perguntou Merida.

Feradach se virou ao ouvir sua voz, e ela percebeu que ele pretendia mesmo sair de fininho.

— Você está *mesmo* indo embora — declarou ela. — Ficou aqui mesmo sem motivo e agora vai embora sem dizer uma palavra sequer!

— Não consigo suportar — respondeu ele.

Em seguida, saiu para a neve.

Sem hesitar, Merida apanhou outro manto e correu atrás dele.

— Você está *descalça* — pontuou Feradach, parecendo bastante agitado. — Por que você está sempre me perseguindo na neve com os pés descalços?

— Você não está simplesmente indo embora — retrucou Merida, em tom de desafio, acompanhando seus passos largos conforme cruzavam o pátio. Seus pés estavam congelando, claro, mas ela não se importava. — Você está fugindo!

Ele abaixou a cabeça e, decidido, continuou a se afastar do castelo, seguindo direto para o portão.

— Agora eu entendo. Compreendo por que antes não tinha a mesma aparência para todo mundo. Não posso ficar aqui. Não posso suportar.

— Por causa disso? Só porque as pessoas passaram a conhecê-lo? Bem que eu disse que você não entendia o conceito de família! Disse que você não entendia a passagem do tempo, nem como era existir. Não é algo que se possa aprender vendo *de fora*. É diferente quando sentimos na própria pele.

Ele se virou outra vez. Estavam a apenas alguns metros do portão, já fora do castelo, a meio caminho da floresta pela qual Merida o perseguira naquela primeira vez. Naquele momento, porém, Feradach ainda parecia bastante humano, com os tornozelos afundados na neve.

— E o que tem isso, Merida? Que bem isso me faz? Não posso deixar de cumprir meu dever. Por acaso fica feliz em saber o quanto isso vai me machucar? Imagine, por gentileza, que você tenha vencido o trato. Você seguirá em frente, tendo escapado da ruína, a vida inalterada. Agora, imagine que eu tenha vencido. Que terei que colocar as mãos em DunBroch, depois de tudo isso! Imagine o próximo vilarejo, a próxima pessoa. Agora eu *conheço* o que estou fadado a destruir! Isso a deixa feliz? Será que...

Feradach se calou. Às vezes, faltam palavras até para os deuses. E ele nem se parecia muito com um, de todo modo, com aquela cabeleira desgrenhada, o rosto cansado e apreensivo. Antes, não podia se dizer digno daquele rosto porque só o assumia quando estava frente a frente com Merida e, assim que dava as costas, virava outra coisa, algo insubstancial. Mas aquele rosto passou a pertencer a Feradach. Um corpo no qual ele de fato vivia. Todas as risadas que dera nos últimos dias, todas as noites de sono — tudo isso estava sendo moldado nele.

Merida sentiu-se envergonhada outra vez, embora não fosse a responsável por aquele rosto ser visível para mais de uma pessoa. Sentia-se tão mal quanto daquela vez em que o criticara por querer cumprir seu dever.

— Eu já vi você ser muitas coisas este ano — disse-lhe Merida —, mas covarde não é uma delas.

Ele se endireitou, reconhecendo as palavras que ele próprio lhe dissera meses

antes.

— Você vai ser um adversário à altura ou não? — continuou a garota. — Se não cumprir sua parte do trato, você morrerá, e não vai fazer a menor diferença, já que outro deus se encarregará de trazer a ruína. Então é melhor que seja você, agora que viu o que viu. Pode ir embora se quiser, mas saiba que ainda não fez sua parte nesta visita.

Feradach parecia exausto.

— E que parte é essa?

— Você veio testemunhar a mudança que aconteceu aqui, mas não me mostrou o que fez. Você também precisa me mostrar algo que arruinou.

Ele apenas suspirou.

— Eu quero ver a erudita — insistiu Merida. — Quero saber o que aconteceu com ela.

— A vida e a casa dela ficam a vários dias de viagem, mesmo sem toda essa neve — respondeu Feradach. — E você não tem muito tempo antes do fim do trato. Harris ainda não mudou.

Isso doía, por mais verdadeiro que fosse.

— Uma vez você mencionou uma forma mais rápida de viajar. Disse que poderia chegar bem antes de mim em uma de nossas jornadas, mesmo que eu estivesse a cavalo.

— Isso mesmo.

— Você pode viajar assim e me levar junto?

Feradach franziu a testa, pensativo.

— Acho que sim. Mas você vai sair do seu corpo. Confia em mim para trazê-la de volta?

— Você consegue ou não? Já teve inúmeras oportunidades de me matar até agora, então a confiança não vem ao caso.

Uma expressão divertida cruzou o rosto de Feradach pela primeira vez naquele dia.

— Consigo.

— O que eu preciso fazer? Temos que ficar rodopiando, como nos rituais de Leezie, ou só...

Mas Merida não disse mais nada depois disso, porque já tinha sido arrancada de seu corpo e levada em direção ao céu.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

UMA GAROTA FEITA DE AR

Eles viraram ar.

Merida não conseguia explicar de outra forma. Não era um corpo invisível, flutuando, voando. Simplesmente existia. Seus pensamentos, sua essência, seu propósito. Ela tinha virado ar. Estava por toda parte. Não precisava se deslocar até a cabana da erudita porque, de certo modo, sua forma incorpórea já estava lá.

Era fácil entender toda a situação, pois não precisava ver (não tinha olhos), nem ouvir (não tinha ouvidos), nem sentir (não tinha corpo). Não precisava traduzir nenhum desses sentimentos em uma narrativa coesa, porque a garota feita de ar já conhecia toda a história de cabo a rabo.

Merida, a garota feita de ar, avistou a cabana da erudita mais uma vez. Antes, o lugar estivera apinhado de cartas, cálculos, anotações, pilhas intermináveis de estudos sobre o mundo natural. Naquele instante, porém, estava vazia. A um comando de Feradach, o rio sereno que passara anos confinado às próprias margens havia transbordado e arruinado a cabana. Todos aqueles pergaminhos preciosos, todas aquelas informações inestimáveis, tinham sido carregados pela enchente. Mesmo que pudessem ser recolhidos, estavam todos fora de ordem e tão encharcados que já não se via parte da escrita.

A erudita havia perdido todo o seu trabalho.

Mas não tinha morrido; seu corpo não era uma das coisas arruinadas pela enchente. Merida, a garota feita de ar, procurou pela mulher. Refez a longa jornada que ela mesma havia feito, em seu corpo físico, não muito tempo antes. Como era feita de ar, chegou à ilha de Eilean Glan em um piscar de olhos. De certo modo, na verdade, sua forma incorpórea já estava lá, pois estava em todos os lugares o tempo todo.

Ela viu, da forma como via-ouvía-sentia-era tudo, o que tinha acontecido com a mulher. Depois de ter perdido tudo o que tinha, a erudita em frangalhos engolira seu orgulho e viajara para aquelas ilhas. Máel Muire a conhecia! Oh, mas a conhecia muito bem; eram colegas, embora a erudita fosse muito mais jovem. Tinham trabalhado juntas quando o marido de Máel Muire ainda era vivo. Mas então ocorreu uma daquelas histórias recheadas de clichês e

monotonia: uma imprudência, um beijo inapropriado, um escândalo, um naufrágio, uma viúva. A erudita e a rainha brigaram. A erudita, exilada, tornou-se uma eremita. Ela havia se refugiado em estudos e amargura, e tanto seu coração quanto seus achados acadêmicos tinham se tornado tão insignificantes quanto um fiapo de lã.

Mas então veio a enchente para arruinar tudo.

E a erudita retornou, ressentida, alquebrada, pronta para implorar por misericórdia e um lugar onde morar. Mas os anos tinham sanado todas as feridas, da mesma forma que o ar havia sanado Merida da necessidade de ver e sentir; não precisava de nada disso quando era feita de ar. Todas as mágoas do passado também não pareciam ter a menor importância. Máel Muire recebeu a erudita de braços abertos e ofereceu-lhe salas e mais salas de futuras eruditas dispostas a ouvi-la. Merida percebeu que, alguns meses antes, não teria havido espaço para a mulher e seus estudos nos aposentos abarrotados da ilha. Mas uma certa rainha chamada Elinor tinha aparecido pouco antes e levado consigo uma dúzia de órfãs, abrindo espaço para que outras tomassem seu lugar.

De repente, Merida se viu de volta a seu próprio corpo, parada na floresta nos arredores de DunBroch.

Os dentes rangiam. Os pés congelavam. A mente vacilava pela experiência de sair do próprio corpo. O coração martelava com a enormidade da ruína e renovação que ela acabara de testemunhar. Da qual fizera parte. O tempo se movia ao seu redor, lento e mortal outra vez.

Merida e Feradach se entreolharam em meio à nevasca.

— Até que formamos uma bela equipe, considerando que somos inimigos — disse ela por fim.

Feradach assentiu.

— Certa vez, você me perguntou se eu entendia por que você agia assim — continuou Merida. — A princípio eu não entendia, mas agora entendo, sim.

O deus engoliu em seco e tornou a assentir.

— Você me perguntou como eu o via — acrescentou ela. — No começo de tudo...

Feradach permaneceu imóvel no meio da floresta, como um cervo acuado.

Ele não perguntou.

Mas ela respondeu.

— Eu o vejo como alguém gentil, Feradach. Não queria lhe dizer, porque isso me enchia de raiva. Por que alguém que faz tudo o que faz tem uma aparência dessas, eu costumava pensar. Sim, mas é claro que não se limita a isso. Você também tem uma cabeleira loira como a de um pônei das terras altas, mas suas sobrancelhas são escuras. Seus olhos são azuis. Tem uma cicatriz pequenina bem

ali e, quando franze a testa, seu lábio inferior fica assim. — Merida armou um beicinho para ilustrar. — Tem a aparência de alguém que faria sucesso com as garotas. Mas isso é só o corpo, afinal, certo? O rosto que você assume. A bondade, por outro lado, é toda sua, esteja você nesse corpo ou fora dele. Esse é o Feradach. E agora eu entendo, e não me importo de dizer a você.

Feradach tocou o broche de leve quando Merida começou a falar e depois, com ainda mais leveza, levou os dedos à pequena cicatriz no rosto. Então, ela percebeu que ele se lembrava do rosto que estava vestindo. Merida se perguntou se o deus também se recordava do destino daquele rapaz. Era provável que sim, achava ela, com base em tudo o que vira quando era feita de ar. Feradach devia se lembrar de tudo.

Mas que existência estranha a dele. E devia estar ainda mais estranha àquela altura, depois de ter passado mais de uma semana vivendo quase como um mortal. O tempo se movia com a vagareza do mel para ela e com a rapidez do ar para ele.

— Agora eu também entendo por que você faz o que faz, Merida de DunBroch — declarou Feradach. — Mas ainda sou seu inimigo e não posso continuar aqui. Não me importo se isso faz de mim um covarde. Não sou tão valente quanto você. Não consigo suportar isso. Mude seu irmão antes que seja tarde demais e eu tenha que fazer o que estou fadado a fazer.

E, no momento seguinte, Merida estava sozinha na floresta nevada.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

RABO DE LOBO

Harris, Harris, o que fazer com Harris? Desde que Merida conseguia se lembrar, Harris sempre tinha sido o trigêmeo frio. O sabe-tudo. O calculista. O esnobe entediado. O maduro demais para se meter nas briguinhas infantis dos irmãos. Parecia estar acima de tudo.

Quem era Harris de DunBroch?

Um fedelho prepotente, isso era tudo o que Merida sabia. Um fedelho que ela tinha visto caminhar pela floresta com Brionn, sair irritado da tenda da mãe durante a jornada e ouvir um segredo cochichado do Dásachtach.

Não sabia mais o que fazer para entender o irmão, não como antes.

E, embora parecesse que a ruína sobrenatural iminente devesse ser o mais importante, outra ameaça mais mundana conseguiu se tornar mais urgente.

Veio na forma de um visitante muito familiar, quando o castelo contava os dias até o banquete natalino.

Rabo de Lobo.

Não estava sozinho, é claro; viera escoltado por um destacamento de soldados, mas, para todos os efeitos, o braço direito do Dásachtach poderia muito bem ter aparecido sozinho, pois continuou a ser o único a falar.

— Eu esperava nunca mais ter que pisar aqui — rosnou o homem em sua voz rouca, enquanto o resto de sua alcateia o observava em silêncio. — Mas cá estou, pois fiquei sabendo que sua filha não foi a lugar nenhum e que, em vez de enviarem seus dois outros filhos para mac Alpin, vocês os mantiveram aqui.

Merida conseguia enxergá-lo com clareza, pois ela e os trigêmeos estavam no mesmo esconderijo que tinham usado para espioná-lo no Natal anterior, o terraço do Grande Salão. Elinor e Fergus pareciam muito majestosos no trono, com os guardas a postos de um dos lados e órfãs do outro. Era agradável, tinha que admitir, ver como o salão estava mudado. Estava muito mais impressionante. Não parecia mais o tipo de lugar que alguém poderia invadir e cujas mesas podiam ser chutadas impunemente. Parecia um lugar que a Madame mac Lagan de Ardbarrach veria com bons olhos, um lugar apropriadamente régio.

— O que você ouviu não corresponde aos fatos — retrucou Fergus. — Minha

filha visitou Ardbarrach, Kinloch e Eilean Glan. Já teria sido bem impressionante empreender uma única viagem dessas no espaço de um ano, que dirá três.

— Essa proposta partiu dela, não de mim — rosnou Rabo de Lobo.

— Sim. E ela a cumpriu. Além do mais, nós dois sabemos muito bem que Kinloch foi dizimada pelas chamas este ano, então minha filha não poderia fazer de lá o seu lar. Um dos meus filhos foi abrigado em Ardbarrach e só voltou para casa para passar o inverno. E tenho certeza de que você pode ver por si mesmo as inúmeras órfãs de Eilean Glan que agora hospedamos neste castelo.

— Se a intenção de seu mestre é unir os reinos, nós fizemos bem mais do que nosso dever — declarou Elinor, com firmeza na voz. — Mas se essa nunca foi a sua real intenção, é agora que vamos descobrir.

— É claro que essa era a real intenção — respondeu Rabo de Lobo. — Não há dúvidas quanto a isso.

Um silêncio pesado se abateu sobre o Grande Salão, pontuado, na opinião de Merida, pela memória daquela cidade incendiada.

— Então você há de convir que o trabalho da minha filha está feito — continuou Elinor.

— E o comprometimento de DunBroch é inquestionável e a responsabilidade para com seu mestre, completa — acrescentou Fergus.

Rabo de Lobo lambeu os lábios antes de dizer:

— Tenho certeza de que mac Alpin ficará radiante em saber que nada vai tirar seu sossego durante o Natal. Poderiam fazer a gentileza de me apresentar às órfãs? E, por favor, posso falar com seu filho sobre Ardbarrach, para que eu possa levar essa notícia de volta para meu mestre? E quem sabe eu possa ver as melhorias que vocês fizeram no castelo desde a minha última visita. Depois disso, partirei antes que o tempo fique ainda pior.

— Pois bem — concordou Elinor. — Será um prazer mostrar tudo o que fizemos.

Do alto do terraço, Hubert sussurrou:

— Até que correu tudo bem.

Não foi bem um sussurro, já que Hubert era barulhento até aos cochichos, mas não fazia diferença, pois Rabo de Lobo já tinha sido escoltado para o pátio lá fora.

Merida nem conseguia mensurar todo o alívio que sentia.

Não sabia o que tinha esperado, mas definitivamente não era isso. Uma parte dela tinha acreditado que o Dásachtach guardaria rancor pela forma como Elinor falara com ele naquele vilarejo, ou que ficaria incomodado por não receber os trigêmeos como havia pedido.

Mas tudo aquilo eram águas passadas, e ela podia voltar a se concentrar em Harris.

— E agora você pode exhibir seus músculos para outra pessoa — gracejou Hamish para Hubert.

— E nossa mãe pode exhibir aquelas garotas inteligentes para ele, e podemos retornar aos preparativos de Natal — acrescentou Merida. — Que alívio.

Harris soltou um muxoxo irritado e saiu batendo o pé. Alguns segundos depois, ouviu-se uma confusão de ganidos e arranhões quando Brionn deu por falta do garoto e patinou escada abaixo atrás dele. Diziam que os cães ficavam cada vez mais parecidos com os donos à medida que envelheciam, mas ainda não havia o menor sinal de que Brionn teria qualquer semelhança com Harris.

— Qual é o problema dele? — Quis saber Merida.

Não podia mencionar o trato, mas achou que era seguro o bastante perguntar:

— Vocês acham que ele quer alguma coisa que não pode revelar?

— Sim, fugir com o Dásachtach — respondeu Hubert.

— Quê?

Hubert se levantou para ir embora.

— Estávamos bisbilhotando e ouvimos a mamãe contar ao papai que o Dásachtach tentou convencer Harris a ir embora com ele. Você se lembra da cara que Harris fez, Hame?

Hamish assentiu, pesaroso.

— Ele ainda parecia muito dividido. Você devia ter visto. Passou o resto da noite sem falar com a gente. Até ouvi quando começou a atirar coisas pelo quarto.

— Ele acha que somos todos um bando de imbecis — continuou Hubert. — Está na cara. Ele acha que o Dásachtach está certo e que mamãe e papai são confusos e antiquados.

Inquieta, Merida perguntou:

— Ele disse isso?

— Você viu a cara dele — respondeu Hubert. — Venha, vamos sair daqui.

Por mais que não gostasse de considerar aquela hipótese, não parecia de todo improvável. Harris queria mesmo se juntar ao Dásachtach? E se isso fosse o necessário para desencadear a mudança no irmão, será que ela estaria disposta a ceder para salvar todos os outros?

Pensou no vilarejo destruído. Nos poços salgados. Nos pinheiros devastados. A ruína como forma de punição, de aviso. Ruína em prol da ruína. Merida não compactuava com nada disso. Por mais que não tivesse gostado de Ardbarrach, pelo menos lá não treinavam os rapazes para pilhar só pelo prazer de pilhar.

— Tem que haver um jeito de falar com ele — disse Merida.

— Oh, mas *falar com* Harris é fácil — declarou Hamish. — O difícil é fazê-lo responder.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

LENDAS SÃO LIÇÕES

Os dias curtos se transformavam em noites longas, que então davam lugar a dias ainda mais curtos e a noites ainda mais longas.

Quanto mais Merida tentava mostrar que queria ter uma conversa franca com Harris, mais arredo e distante ele ficava. Mais de uma vez, planejou encurralá-lo depois do café da manhã, mas logo descobria que ele tinha se levantado da mesa e escapulado. Devia fugir correndo, sem dúvida, pois quando ela chegava à porta, via o irmão como um pontinho distante nos campos lá fora, com Brionn em seus calcanhares.

Era difícil não se ressentir de Harris quando algo tão importante dependia dele. Ele não sabia, é claro, e Merida não podia revelar nada. Então, tinha que arcar com aquele fardo sozinha, e mais ninguém no mundo sabia, com exceção de Feradach, que pretendia ficar escondido até descobrir se teria ou não que levar a ruína a DunBroch.

E então, em um piscar de olhos, era véspera de Natal. Todo o castelo estava decorado para o banquete da noite seguinte e, assim como no ano anterior, parecia esplêndido.

A neve não tinha dado as caras dessa vez, apenas uma leve geada, de modo que nada ocultava o esplendor do castelo recém-reformado, coberto por uma camada cintilante de gelo que destacava tudo o que havia conquistado ao longo daquele ano. Luzes brilhavam nas janelas. Belos e intrincados caramanchões trançados por Elinor e pelas garotas de Eilean Glan pendiam de cada soleira. Especiarias natalinas exóticas e pungentes perfumavam o ar. Os quartos de hóspedes abrigavam Cennedig e sua família, além de lordes com quem Fergus havia retomado contato depois da tragédia em Kinloch e senhoras que Elinor havia convidado para aprenderem uma ou duas coisas sobre educar crianças. O castelo estava cheio como não ficava havia muito tempo, desde que Merida era uma menina.

Mas, ainda assim, ela não conseguia entrar no clima da celebração. Sentiu que perderia a cabeça por ser a única a guardar tamanho segredo naquele dia, o último que importava.

Por isso, isolou-se na muralha enquanto o sol se punha no horizonte, observando o brilho dourado morredouro cintilar sobre o lago antes de sucumbir à escuridão.

Assim como no ano anterior, a lua estava gigantesca.

Enquanto admirava a floresta enluarada, ouviu latidos familiares. Brionn. Por mais que o cachorro tivesse crescido, seu latido estridente permanecia igual. Ao menos já obedecia a Harris quando lhe pedia que ficasse ao seu lado.

Era a última chance de Merida.

Tinha uma visão privilegiada do topo da muralha e aproveitou-a para espionar o irmão, que cruzava o terreno descampado. A lua, as estrelas e o brilho da geada deixavam tudo tão claro que ela conseguia distinguir até mesmo seus passos familiares e rígidos.

Depois de levantar as laterais do vestido, Merida correu na direção da torre de vigia mais próxima, desceu as escadas, atravessou o pátio e chegou ao campo. Ainda bem que o pai tinha ordenado que tudo aquilo fosse limpo durante a reforma.

— Harris! — chamou, assim que alcançou o irmão.

Sem desacelerar o passo, ele continuou a caminhar daquele jeito frio e austero, com as mãos enfiadas nos bolsos, a postura perfeitamente ereta. Permaneceu em silêncio, mas ainda assim parecia deixar transparecer como a achava boba e atrapalhada, correndo toda esbaforida atrás enquanto ele se afastava, no controle da situação.

Merida agarrou-lhe pelo braço e o deteve.

— Harris, espere. Pare e olhe para mim.

Quando ela fez Harris se virar para encará-la, percebeu que o garoto estava retesado como um gato que acaba de sair do banho. Parecia reticente e irritado e, como sempre, muito mais velho do que realmente era.

— Você nos odeia, é isso? — perguntou Merida.

A expressão dele, se é que isso era possível, parecia mais mordaz do que nunca. Parecia esperar que ela perdesse o interesse e o soltasse logo.

— Ande logo, me diga por que você quer ir embora com ele — insistiu ela. — Pode me contar seus motivos, eu vou ouvir. E, se não forem muito estúpidos, eu vou ajudá-lo, tudo bem? Não gosto dele, nem do que ele faz, mas eu não sou você e a vida não é minha. Se é isso mesmo que você quer, vou ajudar.

Harris apenas a encarou.

— Vai me ajudar a ir embora com ele? — repetiu.

— Com o Dásachtach, isso — respondeu Merida. — Hubert e Hamish me contaram.

— Eles disseram que eu quero ir embora com ele? É isso que eles acham?

Merida o soltou.

— Hum... é?

Isso não estava saindo conforme o esperado.

Harris soltou um muxoxo condescendente, como se estivesse prestes a rir, depois outro, e então Brionn apoiou a cabeça na perna do garoto, que enfiou os dedos por baixo de sua coleira e começou a chorar. Apenas duas lágrimas de raiva, rolando apressadas por suas bochechas.

Merida fez menção de abraçar o irmão, mas ele se afastou rigidamente.

— Harris — começou ela —, por que você está tão bravo comigo? Éramos bons amigos antes, não éramos?

— Por que você se importa com isso?

— Por que *não* me importaria?

— Você foi embora — disse ele, diretamente.

Merida abriu a boca, depois fechou. Pensou em outra resposta, tornou a abrir a boca, depois fechou mais uma vez. Ela tinha *mesmo* ido embora. Tinha partido em uma grande aventura pelo reino sem pensar nos trigêmeos que ficariam para trás, porque eles tinham uns aos outros e tinham seus pais. Imaginou que eles estariam esperando por ela quando voltasse, inalterados, e que tinham se metido naquela situação com os deuses porque, em grande parte, não tinham mudado mesmo.

Merida sabia que sentiria saudade de casa. Mas não imaginava que sua casa também sentiria saudade dela.

Não achava que *Harris* sentiria saudade dela.

— Não diga nada falso — alertou Harris.

— Não direi — respondeu Merida. — Eu sinto muito.

Em seguida, ela disse:

— Por favor, me deixe abraçá-lo.

— Isso só vai fazer você se sentir melhor, não eu.

Merida fungou.

— Sei disso, mas eu preciso me sentir melhor agora.

Harris deixou que ela o abraçasse. Não era muito agradável, quase como abraçar uma cadeira, mas ele tinha permitido.

Depois que se afastaram, ele perguntou:

— Sabe o que o Dásachtach me disse naquele dia? Quando vocês não estavam lá para escutar? Disse que ia matar todos vocês. Disse que ia matar um por um, independentemente do que fizessem, todos vocês, menos eu. Ele me faria assistir, depois me levaria para o seu castelo e eu viraria o melhor guerreiro que ele já teve, e eu o odiaria e o amaria, porque ele podia enxergar que eu tinha nascido para isso.

Merida ficou em silêncio.

— Por que você não contou isso a ninguém?

— Ele avisou que, se eu contasse, ia acabar descobrindo e voltaria ainda mais rápido para matar todo mundo.

— Harris!

Ele vinha carregando esse peso desde aquele dia no vilarejo incendiado. Às vezes Merida se esquecia de que ele não passava de uma criança, e de que nessa idade era muito fácil se deixar enganar pelos sussurros de um homem mau.

— É provável que você seja muito mais inteligente do que todos e nós não o entendamos. E também é bem provável que você se torne um homem grandioso e inspire muitas canções. Mas, ainda assim, é um grande imbecil! Você deveria ter contado para mim. Ou para qualquer outra pessoa. Ele não teria como descobrir. Como ele saberia?

— Existem vários jeitos de descobrir as coisas — murmurou Harris. — Como vou saber do que ele é capaz?

— Bem, ele não seria capaz de vê-lo contando isso para nós — respondeu Merida.

Tentava manter a voz controlada, mas sua cabeça estava a mil. Será que isso significava que Rabo de Lobo estivera mentindo? Aquela visita não passava de uma farsa? De uma brincadeirinha antes que o Dásachtach aparecesse para lhes ensinar uma lição? Para usá-los como exemplo? Merida precisava voltar ao castelo para começar a traçar um plano.

— Ele não é capaz de ver o que acontece dentro da sua cabeça. As pessoas não podem fazer esse tipo de coisa.

Harris se afastou.

— É por isso — começou ele, e seu rosto ficou tão frio e distante quanto antes. — É justamente por isso que eu nunca falo com ninguém.

Merida nem entendeu o que tinha dito de errado.

Só sabia que tivera uma oportunidade de se aproximar do irmão e a deixara escapar por entre os dedos.

— Harris, nós vivíamos conversando — insistiu Merida.

De repente, seu olhar foi atraído por um movimento acima.

Um brilho esverdeado começava a iluminar o céu.

Do outro lado do campo, orbes azuis iluminavam a grama seca, da mesma forma que haviam emergido da água um ano antes. Balançavam de um jeito estranho, convidativo. Como se dissessem que ela deveria ir atrás.

Estava na hora de descobrir o que o trato lhe reservava.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

A GAROTA DE LUGAR NENHUM

Os orbes os guiaram noite adentro. Na verdade, eles guiaram Merida noite adentro. Ela imaginava que só seriam visíveis para aqueles com a Visão, mas Harris a seguiu quando ela o chamou, e ainda estavam juntos quando enfim chegaram ao seu destino: o poço sagrado.

Parecia apropriado.

Assim como a cachoeira e suas piscinas rasas tinham se transformado à luz do luar e dos Dançarinos Celestes no ano anterior, os arredores do poço de Cailleach também pareciam muito diferentes de quando Merida o vira pela última vez, naquela visita diurna com a mãe.

O próprio poço emanava uma maravilha estrelada. Os fogos-fátuos que os conduziram até ali pairavam ao redor do monumento como se esperassem sua vez de fazer um pedido, mas também havia muitos em seu interior, cada vez mais escuros à medida que desciam, dando a impressão de que o poço se estendia até perder de vista. Talvez não tivesse mesmo um fundo. Talvez desembocasse em um oceano misterioso que não estaria ali em nenhuma outra noite além daquela.

Merida seguiu o olhar de Harris, fixo na pedra de Feradach, tão engolfada pelas sombras quanto o poço era pela luz. Era como se nenhuma claridade pudesse alcançá-la. A pedra assomava no céu noturno esverdeado, uma silhueta negra que não lançava sombra ao luar.

Eu não consigo suportar.

— Parece amaldiçoado — sussurrou Harris.

Os dedos estavam entremeados nos pelos de Brionn outra vez. Que aparência a pedra teria para ele? Merida não quis perguntar; ainda tinha medo de violar as regras do trato, mesmo que faltasse tão pouco para acabar.

Não havia um pinga de medo na voz dele, pois Harris jamais permitiria que ela transparecesse nada além de segurança, mas Merida estendeu-lhe a mão e ordenou:

— Segure minha mão, Harris.

O garoto hesitou por um instante, depois aceitou. Em seguida, ergueu o

queixo, como se essa tivesse sido sua intenção desde o início, como se fosse um gesto rotineiro de um ritual, não uma demonstração de medo.

— Estou feliz que finalmente tenha vindo — disse uma voz. — Harris de DunBroch.

Uma silhueta felina estava parada diante do poço, reluzente e brilhante contra a escuridão da noite. Como o poço, parecia iluminada de dentro para fora.

— Ila? — perguntou Merida, incrédula. — O que você está fazendo aqui?

— É chegada a hora, não? — respondeu Ila. — De tomar uma decisão sobre o trato. De ver se todos os seus esforços ao longo deste ano renderam frutos, de descobrir se você conseguiu mudar o destino de DunBroch, Merida. De saber se conseguiu mudar o suficiente para escapar... — Ela olhou para a pedra escura e sinistra que assomava solitária contra o céu. — Para escapar de Feradach.

Harris se alternou entre olhar para as duas, uma expressão confusa no rosto.

— Do que ela está falando?

Mas Merida não sabia como responder. Ou melhor, não sabia como explicar *por que* Ila tinha dito tudo aquilo. Mesmo no frio, sentia as palmas suadas de nervosismo.

— Eu não contei nada disso a você. Mantive minha palavra. Fiz tudo sozinha, em segredo.

Ila abriu seu sorrisinho felino.

— Fez mesmo. Você foi muito valente.

— O que está *acontecendo*? — perguntou Harris.

— Esta é a noite em que a magia mudará o destino de DunBroch — disse Ila ao garoto. — E sua irmã tem feito tudo isso sozinha. Mas não mais. Vocês dois estão aqui agora. Ao lado da magia. E não é a primeira vez que a magia muda o destino de DunBroch. Por acaso você sabe quando foi a última vez, Harris?

Harris negou com a cabeça, mas Merida o conhecia bem demais para saber que aquele meneio não significava que não sabia, e sim que não queria *admitir*.

— Todos os sinais que você viu, Harris — continuou Ila. — Os sonhos. O chamado dos fogos-fátuos, tentando conduzi-lo à verdade. O diário dela.

— Eu não li o diário — interrompeu Harris, teimosamente.

— Nem mesmo uma espiadinha? — Quis saber Ila. — Os fogos-fátuos o levaram direto para ele.

Harris negou com a cabeça.

— Ora, agora *eu* é que quero saber o que está acontecendo — protestou Merida. — Do que vocês dois estão falando?

Ila subiu na mureta do poço. Pareceu um sacrilégio, embora nunca tivessem dito a Merida que fosse proibido. Consequia até ouvir a voz da mãe: *Não suba no poço sagrado, Merida!* Mas Elinor não estava ali, então Ila continuou lá,

desafiadora e intencionalmente. Com toda a luz que emanava de dentro do poço e ao redor dela, quase parecia fazer parte do monumento.

— Há pouco menos de uma década, a magia chegou a DunBroch — contou Ila. — Elinor, a rainha, estava prestes a dar à luz trigêmeos. Que coisa maravilhosa! Como se ansiava pelo nascimento dos bebês. Mas logo vieram os problemas. O trabalho de parto mal havia começado quando Elinor começou a sangrar e, embora a parteira não tenha contado ao rei, suspeitava que a rainha e os trigêmeos talvez não sobrevivessem. Para a sorte de Elinor, a parteira era versada nos métodos antigos. Mandou chamar a aia e entregou-lhe a coroa que Elinor usara em sua coroação, seu bem mais precioso, pois com ela havia sido coroada Pacificadora, um lembrete de seus feitos antes de virar rainha. Em seguida, a parteira acrescentou seu próprio bem mais precioso, um cinto de contas do qual tinha muito orgulho, pois cada uma das pedrinhas representava uma mulher que admirava seu trabalho. Depois, pediu à aia que corresse o mais rápido que pudesse até este poço, jogasse aquelas preciosidades na água e pedisse um milagre a Cailleach.

— A Cailleach! — exclamou Merida. — Cailleach salvou nossa mãe?

— E os trigêmeos também — acrescentou Ila. — E ainda bem que a mãe de Leezie Muireall jogou dois itens no poço naquele dia, pois só um milagre dos grandes poderia salvar a mãe e os bebês. Primeiro ela salvou Elinor, que poderia ter sangrado até a morte naquele dia. Depois salvou um dos trigêmeos, que estava com o cordão umbilical enrolado no pescoço, já todo azulado. Você quase teve apenas dois irmãos, Merida.

— Qual trigêmeo? — Quis saber Merida.

Mas já sabia, pela forma como Harris apertou sua mão, qual era a resposta.

— Salvo pelo outro lado, e agora ele pode ver o que existe lá, mas não quer mesmo olhar, não é? — perguntou Ila.

Harris não respondeu. O rosto exibia aquela expressão quieta e distante, que deixava claro que nada o obrigaria a falar.

— Ila — começou Merida —, como é que você sabe de tudo isso?

— Harris já sabe. — Foi a resposta. — Oh, deve saber. Se está desse jeito, é porque sabe.

Mas quando Merida se virou para o mais difícil de seus irmãos, viu que ele estava com os olhos bem fechados, a boca crispada em uma linha reta e angustiada. Quando se virou para Ila, porém, percebeu que a garota a fitava, como se esperasse para ver o que *ela* pretendia fazer.

Porque era sua última chance de mudar o irmão.

Mas o que poderia dizer? Só lhe restava dizer a verdade.

Sabia que Harris não ficaria nada contente se ela se abaixasse para falar com

ele, então o incentivou a subir em uma das pedras ao lado do poço. Quando ficaram da mesma altura, ela o encarou fixamente, aquele irmão estranho que tinha envelhecido muito mais rápido do que os outros.

— Eu sei que é difícil ver coisas que mais ninguém pode ver — começou Merida. — É difícil saber de coisas que mais ninguém sabe.

— Você não acreditaria em tudo o que vi — sibilou Harris, soando um pouco combativo, como se a desafiasse a acreditar em sua palavra. — Papai disse que era só coisa da minha cabeça. Mamãe me pediu para parar de tentar botar medo nos outros. Eu vi DunBroch em ruínas.

— Eu acredito em você — respondeu Merida. — Confie em mim, eu acredito em você. Às vezes, também vejo coisas assim. Escute bem, Harris. Você é muito inteligente e sabe disso. E é muito valente. Mas não precisa ser solitário. Saiba que sempre pode falar comigo sobre isso, e eu sempre vou estar disposta a ouvir. Talvez não saiba o que fazer em relação a essas coisas, mas vou ouvir. E *acreditar* em você.

— Sempre? — perguntou Harris.

— Sempre.

— Sempre mesmo? — insistiu ele.

— Sempre mesmo.

Harris olhou para Ila. Por um momento muito, muito breve, ele aparentava ter a própria idade, apenas uma criança, e Merida percebeu que estava aprendendo algo sobre a aparência dos outros. Talvez Feradach não fosse o único que parecia diferente a depender de quem o olhasse.

Então, Harris apontou para Ila e declarou:

— Ela é Cailleach.

Merida ficou tão perplexa que abriu a boca para contestar, mas tinha acabado de prometer ao irmão que sempre acreditaria nele. Por isso, em vez de dizer alguma coisa, limitou-se a encarar Ila, que mais uma vez exibia aquele sorriso felino cheio de segredos, e assentiu.

Um murmúrio familiar, muito parecido com o sibilar do vento nas rochas ou talvez com uma risada distante, se fez ouvir.

E, no momento seguinte, Ila começou a mudar de forma.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

O TRATO, PARTE II

Cailleach assomava sobre a mureta, iluminada pelos fogos-fátuos ao redor. Seu único olho estrelado combinava com a abertura do poço logo abaixo, também coberta de estrelas.

— Era você esse tempo todo? — perguntou Merida, atônita.

Eu tinha que ficar de olho em você.

Merida se lembrou de quando Ila apareceu em seu quarto na manhã de Natal, bem a tempo de encorajá-la a agir quando estava se sentindo desanimada. Lembrou-se de como, durante todos aqueles meses, Ila havia ensinado Leezie sobre a Visão e ajudado Elinor na jornada para Eilean Glán sob a forma de uma órfã inocente.

— Feradach tinha razão! — exclamou Merida. — Você trapaceia *mesmo*!

— Eu avisei.

Ao ouvir a voz de Feradach, a respiração de Merida ficou entalada na garganta. Cailleach tinha voltado sua atenção para a rocha sombreada e, sob o olhar atento de Merida e Harris, Feradach emergiu silenciosamente da pedra escura que levava seu nome. Quando o deus chegou ao limiar da luz esverdeada, Merida viu que ainda tinha a mesma aparência de sempre. Um jovem rapaz de cabelos loiros, rosto gentil e luvas esplêndidas com costura carmesim. Mas havia algo diferente a seu respeito. Como se fosse real, palpável. Feradach sabia que aparência tinha, e mais de uma pessoa o tinha visto assumir aquela forma. Ele sentira a passagem do tempo, em vez de apenas observá-lo.

E isso o tinha mudado.

Quando se esquivou do olhar dela, estava claro que sabia como o corpo se movia, o quanto um rosto pode revelar.

Eu não trapaceei, Feradach. Estive tão presente quanto você.

— E quando mantive este rosto para todos que me viam? — perguntou Feradach, em tom de desafio.

Foi um presente.

Mas Cailleach parecia satisfeita consigo mesma. Merida percebeu que ele também estivera certo em relação a isso. Tinha sido um truque. A deusa sabia

que, no fim das contas, ele acabaria no pátio do castelo, incapaz de suportar o fardo do que estava fadado a fazer. De que outros truques ela teria lançado mão?

— Agora você sabe o que sou, não é? — perguntou Feradach a Harris. — Não precisa mais fingir que não sabe.

Harris estava pálido, e logo assentiu.

— Você é...

— Não precisa dizer — interrompeu Feradach.

Harris desceu da pedra e foi se aninhar junto de Merida. Nem tentou esconder o medo que sentia. Estava tão trêmulo quanto Hamish.

— Então o que vi era mesmo verdade.

Merida sentiu um aperto terrível no estômago. Acabara de lhe ocorrer que o fim se aproximava. Antes, um ano tinha parecido uma eternidade. Mas já não havia mais tempo para mudar as coisas. Só lhe restava descobrir se todos os seus esforços tinham valido a pena. E então... o que viria depois? Não fazia ideia. Ao longo daquele ano, tudo tinha girado em torno das viagens ao lado da família e das visitas de Feradach, de modo que tinha se esquecido de como era a vida antes disso.

— Talvez seja, talvez não. É isso que estamos prestes a descobrir, não?

Sim, o ano chegou ao fim. Está na hora de comunicar minha decisão.

A deusa apontou seu cajado enegrecido na direção de Feradach, que estava tão escuro e imóvel quanto a pedra atrás dele.

A menos que você tenha alguma objeção à forma como o trato foi conduzido.

— Não tenho — respondeu ele.

Feradach ergueu os olhos e os manteve fixos aos de Merida. Os dois eram iguais naquele momento. Uma combinação perfeita. Cailleach vinha enganando os dois durante todo aquele tempo. A decisão, qualquer que fosse, já tinha sido tomada pela deusa desde o início. Cailleach havia conduzido os dois a qualquer direção que melhor lhe aprouvesse; esse era o problema de se envolver com a magia, de se envolver com os deuses. Por mais que a pessoa acreditasse ter a vantagem para dar a cartada final, no fim descobria que nem era um jogo de cartas. Feradach, um deus jovem, também tinha esquecido, tão quase humano que era. Ocorreu a Merida que, durante aquele julgamento, Feradach deveria estar ao lado dela, assim como Harris, segurando sua outra mão, enquanto esperava a decisão que determinaria o destino de todos eles. Mas é claro que isso seria impossível. Ilógico. Afinal, a mão dele seria a responsável por trazer a ruína.

Então, que meu veredicto seja conhecido por todos, declarou Cailleach. Que os ventos e a chuva e o inverno vindouro e o verão remoto sejam testemunhas do que vou dizer. Que a terra em que habito, aqui e acolá, na superfície ou nas

profundezas, o escute e o aceite. Que todos sintam o equilíbrio que nos une em uma dança tão impecável quanto as estrelas acima e abaixo. Ao longo deste ano, observei cada membro da família DunBroch e senti o equilíbrio pender para um lado e para o outro, primeiro a favor de Feradach, depois de Merida, e assim por diante, até que enfim é chegado o momento de descobrir onde ela decidiu fazer morada. Se estiver a favor da mudança, Merida de DunBroch poderá retornar para sua casa e viver o resto de seus dias como preferir, desde que ainda mantenha o segredo sobre a natureza desse trato. Se estiver a favor da estagnação, Feradach deverá levar a ruína a DunBroch esta noite.

Feradach desviou o olhar de Merida.

Ela fechou os olhos.

Mas não havia conforto na escuridão, pois tudo o que via ali era o castelo de Kinlochty em chamas e as vítimas da doença e as enchentes cada vez mais próximas. E, por mais que soubesse que o rescaldo seria bom, pois essa também era a natureza do trabalho de Feradach, Merida não queria que sua família morresse.

Meu veredito, continuou Cailleach.

— Espere — interrompeu Feradach, a voz rouca. — Será que posso...

DunBroch mudou o suficiente para ser poupado da ruína.

Os olhos de Merida se abriram de imediato.

Feradach estava com as mãos cruzadas no peito, as luvas entrelaçadas, o queixo inclinado em reverência. Cailleach estava com o cajado apontado para o céu, de onde fluía a luz esverdeada que se entremeava pelas estrelas pulsantes.

Por um bom tempo, Merida ficou atônita, sem acreditar. Apenas contemplou o céu noturno, idêntico ao que tinha visto um ano antes. Quantas coisas tinham mudado desde então. Quantas e quantas coisas.

Merida puxou Harris para um abraço apertado e o rodopiou no ar. Era quase a mesma sensação de abraçar uma armadura, mas ela não se importava. Continuou abraçando o irmão, cada vez mais forte.

— Nós conseguimos! Conseguimos!

Mas o desastre ainda está a caminho de DunBroch.

Merida parou de celebrar. Manteve o olhar fixo na deusa, esperando que ela esclarecesse ou se corrigisse, mas Cailleach limitou-se a apontar o cajado em direção ao sul.

— Por acaso isso é um truque, Velha Senhora? — perguntou Feradach. — O que quer de mim?

Ouçã por conta própria.

Feradach ergueu o rosto contra o vento, que bagunçou sua cabeleira. Semicerrou os olhos e se pôs a ver algo que Merida não podia ver, ou ouvir algo

que ela não podia ouvir.

— Oh, não — disse Harris.

— Oh, não — ecoou Feradach.

Merida perdeu a paciência com todos eles. Ela esquadrinhou os arredores em busca de um lugar que pudesse escalar e seus olhos pousaram na pedra de Feradach. Aproximou-se a passos leves e, em seguida, tratou de subir nela com a mesma destreza com que escalara inúmeras pedras em suas caminhadas pelos arredores de DunBroch. Desde que fosse rápida, seus dedos das mãos e dos pés poderiam usar as espirais e reentrâncias entalhadas como apoio. E ela foi mesmo rápida. O pavor que a dominava serviu de impulso e ela escalou até chegar ao topo da pedra escura, onde se empoleirou com a tranquilidade de uma gralha na chuva, e se pôs a fitar os arredores.

Viu luzes bruxuleantes ao longe. Ouviu um rugido baixo, como se muitos pés marchassem em sincronia. Pareciam distantes, mas apenas porque a escuridão encobria os detalhes mais sutis. Merida sabia que, se conseguisse divisar os contornos de cada tocha, veria que não estavam tão longe assim. As luzes estavam tão afastadas de Merida e de Harris quanto os dois estavam distantes de DunBroch, e se aproximavam cada vez mais. Marchavam na calada da noite, não às claras. Sem um traço de nobreza, sem um pinga de diplomacia em mente.

Não é a ruína de Feradach que se aproxima. Não é uma restauração intencional do equilíbrio. É a destruição que apenas os humanos podem causar uns aos outros. É a destruição em prol da destruição. É a ruína que não traz renovação. É...

Harris completou a frase por ela:

— Dásachtach.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

A BATALHA

Merida cresceu ouvindo canções que narravam feitos de guerras e batalhas. As paredes de sua casa eram decoradas com machados, espadas e escudos. Vestia armadura, atirava com arco e flecha, sabia montar o cavalo de guerra do pai. Vivia em um castelo com muralhas mais grossas que o corpo de um homem, e sabia que não serviam só de enfeite. Toda a sua vida tinha sido moldada pela guerra.

Mas nunca tinha presenciado uma.

Até aquele momento.

Assim que voltaram apressados a DunBroch, descobriram que os homens de Fergus já estavam pegando em armas. Também tinham visto o exército. Não era uma tarefa difícil, pois os homens do Dásachtach estavam perto o bastante para serem ouvidos. O clangor do metal. Os relinchos dos cavalos. O rugido dos homens.

— O que vai acontecer? — perguntou Hamish, alarmado.

— Nada vai acontecer com você — tranquilizou-o Leezie.

A garota empunhava uma frigideira, tentando parecer ameaçadora. Mas não tinha força o suficiente para levantá-la com apenas uma mão, de modo que parecia simplesmente prestes a fritar um ovo. Como sempre, parecia precisar de uma ajudinha.

— Vai dar tudo certo. Estou vendo. Estou *mesmo* — garantiu ela.

Hubert estava logo atrás, estranhamente quieto enquanto se preparava para lutar. Ele, lutando! Merida não conseguiria suportar uma coisa dessas.

As garotas órfãs estavam na escadaria, olhando para baixo, com a aparência amedrontada de quem já tinha testemunhado o horror em primeira mão. Sabiam muito bem que nem tudo às vezes dava certo.

— Levem todos eles para o sótão — ordenou Elinor. — E Merida também.

— Não — protestou Hubert com firmeza. Pela primeira vez, parecia tão velho quanto Harris. — Vocês vão precisar de nossa ajuda.

— Infelizmente, acho que ele tem razão — concordou Fergus. — Merida, vá com eles, querida... não, não questione. Preciso que vá porque você sabe lutar,

não o contrário. Subam até os quartos, quebrem as vidraças se for necessário, e atirem pela janela tudo o que encontrarem pela frente. Vamos tentar segurá-los pelo máximo que pudermos. Isso é tudo culpa minha.

— Não, é minha também — disse Elinor. — Despertei a ira dele quando voltávamos de Eilean Glán. Eu sabia muito bem o que estava fazendo.

Mas Merida também achava que tinha uma parcela de culpa. Por ter feito um trato com Rabo de Lobo, mergulhado de cabeça nele para depois deixá-lo de lado, sem a menor intenção de dar continuidade ao combinado, pois estava muito preocupada em mudar sua família. Em vez disso, poderia ter usado todo aquele tempo para estreitar os laços com aliados poderosos. Poderia ter sido um pouco mais parecida com a mãe e menos com a garota que sempre fora.

— Por DunBroch! — veio o rugido do andar de baixo, proferido pelos homens de Fergus, que se preparavam para a batalha.

E, no momento seguinte, os homens do Dásachtach chegaram ao portão.

A batalha começou.

Não era nada parecida com as canções de guerra que Merida tinha ouvido. Nas baladas épicas, sempre havia líderes. Havia discernimento. Um padrão, um fluxo. Um objetivo. Aquilo, contudo, não passava de destruição. Era puro caos. O Dásachtach não pretendia tomar DunBroch como uma fortaleza; queria destruir o castelo como um alerta. O cheiro de fumaça emanava da floresta; estavam queimando as árvores, os bosques, os campos. Destruição pela destruição.

Os homens do Dásachtach estavam reunidos na base do castelo, abalroando aríetes contra as portas e arremessando ganchos na direção dos parapeitos das janelas. Foi aí que Merida, Leezie, os trigêmeos e as órfãs entraram em ação. Escancararam as vidraças da sala de música e arremessaram móveis nos invasores enquanto Merida atirava flecha após flecha em meio à escuridão, ciente de que elas acabariam muito antes de o último homem tombar.

Paft! Um espelho despencou da torre. *Paft!* Uma cadeira com pés de leão. *Paft!* A mesinha em que jogavam Brandubh.

Hamish agarrou a grande harpa, como se tentasse decidir se seria capaz de arremessá-la da janela para esmagar o crânio de alguém. Merida, por sua vez, tentava decidir se seria capaz de encorajá-lo.

— Não faça isso, Hamish — disse Harris, com firmeza, enquanto ateava fogo em uma tapeçaria enrolada em torno de uma urna de pedra.

Fez isso com tanta destreza que Merida suspeitou que o irmão já vinha

planejando aquilo havia um tempo.

— Isso aqui vai ser mais memorável — acrescentou o garoto.

A pedra flamejante voou pela janela, arrancando um coro de gritos que corroborava a suspeita do irmão.

No momento seguinte, porém, outro coro de gritos cortou o ar. A torre! Uma das torres de vigia da muralha estava tombando, pouco a pouco, enquanto as pedras despencavam em cascata. A muralha em que ela caminhara tantas vezes ao lado da mãe.

Com um aperto no peito, Merida viu o exército carregar o aríete usado para demolir a torre. Era gigantesco, de modo que precisavam de dezenas de homens e cavalos para tirá-lo do lugar.

Naquele momento, ele avançava em direção ao castelo.

— Vocês fizeram por merecer! — rugiu o Dásachtach, de alguma forma se fazendo ouvir em meio a toda a comoção. — Eu não fui nada além de justo!

Parecia irremediável.

Pense, Merida, pense.

Mas não conseguia pensar no que poderia ser o Corvo Negro nessa partida de Brandubh. O Dásachtach não tinha o menor interesse em selar a paz. Tudo o que queria era mostrar que estava certo. Até poderiam ter uma chance de vitória se contassem com a ajuda de todos os vilarejos vizinhos, mas o exército chegara sem aviso. E, mesmo que alguém pudesse se esgueirar até lá, seria impossível chegar a tempo de reunir forças em uma noite de inverno como aquela.

Só com um milagre.

Merida se lembrou de como Cailleach havia salvado Elinor e os trigêmeos. Ao longo daquele ano, a deusa tinha feito de tudo para garantir que Feradach não os destruísse. Certamente não ia querer que o Insano se encarregasse disso.

Talvez Cailleach tivesse mais um milagre na manga.

A mãe de Leezie tinha jogado seus bens mais preciosos no poço da deusa em troca de um milagre e Merida podia muito bem fazer o mesmo.

— Não saiam daqui — disse aos irmãos. — Eu já volto. Leezie, não abra essa porta por nada, a menos que seja eu!

Em seguida, correu para seu quarto, tão familiar, repleto de coisas que tinha desde a infância. Correu os dedos por todos os seus pertences, pegando-os e devolvendo-os ao lugar, mas nenhum parecia precioso o bastante. Sim, ela sentiria falta dos brinquedos esculpidos pelos pais, mas não passavam de enfeites àquela altura. E, sim, era muito apegada ao seu velho arco, mas sempre poderia arranjar um novo. A cena bordada na tapeçaria continuaria na sua memória, mesmo que a peça não estivesse mais lá. Tinha joias para usar em banquetes e aparições públicas, mas não se importava com nenhuma delas. Tinha perfumes

que ganhara de presente e pedras que coletara pelo caminho.

Mas logo percebeu que nada ali era muito importante para ela.

Até tinham sido em um passado distante, mas já não eram mais. Fazia muito tempo que não acrescentava um novo item à sua coleção. Tampouco trouxera algum de suas viagens.

O que é precioso para mim? Uma coisa tão preciosa que possa ser trocada por um milagre?

Só conseguia pensar nas pessoas de sua família, e eram elas que ela pretendia salvar.

Percebeu, atônita, que não havia mais *nada* além do amor que nutria pela própria família.

Uma tempestade incapaz de mover moinhos...

Ela sentiu o desespero aumentar.

Pense, Merida, pense.

Mas não conseguia pensar em nada. Saiu do quarto e seguiu em direção às escadas, procurando por qualquer coisa que pudesse ser oferecida em troca de um milagre de Cailleach. Esquadrinhou a sala de tapeçaria. O armário do saguão. Foi até o terraço do Grande Salão, mas nem sabia o que procurar. Será que deveria simplesmente voltar para perto dos trigêmeos, com Leezie e as órfãs, e lutar uma última vez?

Irremediável.

E pensar que, depois de todo o seu esforço, as coisas acabariam daquele jeito. Que fim trágico. Feio, desesperador e sem um pingo de magia.

Então, em seu desespero silencioso, que se sobrepunha até mesmo ao caos do lado de fora, ouviu vozes abafadas vindas do solar.

A voz de Feradach.

E de Cailleach?

Ali, no castelo?

Esgueirou-se até conseguir espiar pela frestinha da porta entreaberta e lá estavam os dois deuses parados no meio do cômodo. Cailleach parecia tão selvagem quanto antes, seus poderes inabalados pela mundanidade do quarto de hóspedes. O brilho esverdeado ainda emanava ao seu redor, e seu único olho iluminava o cômodo como a chama de uma vela.

Feradach, por sua vez, parecia incrivelmente humano. Nenhuma aura de poder aterrorizante emanava dele ali, de ombros caídos, diante da deusa.

— Sempre soube que você era trapaceira — dizia ele —, mas nunca imaginei que fosse cruel.

Não estou sendo cruel. É uma oferta séria.

— Eu, um mortal? — perguntou Feradach. — Não sei nem como isso

funcionaria!

Ora, é claro que sabe. Consegue ver. Consegue sentir. Esse corpo passaria a ser seu. Essas mãos passariam a ser suas. Essas luvas passariam a ser de outra pessoa que tomaria o seu lugar. Outro Feradach, o deus. Você se tornaria Feradach, um homem batizado em homenagem a um deus. Viveria como um mortal. E, em algum momento, também morreria como um.

A deusa se deteve por um instante e Merida recuou, apressada e em silêncio, tomando cuidado para não ser vista.

— Você usaria seu milagre para isso? — perguntou Feradach. — Por quê?

Você mudou, Feradach. E se tornou outra coisa. Você aprendeu a amar a continuidade da vida humana. Aprendeu a amar a sensação de pertencer a algum lugar. Aprendeu a querer ser visto como uma pessoa. A amar esse rosto que veste agora. Você mudou sua forma de encarar o mundo e tal mudança, como você bem sabe, desperta meu interesse. É digna de um milagre. Posso transformá-lo em um humano. Você pode ter o que quer.

— Você não tem como saber o que realmente quero, Velha Senhora — respondeu Feradach.

Fique com esse corpo, Feradach. E fuja com Merida esta noite. Assim, vocês dois terão vencido o trato, de certa forma.

Merida prendeu a respiração.

— Fugir com Merida — repetiu Feradach, com a voz carregada.

Eu sei que você aprendeu a amá-la.

Merida levou a mão à boca para impedir que sua respiração arfante escapasse, mas o gesto a lembrou da primeira vez que vira Feradach despir a luva, de como havia apenas uma mão humana comum por baixo dela.

Mais uma vez, Feradach espalmou suas mãos mortais contra o peito. Merida as viu oscilar para cima e para baixo, no embalo de sua respiração entrecortada.

O silêncio era cortado pelo caos do exército que atacava sua família.

— Não — disse ele, por fim.

Merida soltou o ar que estivera prendendo.

Não?

— Você disse que minha mudança é digna de um milagre, não é isso? — perguntou Feradach. — Pois então ainda quero o milagre, mas não quero usá-lo para manter este corpo, nem para fugir com ela. Eu quero que use seu milagre para ajudá-los a derrotar o Dásachtach. Não vão conseguir sozinhos. Vão todos morrer dentro de algumas horas. Eu quero que o seu milagre mande aquele homem embora para nunca mais voltar. Ou, se voltar, que seja só daqui a muitos e muitos anos.

Você me surpreende, Jovem Rapaz. Eu me equivoquei em relação aos seus

desejos.

— Eu a amo — declarou Feradach. — É por isso que não posso deixar a família dela morrer. Eles são tudo para ela.

Merida se deu conta de que também tinha levado as mãos ao peito.

Mesmo se, em vez disso, você pudesse se tornar tudo para ela?

Feradach suspirou e, naquele som diminuto, Merida pôde entender a dimensão de sua tristeza. Mas ele disse apenas:

— Já observei muitos humanos. Isso não seria amor, apenas posse.

Com delicadeza, Cailleach apontou seu cajado para longe de Feradach.

É um gesto muito humano de sua parte, Feradach, mesmo que com essa escolha você tenha que dizer adeus a este corpo e vestir o próximo e todos os outros que virão depois dele. E alguns diriam que é contra a sua natureza dizer não às mudanças e continuar a cumprir seus deveres como antes. Mas eu acho bastante apropriado. Você escolhe arruinar a si mesmo para salvar a próxima geração de mudanças, e essa é exatamente a sua natureza. Será concedido, esse milagre que você pede.

Os cílios de Feradach estremeceram, e então ele se empertigou.

— Eu agradeço, Velha Senhora.

A maré que assola DunBroch vai virar antes do amanhecer. Esse é o meu milagre, se a terra me permitir.

Em seguida, ela bateu o cajado no chão.

CAPÍTULO QUARENTA

A BATALHA, PARTE II

A sorte virou, simples assim.

Uma parte da muralha desabou sobre um punhado de homens do Dásachtach. O vento soprava detrito em seus olhos. O estábulo ruiu quando o exército tentou incendiá-lo, mas os cavalos escaparam e assustaram as montarias dos invasores. Harris e os trigêmeos atiraram uma vidraça em cima do exército e acertaram em cheio. As flechas encontraram o alvo. As portas resistiram. A chuva começou a cair e apagou o fogo que consumia as árvores. E então, quando a luz esverdeada de Cailleach se dissipou no céu noturno para dar lugar ao amanhecer, os agricultores e aldeões chegaram em um exército improvisado, com armas em punho.

Havia gente de mais longe também, até mesmo de Keithneil. Pouco antes de o dia raiar, os homens de Ardbarrach também chegaram, com suas fileiras cintilantes, ordenadas e ameaçadoras. Merida jamais teria pensado que um dia ficaria aliviada ao ver aqueles uniformes. Nem que ficaria feliz ao ver como os soldados que os vestiam eram disciplinados e leais. Depois de se abastecer com mais flechas no arsenal, ela correu ao encontro deles para ajudar.

E, à primeira luz da aurora, os homens do exército do Dásachtach começaram a reconhecer as famílias de que tinham sido arrancados e saíram da formação. Correram de volta para seus familiares, dispostos a lutar ao lado deles, mas logo viram que já não seria necessário, pois não restavam muitos homens do outro lado.

Apenas Rabo de Lobo e o próprio Dásachtach continuavam ali, envoltos pela luz esverdeada de um novo dia de inverno, estranhamente cálido, enquanto a chuva gotejava sobre os telhados novinhos em folha de DunBroch.

Merida pensou em como o castelo ficava esplêndido sob aquela luz, o velho DunBroch, um castelo renovado. O sol nascente se esgueirava pelas vidraças, iluminando-as como incêndios de primavera. A hera pendia verde e exuberante. As frutinhas nas guirlandas natalinas brilhavam com a vivacidade de uma batalha. Era uma visão tão grandiosa, acolhedora e bela, tão viva e vibrante. Sim, o fogo lançava nuvens de fumaça ao fundo e as paredes tinham desabado, mas

era impossível não perceber que, por baixo disso tudo, o castelo tinha um coração vivo e pulsante. Tinha mudado. Tinha feito por merecer sua liberdade da ruína de Feradach. Tinha se tornado algo novo. Ou melhor, ainda era o mesmo DunBroch de sempre, mas dessa vez crescia, mudava e continuava avançando. Merida estava explodindo de orgulho.

— Dê o fora daqui e nunca mais volte — gritou Fergus para o Insano. — Pois você nos disse que deveríamos ser amigos de nossos vizinhos e agora somos, e nenhum de nós gosta de você.

— Se nos deixar em paz — disse Elinor —, também o deixaremos.

— E talvez um dia voltemos a nos encontrar — sibilou Harris para o Dásachtach, e aquela estranha vivacidade de outrora retornara ao seu semblante.

— Merida! — chamou Leezie, agarrando-lhe o braço para chamar sua atenção.

Estava linda e desalinhada à luz da manhã, mas, pela primeira vez, não parecia precisar de ajuda.

— *Feradach* — limitou-se a dizer.

Merida seguiu o olhar de Leezie, que apontava para a floresta. Brionn estava parado bem no limiar das árvores, com o rabo eriçado para cima. Bem atrás dele havia um orbe azul brilhante, dissipando-se lentamente até desaparecer por completo na luz da manhã.

Pela última vez naquele ano, Merida saiu no encalço de um deus.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

CONFIO EM VOCÊ

Ela o encontrou ao pé da cachoeira. Daquele ponto havia uma boa visão do castelo, então fazia sentido. Feradach estava parado contemplando a água cascadeante e ela viu a cabeleira loura, o rosto gentil.

— Feradach! — gritou Merida.

— Você é impossível — respondeu o deus. — Não cansa de me perseguir?

Ela tentou recuperar o fôlego, mas logo desistiu.

— Ouvi o que você disse. Ouvi o trato que fez com Cailleach. É verdade?

— Eu não teria dito se não fosse verdade. Até hoje, eu só disse coisas que julgo verdadeiras.

Como ela não disse nada, ele tratou de acrescentar:

— Não zombe de mim pelo que eu disse, Merida de DunBroch. Eu não conseguiria suportar.

— Eu não ia zombar de você — defendeu-se ela.

E não queria mesmo zombar dele. Queria apenas falar, com toda a sinceridade, as coisas bobas sobre as quais Leezie vivia falando. Queria falar sobre amor. Mas não sabia como expressar, apenas sentir.

— Você não precisa ir embora. Ou melhor, você pode voltar outras vezes. Sei que não pode deixar seu dever de lado, mas isso não precisa ser um adeus.

— Eu só seria atraído para cá se houvesse qualquer indício de estagnação — explicou Feradach. — E você não iria querer isso.

— Então eu poderia ir até você — sugeriu Merida. — Eu poderia procurar lugares que precisem de uma mudança, e talvez o encontre nos arredores.

— É isso que você quer da sua vida? — perguntou Feradach. — Fazer o que faço, estar sempre em lugares que estão prestes a sumir do mapa? Que estão no fim da vida? Quer cavalgar por este país sempre procurando pelo pior?

— Você não quer ser conhecido por alguém?

Mas Merida viu em seu rosto o quanto ele queria isso. Queria muito.

E ela queria conhecê-lo. Já conhecia Feradach, o deus, mas queria saber mais sobre quem ele era e quem se tornaria, se ao menos pudesse se aproximar de outra pessoa no mundo.

— Que vida você teria — disse Feradach. — Sempre me perseguindo. Que vida eu teria. Sendo encontrado várias e várias vezes por uma mortal. Você é impossível.

— Eu não precisaria apenas persegui-lo — respondeu Merida. — Também poderia me juntar a você. Acho que Cailleach ficaria feliz em me usar como trunfo para enganar você e salvar algumas pessoas aqui e acolá, e acho que eu também não me importaria com isso. Isto é, se você não se importasse de perder outra vez.

— O equilíbrio foi restaurado. Eu não perdi nada.

Merida pensou no que faria no ano seguinte.

Preparar-se para mais um ano de aventuras, explorando todo o reino no lombo de sua irascível Midge. Sabia que poderia fazer isso, porque já *tinha* feito. E, assim que esse pensamento cruzou sua mente, a inquietação que a atormentara antes cristalizou-se em uma verdade óbvia e desagradável.

— O equilíbrio foi restaurado *mesmo*? — perguntou. — Parei para pensar e, no fim, essa foi a maior trapaça de todas, não foi? Cailleach deixou que você se safasse, não sei como, mas você devia saber. Mas não disse nada, porque também tinha seus interesses. Vocês dois tinham interesses. Mas a questão é que houve uma pessoa em DunBroch que não mudou nadinha, não é?

Feradach não respondeu, então ela soube que estava certa.

— No início de tudo, eu estava tão ocupada — continuou Merida. — Viajando para cima e para baixo. Depois passei o resto do ano tentando fazer com que todo mundo mudasse, mas não parei para pensar nem por um instante no que faria quando tudo acabasse. Vivi minha vida em função dos outros o ano inteiro, e tudo bem, era o necessário, mas agora olho para mim e, mesmo depois de tudo o que aprendi, vejo que continuo a mesma de antes.

— Mas isso já não faz diferença agora — respondeu Feradach. — Você tem tempo para descobrir o que quer.

— Eu já tive esse tempo — insistiu Merida. — Tive tempo de sobra. Mas tenho a sensação de que quero permanecer igual. Todas as minhas ideias são as mesmas de antes. Sou uma tempestade incapaz de mover moinhos.

Feradach reconheceu aquelas palavras logo de cara, pois tinham vindo dele.

— Foi muito cruel da minha parte dizer uma coisa dessas.

— Não, não foi — contestou Merida. — Ou, pelo menos, não estava errado. Eu realmente não estava mudando. Ainda não mudei. E, para ser sincera, nem sei como fazer isso.

As mãos enluvadas de Feradach pendiam com frouxidão ao lado do corpo.

— E isso significa que eu preciso da sua ajuda — continuou Merida, apontando para a luva dele.

Feradach puxou a mão para longe.

— Eu não tenho medo — disse ela.

Tinha visto todas as formas pelas quais a destruição de Feradach podia se manifestar quando a decisão cabia a ele. Às vezes apresentava-se como um incêndio terrível, como em Kinloch, mas às vezes vinha na forma de uma enchente ou da mão quebrada de um harpista. Por mais que Merida soubesse que ia doer, também sabia que seria justo. Sabia que, no fim das contas, teria o mesmo destino da erudita e do harpista. Ela se tornaria uma versão melhor de si mesma.

— Por favor.

— Não vai ser fácil — avisou o deus.

— Confio em você.

Eu amo você.

Feradach suspirou, depois olhou para as luvas de costura carmesim.

— Como você escolhe? — Quis saber Merida. — O que você quer que aconteça?

Com delicadeza, Feradach despiu uma das luvas. Depois a outra. Lá estavam aquelas mãos que pareciam tão comuns, tão humanas, mas certamente não eram. Nem mesmo pertenciam a ele. Eram apenas emprestadas, por um tempinho.

— Acho que sou guiado pelo instinto. Depois de ter passado tanto tempo observando os humanos, basta pensar no que eles acham que querem, depois tirar isso deles. Assim, eles vão conseguir enxergar aquilo de que realmente precisam. Basta eliminar tudo o que estiver atrapalhando o crescimento. Os becos sem saída. O solo que pode ter sido fértil no passado, mas que já não aguenta outra colheita.

— Você sabe o que vai acontecer comigo? — perguntou Merida.

Feradach assentiu.

— Você vai se curar — disse ele, pousando uma mão no rosto dela.

Não havia nem uma gota de medo, apenas o toque de Feradach em sua pele.

— Você sempre vai ser impossível — acrescentou o deus, pousando a outra mão na lateral do rosto de Merida.

Ainda não havia o menor sinal de condenação iminente, do que poderia estar por vir.

— Você ainda será Merida de DunBroch — declarou Feradach, e então a beijou.

Nem a mortal nem o deus jamais haviam se apaixonado antes. Não é todo dia, nem toda semana, nem todo mês, nem todo ano que uma pessoa encontra seu perfeito oposto, e não é todo século que isso acontece entre um deus e uma mortal. Nesses casos, é mais do que um simples amor: é o equilíbrio, o equilíbrio

perfeito, o empuxo de forças opostas que se atraem.

É um tipo de amor que nunca envelhece.

Magia, magia, magia.

Merida começava a sentir o pavor crescer dentro dela. Feradach se afastou apenas o suficiente para sussurrar em seu ouvido:

— É isto que vai acontecer: você nunca mais me verá.

Merida fechou os olhos.

Quando os abriu novamente, viu que estava sozinha. Não havia sequer uma pegada na neve ao seu redor.

As mãos de Feradach tinham feito seu trabalho destrutivo. O coração dela estava partido em pedaços.

Merida nunca mais seria a mesma.

EPÍLOGO

A BATIDA

Esta é uma história sobre dois deuses e uma garota.

A primeira deusa, Cailleach, continuou a cuidar de seus afazeres como antes. Fazia árvores brotarem, filhotes de raposa nascerem, plantações crescerem em solo rochoso. Não é que Cailleach seja incapaz de mudar. Acontece que é muito velha, e continuará envelhecendo, então as mudanças acontecem tão, tão devagar que seria muito difícil capturá-las em um espaço de tempo tão curto quanto o desta história. É quase como o fato de só percebermos que a Terra é redonda quando vista do espaço. É grande demais. Velha demais. A história de Merida desencadeou algumas mudanças na deusa, mas foram tão diminutas que nós, meros mortais, nem conseguimos ver.

O segundo deus, Feradach, também continuou a cuidar de seus afazeres. Ainda era necessário manter o equilíbrio. Ainda era necessário forjar a destruição. Mas o tempo que passou em DunBroch modificou-o. Já não era tão propenso a causar a ruína e, quando o fazia, costumava ser menos devastadora do que antes. Permitia que os humanos cometessem erros e aprendessem com eles, e a destruição que incitava muitas vezes unia as pessoas de novas formas, para que pudessem aprender umas com as outras sem precisar perder tudo.

A garota, no entanto, não continuou a fazer o mesmo de antes.

Tinha sido uma tempestade incapaz de mover moinhos, mas passara um ano observando aquelas que *de fato* os moviam. Em vez de seguir em frente por conta própria, como sempre fazia, decidiu aprender a ouvir.

Na primavera, foi para Eilean Glan e ouviu a velha rainha ensinar as garotas a se curar.

No verão, foi para Ardbarrach e, a cada badalada dos sinos, ouviu o valor da disciplina.

No outono, voltou para casa, esperou Elinor se preparar para a viagem e, em seguida, enquanto cavalgavam por uma nova e frágil Escócia, ouviu a mãe falar sobre paz.

No inverno, retornou mais uma vez a DunBroch e passou a longa e escura estação ocupada em refletir sobre tudo o que tinha aprendido.

— Quero lhe mostrar uma coisa — disse Leezie a Merida.

As duas garotas — as duas irmãs, as duas jovens — enfrentaram o frio e caminharam até o menir conhecido como a pedra de Feradach. Assomava, escura, solitária e congelada, perto do poço sagrado. As duas irmãs se ajoelharam até que estivessem frente a frente com uma marca de mão antiga entalhada na pedra.

Com um gesto, Leezie pediu a Merida que pousasse sua própria mão ali.

Ela obedeceu.

— Pedra — sussurrou Leezie, a Visão faiscando em seus olhos —, mostre a ela o que você viu.

Por um instante, Merida achou que não daria certo. E então, em um piscar de olhos, foi arrebatada para uma época muito, muito distante, quando DunBroch ainda nem havia recebido esse nome. Havia uma caçada em andamento, embora ainda não fosse conhecida pelo que viria a se tornar mais tarde: a Caça ao Inominado.

Dois caçadores perseguiam a presa, que disparava entre as árvores. Era uma presa estranha, incorpórea, quase uma sensação, pouco mais que ar, seres curiosos e alegres que estavam sempre presentes, a qualquer momento, a todo tempo. Aquelas entidades ofegantes eram capazes de ver tudo, observar tudo, mas parava por aí. Não faziam mal ao mundo, que também não lhes fazia mal. Eles amavam o mundo.

Nos lugares certos, ainda é possível sentir sua presença.

Embora um dos caçadores se lançasse com unhas e dentes na perseguição, sempre voltava de mãos abanando, como sempre acontecia com os homens. A presa era tão diferente que ele sequer a entendia, e assim era impossível apanhar qualquer coisa.

A outra caçadora era Cailleach, que já era antiquíssima mesmo naquela época. Estava velha, cansada de ter que se encarregar de coisas desagradáveis; ansiava por deixar todo o trabalho sujo para trás e se concentrar apenas em promover o crescimento. Por isso, armou um plano. Já era astuta mesmo naquela época, e usou um de seus truques para que a superfície de um dos remansos se tornasse um reflexo perfeito do céu. Um dos estranhos e livres seres do ar foi capturado enquanto tentava fugir e, antes que pudesse entender a armadilha, Cailleach já o tinha apanhado. A presa não era tão parecida com ela, mas era o bastante para que conseguisse segurá-la com firmeza.

Em seguida, caminhou até o menir escarpado perto do remanso e pressionou o ser contra a superfície rochosa para que ficasse preso entre a pedra e a pele.

— Você deixará de ser ar — declarou ela. — E passará a ser um deus.

A pedra zumbia diante de tanto poder, diante da transferência do pavor e da

ruína. A criatura do ar guinchou quando recebeu uma forma corpórea. A mão de Cailleach afundou na pedra.

Aquele era o primeiro dos Feradachs.

— Não — disse ele amargamente, assim que entendeu qual seria seu dever. — Tem que haver outra saída.

Cailleach sorriu.

— É claro que tem — respondeu. — Mas terá que ser um truque.

Merida se afastou da pedra, voltando para o lado de Leezie. O tempo se movia lentamente ao seu redor.

— Leezie — chamou ela, a voz quase inaudível.

— Vou ajudar você a pensar em um — respondeu a garota.

As duas irmãs retornaram ao castelo e se juntaram aos festejos. Mais tarde, quando a neve começou a cair na noite mais curta do ano, Merida foi à cozinha buscar um pão quentinho.

Enquanto estava ali, observando o fogo na lareira, absorta nas próprias lembranças, ela ouviu uma batida na porta.

NOTA DA AUTORA

Valente: um sopro de magia é um romance “histórico”.

Mas prestem bastante atenção nas aspas. “Histórico”, não histórico. Não me entendam mal. Os fatos históricos são tão abundantes em DunBroch quanto as travessuras de um certo cãozinho, mastigando colheres, quebrando móveis e se acomodando diante da lareira. Estas páginas estão recheadas de figuras históricas reais (ainda que um tanto deslocadas de suas verdadeiras linhas do tempo), iguarias históricas reais (tiradas de livros de receitas com grafias antiquíssimas) e dificuldades históricas reais (expressas em canções, escritas em poemas, encontradas em sepulturas).

Estudei história medieval na faculdade, então tentei colocar o máximo de fatos históricos possíveis neste livro. Além disso, toco harpa e gaita de foles e fui criada na peculiar miscelânea pan-céltica que compõe a diáspora escocesa-irlandesa no continente americano, então também quis colocar muitos detalhes dessa cultura. E, por fim, tenho quatro irmãos, então também quis transmitir a experiência caótica, frustrante e alegre de viver em uma família grande.

Mas, no fim das contas, *Valente: um sopro de magia* é um conto de fadas, tão fiel à realidade quanto os diálogos de um livro. Seria muito tedioso transcrever uma conversa real nas páginas de uma história, então, pelo bem dela, é importante que o diálogo apenas pareça real.

Não tenho a intenção de induzir os leitores a acreditar ou duvidar de tudo o que escrevi nestas páginas, e sim estimular sua curiosidade para que saiam em busca do resto da verdade. Leitores atentos vão conseguir encontrar o Dásachtach, os abrigos nas terras altas e, se estiverem com os olhos bem abertos (ou talvez com muito azar), uma deusa astuta chamada Cailleach.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a minha editora Elana por todo o seu entusiasmo, a Lauren por ajudar em um parto precoce, a Steve por me deixar brincar no parquinho, a meu agente Richard por sua paciência infinita, a Liz por me deixar roubar seu cachorro, a Sarah pela primeira leitura, a Victoria pela do meio, a mamãe pela última, e a Ed, sempre Ed, pela batida na porta.